HAN.

Memorias

Diario ao correr da penna

Vol.e

BIBLIOTECA NACIONAL

Memorias

Diário ao correr da penna:

Vol.e..

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

N°86

1956

«Personne n'est exempt de dire des fadaises...»

Montaigne: Essais, cap. I do Livro 3º.

1956

Coimbra.

Janeiro: 1

Tinha prometido deixar este diario e pôr de lado a vaidade de me retratar para a Posteridade... Afinal, os habitos não foram tão fortes e eu não fui capaz de os largar.

Cá estou, novamente, a contas com o papel e a caneta. Prometo, porém, não abusar: só registarei o essencial que aparecer e, mesmo assim, com a brevidade possivel. Poupar-me-ei os futuros leitores destes cadernos — se os cadernos vierem a ter leitores.

Ora...

Venho de começar o ano com versos da m.ª Nela. O Avô vem que nem avô: não ha que fugir.

A família quis celebrar a passagem do ano com a tradicional canja de galinha e a mesma taça de Champagne. Ora a Ana Maria quis, antes de nos sentarmos à mesa, ler uma versalhada que continha alusões aos pais e aos avós. Li-la:

I

Ora vamos, vamos lá
Gozar um pouco com todos:
Pois está-me a apetecer
Comer já aqueles bolos.

Vamos agora às senhoras
Que são mais arrelitadas;
Guerem sempre ser as primeiras
Pois senão ficam zangadas.

Avó

A Senhora D. Amelia
Passa a vidinha a ralhar.
Coitada, que ha-de fazer?
Se não tem nada a pensar?

Não se lhe pode falar
Naquele gato chatinho

Que morreu aqui ha meses
E cá em Coimbra. Tadinho!

II - Mãe

Senhora dos ditos gregos
Senhora d'obras glaborricas
Quando ainda lá com isso
Fica ainda mais jirrónica.

Mas ás veres tem razão
Mas ás veres tem de ser
Pois a filha não se eria
Sem ser preciso bater.

III - Pai

Os homens não agora,
Sem muito para falar
E a maior parte deles
Não se podem atinar.

O nosso capitão Labon
Nas aulas de Português
E' muito bom professor
Quando não é gato maltês

Mas é bom homemsinho
Ricardo não 'tá com jigarros
E explica por tudo
Com a historia dos cigarros.

IV – Avô

E o Avô ?... Coitadito
Aquele, ao menos, chateado,
Cala-se bem caladinho
Na sua cadeira sentado.

Nunca vi assim sujeito
Com tal linha e tal finura,
Que na mais pequena coisa
Tem o maximo de grandeza.

E pronto. Quem ler isto, algum dia, dirá que sou verdadeiramente avô. Mas aí fica parg. afinal os retratos têm certa fidelidade.

Coimbra

Janeiro : 9.

No jornal República, de Lx.ª, vem no Vicia relativa á recepção que o Papa fez ao D. Duarte Nuno, como se este cavalheiro fosse já o rei de Portugal. Fica guardada no fi-

nal do volume, para recordação destes bons tempos de apara.[1]

E basta por hoje.

Coimbra:

Fevereiro: 7.

Tive hoje, aqui em casa, o Miguel Torga. Creio q. merece uma referencia, tão pouco habituado estou a visitas e muito mesmos de visitas de tal categoria.

Vinha por causa do romance de Luis de Magalhães, O Brasileiro Soares que a esposa, Andréé Crabbé Rocha, deseja ver para certo estudo de crítica literaria projectado.

Examinou as m.as estantes com aquele olhar penetrante que tem; olhou p.a os quadros e pratos das paredes; teve qualquer frase amiga para a colecção camiliana sobre a qual passou uma das mãos carinhosamente; e abrindo um ou outro livro notou a minha assinatura dentro dos livros com uma cruz... Tive de lhe explicar o q. significava a cruz; ele ouviu interessado, com o olhar fundo cravado em mim e disse, no

---

(1) No fim do vol.º a pag. 409.

final, com gesto vago de quem teria saudades:

— Eram outros tempos... Eu já não conheci essas epocas de efervescencia. Vim muito tarde...

E encolheu os ombros, com ar de resignação.

Enfim, senti-me honrado com a visita. Esta é que é a verdade. E como prometi, no começo do ano, ser breve em tudo, fico-me por aqui.

... A visita q. ainda assim durou cerca de uma hora, dava p.ª muitas paginas.

Coimbra:

Abril: 18:

O meu trabalho acerca do Duque de Saldanha já começou a compôr-se para a Revista da Universidade. Já revi provas de 27 paginas. Parece q. agora, a obra sempre singrará.

Lembrei-me de escrever ao Jaime Brasil pedindo que desse noticia do caso na pagina literaria do Primeiro de Jan.ro. Não me respondeu; mas hoje, 4.ª feira, ao desdobrar o jornal dei com a seguinte

notícia na secção de bibliografia, no parágrafo Livros a aparecer por estes dias:

— Está no prelo e deve aparecer brevemente um novo trabalho do historiador dos fastos militares sr. coronel Belisário Pimenta. Intitula-se «O Marechal Saldanha — Sua Vida Militar, Suas Idéias e Métodos». Dado o escrúpulo do autor nas suas investigações e estudos históricos, essa obra será a análise objectiva e documentada do notável comandante de tropas que foi aquela grande figura do Liberalismo.

Coimbra:

Abril: 28:

Ontem na Academia Portuguesa da Hist. Varia houve sessão solene p.ª o P.e Miguel de Oliveira tomar posse da cadeira de académico de número, cadeira vaga pela morte do Ferreira Lima. Como é de praxe, o novo académico fez o elogio do antecessor.

Minha Filha assistiu e escreveu-me o seguinte a respeito do elogio histórico:

«... muito interessante e bem feito, com grande recorte literário {...} e fiquei desvanecida por ter ouvido citar o Papá com palavras de relevo a propósito do seu artigo na Revista Militar depois da morte do Ferreira Lima. O Monsenhor citou uma frase mais ou menos isto: que o F. Lima era um grande estudioso esquecendo-se por vezes a si e aos seus o que muito sempre os outros compreendiam...»

O caso não deixa de ser curioso. O Padre Miguel de Oliveira, que é figura graduada na Companhia de Jesus e tem as honras de Monsenhor, dignou-se citar-me! Na verdade o artigo foi escrito com sinceridade e com verdade e a frase citada é, com efeito, uma das mais salientes p.ª definir o caracter do bom Ferreira Lima. Mas... o que me dá no gôto é a citação ser acompanhada com «palavras de relêvo.» Certamente o Monsenhor não sabe quem eu sou; mas, enfim...

Ponto final.

Coimbra:

Maio: 5:

Ha dias encontrei o dr. Joaquim de Carvalho. Falou-se no trabalho acerca do Baldaia e perguntou-me quantas folhas abrangeria. Eu respondi que umas dezoito, aproximadamente ou sejam 280 paginas. Ele ficou a pensar e saiu-me com qualquer frase que significou, p.ª a m.ª desconfiança, certo arrependimento...

Seria? não seria? Este dr. Joaquim de Carvalho é sempre um mistério e eu des-

pedi-me bastante aborrecido e igualmente arrependido. Em casa pensei e... E resolvi mandar-lhe a carta que se segue e que ontem foi para o correio:

«Ex.mo Sr. Dr. ... — Recebi ontem as derradeiras provas das primeiras 26 pag.s do meu trabalho q. correspondem ás pag.s 251-277 da Revista. Fiz novo calculo do total da obra q. não irá muito além de 260 paginas o que dará ao volume cerca de 510. — V.Ex.a lia dias pareceu-me que o achou assim m.to grande e eu fiquei arrependido de não ter recusado, logo de entrada, a honrosa oferta, tanto mais que a indole do estudo destoará, quero crer, das normas da publicação. Mas V.Ex.a nessa altura, não calculou certamente, as dificuld.s de maior especie que adviriam e eu senti, n.to naturalmente, a satisfação de ver publicado, em breve, o trabalho. — Devo, porem, a V.Ex.a a maior franqueza e lealdade e direi que estamos ainda a tempo de remediar o mal antes do começo de impressão daquelas paginas. Eu desisto da publicação do trabalho e pagarei a pequena despesa já feita; e V.Ex.a poderá as-

sim livremente incluir artigo mais pequeno que possa caber nas verbas normais. E isto é dito sem qualquer especie de susceptibilidade da m.ª parte; as coisas são o que são e compreendo bem os embaraços em que a boa vontade de V.Ex.ª poderá cair. — E creia-me V.Ex.ª sempre, etc. etc. »

Acabou-se. Renuncio á publicação do trabalho q. nasceu em mau signo e estou a ver que vai morrer em signo pior.

Coimbra:

Maio: 6:

Recebi carta do dr. Joaquim de Carvalho... Diz que a minha o surpreendeu, que nunca pensou em recusar o meu trabalho, que sim e mais que tambem. Pode ser q. seja verdade e, neste presuposto mandei logo para o correio nova epistola:

«.... Muito obrigado pela sua carta. Creia V.Ex.ª que, da m.ª parte, não houve qualquer impulso de mau humôr ou menos atenção e estima; a minha intenção foi apenas desobrigar V.Ex.ª dum compromisso que lhe pode

ria dar embaraços que eu, por forma alguma, queria causar. — Quanto às gravuras como creio ter já dito a Vex.ª ficarão por minha conta. — Agradeço m.to a resposta de Vex.ª e creia-me, etc. etc. »

E pronto. Está liquidado o incidente... O mundo continua a girar melhor ou pior e o Saldanha lá vai, também pior ou melhor, a caminho da publicidade.

Coimbra:

Maio: 10:

No dia 8, ante-ontem, fui convidado por um advogado Vilaça, em nome dum grupo de liberais de Coimbra, para tomar parte em um jantar de confraternização de democratas novos e velhos, celebrando ao mesmo tempo a passagem do dia 8 de Maio que antigamente era festejado na cidade por ser o aniversário da entrada do exercito constitucional. Disse-me o Vilaça q. assistiriam o dr. Joaq.m de Carvalho, o Tomás da Fonseca, o Julio Fonseca e outras velhas figuras republicanas da cidade e da região. Eu aceitei e lá fui ao jantar.

E para encontrar razões: o jantar foi manifestação comunista... deu mais nem menos.

Vim hoje a saber q.º o organizador da festa foi o medico Ferreira da Costa, comunista militante segundo se diz; e para dar certa verosimilhança foi com q.º certos rapazes de caracteristicas liberais andassem na tarefa dos convites a velhas figuras republicanas. E para não haver tempo dessas velhas figuras se encontrarem e discutirem, os convites foram feitos á ultima hora. Muitos convidados não foram porque desconfiaram da festa, mas outros, como eu, caíram na esparrela.

O dr. Joaquim de Carv.º fez uma prelecção acerca do Liberalismo, verdad.ª lição de mestre; dois rapazes novos excederam-se na crítica á situação politica actual, o que incomodou o dr. Carvalho e a mim, porque, na verd.ª, não era essa a finalidade da reunião; e no fim o Tomás de Fonseca, encerrando os brindes fez, inesperadamente certas alusões ao Papa e á Senhora de Fatima que não vinham nada a proposito.

Consequencia: a policia politica quis

multar o dôno do restaurante onde o jantar se realizou e fechar a casa por uns meses; e apanhou uns estudantes a quem pediu cartão de identidade. É que, de facto, a festança teve o seu quê de escandalosa; dos cento e tanto convivas, entre os quais muitas senhoras novas que eu não conhecia, estou certo de que uns 80% seriam comunistas. Os 20% restantes estavam para mascarar...

Fiquei ciente. Quando houver outro 8 de Maio p.ª comemorar, já sei o que hei-de responder.

A ementa ficou na colecção das ementas e no fim do vol.º fica guardada uma notícia pequena q. vem na Republica.[1]

Coimbra:

Junho: 1:

Mais outro que se converte!... Desta feita é o Fernando Pinto Loureiro. E é pena, sem duvida. Trata-se dum rapaz de merecimento e de futuro. Mas, enfim, o tempo de agora dá para tudo.

---

[1] A pag. 410.

Vi hoje numa livraria um volume recentemente saído, acerca de industrialização em Portugal. Abri-o ao acaso e deparei com um louvor descabelado ao Marcelo Caetano e á obra do Estado-Novo... Fiquei um tanto ou quanto perplexo, e folheei mais fr. deante e encontrei nova engraxadela ao Marcelo Caet.º e ao Estado-Novo.

Larguei o volume com certo tédio; alguem rotear o ar com que larguei no balcão a obra e dirigiu-se-me:

— Então... Leu?...

— Li, sim snr. e fiquei entristecido.

— E' uma fera!... Como estes rapazes não abaixo...

— E' certo... Vão abaixo para depois poderem ir acima. Maus tempos estes, snr. Fulano! maus tempos!

E ficámos por aqui.

Coimbra:

Junho: 2:

Esqueci-me de dizer na altura propria que no dia 4 de Maio passado fui eleito, na assembleia-geral da Soc.ie fr. de Defesa e Propaganda de Coimbra, para o Conselho Consul-

tivo da sua direcção. Isto não tem qualquer importancia. O que me leva a deixar aqui consignado o facto é a circunstancia de, na sessão, eu conhecer o dr. Fulano Corte Real que se intitula conde de Fijó eleito presidente da assembleia-geral; e o mais curioso é que este sr. conde (que eu nem de vista conhecia) fazer calorosamente o meu elogio, chegando a dizer que eu era escritor de alto relevo, com projecção nacional e estrangeira! E o mais grave de tudo isto é que o homem falava a serio.

Projecção nacional e estrangeira!... Esta não lembraria ao Diabo, mas lembrou ao ilustre conde de Fijó.

Paciencia. No fim do vol.e ficam recortes dum jornal relativos á sessão.[1]

Coimbra:

Junho: 15

Fui hoje, com o P.e Ant.o Nogueira Gonçalves, á Ponte do Marnel. Ha muito que andava com vontade de visitar a região e ver com certo cuidado o terreno em que

---

[1] A pag. 411.

se deu o combate entre as tropas constitucionais e as regulares de D. Miguel no dia 28 de Junho de 1828. A Quinta do Manuel era um encanto; o Padre Nog.ra conhecia bem a região e foi um excelente cicerone. Depois fomos almoçar a Albergaria numa especie de pousada cheia de atrativos modernos a q. se convencionou chamar «regionais.»

Foi uma bela manhã. O Padre é um excelente companheiro. Só tem o defeito de... ser padre.

As impressões do terreno e da paisagem, vamos a ver se sou capaz de as escrever. Com um pouco de historia do episodio darão um artigo para o Arquivo do Distrito de Aveiro. Tudo vai de ver ser capaz de o escrever.

Coimbra:

Junho: 24:

Dia de S. João... Nunca ele foi tão bem festejado como hoje! A festa ao Afonso Duarte foi um encanto. Eu só assisti ao almoço e á noite, um pouco, vi o começo do serão no Jardim Botanico. A humidade da noite não me deixou estar mais do que es-

casso quarto de hora em que ouvi o coral misto da Faculd.e de Letras cantar umas canções populares. A iluminação dava aspecto estranho á rua das Vilas. O ambiente era agradavel, mas eu recei a humidade e recolhi a casa.

E aqui estou sem saber definir as minhas impressões. Ao almoço, comovi-me a valer com a alocução do Mario de Castro escrita com superior inteligencia e lida com lagrimas na voz. E impressionou-me uma ligeira saudação feita por ambiga discipula, hoje professora de aldeia, já mais do que quarentona, que evocou os tempos de professorado do Af.o Duarte em que este deixara sempre gravada no espirito dos discipulos uma segura simpatia e quasi sempre gratidão.

E já agora quero deixar a nota seguinte que me deixou impressão tambem, mas desta vez desagradavel: quando a professora acabou a saudação cheia de simplicidade e ternura com uma quadra banal, é certo, mas dita por tão alta simpatia e reconhecimento — levantou-se logo o Alberto de Serpa e disse, com certo ar imponente para o Mario de Castro que, pelo programa

da festa seria o unico orador oficial no almoço:

— Oh Mario de Castro: é conveniente lêres já o teu discurso...

Isto era um aviso, certam.te, para qualquer que tentasse dizer alguma coisa e, até certo ponto, censura á pobre professôra que tão sinceram.te e tão simplesmente mostrou a sua gratidão.

Enfim... Eu não sabia quem era esse censôr tão pouco delicado; o pintor Guilherme Felipe que estava na m.a frente é que me disse quem o homem era. O autor dos Vinte Poemas da Noite, orgulhoso, quiz evitar que outro qualquer conviva recitasse nova quadra de pé quebrado...

Estes poetas...

Coimbra:

Julho: 11.

Hoje, na pagina literaria do Primeiro de Janeiro, na secção de Bibliografia deparei com noticia relativa ao meu opusculo Uma Tipografia ~~ves~~ ignorada e com palavras bastante amaveis. Na verd.e mandei um exemplar ao Jaime Brasil na ocasião em que

lhe pedi que noticiasse o prox.º aparecimento do meu trabalho acerca do Saldanha; mas mandei apenas um e não dois como é, creio eu, regulamentar p.ª merecer noticia circunstanciada. Foi pois amabilidade do Jaime Brasil que eu, pessoalmente não conheço.

Vá lá! Ainda ha um ou outro que se não esquece.

O recorte fica arquivado no fim do volume.[1]

Coimbra:

Julho: 16.

Acabáram as festas da Rainha Santa e a verd.e é que não me lembro de ter visto tanta gente em Coimbra. Podem os festeiros gabarem-se disso. Foi um grande espectaculo e uma grande parada reaccionaria a que daria certo relevo a presença do cardeal Cerejeira. Parece que tudo andou á róda do eminente purpurado. Convites da Camara Municipal, convites dos proprios jornais da terra p.ª a recepção a sua Eminencia... Um nunca acabar como se os

(1) A pag. 113.

festejos fossem em sua honra e não em honra da mulher de D. Diniz.

Enfim: caíu em Coimbra o poder do mundo e o Cerejeira deveria ter gostado. Está assim tudo m.to bem e, como diria o sabio Pangloss, no melhor dos mundos.

Paz (Mafra):

Julho: 22:

De novo nesta pasmaceira da Paz. Vem, ao menos, a Neta que, infelizmente para mim se vai embora amanhã p.a Lisboa de onde no prox.o dia 25 segue com os Pais para Paris. Que vá em boa-hora e que traga impressões p.a contar ao Avô.

Pois cá estou, de novo, nesta pasmaceira saloia.

Paz (Mafra):

Agosto: 2

Celebra-se agora em todo o mundo catolico o centen.o de Inacio de Loyolla. É claro que Portugal não faltou á chamada e pelos seus orgãos oficiais entôou louvôres ao fundadór da Companhia. Demais a mais o Papa proclamou q. Loyolla não

era só gloria da Igreja, era tambem uma das grandes glorias da Humanidade.

Assim seja — e para «Maior gloria de Deus.»

Paz (Mafra):

Agosto: 10.

Recebi ha dias uma carta dum rapaz creio que ainda estudante de Letras em Coimbra que eu conheci no dia 8 de Maio no celebre jantar comemorativo. Gostei de o ouvir falar e no final cumprimentei-o afavelm.te e disse-lhe qualquer coisa de encorajamento.

Desta m.a acção nasceu a carta em que me solicita a m.a presença no tribunal plenario do Porto onde vai ser julgado «com "mais 53 outros cidadãos na sua maioria "jovens, rapazes e raparigas, estudantes do "Porto, Lisboa e Coimbra». E a m.a presença é p.a justificar, como defensor, o seu bom comportamento, etc. etc.

Confesso que não gosto m.to destes pedidos, não por ir defender o rapaz naturalm.te acusado de comunismo, mas por me ir meter com advogados de cuja rabulice te-

nho soufre certo receio. Mas, enfim, respondi hoje ao rapaz nestes termos:

«... Desculpe não ter ainda respondido á carta de V. que agradeço muito pouco de volvida de Coimbra. Estava m.to longe de saber que V. é filho do sr. dr. Manuel Gonçalves que conheci ha muito, realmente, como condiscipulo de meu Filho. — Quanto ao q. me solicita, devo dizer que, em principio, não tenho duvida em ser testemunha de defesa de V.Ex.ª. A unica objecção que faço é a do deslocamento ao Porto se esse deslocamento me obrigar a dias de ausencia; se se poder, porem, determinar um dia certo para a m.ª comparencia, irei de boa vontade. E' natural q. o julgamento seja depois das férias judiciais e então já eu estarei em Coimbra e mais facilmente darei um salto ao Porto. Daqui, ser-me-ia um pouco mais penoso. — Peço o favor de me recomendar a seu Ill.mo Pai e acreditar, etc.»

Creio que a carta não nega. Apenas faço uma lig.ª objecção pois realmente ao dar uns dias seguidos por fóra de casa

á esfera de nue chegar a ver no Tribunal era-nue aborrecido. Vamos a ver...

Paz (Mafra):

Agosto: 12.

Houme hoje festa na Murgueira dedicada á Sª. do Carmo padroeira da capela do lugar. Lá fui. Gosto de ver estas festanças de aldeia, inocentes afinal. Contribuímos com flores e dinheiro.

Houve procissão, com 3 andores pequeninos; tudo com ar pobre — mas tudo com ar de satisfação e alegria. A principal figura da festa, um paloio quasi calvo, risonho, creio que o juiz da irmand.ª, andava de um lado p.ª o outro radiante, cumprimentador, desfazendo-se em agradecimentos. Merecia duas papinas de boa prosa se eu fosse capaz de lhe fazer o retrato e se fosse capaz de escrever prosa condigna.

Mas, a razão desta nota é diferente: é que, na festança popular, simples, inocente, alegre, passava a pombeira da reacção ultramontana actual. O padre que presidiu á festa não era o prior da freg.ª que me parece ser um padre basbaque, mais ou menos

funcionario para quem estes aspectos pro-
deram não agradarão no intimo se bem q.
os respeite dentro do possivel ; era um pa-
dre congregansista dum seminario de S. Vi-
cente de Paula ha uns anos fundado na vi-
la de Mafra, por compra dum velho e pito-
resco palacete que foi ampliado consideva-
velmente. Já o aspecto do homem é respei-
tó : alto, forte, entroncado, barripudo, com
lunetas fais cantes, não tinha o ar humil-
de que eu imagino deviam ter os padres da
aldeia, mas uns ademanes soberanos, ges-
tos largos de dominio, olhares duros, au-
toritarios. E na procissão dirigia, com a
sua voz rude suas sonoras, os canticos do
seminario e da creançada não á boa Senho-
ra do Carmo padroeira inofensiva do lu-
garejo, mas á Senhora de Fatima, rainha
de Portugal, hoje substituta do Senhora da
Conceição a quem D. João IV entregou a
protecção do reino e ... e dele. E a manei-
ra como ele fazia de regente, com impo-
nencia e autorid.e mostrava bem a certeza
de que são eles, os padres, que hoje mand-
dam e guiam. Observei tudo isto com
certo constrangimento commovido ; como es-

tes 30 anos mudáram tudo, até a alegria e simplicid.e das festas aldeãs!

E depois da procissão recolher á capela, ouvi lá dentro o padre falar com voz forte e soléne sobre os deveres dos catolicos, ameaçador, lembrando a Senh.a de Fatima como protectora da Nação, etc. etc.

No regresso, com franqueza, vinha com pêna da pobre Senhora do Carmo que ali ficava abandonada na Murgeira...

Paz (Mafra):

Agosto: 18.

Chegou-me hoje aqui o n.º 153 da revista Vertice, de Coimbra, correspondente ao mês de Junho ult.º. Abri-o com certa pressa e lá vi a pag.s 301-303 o meu pequeno artigo a respeito do Campos Lima que o Ferreira Monte agarrou logo com interesse.

Eu destinava-o para a Seara Nova mas quiz mostra-lo ao Ferreira Monte e este já o não deixou. Logo que abri as paginas do fasciculo li o artigo, um pouco á pressa, á espéra de córtes da censura; mas não, o artigo vem completo, de fio a pavio, sem québra da sua unidade.

A censura vê-se que está amavel... Ás vêzes não é amavel — é estupida. Pelo que tenho sabido, grande parte dos córtes que os censores fazem em artigos doutrinarios, é consequencia de não os compreenderem.

Triste País o nosso!

Paz (Mafra):

Setembro: 1

Apareceu-me hoje aqui com a mulher e a filha o dr. Rebelo Gonçalves. Já não o via ha muito e verifiquei que está o mesmo homem; fisicamente o mesmo gordalhufo, com ares bonacheirão e olhos vivos; e moralmente o mesmo cumprimentador, cheio de salamaleques, de frases amaveis e ás vezes untuosas.

Como é que uma creatura destas, incontestavelmente de valor, em posição elevada e nome reputado, se humilha em cumprimentos e tagatés que só parecem lisonja? Nunca compreendi este feitio e não sei bem o que hei-de pensar. As amabilidades que me dirige constantemente não me envaidécem porque são tão exageradas que não sei se ele estará, no seu intimo, a caçoar.

Disse-me ele que vai lançar no proximo anno e por sua conta pois superiormente não lhe dão subsidios ou qualquer auxilio, uma revista ~~[illegible]~~ no genero da Humanitas que ele lançou em Coimbra, por conta da Faculd.e de Letras. Vai dar-lhe o nome de Letras Classicas e depois de expôr o plano da publicação solicitou a minha «valiosa colaboração...» Apesar de todos os exageros nas cortezias f.e comigo, confesso que não esperava tal cousa. Fiz-lhe ver que não tinha preparação f.a escrever em revista daquele genero e que os meus trabalhos bons ou máus estão fóra do ambito dos estudos classicos. Etc. etc. Ele não se deu por convencido e o convite ficou de pé e, certamente, ficará sempre de pé.

Paz (Mafra):
Setembro: 10

Ultimamente, a Typographia onde se imprime a Revista da Universid.e tem reunido provas do meu «Saldanha» em verdadeiras revoadas. Agora parece que o caso vai resolver-se e já não era para tempo.

Pobre Saldanha!

Paz (Mafra):

Fevereiro: 27

No jornal República de ontem, na rec. Correio de ontem, vem a seguinte local que não posso deixar de arquivar:

Atenção, empresários de toiros!

Lemos nos jornais que o professor universitário dr. Vitorino Nemésio toireou numa «tenta», em Angra do Heroismo, de tal modo que o grande Carlos Arruza, que com el$_e$ *alternou, exclamou, cheio de entusiasmo:*

— Hombre, qu$_e$ bien torea el profesor!

Alegra-nos a notícia. Já sabíamos que o professor Nemésio era aficionado dos toiros e tinha feito algumas «faenas», ainda qu$_e$ *não do agrado total do público.*

Vemos, porém, a julgar pela opinião de «El Ciclón», que as evoluções tauromáquicas do ilustre catedrático atingiram tal grau de depuração que não será de surpreender que o vejamos na próxima época no Campo Pequeno...

— Olé por los toreros d$_e$ verguenza!

O Nemésio está colhendo os frutos da sua falta de caracter.

Paz (Mafra)

Fevereiro: 28:

O dr. Rebelo Gonçalves ha m.to que me convidou para uma tarde de palestra na sua casa do Pinheiro jantar.re com o conselheiro afrosentado dr. ~~Nunes~~ Nunes da Ponca, actual

mente com residencia fixa em Mafra. Calhou hoje e lá fui. Tarde bem passada. A casa está arranjada com m.to gosto e no 1º andar tem uma laxa varanda voltada p.a poente, coberta, onde se passou o resto da tarde perante um magnifico pôr-de-sol.

O dr. Rebelo Glz. a quem contei a local na Republica relativa ao Nemesio ficou um tanto ou quanto aborrecido, segundo me pareceu. Tratava-se dum colega e por muito indiferente que se queira ser, sempre esses remóques lhe tocam um pouco pela porta, isto é, sempre vão ferir o prestigio do cargo e da propria faculd.e Em todo o caso... o Rebelo Glz. confessou que não gostara da evolução nas ideias do coléga e disse que, na verd.e, se lembrava de ele lhe ter dito, em tempos, que na sua mocid.e ainda na Vila da Praia muitas vêzes ajudára á missa na freguesia. Voltára, pois, aos seus primeiros amores...

E não se falou mais no caso.

E a proposito, o Rebelo Gonçalves expôr ao dr. Rica e a mim um outro caso q. o tem preocupado ha algum tempo e sobre o qual desejava ouvir a nossa opinião co-

mo de amigos que ele m.to présa, etc. etc. E disse que teve por professor de latim em Santarem um padre ~~[illegible]~~ de apelido Formigão, bom latinista, homem culto que usa, nos seus trabalhos literarios, um pseudonimo de Visconde de Montebelo, salvo erro. Ora esse padre ficou sempre amigo do discipulo e o discipulo teve sempre grande estima e respeito pelo professor de onde derivou correspondencia mais ou menos aturada entre os dois e troca de impressões acerca dos trabalhos e exitos de cada um.

Ultimam.te o Padre pediu ao Rebelo Glz. um prefacio p.a uma colectanea de sonetos em louvôr de S.a de Fatima. Este tentou excusa amavelmente mas o outro insistiu de tal modo e lembrou a sua idade e pouco tempo de vida, que o dr. não teve coragem de negar e ~~[illegible]~~ escreveu uma carta simples, na verd.e, em que recorda os tempos de estudante de latim e louva a forma correntia dos sonetos e a aptidão do autor para a poesia. Eu li, na varanda da casa, a carta e realm.te não ha nela qualquer indicio de conformid.e com o assunto das poesias e m.to menos de aprovação. Vê-se

que a carta não é mais que uma amabilidade f.ª com o antigo professôr e que se limita ao essencial do cumprimento.

Ora bem. Há dias chegou o volume com oferta comemorativa mais o autôr está gravemente doente e parece que perdido. O Rebelo Gonçalves logo de entrada leu, na folha anterior ao rosto, que a colectânea tinha a valorizá-la uma carta do arcebispo de Braga e outra dele, Rebelo Gonçalves e acrescentava a nota que ambos se irmanavam na glorificação e exaltação da Virgem de Fátima...

O dr. caiu das nuvens! Ele, irmanado com o arcebispo f.º exaltação da Senhora de Fátima! A 1.ª reacção foi a de uma explicação nos jornais; a esposa, porém, lembrou que dado o melindroso estado de saúde do Padre, a explicação poderia abalá-lo; e assim fica de pé uma suspeita que não é lisonjeira.

Eu comentei apenas que é sempre perigoso fazer prefacios a obras de padres; a imparcialid.e deles é mui.to diferente da nossa e... não há que fiar nas suas boas intenções.

E o mal é que, para querer ser jornalista, podêmos dizer:

— Vão lá livrar-se duma profissão dessas!

Lisboa:

Outubro: 3

Passam hoje 77 anos... Dois números cabalísticos.

Que se há-de fazer? Parece-me continuo a teimar em viver.

Lisboa:

Outubro: 5.

Mais um aniversário desta malfadada República. Mais um dia de tristeza para mim.

Por esse país fóra vai uma onda de entusiasmo com as comemorações. Parece que despertou a consciencia republicana depois dum colapso de 30 anos.

Uns amigos explicam o fenómeno do seguinte modo:

Grande numero de oficiais monarquicos, com a connivencia do ilustre Santos Costa, comprometeram-se a fazer a contra-

tiva de proclamar a monarquia durante a parada que se devia realizar no final das ultimas manobras do outono. Aproveitando a concentração de tropas, combinando bem as posições, lançáram o grito e... seria o que Deus quizesse! como eles dizem. Mas Deus, porem, não estava m.to disposto a meter-se na aventura; e, ou Salazar ou Crav.o Lopes (ha duvidas a este respeito) foi ao encontro dos homens e antecipou o final das manobras, suprimiu a parada com que elas deveriam acabar e mandou recolher todas as tropas ao seus quarteis. Dissolveu, pois, o plano restaurador embora deixasse de pé a intenção. E como aviso aos d.os monarquicos ou, quem sabe, como sondagem aos entusiasmos democraticos, houve ordem para que se deixassem fazer as comemorações á vontade, sem qualquer especie de coação.

Será assim? Com jesuitas não ha q. fiar; nunca se sabe de que lado estão; mas é possivel que assim seja e Salazar quiz mostrar aos monarquicos que as aspirações republicanas não desapareceram e que é necessario contar com elas. Se as-

sim foi, o caso tem que se lhe diga... O Salazar não quer a Monarquia, o que quér é isto que aí está — e lá vai sustentando a náu do Estado com todas as suas habilidades e artimanhas.

Em Coimbra, segundo carta do Alcide de Oliveira, quérem fazer coisas e fui convidado a comparecer, porq. a m.ª presença era indispensavel...

Respondi amavelm.te com escusa. O q. iria eu fazer? Ver caras de mariolas misturadas com os poucos velhos que ainda restam — mais nada. Este Alcide de Oliveira anda agora m.to metido em manifestações democraticas; não sei porquê, mas não acredito m.to nele. Tenho-o visto em tanta coisa!

Enfim. Nada de má lingua. Mas sempre direi:

— Pobre Republica!

Lisboa:

Outubro: 7.

Lidas as noticias das comemorações do dia 5 de Outubro, se por um lado verifico certo entusiasmo que em muitos será sin

cero, por outro lado verifico que as minhas apreensões tinham certa razão.

Em Coimbra, disseram os jornais, apareceram em tipares de evidência o Luís José da Mota e o Fernandes Martins, por exemplo; em Lisboa foi ovacionado em qualquer parte o Tavares de Carvalho que se me não esqueço foi o motorista de confiança do Vasconcelos Porto. Etc. etc. Além disso, lá vi em Coimbra os comunistas presos nas prisões e no almoço, como que integrados no regime republicano.

Enfim, foi melhor não ir à minha terra e passar aqui o dia pacatamente.

Pensei em ir almoçar em qualquer recanto pacato com o Pires Monteiro; este, porem, adoeceu — e limitei-me a ir a casa do Ernesto Soares (um monárquico) mostrar-lhe velhas ilustrações com retratos e caturrar um pouco acerca de gravuras.

Foi melhor assim...

Lisboa:

Outubro: 13

Veio hoje aqui a visita do Manuel dos Santos Cabanas que me veio restituir o

alguns de gravuras de quando Rio Rafael e conversar um pouco.

Falando-se das comemorações do 5 de Outubro de que ele foi promotor no Barreiro, contou-me que no comício ou assembleia a que ele presidiu certo bacharel em direito que ~~advoga~~ não sei se no Montijo ou Vendas Novas, discursando e tentando o seu tempo de estudante em Coimbra, ainda ~~durante~~ durante a Monarquia, citou o meu nome como dos raros oficiais aprovados como republicanos. Achei graça e não me lembro já do rapaz, apesar das reticências que o Calvinas fez.

Na conversa caiu esta episódio que ele me contou c/certa graça: ha tempo, era ele vogal da direcção da Societ. Nacional de Belas-Artes e coube-lhe receber o brasileiro Lopes na abertura duma certa exposição; com todas as atenções, foi apontando os quadros e comentando conforme lhe parecia o que ia apontando; o outro ouvia interessado ou fingindo-se interessado e no final, agradecendo a atenção com que foi recebido e a amabilidade das explicações, perguntou:

— Vossê é, de certo, da União Nacional?

O Cabanas, surpreendido, indireitou-se e disse-lhe, medindo bem as palavras:

— Não, Sr. Presidente! Não sou. Eu sou apenas um velho democrata.

O brasileiro Lopes, com um aperto de mão que pareceu afectuoso, e despedindo-se, respondeu apenas:

— Muito bem, m.to bem... E muito obrigado pelas atenções.

Com franqueza: numa exposição de belas artes a que propósito vinha a União Nacional e a Política?

Parece anedota e afinal não é.

Paz: Mafra

Outubro: 18

Li nos jornais, na altura devida, que os republicanos de Mafra comemoraram o aniversario da proclamação da República com a oferta dum jantar aos asilados dum asilo camararis e ás creanças dum outro asilo infantil, quer um quer outro dirigidos pelas damas católicas dos organismos reaccionarios da terra. Estranhei um pouco mas pensei tambem que os republicanos locais

queriseram dar prova de tolerancia e como q. uma bofetada elegante nos adversarios.

Ora hoje fui á vila e, ao falar com o farmaceutico Afonso de Medeiros sobre o caso, vim a saber a explicação do caso.

Os homens queriseram comemorar o aniversario com um almoço ou jantar em minha honra por ser, no momento, o republica no mais velho da vila; convidariam tambem o dr. Rebelo Gonçalves e mais não sei quem pª. dar certo realce á festança. E' claro, Vinéram que ir declarar o intento ao capitão João Lopes, o ditador local, para a competente licença; este disse q. mandaria a resposta e, no entretanto, foram contratando no Restaurante Frederico a refeição.

No dia em que resolveram vir á Paz para me convidarem, em comissão amistosa, receberam a visita do chefe da policia que em nome do João Lopes queria saber o numero dos convivas e quem discursava e com o aviso de que teria tambem de almoçar ou ele, chefe da policia, ou qualquer outro delegado do sr. Administrador ... O Afonso de Medeiros respondeu que iria dar conhecim.to das ordens do sr. Administra

dar aos seus amigos e depois comunicaria a resposta. Perante esta exigencia, os republicanos, reunidos, resolveram desistir do jantar e como já havia despesas feitas e generos comprados, formar com estes o jantar melhorado aos velhos e ás creanças recolhidas. E o Medeiros acrescentou que, na verd.e, quizeram dar uma bofetada sem mão no illustre sr. João Lopes, pois com as refeições offerecidas foram palavras de tolerancia politica.

E aqui está como se governa...

Lisboa

Novembro: 11:

Fui hoje ouvir, em S. Carlos, um concerto dado pela orquestra do dr. Ivo Cruz. Gostei, como é natural gostar-se sempre de ouvir boa musica.

A 4ª sinfonia de Tschaikowsky impressionou-me, especialm.te o 2º andamento que me fez sentir os olhos humedecidos. E muito mais um concerto de Bach p.a dois violinos e orquestra, tocado, pareceu-me, primorosamente. Ainda ha coisas boas no mundo.

Lisboa!

Outubro: 18

As brutalidades dos russos na Hungria provocam justa reacção em todo o mundo. Em Portugal, com o nosso feitio exasperado, a reacção está a ser orientada pela Igreja e em grau de escala. Hoje, em Fátima, a parada deve ser grandiosa; de todo o País vão comboios e filas de camionetas carregados. E tudo pela conversão dos russos...

E torna-se isto a sério!

x

Ontem o jornal República traria na 1ª. página a declaração do António Sérgio que aqui fica junta. Ainda bem que houve alguém que tomou esta posição. A Igreja está a especular com o caso porque se trata dos russos; se não fosse essa circunstância de

Esclarecimento público

O sr. dr. António Sérgio, nosso ilustre amigo e colaborador, pede-nos a publicação do seguinte:

Em referência a palavras ontem pronunciadas na sede do Comando-Geral da Legião Portuguesa sobre a atitude dos democratas e liberais portugueses perante os males de que recentemente tem sido vítima o povo hungaro, o abaixo assinado, liberal e democrata, vem declarar que está pronto a apoiar, com o maior entusiasmo, todas as manifestações contra a violência e os mais veementes protestos a favor da liberdade do povo hungaro ou de qualquer outro povo estrangeiro, desde que incluam também um protesto a favor da liberdade do povo português, hoje impedido de exercer os seus direitos fundamentais de cidadania.

15-XI-1956.

ANTÓNIO SÉRGIO

certo que os protestos ficariam em nada. É ver o que a Igreja tem feito dentro da actual situação.

Lisboa:

Novembro: 28.

Chegou a noticia da morte, em Coimbra, do Antonio Maria Correia, o mais velho encadernador da cidade e meu afilhado de casam.to Morreu um homem honrado e bom. Trabalhador, dedicado á familia, fez uma vida recatada, sem pregões, metido na oficina apenas, com modestia completa. Uma vez por outra elegeram-no para a direcção da Associação dos Artistas, creio que em duas epocas; foi escrupuloso no cumprimento do mandato e, segundo me disse, com algum prejuizo do seu ganha-pão. Era amigo dele desde os tempos em que trabalhava na oficina do Alberto Viana, á Sé Velha, ao cimo das escadas de Quebra-costas; depois montou oficina sua, casou, teve filhos — e seguiu sempre a vida direita, sem complicações de dinheiro. Bom homem e homem honrado. Merecia que os jornais dissessem mais alguma do que a simples noticia de vulgar necrologia, em meia dusia de li-

nhas. O facto de ser modesto e não usar do vulgar chamariz, e ultimamente imobilizado em casa, depois de congestão cerebral, fizeram com que se esquecesse o velho e honrado António Mª Correia.

E' assim o mundo. E adeante.

Lisboa:

Novembro: 29.

Ha algum tempo, o Camara Reis escreveu-me novamente aflito com falta de dinheiro na Séára. O Camara Reis julgará que eu sou capitalista?

Ora por causa dessa carta fui hoje a' séde da Séára apara na rua Luciano Cordeiro. Ele não estava, mas falei com um empregado, creio que o gerente e confidente da direcção. Declarei que, por mim, nada feito mas que ao regressar a Coimbra falaria com o advogado Frederico Lopes, filho do dr. Fernando Lopes, com quem o Camara Reis se encontrou durante as comemorações de 5 de Outubro e parece que prometeu qualquer coisa. Vamos a ver se me não engano.

Esta Séára... Não sei se é, realmente, grande dificuldade de vida gerente os afazeres

do actual estado de coisas se é má administração da empresa. O certo é que andam sempre em apuros e depois cá estão os pobretanas como eu p.ª poste de marradas...

Ora hoje, p.ª acabar bem o dia, fui á livraria do Arnaldo Henriques de Oliveira, ao Cathariz pagar a factura do ult.º leilão. Não sei já porquê, falou-se no Paulo Freire e o Arnaldo contou que certo dia entrou-lhe pela porta dentro, um pouco esbaforido, o Alfredo Pimenta de quem se confessou amigo. Vendo-o assim tão agitado, perguntou-lhe a causa; o Pimenta, apontando p.ª o passeio fronteiro disse que estava ali o Paulo Freire que lhe queria bater... Na verd.e olhando p.ª fóra, lá viu o homem, com cara de poucos amigos, passeiando e olhando p.ª a porta da livraria. Sossegou o terrivel Pimenta e atravessou a rua p.ª fazer ver ao outro que praticava uma acção feia pois sendo forte e desembaraçado ia bater num invalido.

O Freire respondeu, e creio que bem, que era inválido mas não o era para, pela imprensa, ofender quem quer que fosse; e declarou que não saía dali sem dar dois bo-

fatões a esse «aldeallão» que, ainda por cima era covarde. O Arnaldo nada conseguiu e resolveu chamar um taxi e acompanhou a casa o Pimenta.

E' claro que não comentei, desde que o Arnaldo se declarou amigo do Pimenta; mas achei graça á historieta.

E cá fica para a Posteridade...

Lisboa!

Domingo: 2.

Ha tempo recebi uma carta do major na situação de reserva, José Paria de Magalhães que se me dirigia como director da Bibliotheca do Instituto. Anda ele interessado numa obra sobre criptografia e desejava saber se naquela bibliotheca havia qualquer coisa sobre o assunto.

Seguiu-se correspondencia até que hoje vinha-me dos meus cuidados e fui a casa do homem na Av.da do Brasil, ambos Av.da do Alferes Malheiro. Julguei-o um homem novo e afinal saiu-me com 60 annos já feitos; pessoa m.to correcta, modos brandos, falas frankadas; não sei bem as suas qualidades, mas impoz-se logo como creatura de educação.

e, pode dizer-se, simpatico. Tem casa bem posta como de quem vive ~~[illegible]~~ sem dificuldades e no seu quarto de trabalho ha muitos livros, bem ordenados, a indicar pessoa metodica e arrumada. Uma particularid.e não me escapou: nas paredes das ~~[illegible]~~ tres divisões onde entrei, havia o brazão dos Pavias, em quadro pintado ou em tapete de côres. Concluí que o major tem preocupações de nobreza — o que lhe não levei a mal. Está no seu direito.

Mostrou-me os seus trabalhos sobre a criptografia e, realmente, pela inspecção rapida do resumo ou sumario da obra, vê-se que é de tomo. Estará bem feita? Eu só vi o sumario e por ele vi que é tarefa de grande vulto e, nalguns capitulos, perguntei a mim mesmo se o autor teria bases p.a os fazer com consciencia. Pareceu-me q. o major não era creatura inculta; mas ao mesmo tempo duvidei da sua capacidade de realização em certos capitulos. E' certo q. ele, com lealdade, me disse que não sabia se seria capaz de arcar com a responsabilidade dos capitulos que não são propriam.te historia e necessitam de conhecimentos de

critica e de filosofia; e esta confissão que eu não provoquei deu-me a boa impressão de certa honestidade nos seus processos de trabalho.

Gostei do homem; saí bem impressionado. Teve comigo deferencias que não sei se seriam só derivadas da sua boa educação; e p.ª cumular as atenções pediu á Esposa p.ª me dar um rico chá açoreano, bem servido em louça fina e artística, que me soube excelentemente. Pareceu-me que ele sabia ou advinhou, como é habil em criptografia, o meu velho vicio de bebedor de chá...

Coimbra:

Dezembro: 7.

Cá estou, de novo, em m.ª casa; e sempre que aqui entro, principalm.te no meu escritorio, depois de certa ausencia, sinto-me comovido. O abandono de todas estas minhas coisas acumuladas com certo amôr, durante mêses é motivo de tristeza. Mas que lhe hei-de fazer se a vida não é o que se quér e p.ª mim foi sempre errada?

Ora bem: o que eu aqui quero anotar hoje é coisa bem diferente das comoções de

entrada em casa depois de longa ausencia. O que quero anotar é o seguinte de que hoje me lembrei na viagem, quando o comboio saiu do tunel de Chão de Maçãs e atravessá-va o vale de Beselga: é que, quando era novo e passava ali, em comboio, e via aquele vale, do lado nascente, tão sereno, tão verde sempre, de encostas tão suaves, e com o fundo, para Leste, levemente ondulado até se perder nos montes ao longe — eu pensava em como a vida ali seria tranquila, como correria sem contrariedades, tão suavem.te como aquelas encostas verdejantes onde uma ou outra casa entre arvores e um campanario m.to branco, punham a nota humana.

E, na m.a larga fantasia, pensei em me refugiar ali, no vale de Beselga! longe do mundo e dos homens...

Isto já lá vai ha mais de 50 anos; e ainda hoje, ao passar ali, não me esqueço de olhar com saudade esse vale tão amêno e tão acolhedôr. O que hoje penso é diferente, um pouco diferente, é certo; mas a verdade é que aquela baixa tão convidativa continua a ser como que um simbolo.

Coimbra:

Dezembro: 10

Morreu ontem, em Lisboa, a mulher do Henrique Pires Monteiro. Conheci-a pouco; mas o suficiente p.ª calcular o golpe m.to fundo sofrido pelo marido. Era uma senhora inteligente, meticulosa, com certo ar imperativo que exercia sobre o marido influencia branda, de certo, mas a suficiente p.ª que ele a considerasse superior. O Pires Mont.º não é grande inteligencia; é homem de metodo e de grande capacid.e de trabalho e é dos que necessita ter junto uma capacidade de acção superior. E essa capacid.e de acção tinha-a a esposa que agora lhe falta.

Calculo bem o quanto ele vai sentir de vazio á sua volta. (1)

Sou amigo dele e reconheço, até, que tenho alguma influencia intelectual sobre o seu espirito. Quer pelas cartas quer pela conversa, noto a necessid.e que ele tem de me ouvir a opinião e já me tem dito que lastima a distancia a que vivêmos.

---

(1) Ver, no fim do vol.º, pag. 113.

É bom homem, e um sincero. Honrado e leal. Teve, por isso mesmo, passado por muitos bocados e sofrido injustiças.

Coimbra:

Dezembro: 10:

Fui hoje ao Porto, com o Dr. Joaquim de Carvalho, como testemunhas de defesa do estudante Silas Cerqueira acusado de pertencer comunista com mais cinquenta e tantos companheiros. Já aqui falei dele no dia 10 de Agosto deste ano, mas pag.º 21-23.

O certo é que lá fomos, ás 6 h. e meia da manhã, em automovel, por essas estradas humidas da geada intensa q. caía. Chegámos á hora marcada, 9 horas, ao Tribunal agora na rua Formosa, em palacete construído nos moldes do sec.º passado e adaptado á nobre função da Justiça.

No atrio, acumulação de gente, quer testemunhas quer acusados; frio e correntes de ar; balburdia; força ou nenhuma organização. As testemunhas somam perto de 300 e as salas não comportam tanta gente.

Eu não fui chamado bem como outras testemunhas; o juiz fº. evitar acumulação

e demora, resolveu q. as testemunhas apresentadas em aditamento fossem só avisadas, na altura propria, pelos respectivos advogados defensores e que as de fóra do Porto podiam retirar p.ª as suas terras.

Uma coisa que me impressionou foi o ver certo numero de raparigas, na maioria estudantes, acusadas de comunismo, á espera de serem chamadas á sala do tribunal, com expressão de vivêza, não direi de alegria mas de confiança e de fé. Naqueles cerebros o que havia? Não sei. O que vi foi que, quando chegou a vêz de serem chamadas, havia entre essas raparigas e outras q. ficávam uma troca de abraços, de olhares e gestos como, com as devidas proporções, os antigos martires se ofereciam ao sacrificio.

É possivel que o os meus olhos e o meu estado de espirito vissem coisa diferente do q. realmente se passava. Mas fiquei com a impressão de que havia naquelas cabecinhas, algumas bem galantes, qualquer sôpro de ideal que lhes dava aureola de sacrificadas — e isso comoveu-me.

Como é que se chegou, em Portugal, a este estado de sublimação por uma doutri-

na que na pratica se apresenta sem qualquer especie de idealismo e se impõe por processos brutais, contrarios a todas as liberdades individuais por que o mundo se bate ha seculos e seculos? Não sei. O que sei é que me comoveram aquelas expressões de exaltação intima e confiante.

Outra nota curiosa foi a qualidade de certo numero de testemunhas de defesa. Havia de tudo: categorizados integralistas como o Luis de Almeida Braga; monarquicos liberais como o prof.or Hernani Monteiro, do Porto, o prof.or Vieira de Almeida, de Lisboa; dois padres seculares e um missionario do Espirito Santo; escritores como o Ferreira de Castro, Gaspar Simões e Augusto Casimiro — enfim, uma amalgama de individuos de varios credos e ideias, com expressões de boa disposição, e alguns com ar de certa alegria. O dr. Hernani Monteiro dizia p.a o dr. Joaquim de Carvalho:

— Eu entendo que um professor deve sempre defender os seus discipulos. Eu tenho aí uns discipulos acusados não sei de quê: a minha obrigação é estar aqui.

O dr. Vieira de Almeida, que ouviu, disse do lado, com certa viveza, que esse mesmo

critério o fizera vir de Lisboa. E á saída, quando vinhamos fº. o comboio, o Luís de Alm.da Braga disse ao dr. Joaq.m de Carvalho que viera ao Tribunal como advogado de uns acusados e que o processo era uma monstruosidade.

Conclusão: não fui chamado mas não deixei de ser aceite. Lá irei quando o advogado me chamar.

E aqui estou eu feito defensor de suspeito comunista. Mas, fiquei a carta que o Silas Cerqueira me escreveu, entendi que não tinha direito a recusar. Não sou professôr, mas pareceu-me que não devia negar a minha solidariedade fiquei a perseguição.

Ora na viagem, quer na ida, em automovel, quer na volta na automotôra "foguete", a conversa com o dr. Joaquim de Carvalho foi, como hoje se diz, substancial. Conversar com o dr. Carvalho é sempre um prazer espiritual; tem os seus critérios ás vezes arrevezados, como de homem que paira m.to acima das realidades, mas é um encanto ouvi-lo seja sobre o que fôr.

De toda a conversa quero apenas aqui referir um facto m.to curioso a respeito do Padre

Ant.º Nogueira Gonçalves e da nomeação para a cadeira de Estética e Hist.ª da Arte, da Faculd.e de Letras, do Luís dos Reis Santos. A nomeação deste é já conhecida por imposição do Salazar devida a instancias do banqueiro Espírito-Santo recentemente falecido; mas o que eu não sabia é que a exclusão do Padre Vaz era uma das razões na sua pouca crença religiosa. Assim mesmo. O dr. Carvalho disse-me que alguns colegas e nomeadamente o Manuel Lopes de Almeida, entendiam que o Padre Nogueira não era suficientemente crente e, como tal, não deveria ser nomeado...

Os tartufos... E o Reis Santos, o antigo bailarino de companhias de circo de Lourenço Marques será suficientemente crente?

Ora bem. Depois de umas dez horas de impressões da mais variada especie, chegámos a casa e saltos.

E' o que se quer.

Coimbra:

Dezembro: 15.

Vi hoje ao ontem no jornal República uma nota curiosa tirada dos Anais do Municipio de Lisboa, por consequencia, exacta

relativamente ás barracas ainda existentes em Lisboa habitadas por famílias pobres. São em numero consideravel e presta-se o caso a comentarios. A nota fica colada no final do vol.º (1)

Bem sei que não é de pé para a mão q. se acabe com esse mal social; mas esta situação politica que tanto dinheiro gasta com igrejas e outras coisas inuteis e blasona de ter resolvido problemas que a Republica de 1910 a 1926 não foi capaz de resolver, poderia ter feito mais alguem bem nesse sentido. E em vêz de deixar construir predios de luxo c/rendas caras como se vê a todo o momento e deixar importar cem pares numero de carros caros q. não correspondem ao nivel de vida, melhor andaria se cuidasse mais a sério destas miseraveis habitações.

São milhares de barracas clandestinas; e, posteriores a 1943, contruídas 1:194 — o que quere dizer que estas não são da culpa a Republica democratica e parlamentar.

Enfim, não vale a pena comentar. Por estas e por outras é que não oculta me mau-

(1) A pag. 415.

Dou pelo correio as duas quadras que ficam já aqui fº memoria:

Cortejos e procissões,
Fátima, fados e bola,
São estas as diversões
Dum povo que pede esmola.

Trinta anos dê incultura,
Vinte de Caixas Sindicais,
Trinta de Ditadura,
Arre, p..., que é de mais.

Coimbra:

Dezembro: 31.

Vai acabar o ano q. foi bisexto e, como os outros, não deixa saudades.

É para rematé, vai só nota dos dias que passei em Coimbra e outra das despesas consequentes ás minhas constantes deslocações.

O ano teve, como é natural, 366 dias. Tive a paciencia de fazer um grafico que acusou o seguinte:

Em Coimbra: 183 dias;
" Lisboa: 90 " e
na Paz 93 " .

Como se vê, a soma dos dias de Lx.ª e da Paz, dá exactamente os 183 — equivalente aos que passei aqui. Por consequencia, passei metade do ano fóra de casa — o que para mim é bastante penoso. Mas, enfim, é assim esta parca da vida.

Quanto ás despesas com as variadas deslocações, somáram a boa quantia de 1:689$30 (um conto, seiscentos e oitenta e nove escudos e trinta centávos).

Quer dizer: passo metade da vida fóra de casa e nessas deambulações gasto qua si um conto e setecentos escudos...

1957.

Coimbra:

Janeiro: 31:

Um mês inteiro sem qualquer comentário... E tanta coisa que comentar!

Mas estou todo entregue á organização das m.as Memorias q. eu queria deixar aos vindouros como monumento que atesté quanto vale uma vida inutil e errada...

O tempo corre depressa e ainda tenho q. escrever e corrigir muito.

Fica assim explicado o silencio.

Coimbra:

Fevereiro: 3

Assisti hoje a uma conferencia promovida pela Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra no Museu de Mach.º de Castro. Foi conferente o seu director, o Luis dos Reis Santos e por

isso não queria faltar tanto mais que o titulo da confer.ª era: O Museu Machado de Castro e o patrimonio artístico da Nação.

Sabendo já de que o Reis S.tos é capaz eu queria ouvi-lo e não perdi o meu tempo. Devo até dizer que ia decidido a falar, no final, se ele dissésse qualquer coisa claram.te desagradavel para o velho Ant.º Augusto Gonçalves. Ia decid.º a fazer escandalo e levána preparado um improviso; e nessa espectativa ia incomodado e preocupado.

Felizmente não foi necessario tal recurso se bem q. o Reis Santos largasse uma ou outra referencia desagradavel.

Por ex.º: falando da actual ciencia da museologia, que parece só é acessivel a cerebros privilegiados, classificou (embora indirectamente) o antigo museu « museu de recordações de familia » como disem os Ingleses; e entrando na apreciação das qualidades que deve ter um director de tais casas, disse que noutros tempos bastava ser arqueologo, critico de arte, escritor e mais não sei o quê para se ascender a tal cargo. Ao citar certos monumentos artisticos de valor, de Coimbra e arredores, fazia-o com ares de quem os tinha des

cuberto e notado, pela primeira vez, o seu verdadeiro merecimento.

Etc. Etc. Etc.

E sempre com maneiras de superioridade e importancia que, estou convencido, convencem m.ta gente e o elevam no conceito do conimbricense inculto e sempre pronto a endeusar qualquer aventureiro que apareça.

Ao vir p.a casa, e ao pensar tristemente no que ouvi, resolvi responder ao Reis Santos lá mais p.a deante, em conferencia subordinada a este titulo ou qualquer outro semelhante: «Antonio Aug.to Gonçalves: fundador e organizador do Museu de Mach.o de Castro.» E como o Fernandes Martins não me larga p.a eu fazer uma conferencia, oferecerei esta á Socied. de Defesa e Propaganda e solicitarei que ela seja lida na sala do Museu onde hoje estive a ouvir o Reis Santos.

Durante o verão, na Paz, terei tempo e vagar p.a escrever a resposta devida. E o cavalheiro não perderá com a demora.

E' claro que não será obra p.a suscitar polemica; mas procurarei pôr as coisas no seu lugar.

Lisboa:

Março :6.

O general Joviano Lopes, ultimam.te nomeado comandante da Região m.ar de Porto esteve hoje ou ontem no Colegio Militar onde tem um neto. Veiu ha pouco dos Açores e na passagem por Lisboa foi, n.to naturalmente, ver o neto e falar com os professores.

Meu genro, Teristovão de Sousa Lima, como professor do rapaz foi abordado e como tambem são patricios, a conversa alargou-se a outros assuntos. E o Joviano Lopes teve esta saída a proposito de Lisboa:

— Lisboa não tem ninguem q. preste apesar de aumentar a população constantemente.

Perante qualquer observação do teristovão que não percebeu, ele explicou:

— Sim, desde o Marquês de Pombal q. Lisboa não tem ninguem... O Marquês matou os Tavoras e expulsou os Jesuitas: quem é que ficou?

Quer o teristovão quer os circunstantes ficaram a olhar uns para os outros. E o caso é que a frase foi dita muito a serio e como

lhe parecesse que causou estranheza ao audi-
torio, repetiu-a e glossou-a.

Agradeço seus comentarios.

Um general com o curso do Estado-maior
e ex-professor dos Altos-Estudos....

Coimbra:

Março: 25.

Chegáram-me hoje os primeiros dez
exemplares do meu trabalho sobre o Baldaque.
Até que enfim vejo realizado o emprehendim.to
que já imaginara impossivel.

O volume não está máu, tem bom aspecto;
mas juntamente vinha a factura da imprensa
que me veiu lembrar a tristeza de nunca ver
remuneração para os meus esforços. Pagarei,
é claro, qualquer dia e fico-me na duvida de
haver compensação, por pequena que seja, pa-
ra a despesa feita e p.ª o trabalho que tive.

Enfim... É a m.ª vida que não pode ter
outra derivação.

Coimbra:

Março: 28.

A pedido da Augusta Duarte Silva que
se tem dado ultimamente com a D. Maria

de Eça de Queiroz de Castro, a filha mais velha do Escritor, mandei a esta senhora um exemplar da m.ª conferencia Eça de Queiroz (Alguns aspectos militares na sua obra) lida no Instituto em Dezembro de 1945.

Hoje recebi uma carta da Augusta e juntamente um cartão de agradecim.to da filha do Escritor e uma carta desta f.ª a Augusta da qual transcrevo os seguintes periodos:

«S.ta Cruz do Douro: 25 de Março, 1957.
— Minha querida Mademoiselle. — Estou em grande falta comsigo! Mandou-me, no Natal, ou principio do ano, uma conferencia do seu Primo B. P. Li-a, dei-a logo a ler aos meus filhos, gostámos imenso dela, apreciámos a maneira cheia de espirito de apresentar os "aspectos militares" da obra do meu Pai, rimos [redacted] a bom rir das citações e torneia engenhosa como o fez ... e não lhe dipo uma palavra, não lhe agradeço — a si que a mandou e a seu Primo que a escreveu, a admiravel conferencia que tanto prazer nos deu! E' imperdoavel, mas espero que ambos me perdoem e creiam na minha gratidão. — Como tão bem...?... Tudo quanto

diz respeito a meu Pai me interessa, como se, evidentemente e é logo acolhido por mim com alvoroço! Infelizmente meu sempre fico pa Visfeita com o que leio — e portanto hoje é com imensa satisfação que lhes venho agradecer. — Junto um bilhete para seu primo a quem peço lho faça chegar ás mãos. — ... . Sua muito dedicada — (a) Maria d'Eça de Queiroz de Castro.»

Aqui está meu medo de encarar a minha palestra muito curioso e que não deixa de ter certo fundo de boa observação.

Junto com a carta vinha um cartão de visita que dizia:

«F..... com os seus cumprimentos, agradece a magnifica conferencia sobre o seu Pai que apreciou, admirando tambem a espirituosa maneira com que V.... a apresentou sem lhe tirar todo o interesse. E' com gratidão que vai este agradecimento.»

Direi, como se diz no Povo: ao menos valha-nos isto...

Coimbra:

Março: 29.

Vem hoje a noticia nos jornais da morte do coronel Alberto Faria de Morais, director do Arquivo Hist.º Militar. Sabia-o doente, mas não em perigo.

Impressionou-me a noticia. Como ficou escrito nestes cadernos, foi ele a causa do meu trabalho acerca do Saldanha não conseguir o subsidio do Estado-maior; fiquei considerando o homem como reaccionario pouco inteligente e, embora lhe falasse sempre que o encontrei em Lx.ª, passei a evitar relações. O que se diz vulgarmente: pu-lo á margem.

Agora vem a noticia da morte e sentime impressionado, quase sensibilisado e sem querer relacionei o triste sucesso com a vinda p.ª m.ª casa dos 250 exemplares da obra que ele evitara q. se publicasse á custa do Estado-maior.

Simples coincidencia, é bem certo.

Mas tambem essa simples coincidencia me incomodou. Porquê?... Sei lá porquê! A verdade é que a velhice tem destas

coisas e a noticia que, noutras circunstancias me passaria sem abalos, desta vez incomodou-me.

Escrevi á viuva. E se estivesse em Lx.ª iria ao funeral.

Coimbra:

Abril: 2

Esteve hoje aí o Alvaro Viana de Lemos velho amigo a quem ofereci um exemplar do meu «Saldanha.» Já leu grande parte e veiu agradecer e dizer que gostou.

Este aplauso do Alvaro é me agradavel porq. se não gostasse tambem o dizia. Mas a surpresa da visita foi o ele dizer que, ao ler o capitulo relativo á campanha de Montevideo, se lembrou de que; em tempos, lidára com alguns professores uruguaianos e estes lhe afirmáram que as organizações do ensino, em geral, na sua patria, se fundávam ainda nos principios pedagógicos implantados durante a ocupação portuguesa de 1817 em deante. E o Alvaro perante ~~[illegible]~~ a duvida natural que tem do valor literario e pedagogico dos militares que constituiam a expedição, perguntou-me se o mar.al Saldanha (que foi governador

da cidade de Montevideo) não teria influencia no assunto. E abrindo uma pasta entregou-me dois livros uruguaianos que tratam da historia da instrucção naquela Republica, um dos quais se refére á reforma imposta pelos Portuguezes adoptada depois pelo governo independente. E o Alvaro acabou por me incitar a estudar o caso que seria interessante pois lhe parece que o unico capaz de ter no assunto alguma influencia seria o Saldanha.

E aqui está um resultado curioso da leitura do meu trabalho: o Saldanha fossinel fe-dagôgo!

Mas o estudo do caso já não é para mim. Já me falta o fôlego.

Coimbra:

Abril: 11:

Mandei hoje a seguinte carta ao escritor e professor Joel Serrão:

« Queira V. desculpar-me um obscuro leitor dos seus trabalhos recorrer com esta carta que poderá ser impertinencia. Mas eu li agora, com a atenção devida, o volume Cesario Verde ha pouco apparecido e notei dois passos para

os mais como a liberdade de chamar a atenção de V.Ex.ª :

A) A pag.ª 183 e 205 lê-se nas cartas de Cesário referencia a uma Valentina que V. na nota (24) supõe ser «actriz celebre na epoca.» Não será antes referencia a Valentina de Lucena, pseudonimo literario de D. Mª Amalia Vaz de Carvalho que, por esse tempo, publicára as «Vozes do Ermo»? Este livro mereceu a Junqueiro, como é bem sabido, uma poesia incluída na «Musa em férias» e foi criticado por Silva Pinto a-propósito do prefacio de Latino Coelho, como também é sabido. Quanto á actriz celebre, devo dizer que me não lembro de ouvir falar em tal nome, pois era natural que esse [redacted] celebridade, ou pelo menos a fama, viésse até á minha mocidade já bastante longinqua.

B) A pag. 187, Cesario fala, em carta de 1879, duma Revista de Coimbra; e V... diz em nota (33) que julga tratar-se dum lapsus calami. Não entretanto, naquele ano de 79 houve de facto uma Revista de Coimbra de que se publicaram 3 numeros, dirijida pelo prof.or Correia Barata e em que Cesario colaborou bem como Coelho de Carvalho. Não tenho, na minha colecção, esta revista; mas estas indicações vêem no vol.º Jor-

nais e Revistas do Distrito de Coimbra de Carneiro da Silva (Coimbª, 1947) que é obra de confiança.

Termino por onde comecei: por pedir desculpa da caturrice natural em velhos; mas gosto sempre, desde q. esteja ao meu alcance, sem querer dar lições e por saber bem quanto custam trabalhos dessa ordem, de prestar simples esclarecim.tos quando ha duvidas. Afóra isto, ha sempre o recurso do cesto dos papeis velhos pª as coisas inuteis ou impertinentes.

Queira acreditar, etc. etc. »

Coimbra:

Abril: 14:

Recebi hoje bilhete do Joel Serrão que responde á mª carta de 11 atraz copiada. Se bem q. amavel e com agradecimentos e promessa de rectificação numa proxª 2ª edição do livro, dá-me vaga impressão de q. o homem não gostaria das emendas.

Coimbra:

Abril: 24:

La fui ontem novam.te ao Porto, á audiencia do Tribunal Plenario em que está a ser jul-

gado o Silas Cerqueira. Na sala das testemunhas estava um grupo notável: o dr. Vieira de Almeida, o dr. Joaquim de Carvalho, o António Sérgio, o romancista Ferreira de Castro, o João Gaspar Simões, a escritora Elisa Lisa, o Augusto Casimiro e não sei se mais alguém de renome. Tratava-se da defesa do Óscar Lopes e do Silas. Na ment.ª o friso de testemunhas era notável, mas eu estava rendido ao meio de tanta celebridade.

O pai do Silas, o dr. Manuel Cerqueira, graduado pastor da Igreja Baptista do Porto levou a sua casa, para almoçar, as testemunhas do filho: o dr. Joaq.m de Carv.º, o Sérgio, um outro pastor baptista, Marcius, de Leiria e eu. Foi um almoço... espiritual, no Tabernáculo Baptista, na Praça Mousinho de Albuquerque, edifício de boa aparência, com o templo ao lado, também de arquitectura aparatosa. À parte a excelente cozinha que denunciava um pouco a conhecida austerid.e da igreja reformada, o almoço foi cheio de elevadas discussões entre o Sérgio e o Dr. Carvalho que desde Kant e Hegel até ao problema actual da abundância da batata, mantiveram os comensais em perfeita tensão de espírito. Eu ouvia atentamente e ia saboreando

do a excelente canja que me soube a coisa divina porque desde as 6 h. da manhã não conseguira tomar qualquer ~~co~~ alimento; e depois da canja uns saborosos filetes de pescada e a tenra e apetitosa galinha cosida. No fim, doces e fruta, com chá e café á escolha. Para um tabernaculo evangelico... foi um festim escandaloso a que se juntaram as afirmações avançadas do Sergio um tanto opostas ao conservantismo do Dr. Carvalho.

De volta ao Tribunal, metido na desagradavel sala das Testemunhas, ia notando a alegria exuberante permanente do Augusto Casimiro, a constante atitude profética do Antº Sergio, a bonhomia do Ferreira de Castro, a vivacidade do Dr. Vieira de Almeida e a mansidão do Gaspar Simões. Sentando-me ao lado do Dr. Joaquim de Carvalho e reproduzindo estas minhas observações, reparei na sua reserva, como quem não estava disposto a dar opiniões. Apenas, na referencia que fiz ao Sergio, ele balbuciou:

— Está sempre com a férula na mão quando fala...

E pouco depois acrescentou:

— Não lhe desculpo a má vontade que tem para com os homens da Republica... Ha-de

ser sempre o mesmo individuo que quebrou a espada em Outubro de 1910...

E a seguir a uns segundos de reflexão:

— Póde o meu Am.º acreditar: o Sergio não sente a Republica... Tenha a certeza: não a sente como nós a sentimos...

Eu já notára, por varias vêzes, que entre o Dr. Carv.º e o Sergio havia qualquer fôsso que os separava; no encontro de ontem o caso foi mais saliente e verifiquei até certa incompatibilid.e — encoberta, é claro, pelo trato agradavel de gente educada.

Coisas de filosofos...

Quando chegou a m.ª vêz de ir depôr, estava verdadeiramente cançado e numa tensão nervosa desagradavel. Eu não sei responder a advogados e a m.ª má disposição agravou-se com o aspecto do tribunal e a má luz projectada que me fez hesitar ao aproximar-me da mesa em meia lua onde estavam sentados os juizes. Enfim, lá respondi ao advogado, o dr. José Dominguez dos Santos, conforme consegui responder e quando me dispunha a dizer qualquer coisa que levava mais ou menos pensada, ouvi a frase sacramental: «estou satisfeito!» e o juiz presid.te dizer-me que po-

dia retirar-me. Levantei-me, fiz a cortezia do estilo e saí; se bem que vinha satisfeito por me ver livre da alhada em que me envolveram, senti-me contrariado porque fiquei com a impressão de que não tinha cumprido bem com a obrigação que aceitei. A consciencia acusava-me de não ser mais claro na exposição e de não reagir como devia ao ouvir o «estou satisfeito!» do advogado.

Ao descer pela rua Formosa á cata duma casa de chá p.ª aquecer e molhar as guelas, eu ia sentindo a inutilid.e de tanto trabalho e da esperança q. o Silas Cerqueira depositava na minha presença. O chá e torradas q. pedi num excelente salão, quasi ao fundo da rua, não me souberam como costumam saber tomados com o espirito mais assente. Sentia-me esgotado; desde as 5 h. da manhã q. estava a pé; fizera o percurso pela Figueira no carro do excelente e simpatico dr. Rui de Figueiredo; esperára na sala das testemunhas, horas e horas, debaixo de tensão nervosa grande. Tudo isto me cançou e o depoimento feito ainda mais me amachucou e deixou convencido de que, afinal, sou um inutil. Com 77 anos não consegui responder como devia a um

advogado que, aliás me encheu de atenções e deferencias.

Fui ainda á Foz, a casa do meu sobrinho Henrique onde jantei e onde tratei de outro caso melindroso que, vá lá! foi tratado com certa calma e diplomacia. Metime no comboio das 23 horas, em S. Bento, e aí venho eu, só, entregue a todos estes pensamentos, enquanto o comboio se arrastava por estes cento e tal quilometros até Coimbra.

Deitei-me eram quasi 3 h. da manhã; notei que andava ha quasi 24 horas a pé, debaixo duma tensão dos demonios; adormeci pouco tranquilo.

Hoje, de manhã, antes do almoço, não deixei passar o tempo sem escrever esta carta q. segue ao Silas Cerqueira — como descargo de consciencia:

« Não fiquei ontem satisfeito com o meu depoimento; fiquei, até, m.to pouco satisfeito. Vim incomodado com a ideia de que a minha presença não deu á defesa de V... a minima parcela de vantagem ou de prestigio. Honra-

damente o confesso. — Levava intenção de dizer certo numero, embora pequeno, de coisas; a orientação, porem, que o advogado deu ao interrogatorio, alterou-me o plano e como não sou republicista dei respostas que não sei bem o valor q. tiveram. Creio que vim incomodado com a preocupação de ver estragado o brilho do conjunto que as ilustres figuras do dr. Joaquim de Carv.º e António Sergio indiscutivelmente imprimiram ao acto e que V... merecia. — Oxalá esteja vendo as coisas por prisma pessimista. — Como vinha pressa de ir á Foz falar a nosso pobrinho, não me despedi, até. até. »

A carta seguiu ao seu destino. Arre diabo!... Decididamente não sirvo para tais balanços.

Coimbra:

Abril: 27:

O Pires Monteiro em cartas successivas, ultimamente, insiste na minha candidatura á Academia das Ciencias e á Academia Portuguesa da Historia. O meu trabalho acerca do Baldaque deu-lhe no gôto e entende que de

vo apresentar-me como candidato ás duas imortais instituições. Tenho respondido que sossegue o espirito e não se preocupe com semelhantes bagatelas. A imortalidade deve ser uma grande estopada... Mas ele, bom amigo, como é, insiste.

Vê-se que não tem m.to em que pensar.

Coimbra:

Maio: 2:

Ora eu hoje decidi-me e resolvi pôr de lado a vergonha... Mandei ao Frederico Lopes da Silva, Chefe do Est.o Maior General, o oficio que vai transcrito abaixo. Dirigi-o ao Chefe e não á pessoa; ia impessoal e juntamente mandava um exemplar do meu trabalho sobre o Saldanha com o simples carimbo «Oferta do autor.»

Vamos a ver o que meu antigo alferes do Grupo de Metralhadoras responde. Tenho, em todo o caso, pouca esperança.

«Ex.mo Sr. Chefe do E.M.G. — Tomo a liberd.e de mandar a V... um exemplar do meu trabalho «O Marechal Saldanha....» Como o trabalho tem todo o caracteristico militar, atre

vo-me a solicitar de V... uma autorização para que as unidades e repartições que possuem biblioteca possam adquirir a obra — o não per que V... entenda que poderá mandar adquirir o num.º de exemplares necessarios para serem distribuídos. — Devo, porem, informar lealmente de que em 1952 solicitei do antecessor de V... uma subsidio para a impressão do trabalho. Todavia, apesar de toda a boa vontade e interesse compreensivo do ilustre Chefe do E.M.G. a maioria dos oficiais encarregados nos termos do regulam.to de ler a obra, foi de opinião de q. o Estado a não devia subsidiar. — E a obra, realmente, ficaria inedita se não fosse o generoso acolhimento da Universid.e de Coimbra q. a fez publicar na sua principal Revista. — E' um exemplar da separata do vol. XVIII desta Revista que tenho a liberd.e de oferecer a V... para poder decidir afirmativa ou negativamente a m.a solicitação. — Coimbra, 1 de Maio de 1957 — A Bem da Nação — (a) ———— »

Veremos o que responde o nosso antigo alferes. Repito: tenho pouca esperança em resposta favoravel.

Coimbra:

Maio: 14.

Encontrei hoje, na rua da Calçada, ao descer a rampa da rua do Corpo de Deus, o Afonso Duarte. Vinha arrimado a uma muleta, do lado esquerdo, e apoiado a uma bengala na direita. Dei-lhe um abraço. E comovi-me. As lagrimas vieram-me aos olhos. Ha quasi um ano q.e o não via, desde a homenagem; encontrei uma autentica ruina. Triste coisa a invalidez! E então quando ataca, desta maneira, um homem como este... como é que se pode acreditar na harmonia do Universo! na beleza da Vida! na perfeição da Natureza!

Vim incomodado para casa. E de mais a mais o cerebro continua vivo, do mesmo modo, a assistir ao descalabro do corpo. Parece-me que encára o seu caso com estoicismo. E ainda bem. O estoicismo será uma ~~[illegible]~~ forma de coragem ou de resignação conforme os temperamentos.

Bom Afonso Duarte! Ha mais de 50 anos que o estimo e o considero — desde os tempos em que ele era cadete de Cavalaria e rapaz desenvolto. O que a Velhice faz!

Coimbra:

Maio: 25.

Ontem recebi, mandado pelo Afonso Duarte, o volume das suas Obras recentemente publicado. Graça oferta manuscrita amável que me possibilitou.

Hoje, depois do almoço, fui a casa dele agradecer. A residencia é no nº 78 da rua do Corpo de Deus, num velho jardim cujas traseiras deitam fº o Jardim da Manga. Figuei desolado...

Há dias foi o aspecto de invalidez que me incomodou. Hoje foi o aspecto da casa. Como é que uma creatura de superior inteligencia e sensibilidade tão apuradas pode viver ali, em casa velha, sem comodidades, como se fosse um modesto estudante sem recursos? A sala onde me recebeu tinha uma velha mesa de jogo fechada em duas e umas 3 cadeiras ordinarias e nas paredes uns retratos dele a oleo, a pastel, a carvão, de artistas novos. E mais nada! Nas janelas, nem uma cortina simples que fosse!

Conversámos animadamente; mas não tive coragem de lhe dizer que o que via era estoicismo demasiado. Na verd. aquela

maneira de viver era excessiva. As suas condições de vida, isto é', os seus rendimentos, dão-lhe já certo conforto. E ao passar no corredor avistei uma cama do quarto de dormir onde vi uma cama de ferro simples, verdadeira cama de estudante pobre.

Enfim, saí dali igualmente incomodado, se bem que ele me dera a impressão de viver assim perfeitamente à vontade, completamente identificado.

Questão de temperamento.

Coimbra:

Junho: 17.

Deveria lá se realizar a excursão da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra à vila de Miranda, conforme sugestão minha e realização do Fernandes Martins, Pai.

Já de há muito os jornais noticiavam o grande acontecimento: em 27 de Abril, há quase dois meses já a Republica dizia o que aí fica, ao lado, para memória. Mas só ontem, depois de várias negociações e trabalhos é que se

> — A Sociedade de Defesa e Propaganda está a preparar uma excursão a Miranda do Corvo. Será ilustrada por uma palestra do sr. coronel Belisário Pimenta, escritor, conferencista e investigador de mérito e probidade.

realizou a funçanata. Nada deixarei aqui porq. os jornais falaram suficientemente e ficáram guardados na Miscelanea de Miranda do Corvo, vol. III, os recortes necessários para a Historia.

E adeante.

E já agora deixarei colados no final deste volume dois recortes tirados do jornal Republica: um deles é o da circular que os monarquicos mandaram para convocar uma recepção ao ilustre senhor Duarte Nuno; outro, p.ª contraste, transcreve palavras do Craveiro Lopes, no Brasil, quando falou perante o Congresso.

Cá ficam para memoria.[1]

Paz (Mafra)

Julho: 4

Cá estou, novamente, no deserto, desde ontem. A vida continua assim, sem a poder travar. Pois que continue; eu deixarei correr sem pôr obstaculos.

---

[1] No final do vol.º, a pag. 417. e 418.

Paz (Mafra)

Agosto : 10.

Tive hoje aqui a visita do pintor Aires de Carvalho, conservador do Palacio de Mafra e critico e investigador de Arte. Veio acompanhado pelo professor primario aposentado Raul Agostinho de Almeida que ha muito me anunciara a visita.

O Aires de Carv.º esteve ha tempo em Coimbra onde foi procurar o D.º Nogueira Gonçalves por causa dum trabalho que quere publicar acerca do escultor e arquitecto francês La Prade que trabalhou em Mafra; este artista foi, enquanto em Portugal, pintor das Guardas Reais, da recção das rainhas mulheres de D. Pedro II e de D. João V; e como o Padre dissera ao Aires de Carv.º que eu lhe poderia explicar o funcionam.to, organização e valor das ditas Guardas, este veio aqui pedir-me informações.

Enganou-se, porem. Eu nada sei a respeito de Guardas Reais nem, francamente, me importo com tal assunto. O Padre exagerou o meu saber e esse exagero vai obrigar-me a escrever p.r o Arquivo Historico Militar e talvez para o Gastão de Melo de Matos

que é especialista a esse respeito. Mas, enfim, é dever o auxílio mútuo.

O Aires de Carv.º é homem dos seus 40 e tal anos, desempenado, mais alto do que baixo, moreno, com o cabelo já a branquear; é simpático, logo de entrada p.ª la desembaraçadamente.

Expôs-me o seu caso e queixou-se justamente das dificuldades encontradas nos nossos arquivos, da resistência dos seus diretores a qualquer busca mais íntima que vá mexer em documentação mesmo explorada, etc. etc. — queixas que eu de há muito conheço e que, segundo vejo, continuam para glória dos nossos estudos de investigação...

Gostei da visita do Aires de Carvalho que me ofereceu o seu volume recente sobre a escultura no convento de Mafra. E pareceu-me que a oferta surgiu depois de eu lhe falar em assuntos de arte e lhe dizer até q.º fui gravador em madeira; naturalmente julgava-me simplesmente.ª um coronel reformado com estudos de história militar e capaz de lhe dizer como estavam organizadas as guardas reais no tempo de D. Pedro II e D. João V.

Paz (Mafra)

Agosto : 15.

Cá estou eu, mais uma vez, a lembrar com certo enternecimento, o dia de festa que era antigamente em Coimbra, o dia de hoje, o dia da Senhora da Nazaré da Ribeira que se festejava no lugar da Ribeira de Frades, perto de Taveiro.

Encontrei há pouco, remexendo em Coimbra papeis velhos, um bocado de prosa escrito neste mesmo dia de há 49 anos: ou seja aos 15 de Agosto de 1908. Aqui o deixo ficar, já agora, como documento aliás sem demasiada importancia:

«A serenidade da tarde obrigou-me a sair de casa; o sol ao desaparecer por detraz da cidade, deixou um triste tom de suavidade em tudo e eu senti vagamente um desejo de ver a tristeza do campo e do rio. Desci á ponte: o verde triste das ervas entristecia o olhar, as oliveiras da encosta de além uniam-se na mesma côr escura do entardecer e as curvas das colinas para o poente recortavam-se num céu puro azul-verde de esplendido crepusculo.

Estava tudo duma absorvente beleza. Gente passeava, mas eu atravessei á pressa o largo e entrei na ponte. O areal do rio estava transformado num alegre e vivo arraial de onde subia, até acima, o ruido alegre do bulicio e o cheiro forte do peixe frito.

Ranchos estirávam-se ao longo da balsa dos salgueiros, cantando e dançando; outros, a meio da areia, comiam os restos da merenda tradicional; e os rapazes, atentos e firmes, segurávam os seus papagaios de papel, altos, muito altos, seguros por cordeis que a vista perdia de segui-los.

Ao longe, para os lados de S. Martinho, estalejavam foguetes. Era a tradição duma terra, ali, impando de alegria e satisfação; era o atavismo duma merenda no areal e dos papagaios de papel, ali, á minha vista triste.

Anoitecia; os foguetes, ao longe, já deixávam no céu umas lagrimas luminosas e crepitantes; sob os salgueiros acendiam-se fogueiras de folhas secas; e lá do alto, vagarosos, curveteando, começávam a descer esses divertimentos de papel de sêda e cana.

Vinha do areal a nota alegre da festa; havia descantes, desafios. Pela ponte começava

a desfilar gente que entrava na cidade, com os cestos vasios do farnel que foram comer a alguma sombra da encosta. Um ou outro carro passava cheio de gente que berrava, mostrando a todos que vinham bêbedos... Pelo ar havia o tom festivo do nosso povo em dias de romaria.

Ao longe, os foguetes aproximávam-se; cada vez se avisinhavam mais; ouviam-se uns vivas de alegria: era a bandeira da Nazaré que se aproximava. Havia um clarão na estrada; o rozear era maior. Do areal tudo correu, apagou as fogueiras e subiu á estrada alegremente. O rozear era mais forte; havia poeira no ar, em novelões; e começou então a desfilar uma procissão infindavel de carros, vindo á frente um com a bandeira da Senhora da Nazaré de Taveiro, hasteada por um homem de peitoras e ladeada por archotes. Seguiam-se os outros carros, gravemente, iluminados por archotes, afinhados de romeiros já bêbedos e mulheres q. cantavam um pouco esganiçadas.

Um Krupel de gente seguia os carros, em furiba-multa, aclamando a bandeira e a Senhora da Nazaré. Havia um rogo cheiro a vi-

nho; a fonte estremeceia; e lá seguiu tudo pa
ra a cidade, alegremente, com os vivas da
tradição e da ignorancia:

— Viva a Mãe-Santissima!

Fiquei-me na fonte e só depois voltei
a casa, lembrando-me, com saudade, de q.
ha anos já não passo este dia em Coimbra.»

Como se vê, prosa fraca mas com
pretensões. Vai como a encontrei, não alte
rei uma palavra.

E' certo que eram notas ao correr da pe
na e sem revisão; e como Val aí ficam, pe-
lum documento de que a festança da Nazaré
da Ribeira sempre me impressionou desde
os tempos de creança e da minha preocupa
ção de prosa descritiva a propósito de qual-
quer coisa que visse e lisonjeiramente me fe-
risse os sentidos.

Paz (Mafra):

Agosto: 20

Hoje apareceu aí um coronel de Enge-
nharia na reserva, de nome Baptista, creatu
ra que se especialisou no conhecimento das
Linhas de Torres, desde o tempo em que foi

director do arquivo da sua arma. E' homem falador, com certa viveza dogmatica que me deu ha annos a impressão (quando o conheci) de que era um tanto ou quanto superficial pa ra não dizer mais ou menos aldrabão...

O coronel veiu á Paz porque vinha to. mar posse do forte desmantelado que aqui houve e ácerca do qual eu fiz em tempo um artigo humoristico. A direcção da companhia resolveu restaurar todos os fortes das linhas alegando que os actuais proprietarios não tinham qualquer direito a elles embora hou vesse escrituras e registos nas Conservato. rias... E assim já foram intimados os proprietarios a declararem que perdiam ou abandonavam os seus direitos.

Perante qualquer expressão de duvida que mostrasse, o coronel Baptista, espetan. do o dedo indicador da mão direita, atirou-me com esta frase irresponsavel:

— A propriedade do Estado é inalienavel e imprescritivel!

Eu deixei-o falar, enquanto um capi. tão do quadro dos trabalhos geodesicos ia pro. curando identificar o relevo do forte ha m.to arrazado para effeito de cultura.

E ia perguntando a mim mesmo porque é que a Direcção da Engenh.ª se lançou no afan da restauração de centenas de fortes em que se devem enterrar centenas de contos sem proveito de maior. E a unica razão que encontrei foi a de dar ao coronel Baptista, falador e aldrabão, um tempo indeterminado de ajudas de custo. Como passou á reserva os proventos diminuiram e o director da arma, seu amigo intimo e condiscipulo do curso, deu-lhe a compensação...

Será ou não será assim. Não quero levantar falsos testemunhos; o q. escrevi é mera hipotese.

E o que é certo é que m.tos proprietarios que compraram, com o seu dinheiro, aqueles terrenos, são obrigados a declarar que lhes não teem direito...

Paz (Mafra)

Setembro: 18.

Fui hoje a Lx.ª comprar uma funda á Casa Barrére. Ha dias surgiu-me, para entreter, uma ponta de hernia. Mais um achaque como outro qualquer. E' necessario q. os velhos tenham com q. passar o tempo.

A vida, com achaques e com incómodos seria uma coisa muito insulsa...

Ainda bem que há doenças!

Lisboa:

Outubro: 3:

Vim a Lx.ª celebrar os meus setenta e oito anos. E mais nada...

Se chegar aos oitenta, tenho que fazer longo discurso acerca da vida passada. Esperarei com paciencia para daqui a dois anos — se não houver novidade.

Lisboa:

Outubro: 5.

Mais outro ano que passa e tudo na mesma.

De Coimbra, o Dr. Fernando Lopes convidou-me, há já muitos dias, para uma reunião preparatória de republicanos, com o fim de estabelecer um programa de comemoração. Se estivesse em Coimbra compareceria se bem que, scéptico como estou, não vejo vantagens nestes actos.

Mas enfim, dizem eles, é para manter algum entusiasmo e não deixar cair de todo

alguma fé que ha ainda e alguma esperança, num futuro melhor.

Pode ser q. seja assim. E oxalá que assim seja. Como vivo quase isolado e não sei o que se passa, é natural que o meu scepticismo não tenha tanta base como julgo.

Assim será.

Lisboa:

Outubro: 19.

Morreu ontem o Vitorino Guimarães, vitimado por enfarte do miocardio segundo os jornais.

Mais outro que desaparece. E este era uma das boas figuras da Republica; sem alardes, sem tocar a campaínha dos curandeiros de feira, sabia o que estava a fazer e era estruturalmente honrado.

Foi meu contemporaneo na Escola do Exercito; e aconteceu que em certa altura nos encontrámos na enfermaria escolar, em camas quase juntas, atacados de ligeiro ataque do que então se chamava "influenza" e hoje, creio, se chama "grippe."

Era amigo dele e considerava-o muito e com toda a justiça.

Lisboa:

Novembro: 15

Mandei hoje ao Nicolau da Fonseca esta carta que se segue:

« Muito Pres.do Amigo: Leio com muito agrado os seus artigos no Despertar e ultimamente, com o maior aplauso, a sua defesa da estátua do Fernandes de Sá. Nunca as mãos lhe doam! Já estive para descer á liça; mas desisti porque receiava ser bruto... O caso já está a pedir o estadulho do José Agostinho de Macedo ao do Camilo — e eu já me sinto com pouca disposição para torneios. — Ponho na minha que esta aversão á estátua veem indirectamente da má vontade á memoria do António Dup.to Gonçalves. Este é que a tirou da arrecadação do Museu Militar; este é que a defendeu sempre e a colocou bem á vista do respeitavel publico. A coisa deve ir daí. — E viva a Companhia de Jesus por muitos anos e bons! — Sois meu caro: nunca as mãos lhe doam ou, mais profriamente, nunca a tinta lhe pégue na caneta. E com um abraço, etc. etc. »

Trata-se da estátua de Camões do escultor Fernandes de Sá que o Gonçalves fôr á ~~este~~ entrada do Museu Machado de Castro e depois mudada para o jardim á beira do rio. Agora queremos-na tirar de lá e colocar no jardim o busto do Manuel Braga.

Na verd.e no jardim não caberiam dois grandes homens...

Lisboa:

Novembro: 21

Resolvi, finalmente, entregar o meu infeliz Saldanha á livraria Sá da Costa que todos dizem ser casa séria e capaz de negociar com honradez.

Foi um dos filhos do velho Sá da Costa, o João, licenciado em Letras que me atendeu e, devo dizer, m.to afavelmente, ante-ontem. Hoje voltei lá p.a saber da resolução do dono da casa que aceita e aconselha-me a elevar o preço de 80$00 que eu calculara para 100$00.

Ficou pois assente eu mandar-lhe desde já 50 exemplares q. eles venderão com a percentagem normal de 30%. Ganharei assim em cada volume que se vender (se se vender) a modica quantia de 70$00.

E aqui estou eu reduzido a uma renda hipotética e difícil e a ganhar, por cada exemplar que por acaso seja comprado por algum maduro, a quantia de 70$00.

«Que exemplos a futuros escritores!» disse Camões[1] com carradas de razão. E andei eu a pensar nesta obra anos e anos seguidos, com interesse e muitas despesas!

Lisboa:

Novembro: 23.

Jantei ontem em casa do marquês de Saldanha, D. José Maria Saldanha de Oliveira Dáun. A primeira compensação para o trabalho e contrariedades que o ensaio acerca do Marechal me causáram... Um jantar!

Foi o caso que, aí por Setembro, recebi carta dum senhor D. José de Oliv.ª Dáun solicitando informação sobre a livraria onde poderia comprar um exemplar da m.ª obra para poder oferecer ao pai, bisneto do grande Marechal. Respondi amavelmente e disse que, como se tratava de netos do Duq. de Saldanha, lhe ofereceria um exemplar com m.to prazer.

---

(1) Os Lusiadas, c. VII, est. 82.

Agradeceram logo com uma carta amavel e, já eu aqui estava, em Lisboa, no mês de Outubro, foram, pai e filho, á Paz para pessoalmente agradecerem e me conhecerem.

Perante estas provas de reconhecimento resolvi-me de ir ao encontro deles, desde q. vim conhecim.to da visita q. fizeram á Paz. E assim, ha dias, já, fui á rua dos Fanqueiros onde os dois teem escritorio de societ. com o velho aviador Bleck; fui recebido com certo calor e distinção que por um que por outro.

O pai, homem dos seus 60 annos, tem modos simples; disse-me que ele, como descendente directo do Marechal, tinha uma grande divida para comigo, divida que nunca poderia, pois o meu trabalho era um monumento, etc. etc. E de conversa em conversa veiu a dizer-me que usava o titulo de marquês porque o de direito (a q. aliás tinha direito) era alto de mais e, alem disso, titulos nobiliarquicos sem dinheiro não faziam sentido... E confessou-me que o pai, o conde de Almoster, oficial de Cavalaria, quando morreu, em Africa, trucidado num combate com gentio em 1897, deixou apenas cinco filhos e... o titulo. De modo que todos tiveram que se lançarem ao trabalho.

Quando me despedia, solicitou-me um favôr. O favôr era o de aceitar um jantar em casa dele — como insignificante jiro da dívida que contraira... E disse-me tudo isto com um ar tão modesto e até posso dizer de humildade que tive de lhe dizer que sim apesar de contrariado.

O certo é que ontem lá fui eu com minha Mulher ao 4º. andar da Avenida de Elias Garcia nº. 144 onde a marqueza nos recebeu com afabilidade sem excluir o aprumo inerente ao título... Foi, contudo, muito bem passada; um jantar simples, sem complicações para plebeus; e depois da refeição, numa casa de estar com excelentes poltronas, confessou-me que certos parentes o troçam um bocado por ele se ter monarquico constitucional e chamam-lhe, embora afectuosam.te, liberalão por conta do avô Saldanha a cuja memoria ele é fiel. E acres centou que o meu livro vai dar ensêjo a lançar-lhes ~~[illegible]~~ em rosto (aos parentes) a minha obra para eles se convencerem do valor desse marechal liberalão que os integralistas agora querem afoucar.

Enfim, o meu trabalho vai ser a acha de combate do bis-neto do Saldanha contra

o Integralismo Lusitano... Ainda bem e oxalá que desse combate político muito a procura do livro...

Seria ½ noite quando saímos da casa acolhedora onde, verdadeiram.te, encontrei a primeira consolação de autor do trabalhoso estudo sobre o Saldanha.

E pareceu-me sincera a homenagem que o bis-neto quis prestar ao reabilitador do bis-avô. E confesso: gostei.

Coimbra:

Dezembro: 19.

Recebi hoje um ofício do comand.te da polícia de Coimbra, em termos m.to amáveis, solicitando-me um retrato meu tirado em 1910 ou quadra próxima do período «em que V. "Ex.a tão distintamente desempenhou as funções» de comissário de polícia.

Pelo que se vê o major Américo Osório e Cruz quer organizar uma galeria dos comissários e comand.tes da polícia de Coimbra e, honra lhe seja, não se limita aos homens de 28 de Maio para cá; quer ir, pelo menos, até aos "ominosos" tempos de 5 de Outubro.

Ao menos... valha-nos isso.

Aure assim uma excepção honrosa a intolerancia desta gente. E daí, quem sabe? não serão sinais dos tempos? (1)

Coimbra:

Dezembro: 31.

Acaba hoje o ano. Eu estou doente não só fisicamente como moralmente. A vida torna-se-me cada vez mais pesada e cada vez me sinto com menos coragem para suportá-la.

Que fazer?

E depois este continuo vai-vem de Coimbra para Lisboa, de Coimbra para a Paz, da Paz para Lisboa, etc. etc. que me não deixa o espirito tranquilo, mais ajuda a tornar a vida pesada e desagradavel.

Aqui tenho em frente um pequeno mapa em que assentei as minhas andanças durante o ano; acusa o tempo passado:

Em Coimbra:	208	dias
" Lisboa:	62	"
Na Paz:	95	"
Soma:	365	"

(1) O oficio vai adeante a pag. ...

E assim se passou o ano, ora aqui, ora ali, ao sabor... nem sei de quê!

Mas adeante.

E já agora não fecho as notas relativas a este, para mim, malfadado 957, sem deixar algumas que desejo mencionar.

A onda ultramontana cresce a olhos vistos, sem rebuço, descaradamente, com verdadeira impronencia e altivez. Onde iremos parar se assim se continua, em ritmo acelerado, como é patente a todo o momento?

De ver em quando batem á porta cartas damas solicitando assinatura ou quotização para certa obra «de caridade», ou para «capa de pobres» ou para a estátua do Cristo-Rei ou para mil e uma empreras da Igreja encobertas com qualquer capa de bem-fazer.

Na caixa do correio aparecem, tambem, papelinhos como dois que deixo, arquivados, neste volume[1]. Muitos outros se têem perdido mas é uma constante chover de solicitações para isto e para aquilo, e se as solicitações são feitas pessoalmente, são-no sempre com pa-

---

[1] cf pag. 419. e 420.

risos acariciadores, modos blandiciosos para agradar e tornar difícil a recusa.

Há dias fui abordado na rua por três raparigas que traziam ao peito qualquer distintivo; queriam que ficasse com uma quota para não sei o quê que mal ouvi e nem quis saber o que era.

E assim por diante.

Não vale a pena insistir. Faria mal ao fígado que já não anda grande coisa.

Outro assunto:

Há tempo encontrei na rua o Dr. Abel Lopes de Almeida e Sousa, actualmente sub-director do Arquivo da Univers.ª. Bom homem, creio que pário, muito das direitas mas de espírito tolerante. Gosto dele e converso com ele sempre á vontade.

Na conversa meti á baixa o Arquivo. Como eu me queixasse de que agora é difícil fazer-se qualquer consulta que não seja relativa a assuntos corriqueiros, o Almeida e Sousa desabafou... O que ele disse do director e da mulher já eu mais ou menos sabia; agora, porem, fiquei-o sabendo por quem está de dentro e não afirma o que não é.

O Arquivo é um feudo do Dr. Mario Braudão, da mulher e do Guilherme Bernardino, o mais antigo empregado; o sub-diretor e os conservadores não estão autorizados a mexerem em qualquer secção sem licença expressa e se algum consulente requere documentos que aquele Triumvirato ainda não viu ou entende não ver, a requisição não é satisfeita.

Eu, na verd.e, nos ultimos tempos, sem embargo das amabilidades do dito Triumvirato, noto que o segredismo do Arquivo anda muito acentuado; requeiro umas coisas e vem outras; pergunto por isto e vem aquilo; para tudo ha dificuld.e e ignorancia.

Emfim... é mais ou menos o reflexo do que se passa na Torre do Tombo e creio que noutros arquivos.

E o bom Almeida e Sousa, solicitando-me sigilo, desabafou. E mais ou menos faz ça as principais culpas para a mulher do diretor, a Ligia Braudão, antiga arquivista da secção dos manuscritos da Bibliot.a universitaria, já nesse tempo considerada falsa e volavel. E' possivel. O Dr. Mario Braudão creatura que, segundo se dizia, fôra conside-

UNIVERSIDADE LAVRARIA

rado abotémio, caiu na esparrela que a rapariga lhe armou; e assim ela encobriu facilmente faltas antigas e subiu a esposa de um doutor de capêlo...

Coisas da vida, ou melhor: a grande comédia da vida.

E para acabar bem o ano uma anedota que ha tempos ouvi contar ao Dr. João Pereira Dias, quando no Instituto se faziam horas para uma assembleia geral. O caso é verdadeiro porque o Dr. Pereira Dias assistiu como sempre assiste a tudo quanto cheire a excursões, sessões solenes, jantaradas, etc. etc. E faz ele muito bem.

Mas vamos ao caso: ha anos o Abade do Baçal, o Pe Francisco Manuel Alves, foi pelo governo agraciado com qualquer grau de qualquer ordem honorifica, certamente a de Santiago. Fizeram-lhe uma festa, os amigos, e convidaram um ministro a ir entregar a ensignia ao bom do Abade.

Este recebeu o ministro e os manifestantes na sua casa rustica de Baçal; e na ocasião em que o representante do governo lhe ia a impôr o colar com a medalha, deu-se

por qualquer inadvertencia, o imprevisto da queda do colar e da medalha [redacted] sobre o sobrado da casa. O Abade, sobresaltado, levantou os braços com ar de desolação e disse para o ministro:

— Ah! senhor ministro! Lá se partiu o chocalho!...

O bom do P.e Francisco Manuel Alves lá lhe pareceu que iam pendurar-lhe ao pescoço um chocalho...

Bom Abade: fizeste com que acabasse este malfadado ano de 57 com o teu dito de fino espirito; sem quereres e sem má intenção largaste uma grande verdade!

1958

Coimbra:

Janeiro: 15.

Começo o ano por mencionar a morte do Júlio Vieira de Figueiredo Fonseca.

Mais um da m.ª geração que desaparece. Éramos, mais ou menos, da mesma idade e conhecíamo-nos desde as escolas primárias. Gostei sempre dele, carácter firme, desempenado, com laivos de intransigência e capaz de dedicação por suas ideias como por suas amizades. Levava uma apreciável debaixo de muitos aspectos e assim foi, pode dizer-se, respeitado por todos e estimado por quase todos.

Feitio alegre, com certo optimismo, gozou a vida, enquanto saúde e tirou dela bocados que lhe não esqueceriam nos últimos tempos quando as doenças o não perdoam e deveriam atormentar á farta.

Como medico, conhecia bem o seu estado; sentiu aproximar-se a morte e recomendou com insistencia que o enterrassem civilmente.

Manteve o seu aprumo até ao fim.

Estive em casa dele até á saída do corpo; não o acompanhei ao cemiterio porque foi o primeiro dia em que saí de casa depois da maldita bronquite que me persegue; mas vi a concorrencia de individuos de todas as classes, posições e partidos que acorreram. Não era multidão espectaculosa; mas muitas dezenas de individuos que o estimavam e o consideravam.

E com este bom Julio Fonseca, lá vai mais uma das ultimas amarras...

Coimbra:

Janeiro: 22.

Apareceu-me hoje aí o Dr. Alvaro da Costa Simpão para, segundo disse, descarregar a consciencia a ~~[illegible]~~ respeito da garrettana do Ferreira Lima.

Parece-me que não fiz aqui referencia na devida altura ao falecim.to inesperado da D. Maria Lina, filha do Ferreira Lima, casada uns poucos anos com um medico estomatologista Artur Vaz Barreiros. Na altura em que

gravara com intensidade em Lisboa a mal-dita grippe asiatica, a D. Maria Lina foi atingi-da gravemente por ela; o medico para atacar o mal com resolução deu-lhe qualquer injecção forte para saber que a doente estava no seu pe-riodo menstrual; ao terminar a injecção a po-bre rapariga caíu para o lado morta.

Eu estava em Lx.ª e fui ao seu funeral; impressionou-me Vido: era amigo dela e estimára-a sinceramente.

Dias depois, visitando o marido, disse-me este que a mulher deixára testamento e le-gára a livraria do Pai á Faculd.ª de Letras da Uni-versid.ª de Coimbra e juntamente os moveis que pertenceram a Garrett, quadros, gravuras, etc. E acrescentou que queria cumprir religiosa-mente a vontade da mulher, que ia oficiar á Faculd.ª e mandar copia do testamento para li-quidar com Reitor.ª o assunto.

Eu fiquei satisfeito com a resolução da D. Maria Lina; via-a sempre indecisa a tal res-peito, preocupada entre cumprir os desejos do Pai e certas duvidas que no seu espirito se le-vantavam acerca da maneira de os cumprir.

Ora o Costa Pimpão a quem mais interes-sava o assunto como professor de Literatura

mal teve conhecimento do caso por via oficial, correu a Lisboa e obteve do ministro a verba de 50 contos (salvo erro) e autorização para dois catalogadores da sua Faculdᵉ irem logo a Lxª fazer catálogo sumario do legado.

Corria assim tudo mᵗᵒ bem quando os catalogadores que, segundo diz o Dr. Pimpão, lhe merecem toda a confiança, começáram a dar noticia do Dr. Barreiros sair normalmente de casa com pacotes de livros em especial da secção garretteana. O Costa Pimpão, alvoroçado, correu a Lxª com qualquer pretexto e procurou o Barreiros com quem falou e encontrou mudado, pondo certas resistencias, apresentando duvidas e procurando saber quanto valeria a livraria com alegação de que necessitava informar a Fazenda Nacional, etc. O Costa Pimpão veiu de Lisboa desolado; resolveu vir aqui contar-me o caso e ouvir-me... O que haverá por detráz da mudança de atitude do viuvo da D. Maria Lina? O que terá ele desviado da garretteana? E com que fim?

O Dr. Costa Pimpão estava aborrecido com isto tudo e a ver que a Universidᵉ terá que recorrer aos tribunais; e até para essa hipo-

Isso já procurou aos professores da Faculdade de Direito a quem expôs resumidamente o caso e entrepôs a possível intervenção.

Francamente, não sei o que pense a respeito do médico Barreiros. Vi-o abatido, nos dias seguintes á morte da mulher, afirmando que cumpria religiosamente o testamento e qualquer outra vontade da D. Maria Lina. Mas o tempo foi passando e quem sabe que influencias andarão á volta da creatura que me parecia não ser espiritó forte?

Vamos a ver.

Coimbra:

Fevereiro: 5.

Ha tempos, não me lembro quando foi, o Dr. Manuel Lopes de Almeida pediu-me autorização para publicar no Boletim da Biblioteca as Cartas do Infante D. Pedro á Camara de Coimbra, ultimamente procuradas parece que com certo interesse.

Eu disse logo que sim e dei um exemplar que tinha para servir na Tipografia; escrevi uma nota-prefácio para explicar como nos veio a ideia da prim.ª publicação ao mesmo tempo que contava as vicissitudes por que

passou o trabalho. Ora as Cartas foram já publicadas no vol. 23 do Boletim ha pouco distribuído; e hoje recebi 50 separatas oferecidas pela Biblioteca.

É sempre motivo de satisfação receber qualquer obra impressa e esta vem lembrar outros tempos, de ha cerca de 35 anos — uma vida inteira!

Ha dias, arrumando papelada antiga, encontrei o rascunho duma carta escrita ao Dr. Joaquim de Carvalho, de Lisboa, e, segundo uma nota á margem, escrita na Torre do Tombo — pelo menos o rascunho.[1] Como achei a carta curiosa, vou transcrevê-la; sempre documenta a tarefa.

« A carta de V... que me penhorou muito, produziu-me o efeito que daria a um cardiaco a ordem de subir, dum trago, ao zimborio da Estrela... Fiquei, com o convite atencioso em estremo, um pouco assombrado — pois neste silencio da Torre do Tombo entre senhores bispos e padres do Oratorio a que já me habituei ha uns dez dias, tudo convi-

---

[1] Datada de 13 de Novembro de 1922.

da a não ter grossas. O convite de V... que eu aceito com prazer e desvanecimento, tem esse contra: impõe uma ligeireza de trabalho a que eu não estou habituado e que, creio, não condiz muito com a grandeza do assunto.

«O meu trabalho é sempre vagaroso, pesado, talvez porque receio dar um passo em falso e não me arrisco á fantasia.

«Assim, dizer já a V... que terá as cartas do Infante D. Pedro para o 1º fasciculo dos meus Arquivos (por cuja ideia e emprehendimento o felicito calorosamente) será um pouco arriscado. Se o que fôr publicado se limitar ás cartas á Câmara de Coimbra cuja leitura está feita e apenas falta rever e corrigir e desdobrar as abreviaturas, bem poderá acontecer q. figurem no 1º fasciculo — apesar de eu precisar tempo e vagar para a revisão, e socego e saber para uma nota de preambulo.

«Mas se V... deseja que ele abranja toda a obra administrativa e politica do Infante, então desde já digo que não é possivel fazer um trabalho desses senão depois de muitos de afinco. A Chancelaria de D. Afonso V, nos livros q. não até Alfarrobeira estão cheios, como é facil de calcular, dos diplomas emanados do

Regente e muitos deles confirmados depois da sua morte pelo Rei; é um nunca acabar de documentos para a escolha e copia dos quais me não chegávam estas escassas duas ou tres semanas que por aqui estarei. Ha até mais documentação do Infante neste labirinto mas que não encontraria logo e talvez mesmo não encontrasse em tão pouco tempo devido á falta de catalogação, á ignorancia do pessoal superior e inferior relativo ao recheio menos corriqueiro do Arquivo e ainda á nenhuma importancia pessoal deste seu creado que não tem merecimentos para sentir ao lado um funcionario que elucide — como vejo acontecer com certas cavalgaduras brazonadas que aqui chegam e vêem procurar avós ilustres á falta de outra coisa.

« Ora pois, volvendo ao fio, teremos de optar pela primeira hipotese: as Cartas á Câmara conimbrigense. Eu volto para Coimbra no fim do mês; se o prim.º fasciculo não sair senão lá para ~~[illegible]~~ Fevereiro ou Março, póde V... marcar lugar para as Cartas se bem que a autoridade do copista não dê honra aos Arquivos. Se, porem, o original tiver que ficar pronto em Dezembro, então confesso que não

sei se darei conta do recado — a menos que o Ministro da Guerra me autorise a não fazer coisa nenhuma...

«Aqui está a resposta que me fôde com a maior franqueza. Reconheço, intimamente agradecido, que V... me teem querido fazer aparecer de forma m.to honrosa; entendo, porem, que não devo comprometer a boa intenção nem desmerecer os creditos em q. me teem.

«Muito obrigado por tudo e espero sempre as suas ordens, etc.»

Na Nota preambular desta 2ª edição conto os pormenores da tarefa e na colecção das cartas conservo as que me escreveu o Dr. Carvalho. Tudo para a história...

Coimbra:

Fevereiro: 16.

Mandei, em tempo, á filha do meu condiscipulo e amigo Saturio Pires, um exemplar do Soldadinha. Esta senhora vivia com ele e era a sua ajudante nos trabalhos desde que começou a faltar-lhe a vista. É' creatura inteligente, muito viva, creio que bastante culta e interessou-se tambem muito, como o Pai,

pelo meu estudo acerca do Saldanha, e ouviu algumas leituras que fiz de certos capítulos em casa deles. Por vezes isto, ofereci-lhe um exemplar que ela me agradeceu em carta amavel e reconhecida.

Acontece, porem, que nessa carta me pede para eu rever um artigo histórico que escrevera acerca da Legião Portuguesa e ainda para a aconselhar...

Que lhe havia eu de dizer? É claro que disse que sim com as palavras de modestia nas Vulgais em Vais casos. E o certo é que ha dias apareceu-me aí o artigo em folhas dactilografadas e nova carta solicitante.

Na verd.e ela tem certa graça a escrever e mostra desembaraço; o artigo, porem, para pouco vale, um tanto ou quanto enfático e que se vem falar na Legião. Ressente-se da maneira de escrever do Pai e das preocupações patrioteiras actuais — mas não deixa de mostrar facilid.es no manejamento da prosa.

Vim de lhe responder e fi-lo com a carta que vou transcrever e que mandei hoje:

«Li com atenção o artigo escrito por V... em que se ressente o estilo nervoso e incisivo

do seu Ilustre Pai e meu Condiscípulo Amigo. E como V... confia generosamente na minha opinião, aqui vai pois a minha dúvida.

«O artigo é interessante pela forma literária e por evocar, de começo, a figura do general Bégin como têma de trabalho; mas, de facto, a segunda metade do artigo em que provavelmente se refére á nossa Legião merecia maior desenvolvimento. A referencia aos serviços desses militares portugueses integrados no Grande Exercito e que assistiram a um dos maiores espectaculos do Tempo, é muito restrita; seria justo certa ampliação embora pequena mas o suficiente para fixar no leitor a melhor compreensão do que foram esses grandes episodios que os humanitarios com razão reprovam mas depois, pela sua grandeza, os artistas tão bem aproveitaram.

«E V... tem facilidade em dar uns retoques e dar maior relevo á intervenção portuguesa pois vejo bem que maneja a prosa com vivacidade e destreza; e com uma ou outra consulta rapida das memorias do Tempo e de estudos correspondentes (de que tomo a liberdade de mandar uma pequena nota) o artigo ficaria excelente.

« E' certo que V... não quer fazer artigo erudito; creio ver nele a intenção de mero prazer mental em que evoca de fugida o valor dos estudos paternos — seguros, sem favôr, e de grande probidade. Mas isso não tira a que com mais uns periodos se desse maior relevo á acção dos militares portuguezes.

« De mais, m.ª Senhora, numa revisão cuidada se eliminariam certas grathas da maquina para evitar outras mais graves da tipografia.

« Creia V... que lhe estou m.to grato pela prova de confiança; e se eu conseguir, dentro em breve, ir uns dias a Lx.ª e se V... me autorizar, teria m.to prazer em pessoalmente expôr estes meus modos de ver. Caso não vá, queira V... sempre dar as suas ordens ao que é, etc. etc. »

E aqui está como se salva um cidadão qualquer duma andança da vida. Coisas que acontecem e de que é dificil livrar.

Vamos a ver o que ela responde e se ainda vem com mais algum pedido — a que alias gosto sempre de responder

Lisboa:

Fevereiro: 21.

No jornal República de ante-ontem vinha uma entrevista com o escritor Fernando Namora acerca do livro português, sua expansão e importância social do escritor. A entrevista é curiosa e termina por definir o que é o escritor em Portugal; não resisto a deixar aqui o recorte — que me parece oportuno.

> —Ele é uma excrescência apenas tolerada, às vezes sem grande indulgência, e o seu trabalho não usufrui, nem de apoio, nem de prestígio. O público precisa de ser impressionado, antes de dar a sua adesão: lê o escritor estrangeiro porque sabe que, lá fora, o escritor é um profissional respeitado e... remunerado; é-lhe difícil oferecer o mesmo tratamento a um escritor que, ali a seu lado, se lhe apresenta como um lunático amador das horas vagas, gastando-se numa tarefa inglória a que ninguém dá o direito de cidadania. O público só lerá o escritor português quando o reconhecer um profissional, quando souber que o trabalho literário tem os direitos e as compensações de qualquer outra actividade merecedora de crédito... —

Na verd. o escritor é «uma excrescência apenas tolerada...» Aqui fica para lembrança não do juízo do já notável romancista mas da minha reacção ou, se preferirem, concordância com esse juízo.

Sinto, pelo pouco que sei como escritor, a verdade destas afirmações. E talvez ele não dissesse tudo o que queria.

Lisboa:

Março: 5.

Ontem, ao receber á tarde a Republica e ao abri-la com a pouca curiosidade com que abro os jornais, vi logo na primeira pagina a noticia da morte do Afonso Duarte.

Sabia-o muito doente; vim para Lisboa sem o ir ver á casa de saude onde estava em tratamento e disso trazia certa mágoa agora transformada em remorsos.

Desapareceu o Afonso Duarte como outro qualquer mortal!

Ao envelhecer, estes desaparecimentos não são banalidades. Lembro-me, quando era rapazote do Liceu, da impressão que me fez a morte dum condiscipulo chamado Carlos Augusto das Neves Rocha, bom e simpatico rapasinho, ou do professôr de Desenho na Universidade João Rodrigues Vieira, amigo da familia que eu respeitava como representante do Grupo de Leão de que tantas vezes ouvi falar em casa a meu tio Albino da Silva e aos artistas e homens de letras que lá se reuniam. Mas, nesse tempo, a impressão recebida era diferente como o foi com outras

mortes ao longo da vida. Agora, o caso é outro; e não se trata só desaparecimento do homem que indubitavelmente marcou o facho da Poesia em Portugal, mas também da pessoa dum velho amigo que eu muito estimava e admirava, resto de amizades de tempos passados quando a vida era outra coisa bem diversa.

Ha pouco, na Terceira, morreu o Luís Ribeiro, companheiro de há cinquenta anos com quem mantinha correspondência epistolar cheia de interesse e boa camaradagem; recentemente, o Julio de Figueiredo Fonseca, patrício e condiscípulo desde o Liceu, criatura ajuizada, de rara coerência moral; agora, este alto Poeta que eu conheci há mais de meio século, simples e irrequieto estudante de Ciências, fardado de soldado de Cavalaria.

Assim se vai fazendo o vazio, em redor, numa altura em que se torna mais necessário todo o amparo moral, em que a vida deveria correr sem sobressaltos causadores de abalos físicos. Mas assim é, infelizmente, o contínuo perpassar dos dias, das semanas e dos meses. E como não posso ir à Ilha dar o último adeus ao Poeta e ao Amigo, não só

porque, longe como estou, não chegaria a tempo, mas tambem porque me sinto inválido neste momento com ameaças da maldita bronquite que me persegue, irei deixar aqui, ao menos, neste «meu tão certo secretario» um ligeiro desabafo de mistura com uma ou outra lagrima que a sensibilidade senil obriga a trazer aos olhos.

Conheci-o em estudante, era eu já tenente, num trimestre (ou quadrimestre) em que os alunos militares estiveram adidos a minha companhia no regimento 23. Afonso Duarte deleixava-se um pouco no fardamento; estou ainda a vê-lo com a fardeta larga, mal talhada, despreocupado do rigor exigido pelo comand.te da companhia. Eu chamava-o, assim como a outros, para o livrar dos inevitaveis ralhos e possivel castigo do capitão e dava-lhe conselhos e ás vezes ordens embora encobertas com boas palavras.

Destas chamadas e de ligeiras conversas veiu o conhecimento do Poeta já então saliente entre academicos pelo seu elevado espirito desempenado e pelo republicanismo calmo é certo e sem alardes, mas seriamente convicto.

Fiquei gostando dele; o seu olhar vivo, a maneira franca e clara de expôr, o desembaraço com que falava, impuseram-no facilmente. Passou o tempo, ele entrou no professorado já com o nome conhecido pelas suas poesias sãs, viris, sem sentimentalismos e com certa originalidade; e então nesta discreta convivencia temperada por certo acanhamento da minha parte desde que notei o seu valor intelectual e conheci a expansão da sua obra poetica que a critica ia acolhendo com justiça e aplauso. Mas ele continuou sempre a ser o mesmo; a ascenção no conceito geral não o perturbou e a sua correcta amizade manteve-se inalteravel.

Ai por 1911 surgiu a ideia duma revista literaria com feição moderna, de moldes novos, centro de um grupo de rapazes poetas, prosadores e artistas que andávamos por Coimbra, naquele periodo do regime republicano promissôr de novos rumos para a Literatura e para a Arte.

Alguma coisa a este respeito se discutiu em minha casa; tenho certa vaidade em me lembrar de que no meu escritório a futura Plajada teve alguma parte dos seus

alicerces; e que mele o Afonso Duarte me convidou a ser colaborador. Eu excusá-va-me, alegando a idade em relação á da rapaziada reunida; eu considerava-me já velho com os meus 32 anos e, demais a mais, sem antecedentes justificativos de colaboração em revista de alto nível.

Até aí, a minha actividade intelectual limitava-se a pequenos artigos de vulgarização histórica e andava, ao tempo, embrenhado no meu primeiro trabalho de investigação de história militar — que, por circunstâncias várias, creio eu já contadas nestes diários, me desviaria progressivamente da minha natural tendencia.

Contos largos.

Mas, enfim, o Afonso Duarte lançou em Março de 1912 a revista Rajada em que reuniu notável grupo de rapazes: uns que andavam por Coimbra, outros de fóra a que juntou escritores já mais velhos e conhecidos. Assim, dos rapazes que andavam por Coimbra, cito: o Virgilio Correia já então conhecido pelo «Virgilio dos cacos», o Augusto Casimiro, alferes há pouco chegado da Escola Prática de Mafra, o Nuno Simões, estudante de

Direito, o Veiga Simões, cheio de vida e de atrevimento, o Manuel Eugenio Massa, tambem estudante de Direito, neurasténico, sempre tristonho, o João de Lebre e Lima, tambem de Direito, futuro diplomata; dos de fóra da terra cito: o Mario Beirão, o Manuel Laranjeira, do Porto, o Joaquim Manoo já então em Lisboa, o Manuel de Sousa Pinto; e de literatos mais velhos cito: o Jaime Cortezão, medico, ainda indeciso acerca do rumo de vida, o João de Barros, já em Lisboa em qualquer cargo de relevo, o João de Deus Ramos, sempre absorvido pela obra do Pai, o Joaquim Agostinho, professor primario, q. usava o pseudonimo de Joaquim de Almeara, etc. etc.

Dos artistas reuniu o que havia de melhor em gente nova: o Almada Negreiros, o Correia Dias, o Batha e Melo, o Luis Filipe Rodrigues e o Cristiano Cruz que deixaram na revista belissimos desenhos e caricaturas.

Fui, então, quase por imposição do Afonso, colaborador da revista. Mas remitente como então era, a pôr o meu nome no que escrevia, obsecado por qualquer complexo de inferiorid.e (que aliás nunca me abandonou) escrevi uma Carta assinada por Estevão Cor-

reio e dirigida ao Afonso Duarte, brocado de prosa a querer ser boa peita e a transbordar de auto-biografia... Lá ficou no nº 2, do mês de Abril, a pag.ª 22-25.

E depois ainda lá deixei outro artigo no nº 4, de Junho, a pag.ª 31-32, simples nota bibliografica respeitante ao livro D. João de Castro do Manuel de Sousa Pinto, desagradavel e cortante que, segundo ouvi dizer depois incomodou bastante o simpatico autor da Evaridade. De facto, a nota que escrevi, era tam boa que um tanto ao quanto auto-biografica, produto do mau humôr que a Carta citada acima revelava discretamente.

Bons tempos.

O Afonso Duarte acolhia com alegre tolerancia os meus escritos. Cheguei a escrever uma outra Carta desta vez dirigida ao Virgilio Correia, puramente literaria, para ser publicada mais adeante; ficou, ficou, guardada [1] pois a revista não passou de cinco numeros — hoje colecção rára e apreciada, como precioso documento duma geração que bastou impôr-se mas á qual o auditorio fa-

---

[1] No vol. II das Cartas, a pag. 192.

lhou não sei por qual motivo. E foi pena pois havia nessa geração rapazes de valor.

Depois veiu a guerra. Afora as inquietações naturais em todos nós, vieram as mobilizações; o Afonso Duarte foi mobilizado para o Campo Entrincheirado de Lisboa onde esteve sossegado e, dizia-me, muito bem tratado, até ao armistício. Mas a verdade é que se poderá perguntar o que seria o Poeta no meio daqueles artilheiros do Campo, mais ou menos mitos varões? Ele contou-me episodios da sua permanencia ali, mas eu já os esqueci; ficou a impressão vaga, pelo que contava, de que o consideravam e respeitavam — mas o que é que iria no intimo daqueles militares de grosso calibre perante a delicadeza e a finura de espirito do Poeta?

E os anos correram. Afonso Duarte voltou ao professorado; tentou na Escola Normal fazer obra pedagógica e alguma coisa fez no meio da indiferença dos diretores e de quase todos os colegas. O Alvaro Lemos, também professor na Escola, varias vezes se referiu, em palestras comigo, a essa obra educativa de elevadas intenções pedagógicas que não teve a influencia merecida nos alunos porque não era

compreendida. E infelizmente, com o advento da situação política saída da revolução de 28 de Maio, toda essa obra como a do Alvaro de Lemos, caiu de vêr com uma reforma da Escola feita propositadamente para pôr fóra dela os professores que não caminharam ao gosto jesuítico que começava.

E' claro que o Afonso Duarte foi afastado; e aí ficou ele, já outrora atacado pelo mal que lhe inutilisara as pernas, entregue a ociosidade forçada, apenas cortada pelas caminhadas difíceis até aos cafés da rua Ferreira Borges onde reunia rapazes literatos ou artistas no meio dos quais se sentia bem e dava os seus conselhos e fazia as suas lições.

Essas mesas de cafés eram a sua cátedra; e esse discípulos atentos e amigos que só ganharam com a convivencia.

Quando eu passava na rua e parava ir conversar um pouco com ele, via-o rodeado de gente nova e notava, embora de fugida, o ar de interesse e certa admiração na atitude de todos eles. Encontrava-o só, mas muito raramente; e depois de alguem tempo curto de conversa, deixava-o entregue aos que iam chegando como devotos

dedicados. E foi numa dessas conversas, já há muitos anos, que fizemos o projecto dum trabalho comum acerca dos oleiros de Miranda do Corvo. Eu faria a parte histórica aproveitando o meu pequeno estudo publicado em 1933 na revista Arte e Arqueologia; ele faria a parte de crítica artística, em que incluiria o estudo das curvas do cantaro e do azado que ele me dizia serem curvas perfeitas como traçadas com rigor geométrico.

A falta de documentação projectária sobre aqueles artífices e a minha vida desviada do verdadeiro rumo, foram adiando o trabalho que afinal se não fez. E foi pena: a parte de ele seria magnífica e eu honrar-me-ia com a companhia.

Um dia, há quase dois anos, fizeram-lhe uma homenagem — por sinal que digna dele e chegou a ter amplitude e significado a focar os limites de nacional — com exclusão, é claro, dos elementos oficiais. Tomei pequena parte na homenagem de que deixei aqui as devidas impressões na altura própria deste diário. Ele comungou-se no almoço, em Santa Clara e á noite, no Jardim Botânico, ao despedir-se, ao cimo da escadaria, sensibilizou-se. Ao

dizer adeus á multidão que o acompanhára e enchia os lanços da escada, parecia dizer um último adeus.

Foi assim, tristemente, rodeado é certo por amigos que o acompanhavam e admiravam, mas mais ou menos entregue ao seu abandono que, se não me engano, ele passou os seus últimos anos. Vivia em casa antiga na rua da Esperança (ou do Dr. João Jacinto) com pouco conforto; ultimamente mudára para um velho prédio na rua do Corpo de Deus, não sei porquê e aí o fui encontrar no verão passado, num desconforto aflictivo, quase ascético.

A saleta que lhe servia para as visitas tinha umas quatro cadeiras velhas e uma mesa de jogo folheada. Nas paredes uns retratos dele feitos por artistas. E mais nada. Nem umas cortinas na janela ou umas flores sobre a mesa. Aquele desconforto impressionou-me. Como é que um espírito superior, de tão rara sensibilid.e, podia viver assim, em tal abandono de comodidades, isolado quase sempre dentro da casa, entregue, ele um doente que necessitava cuidados, a uma velha criada surda e caduca?

Saí de lá impressionado; durante uns dias não me abandonou a impressão que talvez possa chamar dolorosa recebida no velho predio, já um pouco ao ermo jardineiro e ao notar o ar de resignação e abandono transmitido nos seus gestos e nas suas palavras.

O que significava aquilo?

Não tinha com ele a intimidade necessária para lhe fazer perguntas concernentes ao seu modo intimo de vida; saí poucos dias depois para a Paz; ao voltar em Novembro disse-me o Lemos que o Poeta estava internado na Casa de Saude do Dr. Bacalhau, gravemente doente. Seria, pois, a intuição do fim da vida e a despreocupação com tanto estoica das comodidades e confortos?

Sei lá! O que é certo é que, com as complicações constantes da vida, nunca o visitei. Diariamente pensava nisso; mas ou a falta de saude ou o mau tempo, ou as minhas preocupações intimas, causáram a falta.

E hoje pesam remorsos.

Dizia-me o Alvaro Lemos, companheiro mais assiduo, que na Casa de Saude estava mal instalado, em lugar barato, sem se preocupar com o bem estar que lhe era neces-

sario; quero crer que se lá fosse vê-lo teria identica impressão confrangedora e sairia incomodado.

Agora, já lá vai a oportunidade. Não tornarei a ver o bom Afonso Duarte.

Recebi, com dedicatória amavel, a ultima edição da sua obra; não se esqueceu do fraco companheiro de ha 45 anos, quando discutiamos a orientação da Rajada e ele me incitava a não me entregar só á investigação historica e a lançar-me á Literatura e á Critica...

Como ele se enganava!

Um dia, aí por 1944, quando na Seára Nova saiu um capitulo relativo a certo Belchior Vicente, juiz dos orfãos em Miranda do Corvo que levanta o problema da naturalidade do comediografo pretendido avô daquele,[1] ao encontrar-me na Calçada o Afonso Duarte chamou-me, louvou o artigo e incitou-me a perseguir nesse estudo que me daria nome e faria luz sobre a vida do autor dos Autos e Farças. Não via ele nesse trabalho só a investigação pura; descobertas nesse sector implicávam com a historia literaria.

---

[1] No nº 895, pag. 95, de 7 de Outubro de 1944

Os conselhos e incitamentos, foram, de nada valeram; os anjinhos, até hoje, têm-se mostrado infamemente surdos a tal respeito e a vida vai muito adiantada para me meter em canalhices tão altas.

Bom Afonso Duarte! De nada valem estas linhas aqui escritas, lipoiramente, ao sabor da memória já refractária; mas ao menos são simples provas de amizade, de admiração e de saudade por tão alto espírito, por tão fina inteligencia e por tão firme caracter.

E com estas linhas fica a afirmação de que me senti sempre honrado com a boa estima e interesse q.e ele me votava.

Lisboa:

Março: 8

O Afonso Duarte morreu na Ereira, sua terra natal e lá foi enterrado. Pelos jornais vê-se que o enterro foi simples mas cheio de significante. Falou o Poeta Miguel Torga no momento em q.e desceram o corpo; pequena alocução que me possibilitou e que deixo guardada no final do volume.(1)

---

(1) A pag. 421.

Que hei-de eu dizer mais? O que escrevi acima, relido agora, pouco será para o q. Valuéz devesse dizer. Mas não serei capaz de acrescentar alguma coisa de geito.

Aí fica.

Lisboa:

Março: 19.

Ha dias o carteiro entregou um grande sobrescrito da Faculd.e de Letras de Lisboa, estampilhado com selo oficial. Estranhei, é claro.

Ao abrir deparei com dois opusculos do Professor da Faculd.e Artur Moreira de Sá que, diga-se de passagem, não conhecia. Os opusculos eram: Alguns documentos referentes ao Inf.te D. Pedro e As Actas das côrtes de 1438 e em um deles um bilhete de visita do autor com a simples frase: «Com m.tos cumprimentos.»

Considerei a oferta como caso estranho. O autor não me conhece, evidentemente, pois eu até desconhecia este nome. Alem disso um professor universitario, do alto da sua cátedra, descer a um qualquer fabiano com um oferecimento de suas obras, era caso para admiração. Enfim, folheando os opusculos, vi que um deles era oferecido ao Dr. Manuel Lopes

de Almeida, de Coimbra; seria está que dadas as boas relações acaselhasse o outro a oferecer os trabalhos? É' possivel.

Informei-me, depois, acerca do homem: é professôr novo; suas ideias, é das direitas mem podia deixar de ser; como professôr impõe os seus critérios aos discipulos que não obtêm notas boas se se lembram de tentar discutir com êle ou apresentar interpretação diferente. É' o que noutros tempos eram os professores coimbrões: quod est, est...

Todavia, Vinha que agradecer e agradecer com deferencia. Escrevi hoje esta carta que é, creio eu, modelo...

«Ex.mo Sm. Dr. A. M. de S. — Recebi em Lx.ª onde estou por uns dias, os dois opusculos com q. V... me honrou. De certo tive noticia da publicação das m.as cartas do Infante D. Pedro que o Dr. Lopes de Almeida incluiu no seu Boletim e quiz obsequiar-me com os valiosos trabalhos relativos a essa grande figura da nossa historia. Muito e muito obrigado pela honrosa oferta. — Queria agradecer pessoalmente; mas o meu estado de saude e o pouco tempo de que disponho (part. por estes dias regresso a Coim-

bra), leva-me a agradecer por este meio — o que não significa menos reconhecim.to e menor consideração. — Em Coimbra, creia V... Teria m.to prazer em lhe ser util se entender que o posso ser; de lá mandarei uns trabalhos meus, simples bagatelas que esperam a indulgencia de V... — E creia-me, com toda a consid.ção, etc.

Talvez esteja arrebicada de mais... Deixa-la ir. Estou hoje de bom humôr.

Coimbra

Março: 29.

A Livraria Sá da Costa anuncia-me hoje, num memorandum de ontem que o Estado-Maior do Ex.to autorizou a compra de 128 exemplares do meu Saldanha — e pede a remessa mais rapida possivel desse numero de exemplares. Finalmente! Venceu-se a campanha e irei receber, para fraca compensação do meu trabalho a quantia de 8:960$00; e digo fraca compensação porque esta verba apenas vem cobrir escassam.te a despesa feita com os exemplares da separata. E fica de pé, sem pagamento, o trabalho de fazer a obra; esse, não

é com os miseros oito contos e tal que se poderia pagar. Mas adeante. Dir-se-ha q. assim, não se perde tudo.

Coimbra

Abril: 9.

Fui hoje procurado pelo advogado Alberto Vilaça, rapaz novo com fama (e não sei se proveito) de comunista. Trouxe a reboque um outro colega cujo nome me escapou, com fisionomia dura, mas inteligente, e certamente correlegionario.

Estiveram aí bastante tempo a martelar no caso da prox.ª eleição presidencial. Já ha dias eu recebera uma papelada impressa mandada pelo Vilaça, relativo á candidatura do Cunha Leal — candidatura que parece interessar muito a corrente comunista. É claro que guardei a papelada com outra bem abundante [redacted] de assuntos contrarios á actual situação politica.

Ora hoje o Alberto Vilaça veiu aliciar-me (aliciar é o termo) para a campanha a favor do Cunha Leal e nesse aliciamento punha tal entusiasmo e fervôr que, mesmo para feitios menos desconfiados que eu, daria

um tanto ou quanto que pensar. Conversámos amistosam.te e fugindo um pouco ao assunto principal abalancei-me a dar conselhos misturados, com certo jeito, a historias passadas que eles perceberiam relacionadas mais ou menos com o momento actual. E para lhes não deixar duvidas, disse-lhes que me não metessem na comissão que querem organizar e que não aprovei a inclusão do meu nome numa das circulares impressas a que acima me referi.

Enfim, a conversa foi curiosa e os rapazes creio que não perderiam em me ouvir. Passámos em revista outras candidaturas como a do Humberto Delgado, a do Botelho Moniz (sempre os generais, com seiscentos Demonios!) e mais não sei quem, para se concluir que a Cunha Leal tem outra superiorid.e não só de inteligencia como de conhecimentos e larga pratica de politica. Seria um mau presidente? E' possivel. O seu passado não dá grandes garantias de firmeza de caracter; todavia teria cunho civil a sua acção e... acima de tudo! correria logo com o homem sinistro que ha trinta anos nos vexa e domina.

Mas tambem lhes disse que todo o trabalho será baldado. O presidente eleito será o que eles quizerem, e terá 98% de votantes se não tiver 99...

Infelizmente assim será.

Coimbra:

Abril: 15.

Hoje, de manhã, ia eu pela alameda superior do Jardim Botanico para a Farmacia militar, quando notei á frente um individuo, caminhando vagarosam.te, com passo que parecia incerto, em cabelo, parando aqui e ali, a olhar as arvores. A curiosidade fez-me parar e observar o homem; e quiz-me parecer, tanto quanto a m.a vista autorizava, que ele fazia vagos gestos como de quem falava só...

Aquele ~~[illegible]~~ enlêvo perante as arvores do jardim e a redusida mas exuberante paisagem p.a os lados do rio, só poderia vir de Poeta; e nesta persuasão aproximei-me para ver quem era a creatura que, ás 11 horas da manhã, andava ali a falar com a Natureza. Ele ouviu os meus passos e voltou-se: era o Joaquim de Almeára!

Démos um rijo abraço; e na expressão dele quiz ler contentamento

— Que anda Você a fazer por aqui? perguntei eu.

Ele teve um vago gesto de indiferença, um tanto ou quanto desolado, e respondeu:

— Olhe, meu Amº... Andava a fazer versos...

E abrangendo com a vista e os braços a paisagem:

— Isto é tão lindo...

Tivera de vir á cidade e quiz subir ao Jardim Botanico embeber-se, por um pouco, naquele quadro da Natureza; e sem querer, ao longo da alameda superior onde estávamos, composera um soneto... E recitou-mo, com algumas hesitações resultantes da improvização. Era um soneto ás arvores, ás aguas dos tanques, ao passarêdo que saltitava nos ramos a reverdecer, poesia panteista, cheia de comoção pelos dons da Natureza q. os homens desperdiçávam e ainda com certa finalidᵉ filosofica que mostrava a creatura resignada com a má sorte da vida.

Se bem que a recitação fosse feita sem brilho e o vai-vem de carros e o falatório da

gente que passava não provocava o recolhimento necessario para se ouvir uma poesia cheia de intenções, a verdade é que gostei e lembrou-me a interromper:

— Porque é que não desenvolve essa idéia em poesia mais extensa em vêz de o confrimir num soneto?

Ele fez-me então o elogio do soneto, forma poetica que adoptára para os seus desabafos; confessou-me que não se conformava com as novas fórmas de poesia moderna e que se julgava incapaz de moldar em tais moldes a sua capacid.e de fazer versos.

E assim, andando e parando, a conversa caiu no Afonso Duarte cuja morte ambos deplorámos. O Almeára exclamou:

— Grande alma!... Foi ele que me descobriu e me obrigou a publicar os meus primeiros versos...

— Na Rajada, salvo erro.

— E' possivel, não me lembro já.

E aí começou ele a exaltar a personalidade do Poeta, a sua extraordinaria obra que não conhecia em toda a sua extensão e só agora podia avaliar com a leitura do volume que ele lhe oferecera pouco antes de mor-

rar. E começou a desfiar as suas impressões acerca da poesia do Afonso Duarte que achava talvez com falta de ternura...

Observei-lhe, um pouco a mêdo, que já notara que a Mulher não ocupa grande lugar na obra do Duarte. Ele concordou e explicou que a sifilis que o inutilizou desde novo, adquirida numa rapariga com quem vivia, talvêz fosse a causa dessa ausencia da Mulher na bela obra poetica; a Mulher deixaria de ser o idolo para descer á misera condição de propagadora de males fisicos e porventura morais.

— Mas... continuava ele, que extraordinária obra!

Com a conversa, parando e andando, chegámos á Farmacia m.ar, junto da antiga capela da Ursulinas; ali, sem querer, desviámos o palavreado para a contemplação do pano de fundo da paisagem formado pela cordilheira bem nitida áquela hora sobre o fundo azul claro do céu; e aí voltou o Almeára aos arroubos panteistas, com largos gestos de adoração — e neste enlêvo voltámos pela alameda do Jardim Botânico, trazendo á batha ora novamente o bom Afonso Duarte, ora a Poesia considerada como alta expressão do pensam.to, ora a pai-

rapeu do grofrio Jardim cujos tons de Primavera eram na verd.ª um encanto.

E ao chegarmos á estatua do Brotero perguntei-lhe o que ia fazer; ele mostrou-me um pequeno embrulho que trazia na mão e respondeu com ar de resignado:

— Olhe... apara vou almoçar... trago aqui o almoço que vou comer aí, em qualquer canto.

Quiz que viesse almoçar comigo. Resisti, queria limar o soneto que ha pouco fizera e só em contacto com a Natureza o conseguiria. Abraçámo-nos. E confesso aqui, neste papel confidente, que me afastei penalizado.

Senilidade que se aproxima?

Coimbra:

Abril: 25:

Hoje ao lançar casualmente os olhos pelo Diario de Noticias deparei com a noticia do funeral do Pires Monteiro realisado ha uns dois dias. Estranhei. Como póde ser isto?...

E' certo que, ultimam.te, quando em Lisboa me encontrava com ele, notava-o um pouco decadente; mas, ao mesmo tempo, nada indicava mal estar irremedia-

nel. O que teria havido? Ainda ha pouco me escreveu com a mesma letra, a mesma boa disposição e eu respondi-lhe com carta dividida em paragrafos, a tratar de varios assuntos que a ambos interessávam.

Pobre amigo! Que hei-de eu aqui deixar dito q. não sejam banalidades?

Era homem integro. Não teria inteligencia muito viva, mas era profundamente honesto nos seus trabalhos intelectuais. Dotado de extraordinaria capacid. de trabalho (ultimamente bastante diminuida) possuia metodo proprio para toda a sua actividade quer intelectual, social ou afectiva. Foi sempre ponderoso nos actos da sua vida e a sua destra natural que possuia encobria grande firmeza de caracter.

Emfim, era pessoa estimavel cuja convivencia atraía; devo-lhe boa amizade e consideração — ultimamente bem reveladas por multiplas provas.

Bom amigo! O que poderei dizer mais alem destas "verdades" que em regra se dizem quando morre alguem e não correspondem á verdade? Mas ao bom Pires Monteiro, em consciencia, tudo o que aí fica (e é pouco)

é o mais verdadeiro possível. E ainda acrescento que perdi um arrimo, mais um dos arrimos, dos poucos, que por acaso tinha. A vida vai-se esboroando.

Coimbra:

Maio: 20.

Hoje houve aí a principal festa dos rapazes: o cortejo da Queima das Fitas. Ouvi já dizer que entraram em Coimbra umas centenas de automoveis carregados de curiosos e que está aí uma excursão de franceses atraídos pelos reclamos de turismo. Assim seja.

Mas o que me leva a deixar aqui estas pobres linhas é dizer que me sensibilisei á passagem do cortejo... Aquela alegria dos rapazes e talvez ainda mais a das raparigas, impressionou-me.

Coitados deles e delas! Sabem eles o que os espera na vida, quando deixarem as fitas, as pastas, a capa e batina, a despreocupação e a vida em comum?

Por isso me sensibilisei perante a exuberancia do contentamento que se notava em todos e contaminava os proprios assistentes.

Coimbra:

Maio: 28:

Foi ha 32 anos... Uma vida.

Creio que nestes meus cadernos deixo varias referencias ás origens desta reacção politico-religiosa; todavia não me dispuzera ainda a contar o que sei em um todo mais ou menos harmonico que aqui fique amavelmente para a Historia.

Ora hoje, dia de jubiloso anniversario, vou ver se sou capaz de coordenar reminiscencias e deixa-las sem odio ou afeição como se diz em certos depoimentos judiciais. Nesta altura da vida e aborrecido dela, não contando já com possibilidades de alegrias e não querendo nada do futuro, que más vontades devo ter? Posso dizer o que ha pouco li num folheto politico, hoje creio que raro, de D. João de Azevedo: «nem os grandes "me causam inveja, nem estamos em situação "de a excitar nos pequenos.»(1)

Considero toda esta obra saída da revolução do dia 28 de Maio (não andasse nela o dêdo

---

(1) Quadro politico historico e biografico do Parlamento de 1842 por um Eremita da Serra d'Arga (Lx.ª 1845)

jesuítico!) como uma obra sinistra; mas a es
se respeito, o aproximar dos 80 anos, deu-me
a tranquilidade para olhar meu nervosismo o q.
se passa e poder escrever o conjunto de recorda-
ções muito á vontade e com geitos de imparcialí-
dade. E vamos lá, com vagar e o método pos-
sivel — tanto quanto possivel.

A coisa começou, para falar a verdade, logo
que se proclamou o regime republicano. Mui-
ta festa, muita fraternidade, mas a Reacção (com
maiuscula) não foi abaixo e ficou alerta como
era natural. De entrada, esperou com ares de
quem concordava o que os sucessos subsequen-
tes dariam; mas refeita do susto e vendo bem
a facil derrunbão dos republicanos que infelizm.te
logo de começo se manifestava, entrou subti-
lmente a trabalhar de rapa, com a habilidade e
cautela usadas em todas as suas resoluções.

Deixou o Paiva Couceiro e seus amigos can-
çarem-se nas rebeliões á mão armada; o caso
poderia dar e poderia não dar; como não deu, a
rapa continuou mais eficazmente, com as agen-
cias no estrangeiro a desacreditarem o regime
por todas as formas; com as adesões aos parti-
dos republicanos de gente capaz de tudo; com o
impulso dado a todas as tendencias oposicionistas

que perturbassem a marcha reconstrutiva da nova situação, impulso dado especialmente ás reivindicações operarias então em voga como a forma de Sindicalismo, etc. etc.

Era uma luta constante, surda, oculta, feroz, bem organizada, não sei, com franqueza, se compreendida pelos dirigentes republicanos possivelmente mais desavindos na obra de reconstrução e confiantes no triunfo das ideias do que na capacidade ofensiva dos adversarios.

Não sei nem quero estar aqui a lançar juizos definitivos; ao fim de quase meio seculo, parece, quer-me parecer que o ambiente não andava m.to longe do que exponho e que a mola oculta de todas as perturbações, a alma perseverante de toda a oposição, era nem mais nem menos que a Companhia de Jesus — que não só não perdoaria as medidas tomadas logo de entrada contra ela mas que auferiu intaliperavelmente pela desunião dos republicanos a possibilidade dum triunfo espectacular.

Serei injusto? Ha tempos, um amigo eivado de ceticismo, dizia-me a rir que eu tinha a verdadeira loucura dos jesuitas. E' possivel, sei lá! Cada qual tem a sua alergia... Mas quero crer que se um dia a Historia se conseguir fa-

ser a sério sobre esse período, o dedo de Loiola terá de se encontrar sem a querer duvida e até servirá para confirmar o dito latino conhecido de ab dipito gigans.

Ora em Coimbra...

E é aqui que eu quero chegar: em Coimbra, pouco depois da proclamação do regime republicano começaram a fazer-se reuniões com aspecto familiar, descontraidas, em casa do casal Serras e Silva, na Estrada da Beira, no predio construido pelo velho Tavares da Costa, mercieiro rico, pai da D. Prudencia Tavares da Costa que casou com aquele professor de medicina por obra e graça das sacristias.

Esta D. Prudencia com quem, eu solteira, eu escrivi muito era rapariga alegre, desembaraçada, de espirito vivo, aquilo a que hoje se chama «desenvergonhado», despreocupada de preconceitos religiosos; o casamento com o Dr. João Serras e Silva, muito mais velho do que ela, homem soturno, quase tacitu, escravo, segundo se dizia, da Igreja, modificou a alegre rapariga com quem lidei tanto, principalmente em Espinho, durante as ferias, numa creatura observante das regras hipocritas do beatismo, com tendencias autoritarias e aspirações de mando politico.

Não sei bem como se daria a evolução porque a nossa convivência, depois dela casar, pode dizer-se que acabou; mas a evolução deu-se, naturalmente lenta, mas de maneira segura. E o certo é que às reuniões em sua casa concorriam com assiduidade o Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, o Dr. Joaquim Mendes dos Remédios (que renegou o seu antigo liberalismo), os novos professores António de Oliveira Salazar e Manuel Gonçalves Cerejeira e mais alguns outros de que agora me não recordo.

O Dr. Vasconcelos era, indubitavelmente, o centro do cenáculo que, com o tempo foi conhecido e alcunhado de «Vaticano da Estrada da Beira;» com o seu ar imponente e as suas tradições de fundo conformista ninguém o levava a sério, como diz o Povo; mas a verdade é que ninguém de ver e debaixo da aparência de indiferente era velhacamente reaccionário. Não sei se casualmente se foi fazer maçónico, fez-se amigo do médico e professor Dr. Angelo da Fonseca cuja esposa, muito dada à Igreja, queria ter o seu capelão próprio. O Dr. Vasconcelos foi esse capelão e, verdade, verdade, capelão de luxo... E o Dr. Angelo (velho maçon

e republicano desde estudante) foi o principal autor da reforma do ensino superior de 1911 que creou a Faculd.e de Letras em Coimbra em grande parte com os professores da Faculd.e de Teologia extinta com a reforma.

E' bom, talvez, notar a coincidencia que é possivel tenha escapado a muita boa gente — coincidencia que se póde explicar dizendo que o Dr. Vasconcelos foi o autor encoberto da organização da nova Faculdade. E claramente o novo corpo docente ficou com muitos dos antigos teologos que constituiam maioria e procuraram obstaculos de toda a ordem á entrada de quem não fosse aprovado pelo «Vaticano da Estrada da Beira.»

Não devo esquecer que o Dr. Serras e Silva, professor de Physica na Faculd.e de Medicina, foi nomeado professor da cadeira de Historia dos Descobrimentos Portuguezes — assumto a que nunca se dedicára. E já aqui sempre direi que o Dr. Mendes dos Remedios, numa homenagem que prestaram em 1905 a Antonio Augusto Gonçalves na Escola Livre das Artes do Desenho, discursando, affirmou: «... a sua "competencia [...] que lhe daria um logar indis"cutivel na Universid.e, numa cadeira de Histo-

"ria da Arte, se a Universid.e Vivesse, como era "de justiça, como Faculd.e de Letras, etc. » Ora em 1911, na organização dessa Faculd.e, não me consta que o nome de Gonçalves fosse lembrado...

Mas não nos afastemos da razão principal desta nota.

Eu estou convencido de q. foi ali, naquele predio da Estrada da Beira, que se começou a forjar o movimento de reação — não organizando revoltas militares ou conspirações faceis de descobrir, mas trabalhando subterraneamente, devagar, dentro de plano seguro, quer nas faculdades universitarias recrutando professorado de confiança e incutindo nos alunos, subtilmente, a má vontade ao regime, quer desenvolvendo por todos os modos a acção do Centro Academico Democracia Crista (C.A.D.C.), cadinho importante de formação ultramontana onde vinheram papel predominante o Salazar desde os tempos de estudante assim como o Carneiro, etc. etc.

Dizia-se que a D. Prudencia era de grande actividade e que, com o seu desembaraço natural, constituia, por assim dizer, a ala da Vaticano a que o Dr. Vasconcelos daria a consistencia, isto é, a forma que convinha de placi-

dez e rônha canonica. Conta-se que ela chamava ao Salazar e ao Cerejeira os «seus filhos» e que a mudança de residencia para Lisboa depois de consolidada a posição do Salazar no governo e do outro como cardeal, obedecia á necessidade de, como mãe, estar mais perto dos filhos... Conta-se isto e parece que é verdade.

O meu condiscipulo e amigo já falecido deputado Bivar Galgado disse-me que a ouvio no Cardeal (terra natal do marido onde ia muitas veres por outras) falar com certa exaltação carinhosa nos "seus filhos" e que não gostava de os abandonar.

E como a marcha do regime, por varios motivos, dava azo ás arremetidas dos adversarios, no Vaticano tudo era discutido, apreciado e aproveitado na medida que lhes desse alguma vantagem. Era o corroer do cancro, sem pressa, mas com a certeza de que se havia de chegar ao fim.

Passaram as ditaduras do Pimenta de Castro e do Sidonio Pais; passou a monarquia do Norte em 1919 — e na Estrada da Beira havia a mesma serenidade de sempre, as mesmas reuniões pacatas creio até que o mesmo fami-

liar chá com torradas — símbolo simpático de harmonia e conforto...

Por essa altura já devia ser frequentador ha bastante tempo, um agronomo Abel Mendonça, transmontano, viuvo, professor da Escola Agricola que escondia, debaixo de mascara de placidez e bonhomia, um espirito ferrenho de ultramontano. E tambem não sei por que malas-artes começou a aparecer uma rapariga chamada Dionisia Camões, formada em Letras e em Direito, muito trabalhadora, inteligente e considerada o supra-sumo do ultramontanismo. O certo é que, apesar da diferença de idades, o Vaticano arranjou o casamento dos dois, já ela era, então, professora do Liceu.

E creio não ser indiferente a tudo isto o facto de o Abel Mendonça ter uma irmã casada com o Trigo de Negreiros, de onde viria, porventura, a supremacia que este individuo tem mantido e mantem na governação do País.

Tudo deve, creio eu, andar ligado.

Mas, revertendo, a seguir á chamada Traulitanea, a agitação politica intensificou-se; os monarquicos subsidiavam tudo; o caso do assassinio do Antonio Granjo e Carlos da Maia ficou sempre no misterio porque não se quiz

. Predio na Estrada da Beira, do capitalista Tava-

. res da Costa, onde depois se reunia o "Vaticano"

tocar nas responsabilidades de certos magnatas do dinheiro como o Alfredo da Silva, da C.U.F., ou o Pinto-Maior — cuja interferencia tenebrosa ficará certamente desconhecida. O que era necessario era não deixar os governos tranquilos, perturbar a sua acção e desacreditar quer interna quer externamente, o regime republicano.

E conseguiram.

E depois, era necessario ir tomando posições de comando e interferencia nos negocios publicos; subtilmente se foram infiltrando no professorado superior creaturas seguras e na maquina burocratica, onde se poderia travar ou auxiliar conforme a intenção, assuntos varios. E tambem houve indicações a certas familias reaccionarias e ricas para que os rapazes fossem mandados para as escolas militares (ou da Armada ou do Exercito) com o fim de haver quem defendesse a sua causa — a causa dos que têem que perder.

E isto não é fantasia minha: sei eu de fonte segura que em duas familias que conheço, ricas e de prole numerosa, os padres assim fizeram por conselhos abertos ou pelo meio eficaz da confissão. Foi uma montagem perfeita do maquinismo.

E ainda posso, a respeito da rede bem lançada que deitaram, contar um pormenor que pode parecer mínimo mas é simbólico e curioso.

Aí por 1912, na altura em que meu cunhado Costa Ferreira foi ministro, organizou-se por iniciativa do Dr. José Antunes Vaz Serra (frequentador do Vaticano) um grupo de jogadores de voltarete, salvo erro, que reunia habitualmente em casa de meu pai, na rua de Tomar.

O grupo constava de uns velhotes inofensivos como o Dr. Rodrigo de Araújo e o Dr. João M.ª Arnaut, mas ao mesmo tempo de uns outros que ali iam intencionalmente acobertar se á sombra mais ou menos segura do genro do dono da casa. Por ex.º: o juiz auditor Dr. José Franco de Sousa era o que se chama vulgarmente um pacacão muito pálido, homem inteligente, com aparencia liberal mas no intimo conservador com muitos laivos reaccionarios; o Daniel Baptista, proprietário rico, o tipo do egoista sem escrupulos, cuja inteligencia reduzida não lhe deixava ver nada alem dos seus interesses imediatos; o Dr. Alfio Maxia, professor interº do Liceu, homem rico, conhecido por «o Maxia gordo» ou ainda por «o Maxia

porco » (alcunhas apropriadas), talassa dos quatro costados e velhaco com aparencia de pobre diabo; o Dr. José Mª de Almeida, proprietario rico, formado em Direito, o Dr. F. Pires Soares, juiz aposentado, o Dr. José Araujo de Sousa Nazaré, o medico Herminio Leitão, creaturas com certa linha mas monarquicos irredutiveis que mordiam na Republica sempre que isso vinha a proposito.

Mas superior a todos, o dito Vaz Serra, discipulo e irmão leigo dos jesuitas, refalsado velhaco debaixo de mascara afavel. E Vinha → (a)

Ora uma tarde, no verão, em que meu Pai regava pacatamente as flores do jardim, encontrei á conversa com ele o Jaime Artur da Mota, o velho politico da Azambuja, nessa altura a residir em Coimbra para formar o filho, como formou, em Medicina. O Mota, com a mª chegada, continuou a conversa que versáva as reuniões dos jogadores. Dizia ele que o Diabo não sabia as coisas por ser Diabo mas sim por ser velho... E pretendia, como amigo, elucidar acerca das razões que leváram as reuniões na rua de Tomar daqueles jogadores, disfarçadas com a alternativa de uns dias por outros se fazerem na rua de Alexandre Hercula-

→ (a) um irmão padre da Companhia que fôra professor no colegio de S. Fiel.

no, em casa do Vaz Serra com aditamento de bailarico.

Essas razões eram a conveniencia, ás claras, com familia ligada á Republica quer pelo Costa Ferreira então ministro quer por mim em m.to menor escala evidentemente. A reunião seria uma especie de atestado de bom comportamento daquela sucia de talassas e velhacos. O que achei interessante foi a revelação ser feita por outro "talassa" e até pensei que este a fizesse, não por conta propria, mas por insinuação ou até pedido de meu Tio Albino da Silva de quem era amigo e, nessa altura, seu chefe de secretaria na Tipografia Auxiliar de Escritorio.

Na verdade, o Diabo sabia as coisas não por ser Diabo mas por ser velho... E hoje, ao fim de tanto ano passado, vejo que o Jaime Mota devia ter visto bem ou, quem sabe! talvez por confidencia dos proprios correlegionários. Enfim, seja como fôr, aqui fica este pormenor, talvez minimo, como disse, mas que era sintomático dos processos usados e insinuados pelo soberano Vaticano da Estrada da Beira.

Ora paralelamente, o exercito começou a querer intervir movido por molas umas ocul

tas outras claras. E dessa intervenção saiu a revolta de 18 de Abril de 1925 em que apareceram para reforço os elementos reaccionários mas que foi debelada certamente porque a bandeira azul e branca estava muito á vista.

Era pois necessario mudar de sistema: o que seria conveniente era meter nisso os republicanos, deixar que estes triunfassem para depois lhes aproveitar o triunfo. Como isto se conseguiu e se realizou não sei, mas pelos resultados se vê bem o que foi o plano subtilmente preparado e muito inteligentemente executado.

E por mais que me digam que não, a esse plano não foi nada estranho o Vaticano da Estrada da Beira.

Estarei enganado?

Ao mesmo tempo havia, ao cimo da Avenida de Sá da Bandeira, em Coimbra, na primeira casa á direita de quem desce, uma farmacia dum certo Moura, onde se reuniam uns mancebos á palestra. Esse grupo de moços tinha creaturas inofensivas, mas tinha outras mais perigosas como era o celebre Jaime Artur da Mota (já aqui falado) de Azambuja, o Antero Leal Marques, então Tesoureiro da Fazenda Publica, o Dr. Manuel Rodrigues, recentemente pro-

fessôr de Direitô, o António Gomes de Sousa, en
tão coronel, e não me recordo mais ninguem. No
inverno a conversa era dentro; no verão era
cá fóra, num dos bancos em frente. Cá se dis
cutia politica e era verdadeiramente uma dele-
gação do centro conspiratório do País, onde, co-
mo ninguem não quer a coisa, apareciam o Pedro
de Almeida, capitão ou major de Artelharia, o
Pedro de Azevedo Cruz, um gaudinha vestido de
major de Infantéria e não sei se o Raul Verda-
des de Oliv.ª Miranda ao tempo já major salvo
erro.

Aqui está a pimbrose: o Jaime Mota velho
ronha; o Gomes de Sousa, monarquico de mais
a mais derfeitado; o Manuel Rodrigues que
se alcunhava de socialista e o Antero Marques
até essa altura republicano camachista. Dos
militares, o Almeida era republicano, o Ver-
dades creio que não tem ideias definidas em
politica e, francamente, nunca soube definir
com segurança o que ele foi e o que ainda é;
o Pedro Cruz era um dos maiores biltres e
javardões de ordem moral que tenho conhecido
— advertindo que por detraz destes militares
andava manobrando com certa arte porque
era inteligente, o Severino Gardo, coronel re-

formado, monarquico que guardava certo ou
muito rancor ao regime republicano que, aliás,
o tratou sempre bem.

Havia mais, é claro; estes, porem, eram os
que apareciam ostensivamente no banco em
que era geralmente tratado o agrupamento
de que acima falo.

Ora isto, é evidente, não é historia do mo-
vimento chamado de 28 de Maio; não confundo
os bastidores nem aqueles que ultimamente
vieram a publico. Isto que aqui fica escrito é
apenas o que sei e que quero ligar com o gran-
de centro da Estrada da Beira que habitualmente
soube fazer reunir debaixo da bandeira da mo-
ralidade politica, de salvação da Republica, do
prestigio do País e mais frases sonoras, certo
numero de republicanos que não viam que
eram lealmente manobrados pela força oculta
que eu localizo na Companhia de Jesus.

Comigo houve amigavel ventilação de ali-
ciação. Foi, por sinal, num enterro quando
acompanhávamos o Pompeu de Meireles Garri-
do para o cemiterio. O bom Horacio de Assis
Gonçalves com quem muito me dava e, nessa
altura, um dos assessôres do Salazar nos tra-
balhos do Centro Academ.º Democracia Cristã,

chegou-se ao pé de mim por que ver só e começou a falar acerca da situação politica da triste quadra que atravessávamos e pretendeu sondar a minha opinião, visto a verdade, um pouco desageitadamente.

Eu sabia, mais ou menos, que se tramára uma nova insurreição vingadora do desastre de 18 de Abril; havia no ar qualquer coisa denunciadora, de modo que a intervenção do Assis Gonçalves no sentido de querer saber a minha opinião, mostrou logo o intuito bem claro de aliciamento que, por ser feito a creatura de ideias bem conhecidas, mostrava o plano suspeito da conquista de republicanos que encobrissem a manobra ultramontana.

E depois... quais foram as terras escolhidas para centralizar a maior actividade conspiratória? Coimbra e Braga...

Coimbra e Braga, a Universidade com o Centro Academico Democracia Crista seu aliado e a Roma portuguesa com todo o prestigio do Primado das Espanhas e o seu exercito de conegos e mais frades — isto é: os dois focos principais do Ultramontanismo em Portugal, os dois ambientes mais favoraveis á aclimatação daquelas frases sonoras da pal-

nação da República e do prestígio do País com que os palradores nos queriam comerciar.

E não me parece que isto seja indiferente para avaliar o que foi o crescer da sua ultra montana. Porque não foram escolhidas o Porto, por ex.º, ou Lisboa, Viseu ou Evora? ou ou Vra qualquer cidade? Não será mau meditar nesta escolha quando se estudar a quadra preparatória com o cuidado e atenção que ela merece. Creio que se não devem desprezar estes pequenos nadas, na minha opinião encadeados intimamente.

Refito: na minha opinião, pois poderá ser que eu esteja enganado eu a ver mal.

Nestes assuntos políticos, de mais a mais para mim archipáticos, pode ser que o subconsciente dite purgatòriamente alguma coisa q. não esteja bem certa. Tudo póde ser e não me julgo infalivel.

O certo é que se começou pôr á frente do movimento o almirante Cabeçadas, cujo republicanismo ninguem contestava, por falta do general Roçadas, também velho republicano já desde a Monarquia. Sabe-se hoje que o então ministro da Guerra, o José Estevens da Conceição Mascarenhas, era veladamente

cumplice; saiem-se muito mais coisas que deixam um cidadão, como eu, não direi de bôca aberta mas deveras suspeitoso.

Coisas verdadeiramente misteriosas.

Mas a verdade também é que, vistas á distancia a que estamos mostá-se um encadeamento notavel a que talvez se não tenha dado a verdadeira atenção.

E depois... aquela chamada do Gomes da Costa, creatura sem qualquer especie de moral, para chefiar militarmente um movimento destinado a moralisar a sociedade e a politica portuguesas, é também um caso curioso que faz pensar — tanto mais que, começada a revolução e a marcha contra Lisboa, ele trazia a seu lado um padre creio que da Companhia, sem a decisão do qual ele nada resolvia ou talvez nada pensasse.

Neste caso não ha nada misterioso; está bem ás claras a presença da milicia ultramontana se não era mesmo a de Loiola. E não estou a inventar: quando o Gomes da Costa passou em Coimbra, na marcha triunfal para Lisboa, alguns oficiais do Estado-General me disseram que num dos gabinetes estava sempre um padre que ele ia consultar quan

do lhe pediam opinião ou era necessario decidir. Esse padre acompanhou-o na marcha contra o sul: era a vigilancia necessaria da grande mola oculta que fazia mover todos esses viveres que se julgáram possuidores consciencias do seu livre arbitrio.

E o centro da Estrada da Beira lá estava atento, sem perder o fio da meada. E de lá saiu o Salazar e o Mendes dos Remedios, dias depois, para ministros; bem como do banco da Avenida de Sá da Bandeira saiu o Dr. Manuel Rodrigues que levou á arreata o Rosa Falcão, o arrojado orientador do grupo maçonico academico e velho componente do grupo de estudantes da revolta do Basilio Teles.

Levantava-se um pouco o véu apesar de muitos não darem por isso. Esclareciam-se certas situações até aí indecisas. Mas os republicanos vestidos na aventura audáram de rabo alçado, muito convencidos de que triunfáram e de que tudo corneria de vento em pôpa.

Algumas agitações conhecidas de todos fizeram com que o Salazar e Mendes dos Remedios voltassem a casa passados dias, já saudosos do cantar dos rouxinois nas sébes dos jardins...

Mas não, idiotas republicanos! Os nossos é que ficaram com as culpas; foram a Companhia de Jesus viu, e viu bem, que o fruto não estava ainda completamente maduro. Seria bom deixar que se degladiassem uns e outros, [redacted] e então, em pouco tempo, o fruto viria, como veio, parar-lhe às mãos, devagar, é certo, mas com segurança.

E quando os republicanos começaram a dar pelo logro, era já tarde. Os nossos do Penedo da Saudade tinham-se calado de vez e o que havia no ambiente era a sombra da sotaina jesuítica.

O Vaticano da Estrada da Beira triunfava então; a D. Prudencia mandava os filhos à conquista do S.to Graal; e a Universidade deixava-se povoar dos seus professores chamados a Lisboa para construirem a Grande Obra da Regeneração da Patria. E no banco da Arcada continuavam os colegios em que então queria imperar o Gomes de Sousa que pouco tempo antes pedira ao Vitorino Godinho o comando de Infantaria 23 — que de facto lhe foi dado com certo espanto dos conjurados que o julgavam intransigente e incapaz de subserviencias...

Enfim... coisas da vida.

Triunfou, pois, a revolução. De começo, cautelosa, como convinha, para não assustar as massas; mas o plano estava traçado e teria de cumprir-se. Lá estavam vigilantes os filhos de Loiola, seguros de si e, vá lá! seguros da inépcia dos pobres diabos republicanos, confiantes no seu bom juízo e na sua perspicácia — que deram o que se sabe.

Os sucessos, depois do triunfo, são conhecidos, não vale estar aqui a repetir. Com estas notas apenas quis reunir algumas recordações que não ficarão a mais em cadernos deste género; e quis mostrar, talvez algum tanto atabalhoadamente, o fio da manobra inteligente com que o ultramontanismo conseguiu os seus fins.

Compreender-se-ha o que eu quis aqui dizer? Isto foi escrito, não direi de atoqadinho, mas sem pretenções a obra definitiva. Fica para aí e quem ~~[illegible]~~ um dia ler que tire as conclusões que o seu bom senso ditar.

Simples elementos que poderão auxiliar um dia a reconstituição da ofensiva ultramontana. E mais nada.

Coimbra:

Maio: 29:

Ha pouco, a radio anunciou a subida do general De Gaulle ao poder. Sempre cultivei a velha aspiração.

A figura de De Gaulle é, evidentemente, digna de respeito e de admiração; mas ele, como teriam corrido as coisas durante a ultima guerra? Foi, na verdade, um grande homem que em grande parte contribuiu para salvar a França. Mas... agora sobe ao poder por meio de uma rebelião militar; isto é: por imposição duma verdadeira revolta do exercito. Por mais voltas que o Presidente Coty queira dar ás suas diligencias para salvar as formulas constitucionais e democraticas, o certo é que o grave ultimatum dos generais de Argel prevalece sobre os Principios.

E foi isto que me incomodou ha pouco, ao ouvir o noticiario dado pela nossa Emissora com considerandos intencionais. Os considerandos passáram, é claro; mas o que ficou foi o facto real: mais um triunfo da reacção e do exercito. Senti-me vencido.

Coimbra:

Maio: 30:

Ao sair hoje para a Universidade encontrei, às Escadas do Liceu, o velho Melo, antigo contínuo da Faculdade de Letras que me falou e lastimou não saber que o curso de minha Filha se reunira no dia 15 para celebrar o 25º aniversário da sua formatura.

E a propósito falámos do Manuel Cerqueira, um dos condiscípulos, hoje pessoa graduada no Porto, chefe da Igreja Baptista. E o Melo, com sorriso algum tanto velhaco, disse-me:

— E o dr. Cerqueira podia ser hoje professor da Faculdade...

Perante a minha dúvida ele explicou: o dr. Carlos Simões Ventura apreciava muito o Cerqueira pela sua seriedade, capacidade de trabalho e saber; e quando este se formou ficou-lhe na Faculdade a sua chamada para assistente, como bom elemento. O dr. António de Vasconcelos que já não era Director da Faculdade porque passara os 70 anos, mas ainda era o «director espiritual», protestou logo contra a ideia de se chamar um protestante; a verdade, o Cerqueira não foi proposto...

O Melo, concluia a história com um sorriso:

— O dr. Vasconcelos, ás vêzes, aleria-se um pouco comigo; e quando lhe falei um dia no dr. Barqueira, disse-me: "então o nosso bom dr. Ventura não nos queria meter na Faculd.e um protestante?..." E foi assim mesmo sr. Coronel.

E com um encolher de ombros:

— Coisas que já lá vão...

Na verd.e coisas que já lá vão; mas esta conversa com o Melo ajuda a documentar o que lia pouco escrevi, nas páginas dedicadas ao aniversario do 28 de Maio.

Coimbra:

Junho: 10

Ante-ontem fizeram-se eleições. Saiu eleito, oficialmente, o contra-almirante Américo Tomás; e digo oficialmente porque, na realid.e, quem as urnas elegeram foi o Humberto Delgado.

Tudo o que nestes últimos dias acontece parece sair duma caixinha de surpresas, como num conto de maravilhas. Pelo menos, deste meu canto da rua de Veriando Rodri-

gues onde me isólo, é o que me parece ver, tão surpreendentes se apresentam os sucessos.

Durante 32 anos esta gente da situação, guiada pela mão super-habil da Companhia de Jesus, reduziu ao silencio um País inteiro. Aparece, de repente, como nas magicas, um homem que, como o garoto do conto celebre, diz com resolução

— O rei vai nú!...

e toda a gente abre os olhos e abre a boca para dizer q. na verd.e o rei ia nú. E quem é esse homem que exclamou essa verdade comesinha? Esse homem é um quase desconhecido, um general dedicado aos assuntos da aeronautica, alheio aparentemente á politica e, até, creatura com responsabilidades na manutenção do Estado Novo.

Como compreender que um homem assim agitasse de tal modo a opinião publica, provocasse manifestações monstros como no Porto, incitasse dedicações fervorosas e, por fim, saísse das urnas, a seguir a uns curtos 20 dias de propaganda refreada quase a conta gotas, eleito por notavel maioria para a Presidencia da Republica?

Fenómeno digno de atenção, ficção q. quero crer, os governantes não aproveitam e tudo continuará na mesma como até hoje. O que parece ressaltar de tudo é que desde o monárquico integralista até ao comunista, todos se reuniram á volta do Humberto Delgado; a mistura vinho nem inconvenientes, é certo, para o caso da vitória, mas significa o valor da repulsa da grande maioria dos portugueses por este estado de coisas que já excede as marcas.

E é isso que eles de certo não querem mas fingem não ver — port. a Companhia assim o exige para maior gloria de Deus.

Quero, parece, acreditar que ainda teremos muito que ver nos proximos tempos — e oxalá não saia asneira.

Ora eu conheci este Humberto Delgado em 1935, em Caxias, quando, como tenente-coronel, frequentei a Escola Central de Oficiais. Ele tirava, salvo erro, o curso do Estado-maior

e, como morava numa pequena casa que se junto á "mess" aparecia muitas vêres, depois do jantar, no salão, para um pouco de palestra amena.

Lembro-me bem dele. Era rapaz, então, dos seus 28 para 29 anos, desempenado, alegre, de maneiras delicadas; já era aviadôr e uma vêz por outra voava no seu avião ligeiro por cima de Caxias e descendo bastante na altura da casa de habitação, deixava cair uns saquinhos de rebuçados e doces sobre o quintal onde duas creanças, filhas dele, alvoroçádamente e com sinais de alegria, esperávam o agradavel presente.

Uma noite, falei-lhe nisso e perguntei-lhe se não havia perigo em descer tanto com o avião. Ele teve um encolher de ombros modesto e respondeu:

— Os pequenos acham graça... e quando vou a Sintra, lembro-me sempre de lhes lançar uns cartuchinhos de bolos...

Conversava bem, com animação; e ainda o estou a ver a apreciar com ares maliciosos certas palestras que alguns dos tenentes-coroneis mantinham, com inferiorid.e e sem qualquer interesse. E parecia-me que ele

observava com curiosid.e o gráu de inteligencia e cultura dos meus companheiros. É possivel que não mas tambem é possivel que assim fosse.

Depois, passados anos, quando comandava Infant.a n.º 7, ele esteve algum tempo no Quartel-General da Região e, não me lembro já porquê, tivemos varias vêres de falar. Uma delas, até, foi no teatro, em Leiria, onde eu estava com m.a Mulher num camarote a assistir a qualquer espectaculo. Bateu á porta, entrou e explicou a razão porq. chegára tão tarde; convidei-o a ficar até final da recita no camarote e combinámos a hora, no dia seguinte, p.a tratar do assunto que o levára a Leiria e de que já me não lembro.

Vi que era rapaz com habitos de sociedade, sem afectações. Tinha desembaraço natural e fiquei gostando dele. Conservo dois bilhetes que me escreveu nessa altura.

E nunca mais o encontrei.

E agora esse rapaz cheio de vida, delicado, com maneiras distintas, aparece passados tantos anos a magnetizar o povo português com muito poucas palavras. Bastou que simplesmente quebrasse o encanto da adoração

em que se estava dum idolo com pés de barro duvidoso e disséesse que afinal o rei ia nú! E bem nú...

Vamos a ver no que isto acaba. Mas não deve acabar bem.

Paz: Mafra:

Julho: 24

Desde ante-ontem neste deserto de salvios. Cá estou caído como nos anos anteriores...

Que lhe hei-de eu fazer?

Ora bem. Vou aqui anotar dois casos sem importancia mas que, apesar disso, não quero deixar passar em julgado.

O primeiro:

Em 6 deste mês o Diario de Noticias de Lisboa, publicava uma carta do marechal Saldanha com comentario e introdução do Angelo Pereira escritor dado especialmente ás genealogias. Ora a apresentação da carta provocou esta outra minha para o dito Angelo Pereira escrita ainda em Coimbra a 12 do mês corrente:

« Ex.mo Sr. A.P. — Li ha dias, no Diario de Noticias o artigo de V... aproposito duma carta

do marechal Saldanha ao Cardeal Saraiva. Nesse artigo notei principalm.te o passo seguinte: «... cerco do Porto que ele conseguiu "fazer levantar, mercê duma soberba carga de "Cavalaria.» Ora eu publiquei ha pouco um trabalho de certo vulto que anda pelas livrarias, relativo ao marechal e confesso que não sei que carga de Cavalaria foi a que obrigou a levantar o cerco. De certo V... encontrou qualquer documentação que esclarece o assunto e que eu desconheço. Tomo, por isso, a liberdade e o atrevimento de vir rogar o obsequio, se isso o não contraria, de me dizer qual a fonte encontrada. — Será esta carta uma impertinencia? Nestes assuntos de investigação historica ha sempre surpresas. Queira V... desculpar e acreditar que, etc. etc.»

O homem respondeu amavelmente mas compromettido. Já se não lembra onde encontrou a base p.a tal referencia, e ilude um pouco a m.a pergunta. Conclusão: escreveu aquilo ao correr da pena sem preocupação de verificar o q. afirmava. E' o caso de aplicar a conhecida e repetidissima frase: «e assim se escreve a Historia...» que nes

te caso tem a agravante de ser aplicada a uma creatura com fumaças e honras de historiador.

Vamos ao segundo caso:

No diario Republica, de Lx.ª, do dia 16 do corrente vinha a noticia que aqui deixo recortada e colada. Parece-me que foi propositadam.te que a noticia saiu assim e, na vert.e, é digna de nota.

Prof. Hernani Cidade e Amália Rodrigues

O «Diário do Governo» publica hoje os decretos que concederam ao sr. prof. dr. Hernâni António Cidade, catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa e artista Amália Rodrigues, respectivamente, os graus de comendador e cavaleiro da Ordem Militar de Sant'Iago de Espada, o último por proposta do presidente do Conselho.

O ilustre Salazar propôz o grau de comendador de Santiago á cantadeira de fados: é o cumulo! E para maior desfaçatez, a condecoração vem junta com a do Hernani Cidade...

Eu, no primeiro impeto, ia a escrever ao dr. Cidade protestando contra a companhia que lhe deram; mas reflectindo, achei melhor deixar passar o caso em julgado.

Quem sabe, até, se o Hernani Cidade não estranhou ou se não importou — e eu iria ser mais papista que o Pápa.

Adeante, adeante...

Paz (Mafra):

Agosto: 11.

Fui hoje a Lisboa á despedida da Ana Maria que vai com o Pai, em excursão aos Açores; e aproveitei para ir receber nove contos, quatrocentos e cinquenta escudos que a Livraria Sá da Costa me deu por venda de 135 exemplares do meu pobre Saldanha.

Parece quantia avultada; mas pouco cobre despesas já feitas em especial com o pagamento da separata. E fica por pagar o trabalho de fazer a obra...

Paz (Mafra):

Agosto: 15

Com a morte do bom Pires Monteiro a Revista Militar perdeu não só um dos melhores pilares como, em especial, o seu critico bibliografico. Ha tempo o gerente, o major Luis Soares de Oliveira insinuava-me, delicadam.te, de que eu poderia substituir o falecido critico. Eu não disse que sim nem q. não, mas agora foi a direcção da Revista que abertamente me solicitou o encargo.

Respondi que sim... Que havia eu de dizer? Não me senti lisonjeado, é certo; a honra não é das maiores; mas não desgostei do trabalho, tanto mais que é tarefa a q. verdadeiram.te nunca me dediquei e, já agora, nas proximidades dos Oitenta, é tentação desculpavel.

Fiquei, pois, o critico da Revista. Ontem recebi já o primeiro pacote com livros, entre os quais um livro de versos. O oficio de remessa, a respeito deste ultimo dizia: «não "sei se é costume ou valerá a pena fazer-lhe "referencia...»

Pobre gente!... Porque é que a Revista Militar não ha-de fazer referencia a um livro de Poesias?

Enfim, vamos a ver como me comporto nesta nova faze...

Paz Paz (Mafra)

Agosto: 16.

Chega-me nos jornais a triste noticia da morte do tenente Antonio Agostinho.

Quem era este Antonio Agostinho?

Verdadeiramente, era um desconhecido. Porem, para mim, era um amigo que estimá

va bastante e que tinha, por mim, estima e amizade dignas de nota.

Conheci-o aí por 1912 quando se organizou em Coimbra o Grupo de Administração Militar; devia então ser alferes do Quadro Auxiliar, de fresca data - e era m.to novo. Republicano, m.to liberal, entusiasta, tornou-se - me simpático pois ao mesmo tempo q. era de temperam.to um tanto ou quanto impetuoso, era respeitador e afável. Não sei já bem por que razões, o rapaz simpatizou comigo e notou-me amizade que ~~[illegible]~~ se reconhecia com exuberancia.

Lembro-me de q. no tempo das Juntas Militares de 1918-1919 ele foi um dos mais activos e entusiastas elementos de resistencia e até foi ele q. me foi procurar ao quartel de Infant.ª 35, em S.ta Clara, no dia da passagem do celebre comboio de tropas q. vinha de San Mamede, para me comandar a força que se devia opôr ao desembarque em Coimbra.

Os tempos passaram, os sucessos foram variando e o Ant.º Agostinho ficou sempre o mesmo, o mesmo entusiasta, o mesmo correcto e honrado republicano. Passou á reserva ha muito; passou a viver na sua

casa da Anobra, concelho de Candeixa, fel-
to lavrador; mas quando ia a Coimbra e
me encontrava, corria de braços abertos pa-
ra me abraçar e muitas vezes me batia á
porta fº. me ver e conversar, desalentado,
acerca dos sucessos correntes.

Bom António Agostinho! Aqui deixo es-
tas simples palavras, sem valor, para lem-
brança dum bom amigo, modesto e desco-
nhecido, mas digno duma referencia nestas
minhas papinas destinadas ao esquecimento.
No final do vol.º fica colada uma notícia da
sua morte, recortada do jornal República, de
Lisboa — unico periodico que noticiou com
justiça o desaparecim.to deste honesto e digno
cidadão. (1)

Paz (Mafra)
Outubro: 3.

Faço hoje 79 anos, ultima cartada da casa
dos Setenta. Para o ano se fôr vivo entrarei
na casa dos Oitenta...

Para quê?

---

(1) A pag. 422 no final do volume.

Lisboa

Outubro: 5.

Na capital do Império. Dia chuvoso. Bandeiras nos edificios publicos. A policia fardada com grande uniforme. Comemora-se a proclamação do regime — mas as manifestações estão proibidas...

Lisboa:

Outubro: 28

Ha dias, o Franc.º Carlos de Paiva, contínuo da Bibliotheca da Universid.ª, a quem perguntára pelo estado de saude do Dr. Joaquim de Carv.º, dizia-me que a sua vida era quasi tão dumas pessoas.

Impressionou-me a noticia. Mas hoje os jornais e um novo bilhete do Paiva anunciam-me a sua morte. Ainda esperava vê-lo e prestar-lhe a homenagem devida quer em vida quer depois de morto. Assim não aconteceu e devo confessar que me sensibilizei, que senti as lagrimas virem aos olhos, que me impressionou fortemente a certeza do desaparecim.to do notavel professor e talvez amigo.

Nestas minhas notas de acaso deixei por vezes comentarios acerca do Dr. Joaq.m de Carvalho possivelmente um pouco azêdos e não sei se injustos. Mas hoje, perante a morte, devo dizer que sobre esses comentarios de ocasião, quem sabe se saídos de mau estado de espirito ou desconfiança, fica a certeza de que desaparecau Alguem em Portugal e de que, afinal, foi a ele que fiquei devendo a leitura das Cartas do Infante Dom Pedro e a publicação dos meus estudos Camões e "as artes liricas" e O marechal Saldanha, alem de certas preferencias que revelávam estima, consideração e amizade.

Sei-de deixar escritas aqui, com vagar, as m.as impressões sobre esse grande Profes. por que na cultura Portuguesa deixa um lugar dificilimo de preencher. Com serenidade quero dizer o que hoje pinto, e lembrar a minha convivencia com ele desde os tempos em que, ainda estudante, me foi apresentado pelo Augusto Casimiro como grande promessa das Letras. Por hoje limito-me a confessar q. escrevo com lagrimas nos olhos.

Lisboa

Novembro: 1

Ontem, na vinda duma fugida á Paz, numa camionette da Empreza Gaspar, ao passar no Pinheiro de Loures houve abalroam.to com uma camionette de hortaliça q. se atravessou não sei como na estrada. Com o encontro brusco, a nossa camionette ficou com a frente esmagada e por consequencia inutilisada e eu dei com a cara nas costas do assento da frente e fiquei bastante magoado.

O mês acabou mal.

Hoje, porem, ao entrar num electrico, o condutor vendeu-me um bilhete com capicúa. Ainda bem, pois vejo que este mês de S. Martinho dá um pouco de esperanças de melhoria.

E, vamos lá! as superstições são ainda uma grande coisa: vão alimentando esperanças e sempre vão entretendo o espirito.

E sempre fazem rir os outros que ficam com direito a duvidar das minhas faculdades mentais.

Lisboa:

Novembro: 9

Não ha duvida de que ando em maré de sorte... Hoje, num electrico, o condutor vendeu-me outra capicúa. O mês de Novembro promete, pelos vistos. E de mais a mais a dois dias do S. Martinho...

Lisboa:

Novembro: 11.

O governo não consentiu a vinda a Portugal do chefe trabalhista Aneurin Bevan q. os chefes da oposição convidaram para umas conferencias publicas em Lx.ª, Porto e Coimbra. Os homens da governança tiveram medo — e com razão: não só recearam o que o politico inglês poderia dizer, mas tambem o que ele viria verificar a respeito do regime liberal em que vivemos. E assim, toca a não consentir na vinda do homem «considerada inadmissivel...»

O que dirão o chefe trabalhista e os ingleses todos, ciosos como são das suas liberda-

des individuais ? É' caso para dizer, como o velho Dr. Costa Lobo, que até foi melhor a proibição... Talvez na Inglaterra o caso seja de maior importancia.

Enfim... Seja como fôr, o declinio da chamada «situação» é' evidente. E para recordação fica colada no final do volume a nota oficiosa com que o governo explica a «ina dmissivel» vinda a Portugal dum cidadão livre da Inglaterra.(1)

Lisboa:

Novembro: 23:

Fui hoje, com a familia, almoçar fora Vamente á Paz; á noite, para fazer horas do jantar, entrámos no Café Esplanada do Panorâmico Joaquim Manuel de Oliveira — onde vi pela primeira vez a televisão a funcionar.

Com franqueza, não abri a boca. Poderá ser que no futuro valha a pena ter em casa o aparelho; pelo que vi, francamente, achei q. o espectaculo oferecido fica mt.to inferior ao valor do invento e ao esforço dos que tentam aperfeiçoa-lo.

---

(1) Cf. pag. 423.

É possível que seja por deficiência nossa, como é sempre costume. Esperêmos, pois, que em Portugal a Televisão chegue ao ponto que deve chegar.

Lisboa:

Dezembro: 1

Dia festivo... Bandeiras desfraldadas... Etc. etc. Tudo com o cuidado de não ruborizar os nossos bons vizinhos espanhóis... Mas enfim, vá lá! ainda desfraldam bandeiras e a rapaziada da chamada Mocidade vai depôr flores no monumento dos Restauradores. Podia ser pior.

Ora isto veem a-propósito dum caso insignificante há pouco dado na rua. Estava eu a ler pacatamente o jornal grande, de repente, lá de fóra, vêem os acordes do Hino do Primeiro de Dezembro, tocado com certo arrojo. Chegui á janela: eram dois cegos, um com concertina (ou harmonio) outro com obré que desciam a rua com passos vagarosos, guiados por uma mulher mais do que modestamente vestida. Fiquei-me a olhar p.º o grupo e, confesso, comovi-me... Comovi-me porquê? Não sei, mas fiquei enternecido a olhar pa-

ra o grupo. Patriotismo... não era, com certeza; seria porventura a intuição da inutilidade daquela chamada musical à vibração patriótica? Qual lá!... Seria por ver os poetas cegos no esforço de ganharem a vida?

Enfim, fosse o que fosse. Comovi-me, enfureci-me — está é que é a verdade.

Lisboa:

Dezembro: 6.

Encontrei-me hoje com o Laranjo Coelho que é grande visinho, quando saía de casa. Muita festa para a festa, como quando nos encontramos e ele aproveitou a ocasião para me pedir uma deligencia junto do Dr. Pacheco de Amorim, como gerente de O Instituto.

E na conversa veio o seguinte caso que merece conservado:

Um dia, encontrando o Alfredo Pimenta, já há anos, este a propósito de estudos feitos por Laranjo Coelho acerca do Mousinho da Silveira, seu patricio de Castelo de Vide, atirou-lhe com esta ameáça:

— Você ainda há-de pagar esses louvores ao Mousinho!... Deixe estar que ainda os há-de pagar!...

O Laranjo é creatura pacata, por ventura medroso; confessou-me que perante a objurgatória não encontrou resposta... E perguntando-lhe eu se a ameaça teve qualquer concretização, disse que não e acrescentou, não sem certo ar de rancôr encoberto por gesto de brandura:

— Morreu antes... Não teve tempo...

Coimbra:

Dezembro: 31:

Estamos no fim do ano. Que o leve o demonio... Desapareceram tres amigos: o Pires Monteiro, o Afonso Duarte e o Joaquim de Carvalho, fóra varias contrariedades e m.tos aborrecimentos que me tocáram pela porta.

E para acrescentar, feitas as contas, verifico que, em todo o ano passei apenas metade nesta minha casa ou sejam 184 dias. A outra metade foi dividida por Lisboa (107 dias) e pela Paz (74 dias).

E assim vou passando e gastando esta triste vida...

Que lhe hei-de eu fazer?

Mas já agora quero deixar aqui, antes de fechar de vêr o ano, duas curiosidades que re-

velam um tanto o momento actual. São banalidades, é certo, mas teem a sua epoca.

Uma delas é poesia feita por um aluno de mª Filha cujo nome não guardei; poesia nos moldes modernos, feita quase expontaneamente, na balburdia dum dia de aulas, sem pretenções de qualquer especie. Era pena ficar inédita:

«A morte vem de quando em vêz
Bate uma, duas, tres
Vezes tres... nove... Noves fóra nada...
E bate mais ou menos B, raiz quadrada
De quatro AC sobre dois A.
Estás a ver, oh Pá?

A morte vem
Ninguem a vê... ninguem a vê.
Tudo está cego.
Cégo?... Isto cheira a entestino...
Tapa o nariz!

Quando eu era pequenino
acabado de nascer
a cada esquina
eu via contrabandistas

de creanças e cocaína.

E bate uma,

duas...

tres... tres e meia...

O sino da minha aldeia toca assim:

Caim

Caim

Caim...

Caim matou Abel

Diz o velho testamento.

E bateu quatro

Cinco,

Seis,

Sete... um momento:

Eu volto já... vou á retrete.»

E' perfeito exemplar de certo genero moderno; quem quer que seja o autor, rapaz novo, ainda no Liceu, mostra q. tem geito. Pois que continue: e alem de tudo, tem graça.

A outra curiosidade é de ordem diferente e tem seu quê de politico. Trata-se do aumento anunciado ao funcionalismo em que uns acreditam outros não.

Ora alguem de imaginação fertil organizou esta taboa de calcular o que, cada qual, virá a ter de aumentó

Vou explicar: é necessario partir da seguinte frase por baixo da qual se escrevem os algarismos de 1 a zero:

EM PAZ ARDUA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

1) Escolhem-se 3 letras seguidas e escrevem-se por baixo os respectivos numeros. Por exemplo:

PAZ

3 4 5

2) Invertam-se os algarismos:

5 4 3

3) Subtraia-se o numero 345 deste ultimo 543:

543 − 345 = 198

4) Invertam-se os algarismos do resultado, ou seja

891

5) Some-se este num.º ao anterior:

891 + 198 = 1089

6) Multiplique-se o resultado por 7:

$$1089 \times 2 = 2178$$

7) Multiplique-se este resultado por 10:

$$2178 \times 10 = 21780$$

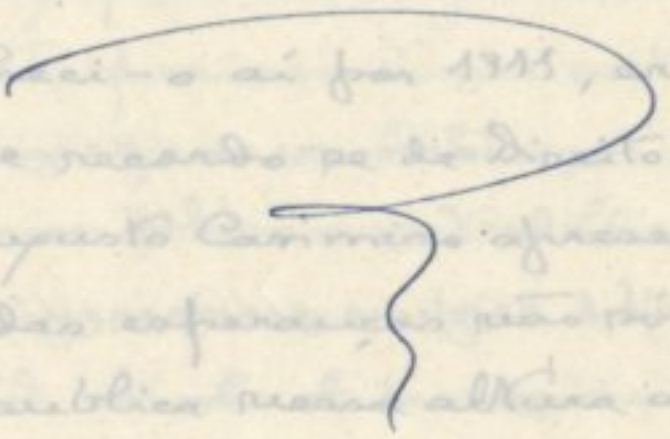
8) Finalmente substituir estes algarismos pelas letras correspondentes da frase q. acima ficou:

2 1 7 8 0

MERDA

E aqui está em que se entretem muita gente... Mas a verd.e é que é necessario ter imaginação fertil para chegar a este resultado.

E com aquela palavra que resume o falado aumento de vencimentos vou fechar o ano de 1958.



— 1959 —

Coimbra:

Janeiro: 1.

Para começar o ano vou transcrever umas notas que lancei ao acaso e aos bocados em quartos de papel depois da morte do dr. Joaquim de Carvalho. Aqui ficam para lembrança minha e para dever para com o grande professor.

«Conheci-o aí por 1911, era ele estudante de não me recordo se de Direito ou já de Letras. O Augusto Casimiro apresentou-mo eu como uma das esperanças não só das Letras, como da República nessa altura ainda bastante faricilitante e tumultuosa. Era ele, então, rapaz um tudo nada enfezado, reservadas as medidas, com olhar brilhante de observador, muito calado, ouvindo mais do que falando.

«Lembro-me de que a primeira conversa foi longa, desde a Baixa até ao fundo da minha rua, conversa em que eu, com alguma loquacidade, me embrenhei por assuntos históricos e o deixei assombrado com os meus metodos, os meus verbetes, a minha persistencia na investigação, etc. etc. Estou ainda a vê-lo, ao fundo da rua, a ouvir-me, muito calado, com o olhar penetrante de curiosidade.

«Desse primeiro encontro, que ideia ficaria ele a fazer de mim? O certo é que mantivémos sempre boas relações embora nos encontrassemos pouco. Ele, absorvido nos seus trabalhos escolares não se mostrava muito e o tempo foi passando até que viéram as formaturas e a sua aspiração ao doutoramento.

«Apesar de estarmos em regime republicano a verdade é que a Universid.e continuava no velho regime monarquico. A Republica assim o quiz: dando-lhe liberdade para se governar sem ter refundido os seus quadros, fez com que o ingresso ao corpo docente fosse coado pelos filtros da S.ta Madre Igreja. E na Faculd.e de Letras a que o Joaquim de Car-

valho aspirava, reinava como director e quase dôno, o Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos que a magnanimidade republicana pôz á sua frente como organizador e seu director.

«Não me lembro já bem deste periodo da vida academica de Joaquim de Carvalho mas teve suas dificuldades em acalmar as suspeições da Faculdade. Como estudante foi republicano e pertenceu á Loja maçonica Revolta, salvo erro — e isso era conhecido e o suficiente para opôr á entrada uma grave barreira.

«Tenho ideia de que o Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos o encaminhou favoravelmte e seria talvez dos raros a ser-lhe propicio. Ha quem diga que o Cerejeira, seu condiscipulo ou contemporâneo e que se lhe afeiçôou, teve tambem peso na balança. Não sei. Esses misterios ficarão naturalmente ignorados. Nesse periodo que foi o da primeira grande guerra, a minha vida concentrou-se na papelada regimental, nas manobras, nas lutas politicas bem acêsas e não frequentava a Universidade onde poderia encontrar o já doutor Carvalho e saber qualquer coisa.

«O tempo foi passando até que chegou o doutoramento em 1917, salvo erro, com a dissertação: Estudos de historia da Filosofia Portuguesa. Antonio de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença. Volume I: Antonio de Gouveia e Pedro Ramo [1] de que me ofereceu um exemplar; depois veiu a nomeação para catedratico, com dispensa de concurso para o qual fizera a dissertação Leão Hebreu, Filosofo. (Para a historia do platonismo no renascimento) [2] de que tambem me ofereceu um exemplar.

«Intensificaram-se, então, mais as nossas relações sempre afectuosas se bem que da minha parte não me esquecia de que ele tinha capelo e borla — o que é, quase sempre, um fosso de certa largura. No entretanto manda a verd.e que se diga que ele nunca me fez sentir essa distancia e frequentava a m.a casa para conversar afavelmente e contar, ás veres, os seus projectos de mistura com revista aos meus livros e comentarios bibliograficos.

---

(1) Coimbra, Imprensa da Universid.e em 1916
(2) Idem, idem, em 1918.

«Depois, por morte do Dr. Teixeira de Carvalho, foi nomeado director da Imprensa da Universidade; e aí começou um activo período de vida em que juntamente com as lições na Faculdade, sempre primorosas, ia dando aos prelos uma série de obras de valor quer re-edições de algumas raridades quer trabalhos de contemporâneos.

«Foi então que tentou lançar uma revista erudita, de História e Bibliografia; e para essa revista me convidou a colaborar com as Cartas do Infante D. Pedro á Câmara de Coimbra conforme conto no prefacio á 2ª edição das mesmas. Devo-lhe essa distinção, tanto mais que a carta em que me convida (e que conservo) é extremamente lisonjeira. Confiou-me, até, o índice do 1º volume que não se chegou a publicar, como também contei; ainda mantenho esse índice em caixas para o juntar ao exemplar ultra-raro da revista, mesmo dias em q. me possa dar com paciencia para isso.

«E como me considerou colaborador da sua obra de cultura, deu ordem na Imprensa para eu ter 20% de desconto nos livros que lá comprasse — o que me deu ensejo a adquirir algumas especies do meu agrado.

«A extinção da Imprensa foi um grande golpe pessoal, independentemente do prejuízo que daí veio para a cultura portuguesa. Ha quem queira atribuir o caso ao Alfredo Pimenta que não perdoou ao Dr. Carvalho a publicação das Odes Modernas de Antero, dos estudos sobre a Reforma de Henriques Nogueira e doutras obras que não estavam dentro do espírito da chamada Revolução Nacional e dentro, também, do espírito de intolerancia e mediocridade do velho provinciano.

«Algumas vezes ele, Dr. Carvalho, me citou e mostrou cartas do Pimenta sobre o assunto apesar de, para o acalmar, publicasse coisas de dele, como publicou; mas o Alfredo Pimenta não era homem em quem a gratidão vivesse alerta. Além disso o Dr. Carvalho tinha, na política, a sua situação definida como republicano, liberal e (especialmente nessa época) anti-fascista; com o pretexto de economias a Imprensa foi extinta; e até a primeira obra da cidade universitária que se fez, foi precisamente a instalação de O Instituto nas ruínas do edifício onde ela funcionava, para se não poder, em caso de revivalho, voltar ao mesmo sitio... O Dr. Joaquim de Carvalho perdeu-se muito. A Filosofia, porem, fê-lo

acomodar-se, melhor ou pior, conforme as circunstancias exigiam.

«Cabe aqui talvez, nesta altura, um comentario acerca de certas fraquezas do grande professor que, como Homero, uma vez ou outra dormitava. E vai nisso realdade de qualquer especie.

«Deixai, é certo, nestas memorias, num ponto ou noutro, algumas referencias possivelmente azedas a seu respeito; não sei se o azedume seria de mim, normalmente predisposto, perante qualquer desconfiança surgida no meio das amarguras e desilusões da vida, a tomar os juizos formados por caminho nem sempre justo. Quero crer apenas, pensando bem, que na realidade eu não teria avaliado com justeza o procedimento dele pois que, afinal de contas, fiquei para com ele, sem a menor duvida, com grande divida.

«Dizia-me ha tempos; não me lembro já quem, que os filosofos têm, em regra, caracter pouco firme; que a Filosofia, com todos os recursos de discussão e explicação, justifica sempre qualquer acto que no comercio comum esteja fóra da moral corrente. E' possivel que assim seja.

«Os amigos e conhecidos reprovaram, por vêres, certas atitudes de condescendencia para com os adversarios, condescendencia q. dava a impressão para uns de medo, para outros de culposa colaboração que se não podia dizer, evidentemente, sem conhecimento de causa. As transigencias com o Alfredo Pimenta, por ex.º, eram tomadas como processo de aplacar as iras do terrivel marinheiro, homem perigoso que poderia, como inimigo, causar-lhe serios prejuizos; demais a mais, o Dr. Carvalho, por essa altura, tinha em casa uns pequenos oito filhos, em idades escolares que ~~~~ pesávam enormemente no seu magro orçamento e lhe preocupavam o espirito

«Um outro caso, por ex.º, é o da Cronica de Afonso Henriques de Duarte Galvão que o Dr. Carvalho pretendeu publicar pela Imprensa da Universid.e com prefacio do Tomás da Fonseca. Este, é claro, atacava a censura eclesiastica a respeito dos capitulos suprimidos na Cronica e tratava do processo de canonização com a liberdade de linguagem que ele normalmente usa quando tem de se referir á Igreja. O Dr. Carvalho teve receio da publicação; a Cronica ficou impressa, mas á espera de oportunidade por

causa do prefacio... Com a extinção da Empreza não sei o que fizeram á Cronica; mas o prefacio é que ficou na gaveta!...

«Mais tarde, o Tomás ampliou-o e publicou-o em volume com o titulo de Dom Afonso Henriques e a fundação da nacionalidade portuguesa (Coimbra, 1949).

«De facto, foi uma traquinada.

«Porem o caso do Magalhães Vilhena é que se não explica do mesmo modo. A Faculdade de Letras rejeitou-o mas afirma-se que sobre a proposta do Dr. Carvalho. Sendo verdade (como parece que é) não se explica tal procedimento para com um rapaz de muito valor q. iria dar brilho á Faculdade como professor e como democrata a serio. Ficou sem explicação pelo menos para mim.

«Quando o Magalhães Vilhena terminou o curso na Sorbonne e ali foi doutorado com a mais alta classificação, eu tive certas cócegas de um dia falar no caso ao Dr. Carvalho, fingindo ignorar o que se passára; recêei, porem, magoa-lo e, no verd.e, eu tinha por ele estima e respeito suficientes para o não beliscar mesmo em pouca coisa que fosse. E nada lhe disse acerca desse assunto.

«Muitas vêzes, quando eu ia á Biblioteca da Universidade trabalhar, se ele lá estava no seu cubículo preferido, era certo vir comigo dar um bocado, passeiando ao longo das três salas e, se era no verão, o passeio fazia-se no Pátio, do lado da sombra, desde o adro da Biblioteca até á Torre. E então entrava em confidencias, dava opiniões suas sobre problemas politicos que se levantavam, quer os internos, quer os internacionais — e a conversa era um prazer para mim.

«A sua fluencia, a maneira como ele via as coisas, mais sempre com positividade, as conclusões a que chegava muitas vêzes estranhas, eram verdadeiramente um encanto. Eu dava sempre por bem empregado o tempo que me roubava ao meu trabalho; e ficava com a toada nos ouvidos por muitas horas, sentindo o poder da sua argumentação cheia de imprevistos.

«Lembra-me de que um dia, depois de eu concluir qualquer exposição e dar-lhe a minha opinião, terminei com a frase banal e muito usada:

— Isto, senhor Dr. Carvalho, parece-me logico...

«Ele sorriu-se e respondeu:

— Oh meu Amigo: tome cuidado com a Logica...

«E embrenhou-se em explicações de muito interesse para mim acerca do valor e das incoerencias da Logica.

«Não tenho, pois, direito a opôr á sua memoria qualquer coisa desagradavel; se, como Homero, dormitou uma vêz por outra e me levou a deixar nestas paginas esta ou aquela referencia mais ou menos azêda, tudo isso passou perante o vácuo deixado por sua morte — vácuo que me atinge, sem duvida, porque hoje estou convencido de que ele me estimáva e me consideráva.

«Foi ele que me publicou na Revista da Universidade o «Camões e as "artes belicas"» em 1943, expontaneamente, sem que, da minha parte, houvesse (nem poderia haver) qualquer sugestão por pequena que fosse; e esta publicação seria para a mestrança de capelo e borla, possivelmente um caso para censura. Anos depois, como creio ter contado nestas paginas, vem a publicação do trabalho sobre o Saldanha que ocupou no vol.º 18.º da mesma Revista o melhor de 300 e tal paginas e que seria para

a dita ~~mestrança~~ já não direi um caso para censura mas um verdadeiro escândalo. E como aconteceu com o Camões, tudo se passou por expontânea e, desta vez, insistente convite.

«As Cartas do Infante D. Pedro e estes dois últimos trabalhos a que me refiro, são suficiente razão para eu lhe ficar sempre grato e venerar a sua memoria. Estou convencido de que nenhum outro director da Revista da Universidade faria o que ele fez.

«Quando foi do congresso, em 1940, de História da Activid.e Científica Portuguesa, chamou-me para o auxiliar em muitas coisas como na verdade o auxiliei; em tudo quanto se referia ás actividades militares no campo cultural, fui eu o assistente de confiança. Devido ás suas solicitações anuais fiz o Esboço da evolução das ideias militares em Portugal que ele aprovou com palavras amigas.[1]

«Uma vez por outra consultava-me em assuntos de bibliografia ou de história militar, co-

---

[1] A m.ª intervenção neste congresso e o que se passou com o Dr. Carvalho, ficou contado com certa largueza no vol. destas memorias correspondente a 1937–1943. Ver no Indice, a pag. 438.

nhecedôr como era dos meus verbetes biogra-
graficos e ideograficos.

«Por tudo isto que aqui deixo, creio que posso dizer que as nossas relações eram verdadeiramente amistosas; e hoje que recordo o conjunto das mesmas relações, quero afirmar q. um ou outro passo azêdo que aqui ficaria escrito, viria mais de mim do que dele.

«Isto não é bem aquela protestação que os antigos autores punham no final das suas obras com medo do Santo Ofício; é um acto de consciencia que pratico e que deixo para ser avaliado por aqueles que me possam vir a ler. De certo que ao escrever mal humorado e ceptico via só o momento que passava; agora que estou a abranger o conjunto de perto de 50 anos quero fazer a devida justiça.

«Fiquei devedor, e muito.

«Quando, nos começos de Outubro ultimo o Artur Braga me escreveu para Lisboa uma carta em que me dizia ter visitado o Dr. Carvalho na Casa de Saude do filho e acrescentava: «segundo me informou confidencialmente o fi-
"lho Joaquim (o escritor) aquilo deve ser um ca-
"so arrumado, infelizmente. Trata-se duma
"pleuresia de caracter canceroso. O Dr. Carva-

"lho ignora, no entanto, o seu estado» — a notícia impressionou-me muito.

«Previa, pois, para breve o desenlace que, na verdade, se não fez esperar; não o cheguei a ver nos ultimos tempos, mas sabia que ele conservava a lucidez da sua inteligencia penetrante e mantinha os seus projectos como se estivesse convalescente de qualquer doença ligeira.

«Todos que o visitavam vinham impressionados com essa resistencia e com a preocupação de levar a cabo esses projectos para os quais seriam necessarios alguns anos de trabalho. E na verd.e as obras projectadas sobre o nosso Liberalismo e sobre a marcha das ideias em Portugal, quero crer que não haverá, neste momento, quem as faça. Pigmeus, ha muitos por aí; inteligencias de penetração e acuidade como a do Dr. Carvalho, ~~[illegible]~~ de certo não andam aos pontapés por esse Portugal fóra, a pairar alto, livres de preconceitos.

«Foi verdadeiramente uma perda nacional.

«A actual situação politica, porem, quase ignorou o seu desaparecimento. E muito me admirei até de que, sendo o seu enterro ci-

vil, tivesse a comparencia de certos próceres universitarios e politicos.

«Faltou-lhes, de certo, a coragem para faltarem á cerimonia.

«E' assim o Mundo.»

Coimbra:

Fever.º: 7.

Esteve hoje aí em casa a D. Maria Isabel Nogueira Lobo de Alarcão e Silva, mulher do medico João de Alarcão e Silva e filha do velho amigo ha muito falecido Dr. Alberto Nogueira Lobo. Não sei como, veiu á conversa a situação politica e o divorcio deste com a Igreja Catolica. Sem que eu puxasse a palestra para esse lado, a D. Mª Isabel desatou a censurar o Salazar pela sua intransigencia perante a opinião publica, perante a opinião dos bispos e até perante discordancias internacionais. E com certo espanto meu teve esta frase que é sintomatica:

— E' necessario mudar... E' necessario mudar... Isto não pode continuar assim...

Ora é bom explicar que esta senhora falando assim, reproduz a opinião da chamada Acção Catolica de que ela é, nos agrupa-

mentos femininos, elemento de valor. Na verd.e o divorcio é manifesto mas de que eu me admirei foi da franqueza com que se fala nele e no repudio do homem intangivel, quase nos altares, até ha pouco considerado insubstituivel.

E' a historia de sempre...

Coimbra:
Gener.o: 26.

Reuni hoje na Cooperativa M.ar os poucos socios que ha em Coimbra da Socied.e Historica da Independ.e de Portugal, velha agremiação patriotica que ultimam.te é simples ornamento patrioteiro m.to chegado á actual situação politica.

O cor.el Raul Verdades de Oliv.a Miranda era o representante da socied.e e auxariou uma meia duzia de socios; ultimam.te, não sei porquê, demitiu-se e o actual presid.te o brigad.o Abel Souto-Maior escreveu-me, no verão, solicitando a m.a interferencia p.a reorganização da delegação, etc. etc.

Com o meu mau feitio de não gostar de dizer q. não, especialm.te, como agora, a um companh.o do generalato que sempre foi para

comigo m.to amavel e correcto, respondi q. quando regressasse a Coimbra veria o que se poderia fazer.

O Verdades de Miranda entregou-me a papelada e eu vi que havia apenas uns oito socios que hoje comparecerão amavel.te. Trocáram-se impressões e cada qual ficou de arranjar pelo menos um socio para que a delegação possa organizar-se.

E eu fiquei convencido de que se não organiza — o que para mim é excelente. Na verd.e não faz m.to sentido que eu venha a ser presidente duma societ.e patriotica, demais a mais situacionista.

Eeu que eu me deixei cair...

Coimbra:
Março: 28.

Pensei, um dia, em ver a opinião dos criticos da revista Vertice a respeito do meu desgraçado Saldanha; pensei que seria interessante ver o que a tal respeito diriam os rapazes da moderna geração. E um dia virei-me dos meus cuidados e falei nisso ao Mario Braga que é o hoje o Director, de facto, da revista. Este rapaz que me trata muito

leu e diz q. gosta de conversar comigo, acei-
tou a m.ª lembrança e nesta conformidade
entreguei os dois exemplares da graxe em Ju-
nho de 1957 — ha quase dois anos.

Quando recebia os fasciculos mensais da
revista, ia ver, com certa curiosid.ª, a secção
da bibliografia e... nada! Concluí que os ra-
pazes embatucáram e não sabiam como sair
do embaraço. Encontrando o gerente da re-
vista perguntei-lhe se os exemplares se teriam
perdido; explicou-me ele que, de facto, não
se atreveram á critica e arranjáram um ca-
pitão, que ele não sabia quem era, para dar a
noticia bibliografica. Eu apenas respondi:

— Um capitão?... Estou arranjado...

Fiquei aborrecido. O que eu queria era a
opinião dos rapazes novos, homens de letras,
com ideias modernas; gostava de saber a reac-
ção deles perante o calhamaço que escrevi e
afinal o calhamaço foi parar ás mãos duma
tropa que... haverá lhe seja!... não deve ter
sabido nada do assunto.

Ora meu dito, meu feito. Recebi hoje o
n.º 184-185 da Seara, correspond.te a Janeiro-
Fevereiro deste ano e lá vi, a pag. 62-63, as-
sinada por Sousa Miguel, quase duas colu-

nas de critica. Não ha duvida: o Sousa Miguel, que eu não sei quem é, não leu o calhamaço ou, se o leu, não percebeu o que lá estava. Logo de entrada diz que eu escrevi uma biografia... o que dá a entender que o homem não sabe o que é uma biografia. Depois faz certos comentarios entre eles o relativo ao sistema de guerra que mostra não conhecer o que isto é. E de maneira geral fiquei com a impressão de que me trata de alto e que, por m.to favor, desceu a comentar obra dum pobre diabo.

E mais nada.

E nisto ficou a minha veleidade de querer ouvir a opinião de homens de letras.

Coimbra:

Abril: 30

Neste mês que agora acaba desapareceram 3 homens a que me ligávam diferentes relações: o Dr. José Cardoso, do Fajão, no conc.º da Pampilhosa da Serra; o bom Pedro de Moura e Sá e o capitão reformado Antonio José de Campos Rego. Tres creaturas m.to diferentes mas aos quais me ligávam estima e alguma amizade.

O Dr. José Cardoso, velho republicano, é, pode dizer-se, meu amigo dos tempos da propaganda, anteriores, por consequência, a 1910; era então rapaz cheio de vida e de vontade firme, resoluto, como quem estava decidido a conquistar lugar ao sol. Gostava dele e a verd.e é que ficou, desde então, meu amigo e, segundo ouvia dizer a várias pessoas, meu admirador.

Não sei bem em que se fundava a sua admiração, mas o certo é que por vezes me chegavam notícias de referências que me fazia de evidente exagero. Frequentava então muito esta m.a casa; gostava de se sentar num cadeirão á "voltaire", que ali tenho, e conversava largam.te, espreguiçando as suas ambições com certa franqueza simpática, às vezes, até, um pouco rudemente.

Mas era um pioneiro. Homem das serras, espadaúdo, forte; barbicha negra e espessa, respirava força e optimismo. Não seria de grande inteligencia, talvez; a cultura geral não iria por aí além; mas era homem equilibrado, bondoso, tolerante, incapaz de uma traição como muitos dos seus contemporâneos.

Muitas vêzes, em conversas, me vinham a deixar o meu recolhimento, a não ser brinco, a lançar-me á tuta... Eu ria-me e dizia-lhe que sim, que ia pensar...

Em 1921, quando se deu o movimento sedicioso conhecido pelo "19 de Outubro", as comunicações com Lisboa foram cortadas e não havia, por conseguencia, notícias. Era ele, então, Governador Civil e ainda o estão a ver, desvairado e ao mesmo tempo irritado com o pouco que se sabia a respeito á morte de António Granjo. Numa conferencia que têve com o general da Divisão que então era o Simas Machado, este mostrou vontade de mandar secretamente um oficial a Lx.ª, saber o que havia de positivo, mas não o fazia porque como aqui estava há pouco não sabia quem poderia chamar p.ª tal diligencia. O José Cardoso não hesitou: disse-lhe que me chamasse, que o caso ficava entregue. E assim foi que fui chamado ao Quartel-general e mandado no comboio da noite, á paisana, com a farda numa maleta, como explorador... Má diligencia, com me lembro, cheia de interrogações perigosas; e lá fui e lá voltei sem novid.ª de importancia como contarei noutra parte.

Era, na verd.e, sincero amigo e agora, pensando um pouco, sinto que ultimamente fui um tanto ou quanto ingrato com ele. Devia procura-lo quando ia a Lx.a, conversar uma ou outra vez, dar-lhe a satisfação da m.a presença. Mas os meus retraimentos, o receio, muitas vezes, de parecer importuno...

Enfim, o bom do José Cardoso morreu sem que eu lho alguma vez o visse; e confesso que com o pesar sentido pela sua morte me assaltaram alguns remorsos.

Que fazer? Nem sempre consigo vencer-me; só depois é que vem o arrependimento.

O outro desaparecido foi o Pedro de Moura e Sá. A sua morte inesperada, pois morreu subitamente em consequencia de colapso cardiaco, causou certa impressão, a avaliar pelos artigos na imprensa que o elevam a alturas possivelmente exageradas.

Era rapaz inteligente, m.to estudioso, trabalhador e possuia, pela sua idade, cultura de certa amplitude; mas tenho a impressão de que a áurea que o cercou era em parte devida á situação que creou nos meios reaccionarios e nos da politica actual.

Pode ser que esteja em erro; mas eu conheci-o desde garotinho, agarrado sempre ao Pai que era o seu primeiro admirador, a viver num ambiente de beatério e m.to conservador em politica, a ler tudo que vinha á mão sem qualquer ordem ou metodo, influenciado fortemente por elementos integralistas e snobes. Formado em direito, não sei quem o levou p.a Lisboa e o meteu na Emissora Nacional; ali, como caiu numa róda de fraco nivel intelectual, foi tomado como creatura superior, cumprindo aquele ditado de na terra dos cegos é rei quem tem um olho. A sua fortuna estava feita. Os editores, as livrarias, acarinháram-no; a secção que ele dirigia de bibliografia critica, tornou-o um potentado.

Repito: pode ser que esteja em erro, que esteja a calumniar o bondoso (porque era, na realid.e, bondoso) Moura e Sá; mas estou convencido de que foi esta a trajectória seguida por aquele rapasinho que conheci ha uns 40 anos, cheio de curiosidades, avido de leituras sem tom nem som, e que depois em homem se manteve sempre com aparencia modesta, ás veres até acanhado.

Ultimamente pouco convivi com ele; uma vez por outra encontrava-o em Lx.ª e mais raram.te em Coimbra onde vinha trocar dois dedos de conversa de assuntos particulares; era sempre o mesmo afectuoso amigo, afável, delicado, sem deixar de lamentar os tempos recuados em que eu lhe dava conselhos — mas deixava-me a impressão de que alguma coisa minava o aparentava, qualquer derrocada sentimental ou, como vagamente ouvi dizer, uma possível incapacid.e viril. Fosse como fosse, ele aparentava um vencido, sempre com um tom de tristeza espiritual que contrastava com a posição que se pode há chamar dominadora que adquirira.

Enfim, segredos que se não desvendam nem realmente desvendar-se. Já aqui falei dele, em tempos, a propósito de qualquer incidente [1]. Agora, estas linhas são apenas leve lembrança desse bom rapaz, bondoso e afectuoso, que realizou o paradoxo de, vencendo na vida como vencem, dar a impressão dum autêntico vencido.

---

(1) Em 6 de Maio de 1955, a pag. 194-196 do vol.º destas Memórias correspondente aos anos de 1954-1955.

O terceiro desaparecido a que me referi é o capitão reformado Ant.º José de Campos Rego. Era 1º. sargento quando em 1915 eu fui colocado no regimento 23, ao regressar de Lagos e calhou ser ele o sargento q. respondia pela m.ª companhia.

Conheci-o então, correcto, sempre trabalhador e atento; curioso de saber, lia muito, lia a torto e a direito e tinha já nessa altura certas fumaças de escritor ou, talvêz melhor, de jornalista. Era bom rapaz, delicado e serio; casára ha pouco com uma sobrinha do Floro Henriques, uma morena de olhos negros, muito inquiétos, que uma vêz por outra aparecia no quarto de escrituração a alegrar o ambiente prosaico e banal.

Eu procurei orienta-lo nas leituras, dava-lhe conselhos e ensinava-lhe coisas; ele ouvia respeitosam.te mas dava-me a impressão de que se julgava superior a todas as minhas bem intencionadas diligencias. No entretanto ia ouvindo e de certo nada perdeu com isso.

Desde então ficámos amigos e eu interessei-me sempre por ele; veiu a nossa intervenção na guerra e o Campos Re-

go, levado pelo entusiasmo que atacou muitos militares, lá foi para Moçambique numa expedição e por lá passou muitos máos bocados — entre os quais a morte do irmão, rapaz miliciano que ele quase arrastára para destinos gloriosos.

O Campos Rego tinha um pouco de idealista e imbuira-se nas leituras das crónicas dos nossos feitos no Oriente; muitas vêzes lhe dei para baixo na ilusão desse passado glorioso, mas ele não aceitava o meu ponto de vista que, possivelmente no seu intimo classificaria de anti-patriotico. A' volta de Africa vinha um tanto ou quanto desiludido; era então alferes e esteve algum tempo em Lisboa na Guarda Republicana — até que voltou a Coimbra onde creio se conservou o resto da vida.

Dedicou-se ao jornalismo, escrevia pelos cotovelos, fundou jornais, metia-se em empresas, era homem de actividade e de trabalho; mas sempre na base de toda a acção havia a falta que lhe notara quando foi meu 1º sargento: não tinha metodo, era quase tumultuario e, com a idade, tornou-se muito pessoal, não admitia muito

bem a interferencia dos outros naquilo q. empreendia. E por isso teve varias desinteligencias com amigos e varios aborrecimentos escusados.

Por fim, a cegueira atacou-o e atormentou-o; começou a cair moralmente e nos ultimos dois anos era a sombra do que foi. Se vinha á rua era pelo braço da esposa, já tambem envelhecida, sem a inquietação no olhar de 1915; dizia-se desanimado, incapaz de qualquer esforço e ao falar mostrava, sem querer, um vago espirito de revolta.

Enfim, morreu creio que depois de dias de soprimento; não o fui ver quando tive conhecim.to da gravid.e do seu estado e hoje sinto alguns remorsos.

Mas que lhe hei-de fazer? Não posso fugir aquilo que sou.

E para terminar com o mês, devo deixar aqui uma rectificação a certo juizo deixado nestas memorias ha já algum tempo,[1] a respeito do professor Silvio Lima. Falando ha dias com o Francisco Carlos de Paiva

---

[1] Vol. de 1948-1951 a pag. 138-143.

na Biblioteca da Universid.e, veiu á conversa o caso de não abrirem concurso para a cadeira a que o Silvio póde concorrer apesar de estar vaga ha muito e este ter requerido nos termos legais e insistido perante o «magnifico reitor.»

Eu então observei que me admirava do facto desde que o Silvio se convertera e se adaptara ás circunstancias actuais. O Paiva logo, com certa veemencia, protestou: que não, que o Dr. Silvio se não convertera, que ainda era o mesmo, que fôra calunia o que se dissera quando o reintegráram no ensino, etc. etc.

Eu fiquei um tanto ou quanto surpreso mas, enfim, ouvi com certo agrado as afirmações do Paiva; e aqui as deixo lealmente p.a os devidos efeitos. Seria assim?

Antes fosse. Oxalá que assim fosse.

Coimbra:

Maio: 6

Hoje tenho uma cabazada de noticias p.a registar. E das boas.

Vêem duma conversa com o Dr. Mario Trincão que hoje fui consultar. As consultas com este velho amigo dão sempre um

pouco de cavaqueira a seguir ás observações clinicas; e, como é natural, o assunto é a politica do momento.

Ora bem: uma das noticias é que o Dr. Augusto Vaz Serra, seu amigo e sócio no consultorio, esteve no mês passado em qualquer reunião de «altas individualidades» da Acção Católica em que foi discutida e apreciada a divergencia conhecida entre a Igreja e o ilustre Salazar; nessa reunião foi apresentada a hipotese duma retirada forçada do sobredito Salazar e a subida ao poder dum ministerio puramente saido da Acção Catolica apoiado pelo exercito. Eu comentei que a mudança não traria beneficios e, quem sabe, se não seria piór...

Depois a conversa caiu na proxima comemoração da chamada «revolução nacional» e o Dr. Trincão revelou-me que o Dr. Maximino Correia quiz celebrar a data com a imposição do capelo honoris causa em todas as faculdades ao Salazar bem como a aprovação do titulo de «Protector da Universidade.» Nas faculd.^s a lembrança levantou protestos, principalm.^te na de Medicina e na de Direito; e quanto ao titulo de Protec

tor, a celeuma foi maior porque alguns professores acusáram o Salazar de prejudicar a Universid.e e lhe não dar a consideração que devia dar. Foi, enfim, uma quase exalturação do grande homem feita por professores situacionistas e monarquicos.

Que conclusão tirar?

O Maximino, porem, não se conformou e para fazer alguma coisa mandou pôr na Via Latina, ao fundo da escadaria q. vai para a reitoria, uma grande lapide com louvores ao Patrão e á situação politica q. vigorá ha trinta e tres anos. O Dr. Trincão classificou o caso de «iquotil...»

Coimbra:

Maio: 9.

Foi hoje, finalmente, aberta e inaugurada solenemente na Faculd.e de Letras, a Sala Ferreira Lima. Está, pois, arrumada definitivamente a garrettesca daquele bom e sempre lembrado amigo em casa adequada e condigna.

O acto não teve grande retumbancia; veiu o ministro, vieram muitas pessoas de Lisboa amigas do Ferreira Lima, repres-

Cifra memórias
entre p. 220-221

tantes da familia, alguns professores compareceram e meia dusia de curiosos. Foi tudo simples mas houve certa dignidade.

O Costa Simpão ~~[illegible]~~ leu uma pequena discursata em que historia a vinda da preciosa biblioteca, chamando a si a gloria do triunfo; teve uma ligeira frase, ao meio, em q. citava o meu nome como de quem sabia alguma coisa sobre o assunto — e mais nada. E' claro que estava dentro da razão: um professor de capelo e borla não podia associar em empresa de tal vulto, um pobre diabo dum tropa, de mais a mais reformado.

E' possivel, se estiver disposto a isso, que um dia diga qualquer coisa. Ver-se-ha.

Por agora fica aqui apenas esta noticia, uma fotografia do momento em que ficou descerrado o busto do Ferreira Lima e, no fim do volume, por curiosid.e, o convite recebido. E mais nada.

... Ah! esquecia-me:

Quando o ministro Leite Pinto percorria os armarios envidraçados em que ficam guardados as varias preciosidades garrettianas, ao deparar com as cartas que o Poe-

ta escreveu á viscondessa da Luz, o reitor, Maximino Correia, que o acompanhava, teve este comentario:

— A publicação destas cartas foi o pior serviço que prestaram a Garrett...

O ministro que me pareceu olhar p.º tudo aquilo como boi para palacio e se mostrava visivelmente "chateado" (para usar de termo moderno...) fez apenas um tipico sinal de cabeça, sem significação.

E agora... pronto.

Coimbra:

Maio: 19.

Ante-ontem inauguração da estatua de Christo-rei na margem sul do Tejo.

Quer pelos jornais quer por testemunhas oculares com quem falei, vê-se que o acto foi uma grandiosa manifestação ultramontana. A Reacção (com maiuscula) deve estar satisfeita.

O Presidente assistiu ajoelhado e com livro de missa na mão; uma bomba denunciada da N.ª S.ª de Fatima veiu poisar aos pé dele, arrebentando... Que mais era necessario para o grandioso triunfo?

E o cardeal Cerejeira, exultante, declarou que se podesse escolher o momento de morrer, escolheria aquele... Morreria, na verd.ª sua plena gloria.

Coimbra:

Junho: 2.

Veiu aí hoje o dr. Jaime Lopes Dias a convite da Socied.ª de Defesa e Propaganda de Coimbra fazer uma conferencia.

O Fernandes Martins foi receb.ê-lo com certa cerimonia e convidou-me para fazer parte do reguilo; jantámos num restaurante alem da ponte e acompanhámo-lo á Camara onde a conferencia foi feita com certa polemic.ª

A conferencia não deixou de ser interessante, mas, verdadeiram.te, cheia de lugares comuns. Louvôres a Coimbra, louvôres ás Beiras, o cantico tradicional á belleza da região, etc. etc.

O Fernandes Martins exulta com estas coisas, larga discursatas por dá cá aquela palha e assim se vai conservando do seu grande papel de gerent.te da Socied.ª de Defesa e Propaganda, capaz de resol-

ver montanhas de indiferença e comodismo proprias dos conimbricenses. Sente-se feliz com isso e ... bem haja!

Não conhecia o Jaime Lopes Dias pessoalmente; ele dirigiu-se-me logo que me viu, afectuosamente, dizendo que me conhecia m.to bem desde os seus tempos de estudante, que tem seguido a m.a vida com interesse e lido muitos dos meus trabalhos, etc. etc. Creio que é homem serio e velho republicano se bem que, nesta situação politica, se veja obrigado a certas acomodações que, aliás, lhe não deslustram o caracter.

Na conferencia citou uma vez o Dr. Ant.o José de Almeida e outra o Jaime Cortezão — o que na assistencia causou certa admiração.

Que tempos estes em q. uma referencia em publico ao Dr. Ant.o José de Almeida e ao Cortezão causa admiração e surpreza! Em que tempos vivêmos ah Supremo Arquitecto, que não tens á mão um raio forte que arraze toda esta caranguejola!

... mas nada de brincadeiras.

Coimbra:

Junho: 13.

Dia do milagroso S.to António... Ha 20 anos certos, o notavel thaumaturgo não quiz fazer o milagre de me deixar passar na prova final para o generalato. Se não fosse o prejuizo pecuniario que o facto me acarretou, diria que o santo fez muito e muito bem. Prejuizo moral... não me aproveitou: a honra de ser brigadeiro ou general era puramente facticia. Acamaradar com toda a casta de insignificantes e de mandões não tirava nem punha para a minha satisfação.

Adeante.

E mais uma prova de que o santo padroeiro me votou ao esquecimento é que comprei a cautela nº. 30178 da lotaria que lhe era dedicada e... nada! O numero ficou na grande esféra, escondido.

Ha m.to que andava mais ou menos decidido a deixar de jogar; a sorte não queria nada comigo, desde ha muito, desde o dia em que jurei que a lotaria me poderia dar, uma vêz por festa, algum prémio que me risse. Cheguei a fazer, desde Maio

de 1948 uma conta-corrente e, por ver o aumento de prejuizo, resolvi, ha pouco e definitivamente, deixar de comprar cautelas. Como porem se aproximava o dia 13 deste mês, calculei que, passados vinte anos certos, o taumaturgo teria certo remorso em me abandonar; comprei a cautela nº 30178 na doce esperança dum arrependimento...

Mas não: Sto Antonio manteve a recusa, o nº saiu branco e eu... deixei de jogar. Fechei a conta-corrente com um saldo contra de 996$00 escudos — o que dá a despesa anual de 90$55 ou seja a despesa mensal de 7.55. E rasguei a conta-corrente e não penso mais no caso.

E assim me vinguei do taumaturgo com grande vantagens pª a minha economia domestica. Ele não se rála nada com a minha vingança, certamente; é capáz de se rir de ~~[illegible]~~ mim e, ainda por cima, chamar-me parvo. Mas acabou-se, fiquei satisfeito; e nas minhas contas passo a ver com satisfação que ha uma despesa a menos o que corresponde a uma receita a mais...

Coimbra:

Junho: 18

Creio já ter aqui dito que a filha do meu condiscípulo Saturio Pires se lembrara de escrever um artigo acerca da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão e me mandara p.ª eu ver e emendar.

Ela tempos respondi indicando mais livros que seria conveniente ler para dar ao artigo uma feição mais completa. Ela leu o que indiquei, fez quaisquer alterações e depois me mandou as tapinas dactilografadas em que deixou o artiguinho.

Eis o que respondi hoje, devolvendo o trabalho: Depois de explicações de mera cortesia, escrevi:

«Li com atenção, duas vezes, o artigo de V... ampliado como esperei há tempos. Creio que a m.ª sugestão só o beneficiou pois não faria grande reparo que se não evocasse, por ex.º, o episódio de Wagram, um dos mais patrióticos ~~[illegible]~~ na história da Legião e que V... muito bem evocou. Fica assim o artigo mais equilibrado e, digamos, mais justiceiro. A história

ria da Legião é, na nossa hist.ª militar, um capitulo restrito, é certo, mas mais digno de ser estudado de que muitos outros que teem custado bastante tinta e papel. É possivel que ainda domine o preconceito de anti-patriotismo que teve, no tempo, a coadunação dos seus componentes — quando afinal a verdadeira historia creio que nada tem com isso. — Como V... fôde e me honra com a acceitação das minhas emendas, tomo a liberd.e de remetter, inclusa, uma nota com o que me parecem dignos de reparo.(1) E devo accrescentar que pouco me parecem dignos disso. Creio já ter dito q. V... tem uma maneira de escrever facil, viva, um tanto nervosa, que agrada e lembra a prosa do Pai de V... Os reparos que fiz não passam da ordem de simples "grathas". — As gravuras não deixam de ter interesse; um dos desenhos (o do sold.º de Cavalaria) é inferior mas creio não envergonhar; o outro, assignado por A. Branco (salvo erro) é curioso. — Quanto ao final do artigo... Porque é que

---

(1) As emendas eram de simples galicismos bem escusados, ou má construcção de frase.

não ha-de ficar como V... o escreveu?
Uma afirmação de principios é sempre digna e real vai quem os esconde por motivos interesseiros. Como velho republicano; parece-me poder dizer a V... que as afirmações de fé monarquica, sinceras e desinteressadas merecem-me a maior consideração e respeito. E' o caso de V... e dispo-o para qualquer constrangimento. E essas afirmações de tradicionalismo parece-me que não ficam mal num artigo em que se exalta uma tradição militar de grandeza. E com isto, mr. Senhora, apresento os meus respeitos, etc. etc. »

Afinal, no fim de contas, férias... A creatura é simpatica e bastante inteligente; veio ao meu encontro com sinceridade; que lhe hei-de fazer?

Coimbra:
Junho: 26

Estive hoje em casa do Salvador Pinto da França com quem conversei largamente. Entre os assuntos que saltaram na palestra, veio, como era natural, o da poli-

vida actual. E o Pinto de França contou que, ainda ha pouco, estando em Lisboa e visitando o brasileiro Lopes que foi presidente da Republica, este confessára que pensou, mais de uma vez, nos termos da Constituição, correr com o Salazar e chamar nova gente para acabar com este beco sem saida. Não o fazia, porem, pois se assegurara de apoio indispensavel e a verd.e é que não encontrou esse apoio, tese de deixar correr o tempo f.e ver se quaisquer circunstancias o ajudariam. Infelizmente essas circunstancias não surgiram.

Aqui fica o q. o Salvador Pinto de França me contou; as conclusões quem quer a ler isto que as tire.

Coimbra:

Julho: 14.

Recebi hoje um exemplar de A Voz em q. vem, na sua pagina literaria, o artigo da filha do Bazilio Pires acerca da Legião Portuguesa ao serv.o de Napoleão. E veio tambem uma curiosa carta, amabilissima, com agradecimentos. Tudo fica guardado nos devidos logares.

Coimbra:

Julho: 17.

Fui hoje a Miranda do C.º registar o meu testamento cerrado. Ha m.to que andava com vontade de deixar certas disposições em especial ao enterro civil — ultima afirmação da m.ª intransigencia com o clero catolico; tambem queria deixar recomendações acerca da m.ª papelada e dos meus livros. Calhou hoje, sexta-feira, dia aziago para acrescentar a varios outros da minha vida. E lá fui.

O Carlos Batalhão, o notario, esperáva-me, levou-me a almoçar a sua casa e foi com prazer que estive umas duas horas, pouco mais ou menos, num lar que me pareceu feliz, acolhedôr sem preocupações e cerimónias; foi na verd.º com prazer que me senti rodeado de amizade simples não só do dono da casa mas da esposa, senhora afavel, de modos francos, sem qualquer afectação — como raram.te hoje se encontra.

Enfim, foi uma "evasão" como hoje se usa dizer que depois, mais p.ª a tarde, foi completada com a subida ao adro da Igreja. E então, lá em cima, os meus olhos enche-

rau-se do espectaculo do vale e da serra, não sem que umas lagrimas furtivas viessem toldar a nitidez da paisagem. Uma ligeira neblina fazia saliental os contornos da serrania; e a verdura do vale, quer das culturas quer do arvoredo, dava o necessario contraste para tornar o vasto ambiente em motivos de arroubamento sentimental...

Basta de afectação piegas. O Testamento lá ficou feito melhor ou pior e eu fiquei com a consciencia mais tranquila...

Paz (Mafra):
Julho: 24.

Aqui estou, desde ontem á tarde. Lá me arrastei de Coimbra, contrariado, aborrecido, até este deserto de palcios.

Será para bem? O meu espirito ainda não sobressaltado que tudo me aparece toldado e duvidoso. Ver-se-ha o que vem, o que o futuro ainda me poderá reservar...

Paz (Mafra):
Julho: 29.

Estive hoje em Mafra o imperador de Ethiopia, Hailé Salassié. Pensei em ir vê-

lo de perto, durante a festa hípica que lhe ofereceram no campo de obstáculos do Centro de Instrução; queria ter a sensação de estar ao pé dum descendente do Prestes João, neto de Salomão e da rainha de Sabá e Axum...

Mas a manhã apareceu carregada de nevoeiro denso; havia fresco e humid.º e, francamente, não me arrisquei a contrair uma bronquite a troco daquela sensação meram.te sentimental.

Não fui. Fiquei aqui, em casa, a ouvir o bombardeio e tiroteio duns exercícios que fizeram na Tapada em honra do homem, para que se visse que nós, portugueses, que descobrimos mundos, que mandámos D. Cristovão da Gama libertar a Abissínia no século 16.º, que fizemos trinta por uma linha no longínquo Oriente, ainda sabemos dar tiros e disparar bombardas... A fumaceira que daqui se via, a cobrir os pinhais da encosta do Juncal, mostrava bem o valor do exercício; o vento norte atirava os rolos de fumo para o sul e o som das explosões ecoáva pelas encostas.

Resumo: barulho e fumarada.

Paz: Mafra

Agosto: 15.

Costumo lembrar, neste dia, a festa em Coimbra da S.ª da Nazaré da Ribeira. Com a velhice, a recordação dessa festança que na mocid.e me era grata sensibilisa-me ainda. Não repito o que já nestes cadernos tenho escrito, sentimentalmente, verdade séja; contento-me em reler o que ficou e em rever esses dias descuidosos que não voltam.

Mas hoje, sobre a lembrança da festa da S.ª da Nazaré da Ribeira surgiu outra lembrança não menos sensibilizadora: a da romaria da S.ª do Faro, no monte do Faro sobranceiro a Valença do Minho.

Já lá vão 52 anos...

Tinha eu então 27 anos, estava exilado em Valença e, atraído pela fama da festa e do panorama, subi, de madrugada, ao monte e saboreei alegremente a beleza das vistas sobre o vale do Minho e o inédito, para mim, do bulicio da romaria. Todo o dia se passou com rapidez; e a companhia de raparigas valencianas já conhecidas e em especial duma delas, morena, com olhos aciganados, que se me afeiçôou com certa espontaneidade, fez

com que o tempo corresse, não pode deixar impresso na memoria e na saudade, um perfume permanente.

Isto não é afectação ou prova de senilidade; bem sei que os 80 se aproximam e a decadencia é natural; mas a verd.e é que para toda a vida a recordação desse dia que não largou e m.to menos a dessa rapariga, cheia de qualidades, afectuosa, um tanto romantica e de viva inteligencia a quem me liguei platonicamente e com a qual me correspondi até casar dentro de normas só usadas nos romances moralizadores.

Chamava-se ela (vá lá! para que esconder o nome?) Adozinda do Amaral. Com o tempo, longe da m.a influencia benefica, viu a saber que não resistiu á sedução dum rapaz da terra, simpatico, formado por Coimb.a; e que, com o grazo natural, lhe nasceu uma filha que, certam.te, á maneira minhota, o pai não reconheceu ou até abandonou.

Enfim... Nunca mais tive noticias dela; morreria? Viverá na miséria, a esta hora, velha e triste? Ultimam.te, em Lisboa, nas conversas com o cor.el Pacifico de Sousa que, em 1907 foi colocado em Caçadores 3, na al-

tura em que eu estava p.ª ser de novo colocado em Coimbra, temos falado nela e tem-me dito o coronel que se dizia por lá que a rapariga ficára apaixonada...

Assim seria. O tempo, porem, dissolve as paixões e o sangue espanhol que lhe corria nas veias não era talismam suficiente p.ª manter com estoicismo a fidelidade ao alferes que, de-mais a mais, ia casar.

A vida é mesmo assim...

E tudo isto vem a-proposito da festa á S.ª do Faro, a que no diario do tempo me refiro com certa larguesa e bom humôr, bem como no vol.º a que puz o nome de Passeios e Viajatas. Bons tempos!

E adeante.

O que aí fica foi, sem querer, uma verdadeira descaidela de velho...

Desculpem e... vamos adeante.

Paz: Mafra.

Agosto: 16

No jornaleco O Povo da Lousã onde escrevo umas cronicas sobre historia mirandense, vem ha uns dias uma noticia, em lugar de honra, com cercadura especial para

dar nas vistas. Não resisto a deixa-la aqui arquivada, como documento.[1]

Trata-se da notícia da visita do Presidente Am.º Tomaz ao santuario de Fátima, visita anunciada e esperada pelo Bispo, com missa especial, etc. etc.

Esta gentinha julgando que elevam o homem, está afinal a comprometê-lo.

Mas isso é lá com eles.

Paz: Mafra

Setembro: 20

Ontem fez a sua entrada triunfal na vila de Mafra, depois de 17 anos de ausencia, a imagem de N.ª S.ª da Nazaré do chamado «cirio da prata grande.» E disse triunfal porque, na verdade, a festa foi de arromba.

Contra o meu costume, fui á vila para assistir á festança. Tinham-me oferecido janela em casa fronteira á Igreja e Convento de modo que a chegada do cirio era vista em primeira mão.

A multidão era enorme e compacta; dos arredores, o povinho afluiu á vila quero

---

(1) No final do vol.º a pag. 425.

crer que na sua maioria; o prestigio, na região, desta S.ª da Nazaré, é enorme e como só entra nas freguesias que fazem parte da sua Irmand.e de 17 em 17 anos, os povos correm a vê-la pressurosam.te pensando que na proxima vêz poderão já não estar vivos.

Pois eu lá fui até casa da familia Taveira Pinto que usa brazão encaixilhado na sala de visitas. Com efeito as ornamentações, este ano confiadas a um "especialista" de Guimarães, e a iluminação de m.tos milhares de lampadas, dava ao grande largo em frente do convento um aspecto brilhante e animado.

Ha muito que as modistas e costureiras da terra não tinham mãos a medir; os alfaiates andávam assoberbados com trabalho, os electricistas açodados com as iluminações das casas particulares, etc. etc. Os restaurantes, casas de pasto, tabernas, á cunha. Emfim, a S.ª da Nazaré movimentou meio mundo e fez correr dinheiro á farta.

E até o Presidente Tomás se dignou ser juiz honorario da festança... Que mais queria a boa Senhora da Nazaré?

Ora bem: com o atrazo natural, o cortejo anunciou-se por meio duns morteiros

lançados á entrada da vila no sitio do "Canal" e logo o povo correu á passagem para ver de perto a Protectora. Senti toques de marcha de guerra por clarins: eram 6 soldados de Cavalaria da Guarda N.al Republicana, de grande uniforme, montados em soberbos cavalos brancos que caminhavam em passo suspenso com toda a solenidade. Logo atraz a berlinda dourada, em estilo recocó, puxada a duas parelhas do Centro de Instrução (anbigo Deposito de Remonta), com a imagem e dois "anjinhos" vestidos á romana, como creados da Tabua; a seguir uma milord com os "anjinhos" das lôas, depois o Prior em carro dourado mais ou menos recócó; muitos cavaleiros, creio que oficiais do ex.to, em cavalos enfeitados, carros tambem ornamentados puxados a parelhas do Centro, etc. etc.

Não sei se reproduzo com exactidão matematica o que vi; mas o conjunto é verdadeiro: o povo da vila e arredores concorreu sinceram.te a festa da sua Senhora; a gente grada cobriu-se de galas e as instituições militares que aqui teem assento, concorreram materialmente, abundantemente e quero crer que com a sinceridade que as actuais

circunstancias politicas aconselham se é que não impõem.

Confesso que gostei de vêr a festança; o cunho popular, a lembrança da "bandeira" do dia 15 de Agosto em Coimbra de que ha dias me lembrei p.ª deixar aqui novas impressões, a ideia de que não verei (não devo, evidentemente ver) a nova entrada daqui a 17 anos — tudo fez com que achasse interessante o conjunto que tinha o tom tradicional e nada cheirava ás modernas celebrações marianas subordinadas ao culto de Fatima.

E pronto.

E como a concorrencia foi enorme e os restaurantes estavam á cunha, acabámos por ir jantar á Ericeira, a uma nova casa pitoresca, sobre as ribas, a que o proprietario deu o nome de Gaivota — onde servem excelentemente, num ambiente agradavel, modernista sem exagero.

A' volta, pela estrada que da Carvoeira vem ter aos Cabeços, encontrámos, a uns dois quilometros, uns 3 projectores do exercito que faziam incidir varias luzes sobre a fachada do convento dando á tristonha mole joanina um aspecto curioso.

Um canto do meu escritório em 1959. Fotografia de Álvaro de Sousa.

ú ft.º memór.
entre 240 e 241 e
248 - 249

E foi tudo. Ao voltar a casa vinha com a consciencia tranquila e com um agradavel jantar comido na Gaivota: a Senhora da Nazaré, conquanto gostasse de a ver, não me abalou as convicções...

Paz: Mafra:
Outubro: 3.

Com os 80 anos que atingi hoje sem para isso ter metido prégo ou estopa, vou acabar com estes meus diarios que já me vão maçando alguma coisa e não virão talvez a valer um caracol.

Bem sei que numa ou noutra pagina poderá aparecer qualquer episodio de interesse ou um comentario que mereça ser lido; mas creio que escrevi de mais e estraguei muito papel e tinta.

Mas adeante.

Nesta altura da vida, ao chegar, como cheguei, aos oitenta, seria tempo de parar e rever toda ela e concluir alguma coisa. Mas concluir o quê? Que errei o caminho? Que a minha passagem pela terra foi inutil? E que só andei ao desencontro, sempre batido por varias e contrarias correntes?

Deixar lá o Passado entregue ao esquecimento. Não irá eu fazer reviver de novo todas as minhas audanças e quaçar que mais do que me tenho quaçado... Com graça e com razão escreveu Jean-Paul Sartre que o Passado é um luxo de proprietário...[1] Que o que escrevi fique já agora sossegado e se houver quem leia que ajuize se fôr capaz disso.

«C'est une partie perdue, voilà tout» disse ainda o mesmo discutido existencialista.[2]

Hoje, por insistência de minha Neta G. entendia que estávamos em dia festivo (festivo! coitada...) e que «parecia mal» jantar em casa como nos dias normais, fômos á Praia de S.ta Cruz. Estava tarde agreste, com vento sul irritante que acastelava nuvens negras e fasadas no horisonte, ameaçadoras; ao cair do sol a ameaça concretizou-se e com a noite a agua desabou desapiedadamente, batendo com violencia nos vidros da casa de mesa do hotel «Mar

---

(1) La Nausée, pag. 88 (Ed. Gallimard, 1957)
(2) Idem, pag. 197.

Lindo», varrendo as ruas com fragôr, correndo nas valetas como riachos impetuosos.

A' volta, acabado o jantar, afinal pacato e que meu Genro pagou porque, dizia, já me bastava a carga dos Oitenta, pelas estradas, a agua que caiu á farta deixou sinais e, ao aproximar deste luxarejo, não foi chuva grossa que desabou senão uma verdadeira tromba de agua, de meter medo, que o carro lá suportou conforme poude até entrar na cocheira acolhedora.

Ora estas amabilidades da Natureza, fizeram com que considerasse o incidente e me disposesse a pensar em como certos marcos da m.ª vida foram acompanhados por qualquer sucesso fóra do ram-rão, de modo a ficarem na lembrança — como se a Providencia (a Providencia?...) quizesse dar a impressão de que a minha personalid.e merecia ser rodeada por sinais de evidente distinção.

E assim, no caminho, quer á ida quer á volta, e durante a estada na Praia, o meu espirito andou por mais longe do que pelas estradas alcatroadas ou pela amplidão do mar, por sinal serêno, quase sem ondas,

apesar do vento forte que vinha do sul. Concentrado, ia pensando no que foram as oito décadas vividas, sem verdadeira finalidade. Mas... enfim, que lhe hei-de fazer senão verificar que me enganei no caminho e que, agora, é muito tarde para voltar atraz e procurar outro rumo?

Vou pôr termo, pois, a esta serie de diarios que alcançou, sem duvida, tamanho superior á muito falada légua da Povoa. Não vale a pena continuar com a preocupação do «dia-a-dia» nem vale tambem a pena fazer um resumo de tudo o que aí ficou para concluir qualquer coisa á maneira do Conselheiro Acácio ou como nas historias de "proveito e exemplo"... E ainda, com as conclusões, fazer judiciosos considerandos com os resaibos literarios de que sou, por meu mal, uzeiro e vezeiro.

Manda a verdade dizer que ha uns mêses pensei nisso. Pensei numa revisão do que ficou escrito e, ainda mais! preencher uma lacuna que poderá sér notada pelos futuros leitores se... isto tiver, por acaso, alguns leitores.

A lacuna a que me refiro e que póde ser tomada em sentido errado, é a das referencias ao têma natural, tão banalisado e, diga-se, eterno da Mulher.

De facto, em 80 annos de vida, alguma coisa se terá para dizer; mas eu, propositadamente, omiti nestes desabafos toda e qualquer interferencia que a Mulher teve na minha vida ou qualquer intromettimento que eu tivesse na vida delas — e algumas coisas poderia contar e talvez curiosas. Entendia, porem, que era de boa consciencia não trazer para o papel assuntos intimos que, evidentemente, não deixam em regra documentação e, de futuro, poderiam ser tomados como basofias e gabarolices.

Não. Acerca desse têma eterno, só direi que a Mulher é um verdadeiro enigma e parvo será aquele que o queira decifrar. É' o que me diz a experiencia de velho a quem o problema algumas vêres tocou pela porta.

Fecharei, pois, a larga serie de <u>diarios</u> e de <u>memorias</u>. De tudo, aí fica muito que ler e, possivelmente, muito para pensar. Algumas verdades estão escritas; é natural tambem que alguns erros de visão ou apre-

ciações precipitadas estejam intercaladas com aquelas verdades. Mas... que diabo! não se pode ser infalível no meio de tanta barafunda como foi a dos anos em que vivi — desde as tentativas revolucionárias da última década do século passado, da agitação política do começo deste século, até à implantação do regime republicano e de toda a complicada existência deste regime.

Nem sempre o espírito poderia ter a serenidade exigida para boa avaliação dos sucessos; mas quero crer que fica em tudo o significativo, a necessária sinceridade para que o depoimento figure com algum valor.

Assim, por exemplo, aquele desgraçado período da vida em que andei, e para mim mal, metido nas fainas do generalato.

Os comentários que deixei seriam injustos? Não estou agora para reler (nem as tenho aqui) as páginas consagradas a essa minha estranha aventura. Porem, ao fim de 20 anos e com perenidade vejo que, de facto, os homens do Estado-maior, no exame final, fizeram uma tratantada. Quer o meu passado, quer as provas que dei em Caxias,

colocávam-me, sem favor de qualquer espécie, ao abrigo da exclusão.

É verdade que hoje rio-me um pouco, intimam.te, é claro, da convicção que havia a respeito da minha valentia entre os mestres de taxias que (dipa-se também a verd.e) tiveram sempre para comigo todas as atenções e, até, déram mostras de consideração que eu não esperava. Tudo vinha, afinal, da maneira como escrevia as provas, sempre claras, sem erros, com redacção de certo modo literário, tanto q.to era possível em têmas tão áridos; provas que eram lidas com interesse no "areópago" da mestrança, uma das quais até, segundo me disseram depois, ficou para modêlo ou base de futuros problemas.

Eu sabia muito dos assuntos tácticos ou estratégicos tratados ali? Não, eu não sabia muito e digo-o sem querer armar em génio militar; o que me dava valor era exactamente saber pouco dos regulamentos e ter certa cultura geral para abranger mais por alto os problemas postos.

Escreveu Foch [1] que na guerra não ha

---

[1] Des Principes de la Guerre, 7.me ed. pag. 11

casos particulares, «tout y est affaire d'es-
"pèce» e Clausewitz já tinha dito que do es-
pírito dos livros não se deve guardar senão
o que servir para a educação do espírito [1] —
o que Foch traduzia dizendo que saber os regu-
lamentos não é o mesmo que possuir o
dom creador. [2]

E basta de erudição... mas sempre vou
acrescentando que, quer no curso de tenente-
coronel em 1935-36 quer no de coronel em
1938-39, valeu-me de muito o meu silencio,
isto é, o grande cuidado que tinha em não fa-
lar sem qualquer motivo em assuntos de tac-
tica ou de estratégia — o que junto á minha fa-
ma de escritôr, de homem estudioso e culto,
dáram-me certa auréola de competencia. [3]

Terei que isto é a verdade; os erros pes-
soais. E para que estar agora a fazer ape-
nas prosa para encher mais umas paginas
do diario? Quero crer que o que aqui fica
sobre a m.ª aventura de Caxias é a verdade,

---

(1) Cit.º em qualquer obra de que me não lem-
bro agora.

(2) Obra cit.ª, 9ma ed. a pag. 96.

(3) O Ferreira Passos, hoje general ref.do, chegou
a chamar-me «pensadôr...» num discurso em
assembleia geral da Revista Militar. Pensadôr!...

Fotografia tirada a 22 de Outubro de 1958, dia das «bodas de oiro».

tanto quanto é possivel ser verdadeiro em causa propria.

E agora... lembrarei, para acabar, um passo do meu mestre Herculano (e tão máu e insignificante discipulo fui!...) quando escreveu em 1873 (só com pessenta e tres anos!) ao abrir a serie dos Opusculos e ao confessar o «egoismo dos anos derradeiros» que resumia no «amor á "quietação da intelligencia que no outono da "vida é em nós como o pronuncio da campla "ta, da eterna paz!»[1]

E que esta serie de diarios fique encerrada em boa hora!

A continuação das memorias, essa continuará conforme a minha capacidade de trabalho. Ainda me faltam alguns periodos de vida e talvêz alguns, até, dos mais interessantes — e não sei se virei a ter a «quietação da intelligencia» sufficiente para tão curiosa tarefa.

Saberá o Ferreira Passos o que é um pensador? E o mais curioso é que ele o disse a serio e positivamente convencido.

(1) No vol. I, a pag. VII da 1ª edição.

Ver-se-ha. Nestas alturas da caminhada não se poderá afirmar com consciência. Será o que fôr.

Vamos lá a ver, como hoje se usa correntemente dizer:

É pronto.

As minhas leituras...

«... Só me tenho por um escritor sério. Tolerem-me este orgulho e esta franqueza...»

José Régio: Introdução á 5ª edição dos Poemas de Deus e do Diabo, a pag. 46.

Ver-se-ha. Nestas alturas da caminhada não se poderá afirmar com consciencia. Será o que fôr.

Vamos lá a ver, como hoje se usa correntemente dizer.

E pronto.

As minhas leituras...

Pareceu-me que não ficaria mal de todo, no fim deste Diario, a relação dos livros lidos desde 1898, ano em que comecei a tomar nota. São 62 anos de leitura que poderão documentar, em parte, o retrato que aí deixo ao longo da larga serie de volumes.

Aí fica p.ª quem fôr capaz de tirar qualquer conclusão.

1 – Abreu (Casimiro de): As Primaveras. Em 1928.

2 – Abreu (Jorge de): O 5 de Outubro: 1912

3 – " " : O 31 de Janeiro: 1912

4 – " (Solano de): Amorosos: 1934.

5 – Acampamento romano de Antanhol, da Faculd.e de Letras de Coimbra: 1958.

6 – Adam (Paul): L'année de Clarisse: 1930

7 – " " : Basile et Sophie: 1930

8 – " " : La Force: 1945.

9 – " " : Irène et les eunuques: 956

10 – " " : Lettres de Malaisie: 1931.

11 – " " : Les lions: 1950.

12 – " (Villiers de l'Isle): Historias insólitas: 1933.

13 – Afonso (Mestre): Itinerario q. fez da Índia por terra a estes reino ... : Em 1923

14 – Aiala (Frederico Dinis de): Vasco da Gama. Grandes partes? : 1898.

15 – Aires (Cristovam): O Diario de Jurot (da Hist.ª do Ex.º Português, Provas, vol. XII): 1917.

16 – ——— ———: Historia do Exercito Português, Texto, vol. III : 1921.

17 – ——— ——— Teoria da Historia da Civilisação Militar. Em 1901 a 1934.

18 – Alain-Fournier: Le grand Meaulnes. Roman: em 1956

... – Alarcão (D. João de): V. Andrade (João)

19 – Alarcon (D. Pedro A. de): El capitan Veneno: Em 1931

20 – ——— ———: El clavo: 1942

21 – " ": La Prodiga: 1932.

22 – " ": Verdades de Jacinto Jardo: Em 1935.

23 – Albuquerque (Afonso): Comentarios do Grande Afonso de Albuquerque: em 1924.

24 – Albuquerque (Antonio de): A execução do Rei Carlos: Em 1912.

25 – ——— ———: O marquês da Bacalhôa: Em 1919.

26 – Albuquerque (Joaq.m Mauzinho de): Cartas (...) ao Conde de Arcos: Em 1958

27 – Albuquerque (Luis da Silva Mauzinho de): Georgicas Portuguesas: Em 1957.

28 – Albuquerque (Mateus de): Juventude de Anselmo Torres: Em 1922

29 – Aldemira (Varela): Um ano tragico: 1938.

30 — Alencar {José de}: Diva: Em 1918.
31 — " " : Encarnação. Em 1917.
32 — " " : O Guarany: Em 1899 e em 1924.
33 — " " Iracêma: Em 1900, 1203 e 1927.
34 — " " As minas de prata: Em 1899.
35 — " " Sonhos de Ouro, em 1203 e 1923.
36 — " " O Tronco do Ipé: Em 1926
37 — " {Mario de}: Contos e Impressões Em 1931.
38 — Alfiéri {Vitorio}: Filipe II: Em 1946
39 — Aljubarrota. Trabalhos em execução de artilharia militar: Em 1959.
40 — Allehaut {Cor.}: Le combat d'Infanterie. Em 1932.
41 — " " : Elements de tactique generale: Em 1934 generale: Em 1934
42 — " " : La Guerre n'est pas une industrie: Em 1935.
43 — Almeida {Antônio José de}: Desafronta Em 1899 e 1952.
43 — ——— ——— ——— : Palavras dum intransigente: Em 1956
44 — ——— ——— ——— : Guaranis aus de vida literaria e politica: vol. III em 1940 e o vol. IV em 1940.
45 — Almeida {Ant.º Ramos de}: Eça: Em 1946
46 — " " " . Bernardino Machado: Em 1952

47 — Almeida (Carlos Pinto de): Os homens da Cruz vermelha. Em 1899.

48 — ——— ——— ——— : O Irmão do bastardo. Em 1899.

49 — Almeida (Ferrand Pimentel de): O sentimento da Natureza no Fausto de Goethe: em 1924

50 — Almeida (Fortunato de): O Infante de Sagres: em 1898.

51 — ——— ——— : A questão social: em 1925.

52 — Almeida (Francisco José de): Apontam.tos para a vida dum homem obscuro: em 1906.

53 — Almeida (Francisco Lopes Vieira de): A' varanda de Formes: em 1946.

54 — ——— ——— : Historia: em 1914.

55 — ——— ——— : A mascara de Eça: 945

56 — Almeida (João de): Alguns aspectos da Defesa Nacional: em 1948.

57 — Almeida (José Valentim Fialho de): Actores e Autores: em 1925

58 — " : A' Esquina: em 1905 e 1915

59 — " : Aves migradoiras: em 1921.

60 — " : Barbear, pentear... : em 1916.

61 — " : A cidade do vicio: em 1912.

62 — " : Contos: em 1904 e 1913.

63 — " : Estancias de Arte e Saudade: em 1921

64 — " : Figuras de destaque: em 1924.

65 — " : Os Gatos: vol. I em 1911; vol. II em 1911; vol. III em 1911; vol.s IV e V e VI em 1912.

66 — " Lisboa galante: em 1905 e 1923.

67 – Almeida (José Valentim Fialho de): Madona do Campo Santo: em 1902
68 – " : O País das Uvas: em 1910 e 1919.
69 – " : Peregrinadas: em 1924.
70 – " : Saibam quantos...: em 1913.
71 – " : Vida errante: em 1925.
72 – " : " ironica: em 1914.
— " : Vide Livro Proíbido
73 – " (Julia Lopes de): A familia Medeiros: em 1932.
74 – " : A Isca: em 1930
75 – " : Teatro: em 1937.
76 – " (Nicolau Tolentino de): Obras completas: em 1923
77 – " : Satiras e epistolas: em 1898
78 – Alonso (D. Carlos Garcia): Concepto y estudio de la Historia Militar: em 1934
79 – Alorna (Marqueza de): Ineditos: em 1941
80 – " " : Poesias: " 1947.
81 – Altamira (D. Rafael): Filosofia de la Historia y Teoria de la Civilizacion: em 1927
82 – ——— ——— : Novelitas y Cuentos: em 1948
83 – ——— ——— : Cuestiones preliminares de Historia: em 1941.
84 – Altmayer (Cor.el René): La doctrine militaire allemande: em 1935.
85 – ——— ——— : Etudes de tactique générale: em 1938.
86 – Alvarenga (M.el Inacio da Silva): Poesias eroticas: em 1925.
87 – Alvarenga (Mario Kol de): O Doudo

em Leiras : em 1955.
88 – Alvares (Fr. João) : Crónica do Infante Santo D. Fernando : em 1912.
89 – Alves (Castro) : Espumas flutuantes : 918.
90 – " (Francisco Manuel) : Chaves. Apontamentos . . . : em 1940.
91 – Amado (Alberto) : Vida americana : 1920.
92 – Amaral (Eloi do) : O amor da Pátria à Terra portuguesa : em 1945.
93 – ——— ——— : Bocage : em 1916
94 – Amaral (Vasco Botelho do) : Cultura, defesa e expansão da Língua Portuguesa : em 1958.
95 – Amaro (Carlos) : S. João subiu ao Trono : em 1928.
96 – Américis (Edmundo) : Coração : em 1925.
97 – Amorim (Franc.º Gomes de) : O Amor da Pátria : em 1930.
98 – Anacreonte : A lírica de — Tradução de A. F. de Castilho : em 1830.
99 – ——— : Odes de — Trad.ção de Luis Calado Nunes : em 1827.
100 – Anatómico jocoso, ed.ção de 1839 : em 1924.
101 – Anderius : A vida do capitão Galau (Colaboração c/ J. Diaz Fernandez) : em 1932.
102 – Andersen (Hans) : Céu azul : em 1941.
103 – Andrade (Anselmo de) : Alexandre Herculano : em 1948.
104 – ——— ——— : Alguns homens notáveis de Portugal : em 1954
105 – Andrade (Francisco de) : Comentários da vitória de Chaul : em 1946
106 – Andrade (Jacinto Freire de) : A vida

de D. João de Castro: em 1900 e em 1926.
107 — Andrade (João): Avós ilustres: em 1922.
108 — " " : Contos e lendas: em 1952.
109 — " " : A Sulamite: em 1921.
110 — " (J. M. Goulart de): Numa nuvem: em 1931.
111 — André (Gen.al): Cinq ans de ministère: em 1907 e 1935.
112 — Annunzio (Gabriel d'): O Fogo: em 902 e 930
113 — " : Francesca da Rimini: em 1931
114 — " : L'intrus: em 1926.
115 — " : Triomphe de la mort: em 1928
116 — " : As virgens: em 1935.
— — Aprá (Alberto Carlos): Vide Monteiro (Henrique Pires).
117 — Aragon (Louis): Les beaux quartiers: 1957
118 — " " : Les cloches de Bâle: em 1956
119 — Aranha (Graça): Chanaan: em 1929.
120 — " (Wenceslau de Brito): Contos e narrativas: em 1959.
121 — ——— ——— ——— : Esboços e recordações: em 1955.
122 — ——— ——— ——— : Factos e homens do meu tempo: em 1954.
123 — Araquistan (Luis): La revolucion Mejicana: em 1930.
124 — ——— ——— : Vida y resurrecion: em 1934.
125 — Araripe J.or (J.): Jacina, a marabá: 1904.
126 — " " " : Luisinha: em 1912.
127 — Araujo (Humberto de): Aguias: em 1926
128 — " " : Incoerencias: 1926

129 – Araújo (Luis de): Caisas portuguesas: 928.
130 – " (Alberto Veloso de): Carrilo em S. Miguel de Seide: 1949.
131 – Archer (Maria): Sertanejos: em 1936
132 – " " : Singularidades dum país distante: em 1936.
133 – Aristofanes: Os cavaleiros: em 1925
134 – " : Lisistrata: em 1927.
135 – " : As rãs: em 1925.
136 – " : A Paz: em 1940
137 – " : Pluto: em 1926.
138 – Arrais (D. Frei Amador): Diálogos: 946
139 – Arriaga (José de): História da Revolução de Setembro: vol. I em 1910; vol. II em 1912.
140 – ——— ——— : Os últimos 60 anos da Monarquia: em 1911.
141 – Arriaga (Manuel de): A primeira presidencia da Republica Portuguesa: em 1935.
142 – Arroio (Antonio): Singularidades da minha terra: em 1921.
143 – Arte de furtar, espelho de enganos...: em 1931.
144 – Artur (Bartolomeu Sisinando Ribeiro): Os Caçadores portuguezes na Guerra da Península: em 1902.
144 – ——— ——— ——— : A Legião Portuguesa: em 1903
145 – Arzuaga: El Cid Campeador: em 1901.
146 – Assis (Machado de): Contos fluminenses: em 1953.
147 – ——— ——— : Dom Casmurro: 1950
148 – ——— ——— : Esaú e Jacob: 1958.

149 – Assis (Machado de): Helena: em 1903
150 – " " : Historias da meia-noite: em 1904
151 – ——— ——— : Memorias de Braz Cubas: em 1941.
152 – ——— ——— : Quincas Borba: em 1941
153 – ——— ——— : Ressurreição: em 1904 e em 1930
154 – ——— ——— : Yayá Garcia: em 1903.
155 – Assunção (Tomás Lino de): Fim de Seculo: em 1904.
156 – ——— ——— : Freiras de Lorvão: 1901.
157 – ——— ——— : Martires; em 1903.
158 – ——— ——— : As monjas de Semide: em 1902 e em 1918.
159 – Asúa (Luis Jimenez): Juventude, 1932.
160 – Aubry (Octave): Le Roi de Rome: em 1947
161 – Aulard (François-Victor Alphonse): Le Christianisme et la Revolution Française: em 1926.
162 – ——— ——— : Études et leçons sur la Revolution Française: 2.me serie: em 1926.
163 – ——— ——— : Taine historien de la Revolution Française: em 1932.
164 – Aurevilly (Barbey de): Les Diaboliques: em 1928.
165 – ——— ——— : Le rideau cramoisi: em 1905.
166 – Aveiro (Fr. Pantaleão de): Itinerario da Terra Santa: em 1932.
167 – Avila (Artur Eugenio Lobo de): Os Caramurús: em 1900.
— – Avila (Carlos Lobo de): Vide Ego-Alter

168 – Ayala (Ramon Perez de): Belarmino y Apolonio: em 1927

169 – Azevedo (Aluizio de): O mulato: em 917.

170 – " (Alvares de): Poema dum frade: em 1927.

171 – Azevedo (Art.º Xavier Ferreira de): Manuel Mendes de Fuxcundia: em 1909.

172 – Azevedo (Guilherme de): Alma Nova: 1928

— – " " : Vide Jungueiro.

173 – " (D. João de): Costa Cabral em relevo: em 1958.

174 – ——— ——— : Os dois dias de Outubro: em 1952.

175 – ——— ——— : Quadro Político do Parlamento de 1842: em 1958.

176 – Azevedo (João Lucio de): A evolução do Sebastianismo: em 1919.

177 – ——— ——— : Historia dos cristãos-novos: em 1923.

178 – ——— ——— : Os jesuitas no Grão-Pará: em 1923.

179 – ——— ——— : O Marquês de Pombal e a sua epoca: em 1936.

180 – ——— ——— : Novas epanáforas: em 1950.

181 – Azevedo (J. Soares de): Condições económicas da Revolução Portuguesa de 1820: em 1951

182 – Azevedo (P.e Luis Gonçalves de): Proscritos!: em 1921.

183 – Azevedo (Maximiliano de): Historias das Ilhas: em 1920.

184 – ——— ——— : Frei de Castro: 1940

185 – Azevedo (Moreira de): Flamens do passado: em 1918.

186 – ——— ——— : Laurenço de Mendonça: em 1918.

187 – Azevedo (Pedro de): O Arquivo da Torre do Tombo (com Ant.º Baião): em 1919.

— – ——— ——— : Vide Capítulos do Concelho de Elvas

188 – Azorin (1) Doña Inés: em 1931

189 – " : Las confesiones de un pequeño filosofo: em 1954.

190 – ——— : Paginas escogidas: em 1932

191 – " : El paisaje de España visto por los españoles: em 1937.

192 – Balo (Carlos): A comédia de D. Miguel: em 1946.

193 – Bacon (Francis): Ensaios: em 1957.

194 – Badaró (F. Duarte): Fantina: em 1913.

195 – Baião (Ant.º): Afonso de Albuquerque: em 1914.

196 – ——— ——— : Biografia do Santo Condestável: em 1953.

197 – ——— ——— : Episodios dramaticos da Inquisição Portuguesa: vol. I em 1920; – vol. II em 1927; e vol. III em 1939.

198 – ——— ——— : Homenagem a Camilo: em 1948.

— – ——— ——— : Vide Pedro de Azevedo

199 – Bainville (Jacques): Histoire de trois generations: em 1946

---

(1) José Martinez Ruiz

200 - Bainville [Theodore de]: La vie dune comedienne: em 1934.
201 - Balzac: Albert Savarus: em 1915 e 1957.
202 - " : O ambicioso por amor: em 1899.
203 - " : L'auberge rouge: em 1930 e 946.
204 - " : Beatrix: em 1951.
205 - " : A casa Nucingen: em 1900.
206 - " : Cesar Biroteau: em 1898 e 1956
207 - " : Un chef-d'oeuvre inconnu: 1946
208 - " : Les Chouans: em 1900 e 1935.
209 - " : Le colonel Chabert: em 1928.
210 - " : Le cousin Pons: em 1927.
211 - " : La cousine Bette: em 1928
212 - " : Le curé de Tours: em 1950
213 - " : Le curé de village: em 1925
214 - " : Le deputé d'Arcis: em 1951.
215 - " : Emilie de Fontaine: em 1923.
216 - " : L'enfant maudit: em 1954.
217 - " : L'envers de l'histoire contemporain: em 1943.
218 - " : Eugénie Grandet: em 1902 e 920
219 - " : La fausse maitresse: em 1915.
220 - " : La femme de trente ans: em 1902 e em 1928.
221 - " : Gambara: em 1954.
222 - " : Histoire des treize: em 1954.
223 - " : Honorine: em 1929.
224 - " : Illusions perdues: em 1918 e 942
225 - " : L'interdition: em 1929.
226 - " : Le Lys dans la vallée: em 1899 e 923
227 - " : Maitre Cornélius: em 1930
228 - " : Les Maraña: em 1930

229 - Balzac : Maximilla Doni : em 1954
230 - " : Le medecin de campagne : em 1703 e em 1926 e 1954
231 - " : Memoires de deux jeunes mariées : em 1901 e 1931.
232 - " : Memorias de la vida conyugal : em 1926
233 - " : A quermina dos olhos de oiro : em 904.
234 - " : La guerre de l'athée : em 1954
235 - " : Modeste Mignon : em 1912 e 1933.
236 - " : A musa do departamento : em 1915
237 - " : La paix du ménage : em 1914
238 - " : Les Paysans : em 1899 e em 1946.
239 - " : La Peau de Chagrin : em 1903 e 1949.
240 - " : Le Père Goriot : em 1900 e em 1924.
241 - " : Les petits bourgeois : em 1952
242 - " : Physiologie du mariage : em 1903
243 - " : Pierrette : em 1950
244 - " : Splendeur et misères des courtisanes : em 1918
245 - " : Sur Catherine de Médicis : em 1957
246 - " : A ultima encarnação de Vautrin : em 1918
247 - " Um caso escuro : em 1919.
248 - " Um ménage de garçon : em 1932 e 950
249 - " Uma fille d'Eve : em 1901, 932 e 957.
250 - " " passion dans le désert : em 1900
251 - " Ursule Mirouet : em 1952.
252 - " La Vendetta : em 1898 e em 1951
253 - Bandeira (Gust.º de Sousa) : A fazenda de Saudade : em 1916
254 - ——— ——— : Paginas Literarias : 1933.

255 - Bandeira (Marquês de Sá da): Lettre au Comte Goblet d'Alviela: em 1947 e 1952
256 - ——— ——— ——— : Carta (...) sobre a reforma da Carta Constitucional: em 1925.
257 - ——— ——— ——— : Memoria sobre as fortificações de Lisboa: em 1946.
258 - Barbosa (Antonio X.er de Oliveira): Historia da Legião Portuguesa: em 1899.
259 - Baptista (Ant.º Maria): Uma decada da Historia Contemporanea: em 1953.
260 - Baguero (E. Gomez de): Escenas de la vida moderna: em 1935.
261 - Barata (Ant.º Francisco): Cancioneiro Portuguêz: em 1921
262 - " : Os Jesuitas na Corte: em 1911.
263 - " : Locubrações dum artista: em 1923
264 - " : Memoria historica do Sé de Evora: em 1924
265 - " : Novas locubrações dum artista: em 1913.
266 - " : O rancho da carroja: em 1904
267 - " : Um duelo nas fomberas: em 1915.
268 - Barbosa (Rui): Directrizes de... (Edição de Baptista Pereira): em 1936
269 - " : O marquês de Pombal: em 1936
270 - Barbusse (Henri): Elevation: em 1931.
271 - " " : Russia: em 1931.
272 - Barclay (Florence L.): L'amour au bout du fil: em 1931
273 - " : L'auréole brisée: em 1957.
274 - " : La chatelaine de Sheurstone: 942
275 - Baroja (Pio y): La aurora roja: em 1926.

276 – Baroja (Pio y): La caverna del humorismo: em 1943.

277 – Barreira (João): Silva de Arte: em 1928.

278 – Barreiros (Fernando): Noticia historica do Corpo M.ar Academico (1808-1811): em 1918.

279 – Barrés (Maurice): Le génie du Rhin: 955

280 – " : Jardin de Bérenice: em 1930

281 – " : " sur l'Oronte: em 1930

282 – Barreto (Guilherme Moniz): Ensaios de critica: em 1944.

283 – ——— ——— ———: Oliveira Martins: em 1924.

284 – Barros (Guilhermino de): O castelo de Monsanto. Romance: em 1953.

285 – Barros (João de): Dialogo em louvor da nossa lu sa linguagem: em 1918

286 – " : Panegirico da Infanta D. Maria: em 1944

287 – " : Panegirico de D. João 3.º: em 1944

288 – " : Primeira Década da Asia (Antologia de Agostinho de Campos): em 1924

289 – " (João de)[1]: Anteu: em 1939.

290 – " : Canto da Primavera: em 1945.

291 – " : Grécia, Musa do Ocidente: em 1930

292 – " : Hoje, ontem, amanhã: em 1950.

293 – " : Pomar dos Sonhos: em 1901.

294 – " : Portugal, terra do Atlantico: em 1931

295 – " : Sisifo: em 1955.

296 – Barroso (Gustavo): A guerra de Artigas: em 1936

---

[1] Seculo XX.

297 - Bartrina : Alguma coisa : em 1898.
298 - " : Versos y prosas : em 1900
299 - Basto (Ant.º A. Jervis de Athayde Pinto): Cruzador S. Gabriel. Viagem de circumnavegação : em 1912.
300 - Basto (Artur C. de Barros) : Casa de Viriato : em 1937
301 - " : Os Judeus no velho Porto : em 933
302 - " (Artur de Magalhães) : Homens e casos duma geração notável : em 1938.
303 - ——— ——— ——— : 1809. O Porto sob a regência francesa : em 1954.
304 - ——— ——— ——— : Poeira dos Arquivos: em 1940
305 - Basto (Claudio) : A Linguagem de Camilo: em 1954
306 - Basto (José Alberto da S.ª) : A aproximação e o contacto : em 1934
307 - Bastos (Franc.º José Teix.ra) : Bolsas de trabalho : em 1898
308 - " ; Comte e o Positivismo : em 1909.
309 - " : Dissolução do regime capitalista: em 1898
310 - " : Ensaios sobre a evolução da humanidade : em 1925.
311 - " : Habitações operarias : em 1898.
312 - " : O Primeiro de Maio : em 1898.
313 - " : Teofilo Braga e a sua obra : em 1951
314 - " : Tribunais de Arbitros Arbitradores: em 1898.
315 - " : Vibrações do Seculo : em 1947.
316 - Bastos (Francisco Leite) : Sapatos de

de defunto: em 1958

317 – Bastos (Franc.º Leite): O ultimo carrasco: em 1912

318 – " (José Timóteo da Silva): História da Censura Intelectual em Portugal: em 1945.

319 – ——— ——— ———: Perfis de Intelectuais em 1952.

320 – Batalha (Ladislau): Curiosidades da História Portuguesa: em 1937.

321 – " : Florencio: em 1947

322 – " : Memorias e aventuras: em 1938

323 – Battailon (Marcel): O cosmopolitismo de Damião de Gois: em 1938.

324 – Bathie (Perier de la): De Descartes au General X...: em 1935

325 – Baudelaire (Charles): Les fleurs du mal: em 1937.

326 – Baum (Vicki): Le dernier jour: em 1940

327 – Bayet: Les morales de l'Evangile: em 1927.

328 – Bazan (Emilia Pardo): Arco Iris. Cuentos: em 1948.

329 – Bazin (René): Les Noellet: em 1949.

330 – " " : La terre qui meurt: em 950

331 – Beau (Albino Eduardo): O conceito da História de Alexandre Herculano: em 1944.

332 – Beaumarchais (Caron de): El barbero de Sevilla: em 1900

333 – Beça (Coriolano de Freitas): Penafiel: Hontem e Hoje: em 1932.

334 – Becker (G.): La Bataille: em 1933.

335 – " " : Vers la Bataille: em 1933.

336 – Beckett (Samuel): Esperando por Godot.

(Tradução de Luis Franc.º Rebello) : em 1959

337 – Beckford (Wiliam) : Aleluia e Batalha : em 1936

338 – " : A corte de D. Maria I : em 1920

339 – Bedel (Maurice) : Jerôme 60.º Latitude Nord : em 1946

340 – Bédier (Joseph) : Le roman de Tristan et Iseut : em 1930.

341 – Beirão (Caetano) : Cartas da rainha D. Mariana Vitória : em 1950.

342 – Beirão (Xára) : Alvoradas : em 1942

343 – " " : Um Divorcio : em 1948.

344 – Beiras (Sarmento de) : Sinfonia do vento : em 1924.

345 – Belmonio : Contos imorais : em 1917.

346 – " : A mura loira : em 1917.

347 – " : Viagens no Chiado : em 1933.

348 – " : Vespas, n.º 1 : em 1956.

349 – Bell (Aubrey) : Alguns aspectos da Literatura Portuguesa : em 1924.

350 – " : Damião de Gois : em 1942

351 – " : Fernão Lopes : em 1945.

352 – Belo (José' M.º) : A' margem dos livros : em 1944

353 – Belo (Oliveira) : Os Farrapos : em 1912

354 – Benavente (Jacinto) : Los intereses creados : em 1931.

355 – Benda (Julien) : La trahison des clercs : em 1939.

356 – Bernardes (Franc.º da Fonseca) : No tempo dos Franceses : em 1914.

357 – Benjamin (Barré) : Gaspar : em 1956.

358 – Benoit (Pierre): Alberte : em 1956
359 – " : L'Atlantide : em 1955
360 – " : L'homme qui était trop grand (colaboração c/ Claude Farrère) : em 1937
361 – " : M.elle de la Ferté : em 1948
362 – " : Le puits de Jacob : em 1954.
363 – " : Saint-Jean d'Acre : em 1948.
364 – " : Le soleil de minuit : em 1947.
365 – Bensaude (Joaquim): Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises : 1932
366 – ——— ——— : Origine du plan des Indes : em 1931.
367 – Bergström (Gustaf Adolph): Vitórias da Logica : em 1918
368 – Bernanos (Georges): Un mauvais rêve : em 1954.
369 – Bernard (Tristan): Secrets d'État : em 1948.
370 – " : Sketches radiophoniques : em 1957
371 – " : Un perdreau de l'année : em 1956
372 – Bernardes (Diogo): Cartas : em 1924
373 – " " : Eclogas : em 1924.
374 – " (Manuel): Nova Floresta : vol. I em 1924; – vol. II e III em 1926; – vol. IV em 1927; e vol. V, em 1933.
375 – Bernardes (M.el): Pão partido em pequeninos : em 1928
376 – Bernis (Col.el): Essai sur le renseignement à la guerre : em 1934.
377 – Bertaut (Jules): 1848 et la Seconde République : em 1940.
378 – Bertrand (Adrien): L'illusion du Prefect

Mucius : em 1940

379 - Bettencourt (José Rebelo de) : Teofilo Braga, mestre nacionalista : em 1953.

380 - Bibesco (Princesa) : Les huits Paradis : em 1940.

381 - Bilac (Olavo) : Bocage : em 1931.

382 - " " : Ironia e Piedade : em 1930

383 - " " : Poesias : em 1952.

384 - Bingre (Franc.° Joag.m) : O moribundo cisne do Vouga : em 1949.

385 - Biottot (Gen.al) : Jeanne d'Arc : em 1935.

386 - Blanc (Louis) : Pages d'histoire de la Revolution de Fevrier, 1848 : em 1925

387 - Blanco-Fombona (Rufino) : El hombre de oro : em 1936.

388 - Blasco (Mercedes) : Memorias de uma atriz : em 1953.

389 - " " : Nas trincheiras da vida : em 1959.

390 - Bloch (J. Richard) : Espagne ! Espagne ! em 1937

391 - Bloch (Marc) : Apologie pour l'histoire ou métier d'historien : em 1951.

392 - Bocacio : Contes : em 1932

393 - Boileau : A estante do côro : em 1928.

394 - " : Satires : em 1937.

395 - Bojer (John) : Le nouveau Temple : em 937.

396 - Boléo (Manuel de Paiva) : O realismo de Eça de Queiroz : em 1944

397 - Bombarda (Miguel) : Confermagem religiosa : em 1950

398 - Bonnal (Gen.al Guilherme Augusto) : La ma-

noeuvre d'Iena : em 1926

399 – Bonnal (G.al G. A.) : La manoeuvre de Vilna : em 1936

400 – Bonança (João) : O seculo e o clero : em 1946.

401 – Bordeaux (Henri) : L'amour en fuite. Le paon blanc : em 1926

402 – " : Ménages d'après guerre : em 1927.

403 – " : La Petite Mademoiselle : em 1926.

404 – " : Les Roquevillards : em 1930.

405 – " : La sonate au clair de lune : em 949.

406 – " : Les yeux qui s'ouvrent : em 1948.

407 – Borges (José Ferreira) : Cartilha do Cidadão Constitucional : em 1953.

408 – Borges (Viriato) : Algumas notas e impressões de Moçambique : em 1913.

409 – Bory (Jean-Louis) : Mon village à l'heure allemande : em 1948

410 – Bossi (Emilio) : A Igreja e a Liberdade : 910

411 – Botelho (Abel) : Amanhã : em 1910

412 – " : Amôr creoulo : em 1934.

413 – " : O barão de Lavos : em 1902

414 – " : Fatal dilema : em 1939.

415 – " : Os Lazaros : em 1938.

416 – " : O livro de Alda : em 1920.

417 – " : Mulheres da Beira : em 1910 e 1920.

418 – " : Prospero Fortuna : em 1910.

419 – " (Afonso) : Contos : em 1932

420 – " : O Senhor Reitor : em 1901.

421 – " (Luis) : Farrapos : em 1953.

422 – " (Sebastião Xavier) : Reflexões Politicas : em 1956.

423 – Boto (Antonio) : Canções : em 1934.

424 - Boto (Antonio) : Curiosidades estéticas : 1938.
425 - Bouchacourt (Com.r) : L'Infanterie dans la bataille : en 1935
426 - Boucher (Artur) : L'art de vaincre aux deux pôles de l'Histoire : en 1937.
427 - " : Les lois éternelles de la Guerre : en 935.
428 - Bourget (Paul) : André Cornélis : en 1952
429 - " : Anomalies : en 1952
430 - " : Le coeur et le métier : en 1950
431 - " : Un crime d'amour : en 1927
432 - " : Cruelle énigme : en 1930
433 - " : Le démon du midi : en 1955.
434 - " : Les deux soeurs : en 1950
435 - " : Deuxième amour : en 1932.
436 - " : Le diamant de la Reine : en 1957.
437 - " : Le Disciple : en 1925.
438 - " : La Duchesse Bleue : en 1946.
439 - " : L'eau profonde : en 1948.
440 - " : L'émigré : en 1953.
441 - " : Le fantôme : en 1932.
442 - " : L'irréparable : en 1932
443 - " : Laurence Albani : en 1955.
444 - " : Lazarine : en 1956.
445 - " : Le louveteau : en 1957.
446 - " : Mensonges : en 1949
447 - " : Monique : en 1953
448 - " : Le pays de la mort : en 1948.
449 - " : Le Tafsin : en 1948
450 - " : La Terre Promise : en 1953
451 - " : Tragiques remous : en 1946.
452 - " : Un drame dans le monde : en 1956
453 - " : Un saint. Antigône, etc. : en 1955.

454 - Bouvier (René): Albuquerque: em 1938.
455 - Boylesve [René]: La bécquée: em 1931.
456 - " " : Mademoiselle Cloque: em 1943.
457 - Braga [Alberto]: Os confidentes: em 1921.
458 - " " : Contos da aldeia: em 1944.
459 - " [Alberto Vieira]: O culto poetico popular de Nª Senhora: em 1955
460 - " : Curiosidades de Guimarães, v I: 928
461 - " : Guimarães nos costados dos seus titulos: em 1949
462 - " : As vozes dos sinos na interpretação popular: em 1937.
463 - " [Guilherme]: Ecos de Aljubarrota: em 1902
464 - " " : Os falsos apostolos: em 1899 e em 1954
465 - " [Luis de Almeida]: O culto da tradição: em 1949
466 - " : Posição de Antº Sardinha: em 1950
467 - " [Mario]: Historias de vila: em 1958
468 - " " : As Ideias e a vida: em 1959
469 - " " : Quatro reis: em 1957.
470 - " " : Serranos. Contos: em 1957.
471 - " [Teofilo]: Os amores de Camões: 918.
472 - " " : Os Arcades: em 1918
473 - " " : Arcadia Lusitana: em 1202
474 " " : Bernardim Ribeiro e o Bucolismo: em 1910
475 " " : Bocage: em 1915
476 " " : Camões: em 1909
477 " " : Camões e o sentimento nacio

ual : em 1899

478 - Braga {Teófilo} : Garrett : obra lírica e épica : em 1912

479 - " " : Cancioneiro Popular : em 1952

480 - " " : Cartas {...} a Marques Braga em 1956

481 - " " : Cartas inéditas a Wilhelm Storck : em 1950

482 - " " : Eça de Queiroz e a sua obra : em 1901.

483 - " " : Escola de Gil Vicente : em 1911.

484 - " " : Do dose de Inglaterra : em 1908.

485 - " " : Felinto Elísio : em 1910

486 - " " : Fr. Gil de Santarem : em 1909

487 - " " : Garrett e os dramas romanticos : em 1909

488 - " " : Garrett e o Romantismo : 1909

489 - " " : Gil Vicente : 1911.

490 - " " : Gomes Freire : em 1908

491 - " " : Historia das Ideias republicanas em Portugal : em 1954

492 - " " : Historia do Romantismo em Portugal : em 1952

493 - " " : Idade-media : em 1910

494 - " " : As lendas cristãs : em 1924

495 - " " : Miragens seculares : em 1952

496 - " " : Modernas ideias na Literatura Portuguesa : em 1909

497 - " " : Obras de Cristovão Falcão : em 912

498 - " " : Poesia do Direito : em 1952

499 - " " : Poetas palacianos : em 1915

500 - " " : O Povo Português nos seus

costumes., crenças ... : em 1917

501 - Braga {Teofilo): Quarenta anos de vida literaria : em 1928

502 - " " : Renascença : em 1916

503 - " " : Zé de Miranda : em 1899.

504 - " " : Os saiscentistas : em 1917.

505 - " " : Soluções positivas da politica portuguesa : em 1955

506 - " " : Tempestades sonoras : em 1952

507 - " " : Prof.º Braga e Procancio Franc.º da Silva. Correspondencia : em 928.

508 - " " : Viriato : em 1909

509 - " " : Visão dos tempos : em 1939.

— - " " : Vide Paxeco {Fran}.

510 - Branco {Fernando Aug.to] : Novelas submarinas : em 1928

511 - Branco {M.el Bernardes] : D. Afonso VI : 1918

512 - " " : As minhas queridas freirinhas de Odivelas : em 1916.

513 - _____ _____ : Portugal na epoca de D. João V : em 1922.

514 - Braudão {Fr. Antonio}: Monarquia Lusitana, 3ª Parte : em 1921.

515 - Braudão {Carlos Cal]: Fumo. Guerra em Timor : em 1946.

516 - Braudão {João}: O Terror nas Beiras. Afrontamentos de _____ : em 1924

517 - Braudão {Julio}: Desfolhar de crisântemos : em 1942

518 - " " : Farmacia Pires : em 1932

519 - " " : Garrett e as cartas de amôr : em 1944.

520 – Braudão (Julio): Galeria de sombras : em 1940
521 – " " : Maria do Céu : em 1902.
522 – " " : Perfis suaves : em 1935.
523 – " " : Poetas e Prosadores : em 1945.
524 – " " : Recordações dum velho Poeta : em 1949.
525 – " (Fr. Mateus): Elogio necrologico de D. João VI : em 1813.
526 – Braudão (Raul): A conspiração de 1817 : em 1914
527 – " " : El-Rei Junot : em 1915 e 938.
528 – " " : Humus : em 1941.
529 – " " : As Ilhas desconhecidas : 1927
530 – " " : Memorias, vol. I : em 1920
531 – " " : " de um soldado : em 1922
532 – " " : Os Pescadores : em 1924.
533 – Braz (Cesar Moura) Moçambique : em 950.
534 – Brazão (Eduardo): Macau : em 1958.
535 – Brazio (P.e Antonio): Os Pretos em Portugal : em 1946.
536 – Brazol (Maximilien): Portugal d'ou provient les caravelles : em 1928
537 – Breyner (Tomas de Melo): Memorias : em 1957.
538 – Brites (Geraldino): O medico e o ambiente social : em 1933
539 – " " : A orientação do estudo do aluno medico : em 1932
540 – " " : Ramon y Cajal : em 936
541 – Brito (Alberto da Rocha): Dialogo da per-

feições e partes necessarias ao bom medico : em 1945.

542 — Brito (Alb.to da Rocha) : A Força dos Fisicos do Gil Vicente vista por um medico : em 1944.

543 — Brito (José Joaq.m Gomes de) : Alexandre Herculano. Paginas intimas : em 1944.

544 — Brochado (José da Cunha) : Cartas (1) : em 915

545 — " " " : Cartas ao Conde de Viana : em 1927.

546 — ——— ——— : Memorias, edição de Mendes dos Remedios : em 1913.

547 — Brocher (Henri) : Le mythe du Héros et la mentalité primitive : em 1939.

548 — Brossé (Gen.al J.) : La marche d'approche : em 1933.

549 — Brun (André) : Contos escolhidos : em 937

550 — " " ; Dez contos em papel : em 1930 e em 1954

551 — " " : Domingos escolhidos : em 1959

552 — " " : Filosofia de Felix Pereide : 1925

553 — " " : Interistas de ontem : em 1959.

554 — " " : A malaquinha de Arroios : em 1938, 1940 e 1959.

555 — " " : Praxedes, mulher & Filhos : em 1925

556 — " " : Sem pés nem cabeça : 1924.

557 — " " : Teatro : vols. I e II : em 1951.

558 — " " : A Vizinha do lado : 1927 e 944.

559 — Brunetière (Ferdinand) : Cinq lettres sur Ernest Renan : em 1931

---

(1) Edição Sá da Costa.

560 - Bruno : A Ditadura : em 1209.
561 - " : O Descoberto : em 1914
562 - " : Geração Nova : em 1929
563 - " : Os modernos publicistas portugueses : em 1908.
564 - " : Notas do exílio : em 1932
565 - " : O Porto culto, vol. I : em 1912.
566 - " : Portuenses Ilustres : vol. I em 1908 ; vols. II e III em 1909.
567 - " : Portugal e a guerra das Nações : em 1909.
568 - " : A questão religiosa : em 1908
569 - Bueich {Antonio J.} : Em pós de Eça de Queiroz : em 1948
570 - Buck {Pearl} : La mère : em 1949.
571 - " " : Vento do Oriente. Vento do Ocidente : em 1945.
572 - Buendia {Rogélio} : Lusitania : em 1942
573 - Buonaiuti {Ernest} : Le modernisme catholique : em 1927.
574 - Bugiel {V.} : Les grands poetes polonais : em 1930
575 - Burnay {Eduardo} : O Bispo de Castelo - Melhor : em 1923
576 - Burnet {Etienne} : La Porte du Sauveur : em 1928
577 - Burroughs {P. E.} : O Povo Baptista : 957.
578 - Byron : Le Corsaire : em 1902 e 1926
579 - " : Manfredo : em 1934.
580 - Cabral {Antonio} : Os amores, os ciumes e a graça de Camilo : em 1942
581 - " " : Camilo de perfil : em 1942

582 - Cabral (Ant.º) : Camilo desconhecido : 1948
583 - " " : " e Eça de Queiroz : em 1940
584 - " " : Cartas de D. Carlos a José Luciano de Castro : em 1948
585 - " " : Coisas do passado : em 1945
586 - " " : A morte do marquês de Laulé : em 1939.
587 - " " : Homens e episódios inolvidaveis : em 1953.
588 - " " : As polemicas de Camilo : em 950.
589 - " " : O talento e os desvarios de Guerra Junqueiro : em 1944
590 - " " : Tempos de Coimbra : em 1943
591 - " (Franc.º Alberto da Costa) : D. João II e a Renascença Portuguesa : em 1915.
592 - ——— ——— ——— Liberais e absolutistas : em 1936.
593 - Cabral (Paulino Ant.º) : Poesias : em 1936
594 - Cadero (Barão de) : Diniz : em 1941
595 - Caemmerer (Von) : L'evolution de la Tragedie au XIX.me siécle : em 1938.
596 - Caetano (Marcelo) : As côrtes de Leiria em 1254 : em 1954.
597 - Caïel : M.me Renan : em 1932
598 - Caiola (Lourenço) : Cêna delida pelo tempo : em 1937.
599 - ——— ——— : Revivendo o passado : em 1953.
600 - Cajal (Ramon y) : Charlas de café : em 1936
601 - " " : El mundo visto a los ochenta años : em 1946.

602 – Caldas (José): Benigna verba: em 1940
603 – " " : Cartas de um vencido: 1957
604 – " " : D. Frei Bartolomeu dos Martires: em 1922
605 – " " : Hist.ª da origem e estabelecim.to da bula da Cruzada em Portugal: em 1924.
606 – " " : Hist.ª dum jogo morto: em 915
607 – " " : Os Humildes: em 1916
608 – " " : Os Jesuitas: em 1937
609 – Caldeira (Fernando): A Madrugada: em 1901 e em 1910.
610 – Calderon de la Barca: La dama duende: 949.
611 – " " : O Grande Teatro do Mundo: em 1959
612 – " " : A secreto agravio secreta venganza: em 1949
613 – " " : La vida es sueño: 924
614 – Caldwell (Erskine): A estrada do tabaco: em 1945.
615 – Calidaça: Xacuntalá: trad.ão de Mariano Gracias: em 1932.
616 – Calmon (Pedro): Vida de D. Pedro I: em 952
617 – Calwell: A tactica de hoje: em 1903.
618 – Camacho (M.el de Brito): A caminho de Africa: em 1923
619 – " " : Ao de leve: em 1916
620 – " " : Os amores de Latino Coelho: em 1924.
621 – " " : D. Carlos intimo: em 1927
622 – " " : Contos selvagens: em 1934.

623 - Camacho (M. de Brito) : Ferroadas : em 1933
624 - " " : Gente boa : em 1930
625 - " " : " rustica : em 1921 e 952.
626 - " " : Impressões de viagem : 1920
627 - " " : Jornadas : em 1927
628 - " " : Loupe da vista : em 1920
629 - " " : Lourdes : em 1931.
630 - " " : Nas horas calmas : em 1922
631 - " " : Pretos e brancos : em 1926
632 - " " : Quadros alentejanos : em 925 e em 1953
633 - " " : A questão romana : em 930
634 - " " : A reacção : em 1932
635 - " " : Serrais de Lourdes : em 1925
636 - Camara (D. João da) : Alcacer-Kibir : 1900
637 - " " : O beijo do Infante : 1904
638 - " " : Casam.to e mortalha : 1958
639 - " " : El-Rei : em 1911.
640 - " " : Meia-noite : em 1900 e 1953
641 - " " : A Cristã Viuvinha : em 1900
642 - " " : Os Velhos : em 1931 e 1958.
643 - Camargo (Joraci) : Deus lhe pague... : em 946
644 - Cambó (Francisco) : Las dictaduras : em 1930
645 - Camilo : Agostinho de Ceuta : em 1908
646 - " : Agulha em palheiro : em 1898, em 1924, 1937, 1954 e 1959.
647 - " : Amor de perdição : em 1899, em 1914, 1924, 1925 e 1931.
648 - " : Amor de salvação : em 1914 e 1950
649 - " : Anátema : em 1898 e 1948
650 - " : Anos de prosa : em 1899, em 1919, em 1950 e 1958.

651 - Camilo : D. Antonio Alves Martins, em 902
652 - " : Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado : em 1948
653 - " : O Bem e o mal : em 1916 e 1954.
654 - " : Boemia do espirito : em 1906.
655 - " : A Brasileira de Prazins : em 1915, 1927 e 1947.
656 - " : Os Enfeitados do brasileiro : em 1904 e em 1929.
657 - " : A bruxa do Monte-Cardoso : em 1904, 1928 e em 1935.
658 - " : Cancioneiro alegre : em 1899 e 952
659 - " : Carlota Angela : em 1903, 1922 e 931.
660 - " : O carrasco de Vitor Hugo José' Alves: em 1916 e 1953.
661 - " : Cartas {...} a Eduardo da Costa Santos : em 1939.
662 - " : Cartas {...} a Tomás Ribeiro : de Brance de Gontã : em 1938
663 - " : Cartas {...} a Vieira de Castro : de Dias da Costa : em 1937.
664 - " : Cartas a Trindade Coelho : em 1949
665 - " : " . Colegidas por Cardoso Marta, 2 vols. : em 1930 e 1936.
666 - " : Cartas {...} publicadas por Silva Pinto : em 1924.
667 - " : Cartas ao editor Matos Moreira : em 1928.
668 " : Cartas ineditas {...} ao 1º Conde de Azevedo : em 1952
669 - " : Cartas ineditas {...} publicadas pelo Visconde do Marco : em 1944

670 - Camilo : Cartas notaveis ... : em 1943
671 - " : Cavar em ruinas : em 1905, em 1920, 1925 e 1955
672 - " : A caveira da martir : em 1923 e 946
673 - " : O cégo de Landim : em 1903 e 1951.
674 - " : Cem cartas [...] colegidas por Xavier Barbosa : em 1931
675 - " : Cênas contemporaneas : em 1908, 1926, 1950 e 1955.
676 - " : Cênas da Foz : em 1908 e em 1929.
677 - " : " inocentes da comedia humana : em 1917
678 - " : Coisas espantosas : em 1903, 1926, 1951 e 1958.
679 - " : Coisas leves e pesadas : em 1909.
680 - " : O Comendadôr : em 1903 e em 1951.
681 - " : Como Deus castiga. Esparsos : em 1948
682 - " : O condenado. Drama : em 1910 e em 1920
683 - " : Coração, cabeça e estomago : em 1917 e em 1953.
684 - " : A Corja : em 1900, 1915 e em 1956.
685 - " Correspondencia epistolar [...] com Vieira de Castro : em 1944.
686 - " : Curso de Literat.ª Portuguesa : 924.
687 - " : O Degredado : em 1904 e em 1951.
688 - " : Delitos da mocidade : em 1949.
689 - " : O demonio do oiro : em 1905 e 1955.
690 - " : Dispersos : vols. I a IV, em 1950; volume V, em 1951.
691 - " A doida do Candal : em 1932.

692 – Camilo : Doze casamentos felizes : em 1907, 1919 e 1956
693 – " : Duas épocas da vida : em 1955
694 – " : " horas de leitura : em 1905, 1917, 1931 e 1957.
695 – " : A Enjeitada : em 1902
696 – " : O Enjeitado : em 1910
697 – " : Esboços de apreciações literarias em 1909 e 1959
698 – " : Espinhos e flores. Drama : em 908
699 – " : O esqueleto : em 1915 e 1931.
700 – " : Estrelas propicias : em 1925 e 1947
701 – " : Eusébio Macario : em 1900, 1915 e 1956
702 – " : A Filha do Arcediago : em 1902, 1942 e 1957
703 – " : A Filha do Dr. Negro : em 1900
704 – " : " " " regicida : em 1903 e 1932
705 – " : O Filho natural : em 1903 e 1951.
706 – " : A freira do subterraneo : em 1916
707 – " : O General Carlos Ribeiro : em 1919 e em 1948
708 – " : Gracejos que matam : em 1902 e 951.
709 – " : O Judeu : em 1911.
710 – " : Justiça : drama : em 1908
711 – " : Lagrimas abençoadas : em 1898, em 1943 e 1956
712 – " : Livro de consolação : em 1917, 1932 e 1952
713 – " : Livro negro do Padre Diniz : em 1900 e em 1946
714 – " : O Lubis-homem : em 1900 e 1909.

715- Camilo : Luis de Camões : em 1921
716- " : D. Luis de Portugal : em 1903 e 1918.
717- " : Luta de gigantes : em 1906
718- " : Maria da Fonte : em 1917, 1927 e 1952.
719- " : " Moisés : em 1903, 1926 e 1951.
720- " : O Marquês de Torres Novas : em 1908.
721- " : Memorias de Guilherme do Amaral : em 1911 e 1956.
722- " : Memorias do carcere : em 1917 e 1935.
723- " : Mistérios de Fafe : em 1900, 1917, 1927 e 1952.
724- " : Os Mistérios de Lisboa : em 1900 e 946
725- " : O Morgado de Fafe amoroso : em 1909.
726- " : " " " " em Lisboa : em 909.
727- " : A Morgada de Romariz : em 1903 e em 1951
728- " : Mosaico e silva de curiosidades : em 1905
729- " : A mulher fatal : em 1914 e em 1928.
730- " : A Murraça !... : em 1920
731- " : Narcoticos : em 1942.
732- " : A rueta do Arcediago : em 1903, 1928, 1942 e 1957.
733- " : No Bom Jesus do Monte : em 1918, em 1924 e 1955
734- " : Noites de insónia : em 1937
735- " " " Lamego : em 1908 e 1925.
736- " : O que fazem mulheres : em 1923 e 931. e 1957
737- " : Olho de vidro : em 1905 e 1923
738- " : Onde está a felicidade ? : em 1899, em 1928 e 1956
739- " : Otelo, o mouro de Venaza : em 1948.

740- Camilo : Perfil do Marquês de Pombal : em 1936
741- " : Poesia ao Dinheiro : comédia : 1908
742- " : Purgatório e Paraíso : drama : 1908.
743- " : Quatro horas inocentes : em 1905.
744- " : A queda dum anjo : em 1899, 1919 e em 1925.
745- " : O Regicida : em 1903 e 1932.
746- " : O retrato de Ricardina : em 1902, em 1925 e 1950
747- " : Romance dum homem rico : 1925
748- " : O Sangue : em 1932, 1936 e 1954.
749- " : O Sauto da montanha : em 1915 e 931.
750- " : O Senhor do Paço de Ninães : em 903, 1918 e em 1928
751- " : A Senhora Rattazzi : em 1913.
752- " : A Feira : em 1900 e em 1941.
753- " : Serões de S. Miguel de Saide : 929.
754- " : As três cruzes : em 1919 e 1952
755- " : Um homem de brios : em 1911, em 1928 e 1956
756- " : Vingança : em 1931 e 1940
757- " : O Vinho do Porto : em 1900 e 1957.
758- " : Vinte cartas (...) para José Caldas em 1925
759- " : Vinte horas de leitura : em 1923, em 1927 e 1933.
760- " : Virtudes antigas : em 1917
761- " : A viuva do enforcado : 1904 e 1951
762- " : Voltareis, oh Cristo ? : em 1918.
763- " : Vulcões de lama : em 1949.
764- Camões : Auto dos anfitriões : em 1935.

765- Camões: Auto d'El-rei Seleuco: em 1935
766- " : " de Filodemo: em 1935.
767- Camon [Gen.al]: Clausewitz: em 1934
768- " : La manoeuvre de Wagram: em 1926
769- " : Quand et comment Napoleon a conçu son système de bataille: em 1936
770- " : Le système de bataille du Prince de Condé: em 1933
771- " : Le système de guerre de Napoleon: em 1930
772- Campoamor [D. Ramon de]: Colón: em 902.
773- " : Doloras: em 1900 e 1948.
774- " : El Drama universal: em 1899
775- " : Humoradas y Cantares: em 1900
776- Campos [Agostinho de]: Casa de pais, escola de filhos: em 1935.
777- " : Educação e ensino: em 1932.
778- " : Educar: em 1932.
779- " : Europa em guerra: em 1932
780- " : Jardim da Europa: em 1932
781- " : Mil trovas: em 1
782- " : Palestras sem fios: vol. I em 1943; o II, em 1946
783- Campos Junior [Antonio de]: Guerreiro e monge: em 1899.
784- " : Santa Patria: em 1913
785- " [Claudia de]: Rindo...: em 1912
786- " [Ezequiel de]: Pela Espanha: 1921
787- Candido [Antonio]: Alexandre Herculano: em 1927.
788- " " : O Duque de Loulé: 927.
789- Capitulos do concelho de Elvas apresentados

em Côrtes. Prologo de Pedro de Azevedo: em 19..

790 – Capus (Alfred): Années d'aventures: 1953

791 – Caraça (Bento de Jesus): A educação integral do individuo: em 1933.

792 – ——— ———: Galileu Galilei: em 948.

793 – Carco (Francis): L'amour venal: em 1951

794 – " " : Ténèbres: em 1954.

795 – Cardoso (Carlos Ernesto de Sá): Politica de amanhã: em 1946.

796 – Cardoso (Licinio Vicente): Pensamentos brasileiros: em 1941

797 – Cardoso (Mario): Alberto Sampaio. Breve Noticia...: em 1959

798 – " : Citania de Briteiros: em 1939

799 – " : Um corpo de tropas organisado em Guimarães: em 1956.

— – Carlos (Dom): vide Cartas

800 – " (Papiniano): Caminhêmos serenos: em 1958

801 – Carlyle (Tomás): Histoire de la Revolution Française: em 1948

802 – Carmo (José Pedro do): Evocações do passado: em 1953

803 – Carnide (Conde de): Na intimidade de João Franco: em 1955

804 – Carregal (Joaq.m da Costa): A evolução da Tipografia: em 1954.

805 – Carreiro (José Bruno Tavares): Uma vespera de feriado: em 1929.

806 – ——— ———: Vida de Teofilo Braga em 1956

807 – Carrel (Alexis): L'homme cet inconnu: 955.

808 – Cartas d'El-rei D. Carlos a João Franco Castelo-Branco : em 1924.

809 – Carvalho (Alberto de) : Esboços literários : em 1930.

810 – Carvalho (Aires de) : A escultura em Mafra : em 1957.

811 – Carvalho (Alfredo) : Eça de Queiroz : em 1943.

812 – " (Ant.º Germano Guedes Ribeiro de) : Preludios duma ditadura : em 1958.

813 – ——— ——— ——— : Uma carga de Cavalaria : em 1954.

814 – Carvalho (Sup.to da Silva) : Estudos relativos à Restauração (Anais, 2ª serie, vol. III) : em 1952

815 – Carvalho (Ballino de) : Paulino António Caldeira : em 1956.

816 – Carvalho (Luís Viana de) : Revelações : em 1933.

817 – " (Flávio de) : Bastidos da Nacionalidade : em 1942

818 – Carvalho (Franc.º Augusto Martins de) : Algumas horas na minha livraria : em 1918.

819 – ——— ——— ——— : A Guerra Peninsular : em 1910

820 – Carvalho (Franc.º José Gomes de) : A morte civil : em 1947.

821 – Carvalho (Joaquim de) : Anteriana : em 957.

822 – " : Compleição do patriotismo português : em 1954

823 – " : Formação da ideologia republicana : em 1931.

824 – " : Galileu e a cultura portuguesa : em 1948

825 – " : Manuel Fernandes Tomás, ju-

disconsulto : em 1950

826 – Carvalho (Joaquim de) : Os sermões de Gil Vicente : em 1950

827 – " : Teofilo Braga in Perspectiva da Literat.ª Portuguesa : em 1949

828 – " – (Joaquim José Coelho de) : O cântico dos cânticos : em 1928

829 – " : D. Pedro : em 1919.

830 – " – (Joaquim Martins de) : Os Assassinos da Beira : em 1924

831 – " – (Joaquim Martins Teixeira de) : Arte e Arqueologia : em 1930.

832 – " : A cerâmica coimbrã : em 1927.

833 – " : Dois capitulos sobre Camilo Castelo Branco : em 1937

834 – " : Notas de Arte e Crítica : em 1958

835 – " – (J. Barradas de) : As ideias politicas e sociais de Alex.e Herculº : 1950

836 – " – (J. C. de Alm.da) : Duas palavras ao autor do esboço historico de José Estevão : em 1946

837 – Carvalho (José Liberato Freire de) : Ensaio politico sobre as causas que prepararão a usurpação do Inf.te D. Miguel : em 1928

838 – ——— ——— : Memorias da vida de ... : em 1943.

839 – ——— ——— : Memorias com o titulo de Anais ... vol. I : em 1920.

840 – Carvalho (D. Mª Amalia Vaz de) : Cartas a uma noiva : em 1946

841 – " " : Pelo mundo fóra : 1921.

842 – " " : Vida do Duque de Palmela : em 1918.

843 – Cascais (José da Costa): Le chateau de Faria: em 1948.

844 – Cascão (José Seabra): Duas horas dedicadas a Coimbra: em 1953.

845 – Casimiro (Augusto): Africa nostra: 1923

846 – " : Angola e o futuro: em 1959

847 – " : Calvarios da Flandres: em 1921

848 – " : Cartilha Colonial: em 1936.

849 – " : Conquista da Terra: em 1948.

850 – " : A evocação da Vida: em 1912.

851 – " : Ilhas creoulas: em 1935.

852 – " : Lisboa mourisca: em 1947.

853 – " : Livro dos Cavaleiros: em 1923

854 – " : Nas trincheiras da Flandres: 1919.

855 – " : Naulila: em 1922.

856 – " : Nova Lapada: em 1930.

857 – " : Portugal creoulo: em 1946.

858 – " : Primavera de Deus: em 1924.

859 – " : Sidonio Pais: em 1920

860 – " : A vitoria do Homem: em 1910

861 – Cassou (Jean): Les harmonies viennoises: em 1950

862 – Castanhoso (Miguel): Dos feitos de D. Cristovão da Gama: em 1924

— – Castelo-Branco (Camilo) – Vide Camilo.

863 – " " (Raquel): Trinta anos em Seide: em 1949.

864 – Castilho (Antº Feliciano de): Amôr e melancolia

865 – " : Cartas de Eco e Narciso: em 1898 e em 1927.

866 – " : O casamento de oiro: em 1933.

867- Castilho (Ant.º Feliciano de): Ciumes do Cardo: em 1932

868- " : Novas escavações poeticas: 1924.

869- " : A Primavera: em 1898 e em 1936.

870- " : Quadros historicos: em 1926.

871- " : A volta inesperada: em 1933

872- " : Um anjo da pele do diabo: em 933

873- " - (Guilherme de): Antonio Nobre: em 1953.

874- Castilho (Julio de): Memorias de Castilho: vol. I em 1927; vol. II em 1929; vol. III em 1930; vol. IV em 1931; vol. V em 1933; vol. VI em 1935 e vol. VII em 936.

875- Castelar (D. Emilio): Oliveira Martins: em 1933.

876- Castro (Ant.º Serrão de): Os ratos da Inquisição: em 1921.

877- Castro (Aug.to Mendes Simões de): Notas acerca... de El-rei D. Sebastião em Coimb.ª: em 1922.

878- Castro (Cristobal): La señorita Estatua: em 1934.

879- Castro (Eugenio de): O anel de Policrates: em 1928 e 1931.

880- " : Belkiss: em 1900 e em 1930

881- " : A caixinha das cem conchas: em 1924

882- " : Camafeus romanos: em 1921, 1951 e 1954

883- " : Canções desta negra vida: em 1923

884- " : Cartas de torna viagem: em 1941

885- " : Constança: em 1900

886- " : Cravos de papel: em 1923

887- " : Depois da ceifa: em 1924.

888 - Castro {Eug.º de}: Descanso e evocação : 1924
889 - " : A Fonte do Salino e outros poemas : em 1932
890 - " : Horas : em 1900
891 - " : Oaristos : em 1900
892 - " : O P.e Francisco Suarez em Coimbra : em 1917.
893 - " : O rei Galaor : em 1898 e em 1945
894 - " : Sagramôr : em 1900 e 1928.
895 - " : Salomé e outros poemas : em 1946
896 - " : Saudades do céu : em 1900, 1910 e 930
897 - " : A tentação de S. Macario : em 1924.
898 - " {Gabriel Pereira de): Ulyssêa : 927
899 - " {Gonçalo Pimenta de}: As minhas memorias, vol. III : em 1951
900 - Castro {D. João de}: Poesias : em 1900
901 - " " : Os malditos : em 1920 e 1947
902 - " " : O Marquadinho : em 1900
903 - " " : Redacções : em 1904 e 1941.
904 - " {Joaquim Per.ra Pimenta de): O ditador e a afrontosa ditadura : em 1916.
905 - Castro {José Cardoso Vieira de}: Correspondencia epistolar (...) com Camilo : em 1944.
906 - ——— ——— ——— : Uma pagina da Universidade : em 1947
907 - Castro {José M.a Ferreira de): A curva da estrada : em 1953.
908 - " " : O drama da sombra : em 1927
909 - " " : Emigrantes : em 1937
910 - " " : Eternidade : em 1936
911 - " " : A Salva : em 1930
912 - " " : Terra fria : em 1939.

913 – Castro (Francisco de): Ronda de Lisboa: em 1924.

914 – Castro (Mel de Oliveira Chaves e): Julio Marques de Vilhena ...: em 1951

915 – ——— ——— ———: Rectificações e comentarios juridicos ...: em 1924

916 – Castro (Mario de): Ideario republicano: : em 1931.

917 – " " : A' margem da questão sebastica: em 1926

918 – " (Sergio de): Flomens de letras e flores: em 1953.

919 – Catorze (O) de Maio (Anonimo): em 1921.

920 – Catulo: Les noces de Thetis et de Pelée: 928.

921 – " : Poesies: em 1929

922 – " : " : Tradção de C. H. Guerle: em 932.

923 – Cavalheiro (Antº Rodrigues): 1640. Richelieu e o Duque de Bragança: em 1944

924 – ——— ———: Os motins de Campo de Ourique em 1803: em 1932.

925 – ——— ———: Têmas de Historia: em 1940

926 – Cazotte: O Diabo amoroso: em 1904 e 1926

927 – Cearense (Catulo da Paixão): Meu Brasil: em 1940

928 – " " : Poemas bravios: em 1931 e 1946

929 – Celso (Afonso): Porque me ufano do meu País: em 1931

930 – Centazzi (Guilherme): O estudante de Coimbra: em 1954

931 – Cerejeira (Manuel Gonçalves): O huma-

nismo em Portugal: Clenardo: em 1943.

932 – Cerejeira (M.el Gonçalves): A Idade-media: em 1949

933 – ——— ———: A noite de dez seculos: em 1928.

934 – Cérvima (Antonio de): Epopeia maldita: em 1925.

935 – Cervantes: D. Quijote de la Mancha: em 1913 e 1950.

936 – Cesar (Julio): Commentaires sur la guerre des Gaules

937 – Cesar (Vitoriano José): A batalha de Ourique: em 1927.

938 – Chagas (Fr. Antonio das): Cartas espirituais: em 1940.

939 – Chagas (João): Cartas Politicas: I vol. em 1909 e 1956; vol. II em 1909 e 1956; vol. III em 1910 e 1957; vol. IV e V em 1910 e 1958.

940 – " ": Diario, 4 vols.: em 1955

941 – " ": Diario dum condenado politico: em 1929 e 1956

942 – " ": Hist.a da revolta de 31 de Janeiro (c/ Ten.te Coelho): em 1918

943 – " ": Homens e factos: em 1949

944 – " ": As minhas razões: em 1907, em 1930 e 1958

945 – " ": Na brécha: em 1925

946 – " ": Portugal perante a guerra: 1915

947 – " ": Posta restante: em 1906 e 1928

948 – " ": Trabalhos forçados: em 1949

949 – " ": A ultima crise: em 1915.

950 – Chagas (João): Vida literaria: em 1947.
951 – " (Manuel Pinheiro): As duas flores de sangue: em 1914
952 – " " : Os guerrilheiros da morte: em 1923
953 – " " : O juram.to da Bandeira: 1902
954 – " " : A lenda da meia-noite: 1911
955 – " " : O major Napoleão: em 1914
956 – " " : A manchinha de Beatriz: 916.
957 – " " : A mascara vermelha: 1902
958 – " " : A marquezinha de Val-Flor: em 1916 e 1926
959 – " " : Tristezas á beira-mar: 1917.
960 – " " : A viuvinha guaraciaba: 1914
961 – Chamfort: Maximes et pensées: em 1941.
962 – Chardonne (Jacques): Claire: em 1951
963 – Chateaubriand: Atalá – René: em 1902 e 1943
964 – N.S " : Napoleon: em 1928
965 – Chauvineau (Gen.al): Vauban: l'homme de guerre: em 1933
966 – Chaves (Franc.o José de Oliveira Sá): A batalha da Asseicaira: em 1930
967 – " " : As campanhas de meu Pai: vol. I em 1915; vol. II em 1919.
968 – Chaves (João Carlos Peres Ferreira): Temas tacticos. Vol. I: em 1933.
969 – Chaves (José A. Castelo-Branco): Eça de Queiroz visto por quem o conheceu: em 1954.
970 – ——— ——— ———: Estudos criticos: em 1933.
971 – ——— ——— ———: Filho de Alcoviteira: em 1948.

972 - Chaves (Luis) : Os barristas portugueses : em 1925
973 - " " : A Beira : em 1928
974 - " " : Os jelourinhos portugueses : em 1930
975 - " " : Trás-os-Montes : em 1940
976 - Charigny (P.....) : Organisation du travail intellectuel : em 1926
977 - Chérrier (André) : Elégies : em 1926
978 - Chmelov (Ivan) : El calix inagotable : 1930
979 - Cicero : De Amicitia : em 1945 e 1948.
980 - " : De la Republique : em 1932 e 1951
981 - " : De senectute : em 1948
982 - " : Pro Archias : em 1947
983 - " : Tusculanas : em 1955.
984 - Cidade (Hernani) : Bocage : em 1936
985 - " " : O conceito da poesia como expressão da cultura : 1951
986 - " " : Ensaio sobre a crise mental do séc.º XVIII : em 1929.
987 - " " : A literatura autonomista sob os Filipes : em 1949.
988 - " " : A literat.ª portuguesa e a expansão ultramarina : 945.
989 - " " : Luis de Camões : v. I: O Lírico, em 1942; - vol. II : O Épico, em 1950
990 - " " : A marqueza de Alorna : 1930
991 - " " : A obra poética de José Anastácio da Cunha : em 1957.
992 - " " : Tendencias do lirismo contemporaneo : em 1940

993 – Claretie (Jules): Le million: em 1930
994 – " " : Le Prince Zilah: em 1952
995 – Claro (Ant.º): Memorias de um vencido: em 1947.
996 – Claudel (Paul): L'otage: em 1931
997 – Clausewitz: Notes sur la Prusse: em 1935
998 – Cocteau (Jean): Les enfants terribles: 1946
999 – Coelho (Adriano Vieira): Memorias dum revolucionario: em 1957.
1000 – Coelho (Ant.º Diogo do Prado): Ensaios críticos: em 1931.
1001 – ——— ——— ——— : Teofilo Braga: 1953
1002 – Coelho (Franc.º Adolfo): Alexandre Herculano e o ensino publico: 1923.
1003 – Coelho (José Augusto): A teoria da Historia: em 1916
1004 – Coelho (José Franc.º Trindade): Autobiografia e Cartas: em 1951
1005 – " : Cartas: em 19
1006 – " : In illo tempore...: em 1903 e 948.
1007 – " : Os meus amores: em 1902 e 1921
1008 – " (José M.ª Latino): Arte e Natureza: em 1924
1009 – " : Cervantes: em 1928.
1010 – " : Historia politica e m.ar de Portugal: vols. I e II em 1924; o III em 1925.
1011 – " : Introdução á Oração da Corôa de Demostenes: em 1925
1012 – " : Literatura e Historia: em 1925
1013 – " : Paginas escolhidas vol. I, pag. 926
1014 – " : Tipos nacionais: em 1919.
1015 – Coelho (José Simões): Quem é Ferrer: em 1909

1016 - Coelho : (Luis Candido Cardoso Furtado) : Paixão do Luxo : em 1941

— " - Coelho (M.el Maria) : vide Chapas (João)

1017 - " (Possidonio Laranjo) : Mousinho da Silveira : em 1919.

1018 - Colaço (Branca de Gonta) : Ultimas canções : em 1927

1019 - Colen (José Dep.to Barbosa) : Entre duas revoluções : em 1919 e em 1950

1020 - ——— ——— ——— : Historia de Portugal vol X, de Pinh.o Chapas : em 1906.

1021 - Colette : L'entrave : em 1956

1022 - " : La naissance du jour : em 1951

1023 - " : La retraite sentimentale : em 1955

1024 - " : Les vrilles de la vigne : em 1951.

— " : Vide Willy

1025 - Colin (J.) : Les grandes batailles de l'histoire : em 1926

1026 - " " : Les transformations de la guerre : em 1926

1027 - Collingbridge (G) : A descoberta da Australia : em 1898

1028 - Comemoração da Batalha de Vitoria : em 1914.

1029 - Conrad (Joseph) : Typhon : em 1939.

1030 - Constant (Benjamin) : Adolphe : em 1933

1031 - " " : Le cahier rouge : em 1933.

1032 - Cooper (Fenimore) : El Jefe Indio : em 1931.

1033 - Coppée (François) : Contes tout simples : em 954.

1034 - " " : Longues & brèves : em 1957

1035 - " " : Toute une jeunesse : em 1952.

1036 – Cordeiro (João Xavier Rodrigues): Serões de Historia: em 1898

1037 – Cordeiro (Luciano): Berenguela e Leonor, Rainhas da Dinamarca: em 1949.

1038 – ——— ———: Como se perdeu Ormuz: em 1898.

1039 – ——— ———: Dois capitães da India: em 1898

1040 – Corneille: Le Cid: em 1901.

1041 – " : Horace: em 1901.

1042 – Corra (Emile): Les devoirs naturelles de l'homme: em 1910

1043 – " " : La morale sociale: em 1910

1044 – Correia (Francisco António): O tratado de Methuen: em 1953.

1045 – Correia (João de Araujo): Por amor da nossa lingua: em 1954

1046 – Correia (Virgilio): Azulejos: em 1957.

1047 – " " : Um tumulo renascença: em 1922

1048 – Correspondencia literaria e politica com João Chagas: 3 vols.º em 1958.

1049 – Corte-Real (Ant.º Moniz-Barreto): Belezas de Coimbra: em 1925

1050 – Cortesão (Jaime): Cancion.º Popular: 1920

1051 – " " : Cartas á Mocidade: 1941.

1052 – " " : A expedição de Pedro Alvares Cabral: em 1922

1053 – " " : O Inf.te de Sagres: em 917.

1054 – " " : Italia azul: em 1930

1055 – " " : Memorias da Grande Guerra: em 1921.

1056 – Cortezão (Jaime): A morte da aguia: 911.
1057 – Costa (Afonso): A Igreja e a Questal Social: em 1949
1058 – Costa (Alberto): O livro do Dr. Assis: em 1905 e 1945.
1059 – Costa (Alberto M.º de Sousa Costa: Dramas da serra: em 1931
1060 – ——— ——— ——— : Fui eu q. matei?: 1937
1061 – Costa (Abade Antonio da): Cartas...: em 1948.
1062 – " (D. Ant.º da): Auroras da Instrução: em 1919.
1063 – " " : Historia da Instrução Popular: em 1902
1064 – " " : Hist.ª do Mar.al Saldanha: 1910
1065 – " " : No Minho: em 1936
1066 – " (P.e Avelino): Relações de D. Afonso V com Castela e Aragão em 1460: em 1952.
1067 – Costa (Emilio): Ascenção, poderio e decadencia da burguesia: em 1946.
1068 – Costa (M.el de Oliveira Gomes da): A batalha do Lys: em 1921.
1069 – Costa (João): Castilho e Camilo: em 1933.
1070 – " " : O ano parlamentar: em 1906
1071 – " (João Providencia de Sousa): A balada: em 1926.
1072 – Costa (Joaquim): Alma Portuguesa: em 1939
1073 – " " : Antonio Galvão: em 1946
1074 – " (José Daniel Rodrigues da): Ronda do Patriotismo: em 1941
1075 – Costa (José Fernandes): O livro das Soledades: em 1941
1076 – " " : Memorias de um ajudan-

ta de campo : em 1904.
1077 – Costa (José Mª das Neves): Memorias (...) da campanha do Alemtejo... : em 1917.
1078 – Costa (José do Patrocinio da): Viagens no sistema planetario : em 1840.
1079 – Costa Jr. (José Ribeiro da): A arvore das patacas : em 1849
1080 – Costa (Julio Dias da): Camilo e Ciprianno Jardim : em 1942
1081 – " : Escritos de Camilo : em 1941.
1082 – " : João de Deus e Camilo : em 1952
1083 – " : Novas palestras camilianas : em 1942
1084 – " : Palestras camilianas : em 1957.
1085 – " : A "Sereia" de Camilo : em 1944
1086 – " (Julio de Sousa e): D. Maria II : 1952
1087 – " : Ramalho Ortigão : Mem.as : 1953
1088 – " (Luis Xavier da): Uma aguarella do sec.º XVII (Josefa de Ayala) : em 1955
1089 – Costa (Margarida): Os Lusiadas nos Liceus : em 1923.
1090 – Costa (Samuel Guimarães da) Formação democratica do exercito brasileiro : em 1958
1091 – Costa (Uriel da): Une vie humaine : em 1926
1092 – Coulevain (Pierre de): Noblesse americaine : em 1926
1093 – Courier (Paul-Louis): Lettre a M. Renouard : em 1931
1094 – " " : Lettres de France et d'Italie : em 1926.
1095 – " " : Pamphlets litteraires : 1939
1096 – " " " politiques : 1939.

1097 – Courtéline (G.): Les gaités de l'escadron: em 1927.

1098 – Courtillard (Raymond): Méditations militaires: em 1936

1099 – Coutinho (P.e Manuel da Cruz Pereira): Elogio da vida e conquista de Coimbra: em 1913.

1100 – Couto (Diogo do): Soldado prático: em 1940

1101 – " " : Vida de D. Paulo de Lima: em 1909.

1102 :– Couto (Ribeiro): Cabocla: em 1945.

1103 – " " : O jardim das confidências: em 1932.

1104 – Crespo (Ant.º Candido Gonçalves): Obras completas: em 1925

1105 – Crespo (Joaq.m Pedro Alves): Jogo de cartas: em 1903.

1106 – ——— ——— ——— : Versos: em 1949

1107 – Cristo (Franc.º M.el Homem): Monarquicos e Republicanos: em 1949

1108 – ——— ——— ——— : Pro Patria: em 1905.

1109 – Cruz (Fr. Bernardo da): Chronica de Dom Sebastião: em 1924.

1110 – Cucurull (Felix): A miragem: em 1959

1111 – Cunha (Alfredo da): Elogio histórico do Sr. Sousa Viterbo: em 1912

1112 – Cunha (Euclides da): A' margem da Historia: em 1931

1113 – " " : Contrastes e confrontos: 1928

1114 – " (João Gualberto de Barros e): Historia da Liberdade em Portugal: em 1926

1115 – Cunha (José Anastacio da): Composições poeticas: em 1928.

1116 – Cunha (D. Luis da): Testamento politico: em 1943.

1117 – Cunha (Teotonio da): Poesias: em 1899

1118 – " (Tristão da): Coisas do tempo: em 931

1119 – Curie (Eva): Madame Curie: em 1950

1120 – Curto (A. Ramada): A cadeira da verdade: em 1959

1121 – " " : Debaixo do cedro: em 1931 e 954

1122 – " " : Recompensa: em 1938

1123 – Curwood (J.): Le piége d'or: em 1928.

1124 – Damaso (José Ant.º dos Reis): Cenografias: em 1948.

1125 – Dantas (Julio): Abelhas doiradas: em 1922

1126 – " : Antigona: em 1946

1127 – " : Carlota Joaquina: em 1920

1128 – " : A ceia dos cardeais: em 1902

1129 – " : Fr. Antonio das Chagas: em 1947

1130 – " : Galos de Apolo: em 1922

1131 – " : Mater dolorosa: em 1949

1132 – " : "10230": em 1917.

1133 – " : O que morreu de amor: em 904.

1134 – " : Outros tempos: em 1909.

1135 – " : Paço de Veiros: em 1905.

1136 – " : A Patria Portuguesa: em 1918.

1137 – " : Santa Inquisição: em 1919.

1138 – " : A Severa: em 1901 e 1924.

1139 – " : Soror Mariana: em 1915

1140 – " : Um serão nas Laranjeiras: 1916

1141 – " : Viriato Tragico: em 1900 e 1930

1142 – Dante: O Inferno, ed.ão Sá da Costa: em 1956

1143 – Dardel (Ernest): L'Histoire, science du concret: em 1955.

1144 – Darío (Ruben) : Poesias escogidas : em 931
1145 – " " : Prosas profanas : em 1948
1146 – Daudet (Alphonse) : La belle Nivernaise : em 1912 e 1957.
1147 – " : Femmes d'artistes : em 1955.
1148 – " : Fromont J.^or et Risler Senior : em 1912 e 1958.
1149 – " : L'Immortel : em 1931
1150 – " : Lettres de mon moulin : em 193 e 1953.
1151 – " : Le Nabab : em 1957.
1152 – " : Numa Roumestan : em 1955.
1153 – " : La Petit Chose : em 1953
1154 – " : La Petite Paroisse : em 1956
1155 – " : Les Rois en exil : em 1938.
1156 – " : Rose et Ninette : em 1953.
1157 – " : Sapho : em 1898 e 1927.
1158 – " : Souvenirs d'un homme de lettres : em 1952
1159 – " : Tartarin de Tarascon : em 1952
1160 – " (Ernest) : Aventures de femmes : em 1912
1161 – " : La Mongantier : em 1941
1162 – " (Leon) : Ariane : em 1939.
1163 – " : Deux idoles sanguinaires : 1941
1164 – " : Les "Kamtchatka" : em 1930
1165 – " : Suzanne : em 1951.
1166 – " : Sylla et son destin : em 1958
1167 – David (Celestino) : Henrique Pousão : 1959.
1168 – Davies (A. Powell) : Uma definição da Democracia : em 1956
1169 – Demostenes : Oração da Corôa : em 1925.

1170 - Descartes : Discours sur la méthode : 1934
1171 - " : Lettres sur la morale : em 1955.
1172 - Descartes (Lucien) : Sous-Offs : em 1955.
1173 - Deus (João de) : Campo de Flores : em 1918.
Maço ←
1174 - Dias (Ant.º Gonçalves) : Beatriz Cenci : 1932.
1175 - " " " : Boabdil : em 1900
1176 - " " " : Lesnar de Mendonça : em 1900.
1177 - Dias (Carlos Malheiro) : Cartas de Lisboa : 1.ª a 2.ª series : 1905 ; a 3.ª em 1935.
1178 - " " : A Esperança e a Morte : em 932
1179 - " " : Exortação á Mocidade : em 1926
1180 - " " : O filho das Ervas : em 1901 e 921.
1181 - " " : O Grande Cagliostro : em 1905.
1182 - " " : Paixão de M.ª do Céu : em 1910
1183 - " " : O Piedoso e o desejado : em 1926.
1184 - " " : Os Reis de Alberparia : em 1902
1185 - " (Gastão de Sousa) : Africa Portentosa : em 1929
1186 - " (Jaime Lopes) : A Beira Baixa ... na obra de Gil Vicente : em 1959.
1187 - Dias (José Ferreira) : Linha de rumo : 1947
1188 - " " (Simões) : Peninsulares : 1899
1189 - " (Mario Simões) : A Musica, essa desconhecida : em 1951
1190 - Dicenta (Joaquim) : Mares de España : em 1928
1191 - Dickens (Charles) : David Copperfield : em 1933 e 195?
1192 - " " : O Espectro : em 1937.
1193 - " " : O homem e o espectro : 1903
1194 - " " : Les temps difficiles : em 1930

1195 – Dickens (Charles): Oliveiros Twist: em 1931
1196 – Diderot: Le neveu de Rameau: em 1926
1197 – " : A religiosa: em 1924.
1198 – Dinarte (Silvio): Hist.as brasileiras: em 912
1199 – " " : Ouro sobre azul: em 1911.
1200 – Dinis (Julio): Os aneis: em 1955.
1201 – " " : Cartas e esboços literarios: 1953
1202 – " " : O Casamento da Condessa da Amieira: em 1955
1203 – " " : As duas cartas: em 1954
1204 – " " : A educanda de Odivelas: em 954
1205 – " " : Os fidalgos da Casa Mourisca: em 1911, em 934 e 1945.
1206 – " " A morgadinha dos Canaviais: em 1911, 1920, 1940 e 1954.
1207 – " " : As pupilas do Sr. Reitor: 1911 e 945.
1208 – " " : Serões da Provincia: em 1939 e 1952
1209 – " " : Similia, similibus: em 1953.
1210 – " " : Um rei popular: em 1955
1211 – " " : Um segredo de familia: em 1954
1212 – " " : Uma familia inglesa: em 1910, em 1923 e 1946.
1213 – " " : Uma flor de entre o gelo: em 1913.
1214 – Dionisio (Santana): Atlanticas: em 1947.
1215 – Döellinger: Elogio historico de Alexandre Herculano: em 1916
1216 – Domay: Oiseaux de passage: em 1904.
1217 – Dominique (Pierre): La Commune: em 1957
1218 – Dorgelès (Roland): Le cabaret de la Belle-Femme: em 1931
1219 – Dostoïewsky: Crime e castigo: em 1938.

1220 – Dostoïewsky : L'eternel mari : em 1941
1221 – " : Les fréres Karamazov : 1932
1222 – " : Pobre gente : em 1937.
1223 – " : Humiliés et offensés : em 932
1224 – " : Le joueur : em 1932
1225 – " : Netochka : em 1924
1226 – " : Les nuits blanches : 1932 e 958.
1227 – " : Les precóces : em 1927
1228 – " : Souvenirs de la maison des morts : em 1931.
1229 – Dourado (Mecenas) : Hipolito da Costa e o « Correio Brasiliense » – em 1959.
1230 – Doyle (Conan) : A lenda do canzarrão : 1908
1231 – Driault (Ed.) : Napoleon, chef de guerre : em 1932.
1232 – Duarte (Afonso) : Ossadas : em 1947.
1233 – " " : Os sete poemas de ... : 1930
1234 – " (Fausto) : Auá : em 1934.
1235 – Dugas (L.) : Les grands timides : em 1945
1236 – Duhamel (Georges) : Le combat contre les ombres : em 1944
1237 – " " : Le club des Lyonnais : 1939
1238 – " " : Defense des Lettres : em 1938
1239 – " " : Deux hommes : em 1937
1240 – " " : Journal de Salavin : em 1937
1241 – " " : Le notaire du Havre : em 948.
1242 – " " : Scénes de la vie future : 952
1243 – " " : Tel qu'en lui même : em 951.
1244 – " " : Le voyage de Patrice Periot : em 1954.
1245 – " " : Vue de la Terre Promise : em 1957.

1246 – Dumas (Alexandre) : Pai : Aventureiros de Antony : em 1932
1247 – " : O conde de Monte-Cristo : em 957
1248 – " : La Dame aux camélias : em 1945.
1249 – " : La Femme au collier de velours : em 1950
1250 – " : A rainha Margot : em 1917
1251 – " : Os tres mosqueteiros : em 1914
1252 – Duro (José) : Fel : em 1956
1253 – Eça (Vicente de Almeida de) : Causas politicas das invasões : em 1910.
1254 – Ego-Alter : Lumbidos : em 1955
1255 – Elisio (Falinto) : Poesias, ed. Sá da Costa : 1942
1256 – Elfrino Durieuse : Poesias de ... : vol. I em 1927; o II em 1929 e o III em 1930.
1257 – El-Rei e o Duque de Saldanha : em 1928 e 1956
1258 – Emerson : Ensaios choisis : em 1952
1259 – " : " politiques e sociaux : 1947.
1260 – Emilio (Paulo) : A Lauterna : vol. I em 1909 e 1958; vol. II em 1910 e 1958.
1261 – Enes (Antonio) : Os Lazaristas : em 1949
1262 – Epicteto : Manuel de ... : em 1937
1263 – Episode de la guerre d'afranchissement du Portugal : em 1923
1264 – Erasmo : Colloques choisis : em 1928
1265 – " : Eloge de la folie : em 1932.
1266 – Erkman-Chartrian : O amego Fritz : em 930
1267 – " " : Histoire d'un conscrit de 1813 : em 1951
1268 – ——— ——— : O Illustre Dr. Mathieu em 1931
1269 – ——— ——— : Waterloo : em 1955.

1270 - Esperança (Florbela) : Charneca em flor : 931.
1271 - " " : Juvenília : em 1956
1272 - " " : Sonetos completos : 1945
1273 - Esperança (Ant.º Assis) : O Dilúvio : 1933.
1274 - Espinha (Concha) : La esfinge maragata : em 1931.
1275 - Espronceda (José de) : El Diablo Mundo : 1931
1276 - Esquilo : Agamemnon : em 1921
1277 - " : Os Persas : em 1924 e 1935 e 1949.
1278 - " : Prometeu agrilhoado, trad.ª de Basílio Teles : em 1924 e 1943.
1279 - " : Les sept ou siége de Thebes : 1927
1280 - Estêves (Raul) : Cooperação anglo-luso nas guerras da Europa : em 1954
1281 - ——— ——— : A defesa da Europa ocidental : em 1952
1282 - ——— ——— : O problema da defesa nacional : em 1936
1283 - Eurípedes : Alcestes : em 1926
1284 - " : Hécuba : em 1927
1285 - " : Ifigénia em Aulida : em 926 e 954.
1286 - " : Ifigénie en Tauride : em 1954.
1287 - " : Penteu e as Bacantes : em 1944
1288 - Evénements de Paris, des 26, 27, 28 et 29 Juillet 1830 : em 1948
1289 - Falcão (José) : A comuna de Paris : 1920
1290 - " " : A questão do Zaire : em 1930
— - Falco (João) : vide Lisboa (Irene)
1291 - Faria (Ant.º Machado de) : O mestre do cam po João Fernandes Vieira : em 1953
1292 - Faria (José Barrão de) : A Porta-ferrea : 1946
1293 - Farinha (Manuel José dos Santos) : O Palá-

cio de Palhavã : em 1923.

1294 - Farrère (Claude) : Le chef : em 1952

1295 - " : Les civilisés : em 1926

1296 - " : La dernière déesse : em 1926

1297 - " : L'homme qui assassina : 1928

1298 - " : Les petites alliées : em 1949

1299 - " : La bataille : em 19..

- - " : vide Benoit (Pierre)

1300 - Faure (Sebastian) : Doze jornas do inexis-tencia de Deus : em 1926.

1301 - Febvre (Lucien) : Martin Luther : em 1932

1302 - Feijó (Antonio) : Bailatas : em 1951

1303 - " : Cancioneiro chinês : 1900, 929 e 951

1304 - " : Ilha dos Amores : em 1951

1305 - " : Liricas e bucolicas : em 1951

1306 - " : Novas bailatas : em 1952

1307 - " : Transfigurações : em 1951.

1308 - " : Sol de Inverno : em 1951.

1309 - Fenelon (Mr. de La Motte) : Lettre à l'Academie : em 1947

- - Fernandez (J. Dias) : vide Andérius

1310 - Fernandes (Vasco da Gama) : Jornal, I : 1955.

1311 - Ferrão (Antonio) : Camilo e Fr. Pinto : em 953

1312 - " : Gomes Freire e as virtudes da raça : em 1948

1313 - " : Teofilo Braga e o Positivismo em Portugal : em 1953

1314 - " : A teoria da Historia : em 1926

1315 - " (José M.a Dias) : João Braudão : 1929

1316 - Ferreira (Dr. Antonio) : Cartas, ed. de 1771, in Poemas Lusitanos : em 1945

1317 - " : A Castro : em 1915.

1318 – Ferreira (Dr. Ant.º) : Comedia de Cioso : 1945
1319 – " " : " " Bristo : 1945
1320 – " (Ant.º) : sec.º XX : Horacianas : 1927
1321 – " " : O cardeal Saraiva : 1949.
1322 – " (Godofredo) : Cartas e carteiros : em 1954.
1323 – " (Simões) : Notas dum português : em 1923.
1324 – " (Virgilio) : Do mundo original : 1957
1325 – Ferrero (Guilherme) : Aventure : em 938
1326 – " : Discours aux sourds : em 927
1327 – " : Entre les deux mondes : " 930
1328 – " : Le génie latin et le monde moderne : em 1955
1329 – " : Reconstruction : em 1941
1330 – " : La ruine de la civilisation antique : em 1931 e 1937
1331 – Ferro (Ant.º) : Hollywood, capital das imagens
1332 – Feuillet (Octave) : O conde de Camors : em 1941
1333 – " : Romance dum rapaz pobre : em 1923
1334 – " : Um mariage dans le monde : em 1949
1335 – Féval (Paul) : Le berceau de Paris : 1950
1336 – " " : Les fanfarrons du roi : em 1905.
1337 – Fiala (V. ...) A derrocada da França : 1941
1338 – Fichte (J. H.) : Revindication de la liberté de penser : em 1945.
1339 – Fidié (João José da Cunha) : Varia fortuna

Dum soldado português : em 1951

1340 - Figueiredo (Antero de) : Dóida de amôr : em 1915.
1341 - " : O escandalo do espiritô : 1949
1342 - " : Jornadas em Portugal : em 927.
1343 - " : Recordações de viageus : " 936
1344 - " : D. Sebastião : em 1926.
1345 - " : A estrada nova : em 1901.
1346 - " : D. Pedro e D. Inês : em 1914.
1347 - " : Senhora do Amparo : em 1924.
1348 - " [Ant.º Cardoso Borges de] : O mosteiro de Odivelas : em 1920
1349 - Figueiredo (Candido de) : Cartas inéditas : 1936
1350 - " ; Figuras Literarias : em 1912
1351 - " : Um drama na aldeia : em 1945.
1352 - " (Cristovão Moreira de) : João Ramalho : em 1955.
1353 - Figueiredo (Fidelino de) : Ainda a África portuguesa : em 1951-
1354 - " : Balzac de cór : em 1954.
1355 - " : Crítica do exílio : em 1943
1356 - " : A crítica literaria em Portugal : em 1912
1357 - " : Cultura internacional : em 1945
1358 - " : O dever dos intelectuais : 1936
1359 - " : As duas Espanhas : em 1933.
1360 - " : O espirito historico : 1912 e 915.
1361 - " : Hist.ª da Literatura Classica : em 1922 a 1924. (3 partes)
1362 - " : Historia da Literatura realista : em 1920
1363 - " : Idem da Literat.ª Romantica : 920

1364 - Figueiredo (Fidelino de): Iniciação boémia: em 1932
1365 - " : Interpretações: em 1948.
1366 - " : A luta pela expressão: 1944
1367 - " : Musica e pensamento: 1955.
1368 - " : Notas para um ideario português: em 1936.
1369 - " : Pyrene: em 1943.
1370 - " : Shakspeare e Garrett, na Revª de Guimarães: em 1950
1371 - " : Um coleccionador de angustias: em 1954
1372 - " : Um homem na sua humanidade: em 1956
1373 - " : Um pobre homem da Povoa do Varzim: em 1945
1374 - " (José Campos de): Biografia literaria de Mel da Sª Gaio: 1943
1375 - " " : O mocho sabio: 1956
1376 - " " : O reino de Deus: em 1940
1377 - " (Manuel de): Apologia das Damas: em 1200
1378 - Flaubert (Gustave): L'education sentimentale: em 1947
1379 - " : Mme Bovary: em 1918 e 1955
1380 - " : Trois contes: em 1939
1381 - " : Salambô: em 1902 e 1915.
1382 - " : Tentação de Sto Antão. Tradão de João Barreira
1383 - Florez (J. Fernandez): Minha mulher: 1927.
1384 - Foch (Ferdinand) marl: La bataille de Laon em 1936.

1385 - Foch (Ferdinand): Des principes de la Guerre: em 1934

1386 - " " : Eloge de Napoleon: em 1936

1387 - Földes (Joland): Il etait une lycéenne ... : em 1938

1388 - " " : La rue du chat-qui-pêche : em 1958

1389 - Folliet (Cap.ne): Vouloir!... La volonté à la Guerre: em 1935.

1390 - Fonseca (Aug.to de Oliv.a Cardoso): Outros tempos ou vetharias de Coimbra: em 1920

1391 - Fonseca (Faustino da): Os bravos do Mindelo: em 1919.

1392 - " : Descoberta da India: em 1904

1393 - " : A Descoberta do Brasil: em 901

1394 - " : Os filhos de Inês de Castro (com Joaquim Leitão): em 1917.

1395 - " J.or (J. A. da): Duma atitude de Antero: em 1924.

1396 - Fonseca (Fr. João Mariano): Mem.a historica da Junta de Campo Maior: em 1914

1397 - Fonseca (Nicolau da): Uma carta e algumas notas ineditas de Camilo: em 1923.

1398 - Fonseca (Tomás da): D. Afonso Henriques: 949.

1399 - " : Agiologio rustico: em 1958

1400 - " : Águas Novas: em 1951

1401 - " : " Paesadas: em 1956

1402 - " : Cartas espirituais: em 1923

1403 - " : Coimbra: em 1929

1404 - " : As congregações e o ensino: 1924

1405 - " : Corações ao alto!... : em 1954.

1406 - " : Dôr e vida: em 1906.

1407 - Fonseca (Tomás da) : O ensino laico : 1923
1408 - " : Terra de ninguem : em 1925
1409 - " : A Igreja e o Condestavel : em 1933
1410 - " : Juizo final : em 1922.
1411 - " : Memorias dum chefe de gabinete : em 1949.
1412 - " : Memorias do carcere : em 1922
1413 - " : Musa fugã : em 1922
1414 - " : Na cova dos leões : em 1959.
1415 - " : No rescaldo de Lourdes : em 1932
1416 - " : O Pulpito e a Lavoura : em 1947
1417 - " : S.ta Clara-a-Velha de Coimb.a : 1927
1418 - " : O Santo Condestavel : em 1933
1419 - Formont (Maxime) : Le baiser rouge : 1950
1420 - Fortes (Agostinho) : O Helenismo : em 1925
1421 - Fraiça (Alfredo) : Paineleida : em 1941
1422 - " (Bento da) : Profetas : em 1902 e 1940
1423 - France (Anatole) : L'anneau d'amethyste : em 1946
1424 - " : Baltasar : em 1948.
1425 - " : Clio : em 1930
1426 - " : Le crime de Sylvestre Bonnard : em 1922 e 1945.
1427 - " : Les desirs de Jean Servien : 1930
1428 - " : Les dieux ont soif : em 1922.
1429 - " : L'étui de nacre : em 1926
1430 - " : Histoire comique : em 1953
1431 - " : Ile des Pingouins : em 1925 e 1944
1432 - " : Le jardin d'Epicure : em 1948.
1433 - " : Le livre de mon ami : em 1952
1434 - " : Le lys rouge : em 1923
1435 - " : Mm. Berperet à Paris : em 1922

1436 - France (Anatole): L'ombre du mail: 1928
1437 - " : Les opiniões de M. Jerôme Coignard: em 1930 e 1949
1438 - " : Le Petit Pierre: em 1948
1439 - " : Le puits de Sainte-Claire: em 1922
1440 - " : La révolte des anges: em 1922
1441 - " : La rôtisserie de la Reine Pédauque: em 1930 e 1949.
1442 - " : Les sept femmes de la Barbe Bleue et autres contes... : em 1930
1443 - " : Thaïs: em 1912 e 1944
1444 - " : La vie en fleur: em 1954.
1445 - Franco (Afº Arinos de Melo): Conceito da civilização brasileira: em 1947.
1446 - Frederico II: A arte da Guerra, tradº de Pirdegache Brandão: em 1945.
1447 - Freire (Anselmo Braancaamp): Crítica e Historia: em 1923
1448 - ——— ——— : Expedições e Armadas nos anos de 1483 e 1489: em 1924
1449 - Freire (Gilberto): O mundo que o Português criou: em 1953
1450 - Freire (João Paulo): O palcio: em 1949
1451 - Freitas (J. J. Rodrigues de): O Portugal Contemporaneo do Sr. Oliv? Martins: em 1939
1452 - Frias (Visconde de Sanches de): O Poeta Garcia: em 1903
1453 - ——— ——— : Pombeiro da Beira: 1918
1454 - Fronteira (Marquês de): Memorias: vol. I, em 1928; v. II, 1929; v. III, 1930; v. IV, 1932 e V em 936.
1455 - Furtado (Euzebio Cand? Pinh.º): Memoria historica de todo o acontecido no dia 11 de Agosto de

1829 ... : em 1917.
1456 - Gaio (Ant.º da Silva) : D. Fr. Caetano Brandão : em 1928
1457 - " " : Mario : em 1930
1458 - " (Manuel da Silva) : Da Poesia na Educação dos Grepos : em 1927
1459 - " : A dama de Biribatiba : em 1910
1460 - " : D. João : em 1925.
1461 - " : Mondego : em 1929
1462 - " : O mundo vive de ilusão : em 1900 e em 1951
1463 - " : Pecado antigo : em 1898.
1464 - " : Pela Ribeira do Mondego : em 929
1465 - " : Poesias : em 1898 e 1927.
1466 - " : O Santo : em 1928.
1467 - " : Zularrite : em 1928.
1468 - " : Ultimos contos : em 1931.
1469 - " : Um ano de cronica : em 1912.
1470 - " : Os Vencidos da Vida : em 1946.
1471 - " A Volta da India : em 1898.
1472 - Galdoz (Ramon Perez) : La batalla de los Arapiles : em 1952
1473 - " : Electra : em 1902 e 1933.
1474 - Galis (Alfredo) : Casas de hospedes : 1911.
1475 - " : Chibos : em 1903
1476 - " : Decadentes : em 1903
1477 - " : Martires da virgindade : em 1912
1478 - " : Mulheres honestas : 1912
1479 - " : " perdidas : em 1911
1480 - " : Safiras : em 1911.
1481 - " : A Taberna : em 1903.
1482 - Galvão (Duarte) : Cronica do rei D. Afon-

so Henriques: em 1912

1483 - Galvão: [Lourenço A. Mexia]: Vida do famoso heroi Luis de Loureiro: em 1947

1484 - Gama [Arnaldo]: O Bailio de Leça: em 913

1485 - " : O filho do Baldaia: em 1905

1486 - " : O sarg.to-mór de Vilar: em 1908

1487 - " : O segredo do Abade: em 1936

1488 - " : Um motim ha cem anos: em 1946.

1489 - " : A ultima dona de S. Nicolau: em 1900 e em 1926

1490 - " [Augusto]: Dois escritores coevos: em 1953.

1491 - Gama [Eugenio Sanchez da]: Primaveras: em 1902

1492 - " " : Relicario de Simão Gouveia: em 1931

1493 - Gamelin [Gen.al]: Reflexion sur le chef: 935

Maço → 1494 - Garção [Franc.o de Sande Mayer]: Os esquecidos: em 1938

1495 - Garção [P.o Antonio Correia]: Assembleia ou Partida: em 1946 e 1959.

1496 - " : Obras completas, vol. I, ed.ão de Sá da Costa: em 1958

1497 - " : Teatro Novo: em 1946 e 1959.

1498 - Garcia [Ermidio]: O Infante D. Afonso de Bragança: em 1945.

1499 - Garcia [Prudencio Quintino]: Artistas de Coimbra: em 1924

1500 - " " : João de Ruão: em 1917.

1501 - Gard [M. Martin du]: Lettres Portugaises: em 1943.

1502 - Garibaldi [Artur]: Elogio academico

do Doutor Manuel Monteiro : em 1953

1503 - Garrett : A Dozinda : em 1928

1504 - " : O Alfageme de Santarem : em 1900, 1905, 1927 e 1952.

1505 - " : O Arco de S.ta Ana : em 1905, 1924 e 946.

1506 - " : Camões ; 1899 (pela 2ª vez) ; 1906, 1921 e 1924.

1507 - " : Camões do Rossio : em 1905 e 1945.

1508 - " : Cartas inimas : em 1933

1509 - " : Catão : em 1909.

1510 - " : Cartas de amor á Viscondessa da Luz : em 1956

1511 - " : Corcunda por amor : em 1906

1512 - " : Discursos parlamentares : em 1906

1513 - " : Dona Branca : em 1905 e 1927

1514 - " : Falar verd.e a pessoa : em 1903 e 905.

1514 - " : Filipa de Vilhena : em 1914 e 1927

1515 - " : Folhas caídas : em 1899

1516 - " : Fr. Luis de Sousa : em 1900 e 1920

1517 - " : Helena : em 1928

1518 - " : Merope : em 1900

1519 - " : Portugal na balança da Europa : 941

1520 - " : Profecias do Bandarra : em 1905.

1521 - " : Retrato de Venus : em 1933

1522 - " : A Sobrinha do Marquês : 1905, 1920 e 929.

1523 - " : Um auto de Gil Vicente : 1899 e 1959

1524 - " : " nomeado no Defunto : em 1905

1525 - " : Viagens na minha terra : em 1900, 1905, 1923 e 1941

1526 - Garrido (Luis Guedes Coutinho) : Estudos de Historia e Literatura : em 1949.

1527 - Gasset (J. Ortega y) : Goethe desde dentro : 1950

1528 - Gasset (J. Ortega y) : Ideas y creencias : 1948.
1529 - " : Missão da Universid.e : em 1946
1530 - " : Mocedades : em 1946
1531 - " : Le rebelion de las masas : em 1948
1532 - Gaudon (Jues) : Olimpia : em 1951.
1533 - Gautier (Teofile) : Avatar : em 1903
1534 - " : Emaux et camées : em 1926
1535 - " : Fortunio : em 1906
1536 - " : M.elle de Maupin : em 1948
1537 - " : Souvenirs romantiques : em 1956
1538 - Gauel (André) : L'art de commander : 1935.
1539 - Gennep (A. Van) : Le Folklore : em 1937
1540 - " : La formation des légendes : em 1950
1541 - Geraldes (Manuel Nunes) : O Papa-rei e o concilio : em 1956
1542 - Gérin (Lt Col.el) : Le combat des petites unités : em 1933
1543 - " : Deux études de tactique appliquée d'infanterie : em 1932
1544 - Gerrão (Teolinda) : Liliana : em 1955
1545 - " (Virginia) : Aurelia Janny : em 1951
1546 - " : O serão da infanta : em 1931.
1547 - " : Sonetos : em 1921.
1548 - Gião (Manuel) : O serviço de saude na Campanha do Roussillon : em 1926
1549 - Gide (André) : Ainsi soit-il : em 1956
1550 - " : Dostoïewsky : em 1938
1551 - " : Les faux monnayeurs : em 1930
1552 - " : La porte étroite : em 1930.
1553 - " : Le Promethée mal enchainé : 1952
1554 - " : Retour de l'U.R.S.S. : em 1944
1555 - " : Si le grain ne meurt... : 1933

1556 - Gide (André): La symphonie pastoral: 1951
1557 - Gil (Augusto): Alba Plena: em 1928
1558 - " : Antologia: em 1924.
1559 - " : Avena rustica: em 1928.
1560 - " : Gente de palmo e meio: em 1924
1561 - " : Luar de Janeiro: em 1915.
1562 - " : Sombra de fumo: em 1929.
1563 - Ginx's baby, o engeitado: em 1926
1564 - Girão (Aristides de Amorim): Lições de Geografia Humana: em 1939.
1565 - Girardin (Delphine de): La canne de Mr. de Balzac: em 1955
1566 - Girardin (Emile de): Études politiques: 1947
1567 - " (Mme Emile de): Margueritte: 1948.
1568 - Giraudoux (Jean): Suzanne et le Pacifique: em 1941.
1569 - Godinho (Pe Manuel): Relação do novo caminho da India para Portugal: em 1927.
1570 - Godinho (Vitorino de Magalhães): A crise da Historia e as suas novas directrizes: em 1946
1571 - ——— ——— : Expansão quatrocentista dos Portugueses: em 1947.
1572 - ——— ——— : A historiografia contemporanea: em 1958
1573 - Goethe: O Fausto: em 1900
1574 - " : Hermann e Doroteia: em 1932
1575 - " : Werther, em 1898 (2ª vez)
1576 - Gogol: O capote: em 1941
1577 - " : Le mariage de Ivan Kousmitch: 1930
1578 - " : La perspective Newsky: em 1930
1579 - " : Tarass Boulba: em 1952
1580 - Gois (Damião de): Cronica do Principe Dom

João : em 1912

1581 – Gois (Damião de) : Opúsculos históricos : 946

1582 – Goldoni (Carlo) : O Mentiroso : em 1946

1583 – Golovine (Gal) : La bataille de Galicie em 1914 : em 1935.

1584 – Goltz (Van der) : De la conduite de la guerre : em 1934.

1585 – Gomes (João Augusto Marques) : Lutas caseiras : em 1933

1586 – ——— ——— : A Maria da Fonte : 1902

1587 – Gomes (Mel Teixeira) : Agosto azul : em 1911 e 1927.

1588 – " : Cartas a Columbano : em 1956

1589 – " : " sem moral nenhuma : em 1913 e 1958

1590 – " : Gente singular : em 1915.

1591 – " : Inventario de Junho : 1915 e 1923

1592 – " : Londres maravilhosa : em 1943

1593 – " : Miscelanea, vol. I : em 1959

1594 – " : Regressos : em 1956

1595 – " : Sabina Freire : em 1936.

1596 – Gomes (Manuel de Arevedo) : Têmas fundamentais : em 1955

1597 – Gonçalves (Antº Augusto) : O assassino d'El-Rei : em 1917 e 1949

1598 – " : Estatuaria lapidar do Museu Machado de Castro : 1923

1599 – " (Antonio Aurelio) : Aspectos da ironia de Eça de Queiroz : em 1937

1600 – Gonçalves (Antº Nogueira) : A arquitectura romanica de Coimbra

1601 – Gonçalves (Caetano) : Grandes nomes. Pe-

graves factos : em 1949.

1602 - Gonçalves (Franc.º Rebelo) : Dissertações camonianas : em 1956

1603 - ——— ——— : A fala do Velho do Restelo : em 1934.

1604 - Gonçalves (Horacio de Assis) : A Infant.ª na Flandres e na Historia : em 1924

1605 - " : Na Capelandia : em 1924

1606 - " : Necessid.ª da força armada : 926

1607 - " : Rescaldo da Flandres : em 1926

1608 - " : O "Vinte e Tres" : em 1926

1609 - " (Luis) : A catedral de Góa : em 1924.

1610 - Goncourt (Edmond) : Cherie : em 1955.

1611 - " " : La Faustin : em 1853.

1612 - " " : La fille Elisa : em 940

1613 - " (Ed. et Jules de) : Armande : 952

1614 - " " " : Germine Lacerteux : em 1929

1615 - " " " : La sœur Philomène : em 1945

1616 - Gonzaga (Thomás Antonio) : Marilia de Dirceu : em 1898.

1617 - Gorki (Maximo) : Lénine et le paysan russe : em 1928

1618 - " : Ma vie d'enfant : em 1949

1619 - " : Na Estepa : em 1922 e 1959

1620 - " : Notes et souvenirs : em 1927.

1621 - " : Os vagabundos : em 1916

1622 - " : Varenka Olesowa : em 1912

1623 - Gouhier (J.) : Une funebre tragédie à Fez au XV.me siécle : em 1932

1624 - Gourmont (Remy de) : Un coeur virginal : 1954

1625 - Gaurmont (Remy de): Une nuit au Luxembourg: em 1951

1626 - Gouveia (Ant.º Aires de): As Comendas: 1925.

1627 - Graça (Fernando Lopes): Em torno de Mozart: em 1956

1628 - Grainha (M.el Borges): Historia da Franc-Maçonnerie em Portugal: em 1914.

1629 - Granjo (António): A grande aventura: 1921

1630 - " " : Historia de uma mocidade: em 1907.

1631 - Graue (João): A eterna aventura: em 1917

1632 - " " : S. Fr. Gil de Santarem: 1953

1633 - Green (Julien): Léviathan: em 1950

1634 - Grimm (Freres): Contos choisis: em 1932

1635 - Guedes (Armando Marques): Papinas do meu diario: em 1957.

1636 - Guerre (La) de la Peninsule sous le veritable point de vue: em 1941.

1637 - Guimarães (Ant.º José Gonçalves): O grego em Portugal: em 1919.

1638 - Guimarães (Bernardo): A escrava Isaura: em 1911.

1639 - " : O garimpeiro: em 1906

1640 - " : O Indio Afonso: em 1911.

1641 - " (Feliciano): Ferros de Coimbra: em 1949

1642 - Guimarães (José Vieira): Marocos e tres mestres da Ordem de Cristo: em 1923.

1643 - ——— ——— : A Ordem de Cristo em 1917.

1644 - Guimarães (Luis): Curvas e Zig-zagues em 1915.

1645- Guimarães (Luis de Oliv.ª): Aprilino Ribeiro através do seu ex-libris: em 1955.
1646- ——— ———; O Conselheiro Acacio: em 1945.
1647- ——— ———: Eça de Queiroz e os Políticos: em 1943
1648- ——— ———: Esfrinthal: em 1952
1649- ——— ———: As mulheres na obra de Eça de Queiroz: em 1944.
1650- Guimarães (Ricardo): Narrativas e episodios da vida politica e parlamentar: em 1944.
1651 - Guimarães (Vitorino): Os Cartagineses na Iberia: em 1949
1652 - " : As finanças na Guerra da Restauração
1653- Guitry (Sacha): La IIIe Chambre. Colaboração com A. Willemetz.
1654 - Guizot: Hist.ª da Civilisação na Europa: 925.
1655 - Guzmão (Adriano de): O Nuno Gonçalves de Phaidon: em 1956
1656- Guyomard (G.): La ditadure militaire au Portugal: em 1927.
1657- Haggard (Rieder): Benita: em 1907
1658- " " : As minas de Salomão: Trad.ão de Eça de Queiroz: em 1906
1659- Hamsun (Knut): La Faim: em 1936
1660- Hanotaux (Gabriel): Réponse au discours de M. Paul Valery: em 1938.
1661- Hardy (Tomas): La Bien-Aimée: em 1931
1662- Hart (Liddell): Les guerres decisives de l'Histoire: em 1938.
1663- Hassler (L.t C.el): Les operations de nuit: 1934.

225

1664 – Hearn (Lafcadio): Kokoro (Au coeur de la vie japonaise): em 1932

1665 – Heddé: L'armée de Soult en Portugal: 1926

1666 – Heine (Henrique): Atta Troll: em 1943

1667 – " : Germania: em 1943

1668 – " : Le tambour Legrand: em 1935.

1669 – " : Voyage de Munich á Gênes: em 943

1670 – Hemingway (C.): Pour qui sonne le glas: em 1958

1671 – Henderson (Nevile): Dois anos junto de Hitler: em 1940

1671 – Herculano (Alex.): O Alcaide de Santarem: em 1902

1672 – " : Arrhas por fôro de Espanha: 1902

1673 – " : O Bobo: em 1927 (2ª vêr)

1674 – " : Cartas: v. I, em 1913 e II em 1914

1675 – " : " inéditas (...) a Joaquim Filipe de Soure: em 1952

1676 – " : Cartas de Vale de Lobos: v. I e II em 1952; v. III em 1953.

1677 – " : Cênas dum ano da mª vida e apontamentos de viagem: em 1934

1678 – " : O Clero Português: em 1955

1679 – " : Composições varias: em 1915.

1680 – " : Estudos sobre o casamento civil: em 1946

1681 – " : Eu e o clero: em 1902

1682 – " : De Gersey a Granville: em 1898.

1683 – " : Eurico: em 1902 e 1927.

1684 – " : Historia de Portugal: em 1917.

1685 – " : " do estabelecimento de Inquisição em Portugal: em 1921.

H-42

1685 - Hercolano (Alex.) : Lendas e Narrativas : em 1921 e 1931
1686 - " : O Monge de Cister : em 1898 (prela 2ª vez); em 1913 e 1940 e em 1961
1987 - " : Opusculos : v. I, em 1908 e 1959; v. II em 1910; v. III, em 1910 e 1950; v. V, em 1915; v. VI, VII e VIII, em 1916; v. IX, em 1917 e v. X em 1926.
1988 - " : Paroco de Aldeia : em 1898 (prela 3ª vez) e 1925.
1989 - " : Poesias : 1898
1990 - " : D. Sancho I. Romance de Silves : 925
1991 - " ! Trechos literarios de ... e cartas a Guiomar Torrezão : em 1950
1992 - Heriat (Philippe) : Les enfants gatés : em 1941
1993 - Herriot (Edouard) : Nas aripeas da Liberdade : em 1940
1994 - Herrieu (Paul) : La course aux flambeaux em 1931
1995 - " " : Flirt : em 1948
1996 - Hesiodo : Le bouclier d'Hercule : em 1928
1997 - " : Theogonie : em 1928
1998 - " : Les travaux et les jours : em 1928
1999 - Hessen (Johannes) : Lutero visto pelos catolicos : em 1954
1700 - Hidalgo (Diégo) : Um notario Hespanhol na Russia : em 1930
1701 - Historia d'El-Rei D. João VI : em 1906
1702 - " de Nala e Damayanti, do Mahabhárata, trad. de Rodolfo Dalgado : em 1928
1703 - Historia Tragico-Maritima : Vide Quadros
1703 - Hodges (Lloyd) : Dos Açores ás Praias de Por

Lugal : trad. de João H. Supplicy : em 1954

1704 - Hoffman : Contes fantastiques : em 1901.

1705 - Homero : Iliada : em 1926

1706 - " : Odisséa : em 1926.

1707 - Horacio : Arte Poetica, trad.ção de Candido Lusitano : em 1924

1708 - " Obras de — vol. I, trad. de José Agostinho de Macedo.

1709 - Houraade (Pierre) : Eça de Queiroz e a França : em 1936

1710 - Hourticq (Louis) : L'Art et la Literature : 1949

1711 - Houssaye (Arsène) : Le roman de la Duchesse : em 1949

1712 - " (Henry) : Le retour de Napoleon (de l'île d'Elbe à Paris) : em 1933.

1713 - Houtin (Albert) : Courte histoire du christianisme : em 1927.

1714 - Hugo (Victor) : L'âne : em 1946

1715 - " : L'art d'être grand-père : em 1948

1716 - " : Bug-Jargal : em 1902

1717 - " : Les chansons des rues et des bois : em 1930

1718 - " : Claude Gueux : em 1899.

1719 - " : Les contemplations : em 1935

1720 - " : Les feuilles d'automne : em 1926

1721 - " : Han de Islandia : em 1901.

1722 - " : Hernani : em 1901 e 1932

1723 - " : O homem que ri : em 1899.

1724 - " : Os homens do mar : em 1919

1725 - " : Os Miseraveis : em 1900.

1726 - " : Nª Senhora de Paris : em 1919.

1727 - " : Noventa e tres : em 1899.

1728- Hugo (Victor) : Odes et Ballades : em 1955
1729- " : Les Orientales : em 1954.
1730- " : Preface du Cromwell : em 1952
1731- " : Rui Blas : em 19.. e 1917
1732- " : Les voix intérieures : em 1927.
1733- Huxley (Aldoux) : Duas ou tres graças : 1944
1734- Ibañez (Blasco) : La catedral : em 1908 e 940
1735- " : Flor de Mayo : em 1909 e 1945.
1736- " : Oriente : em 1922
1737- " : Os quatro cavaleiros do Apocalipse : em 1926
1738- " : Sangre y arena : em 1908
1739- Ibsen : Le canard sauvage : em 1928
1740- " : Casa de boneca : em 1930
1741- " : La dame de la mer : em 1931
1742- " : Les spectres : em 1937
1743- " : Les pretendants à la couronne : 1931
1744- " : Rosmersholm : em 1928
1745- " : Un ènèmi du peuple : em 1929.
1746- Igreja (A) de Santiago de Coimbra : em 1944.
1747- Ilharco (Alberto) : Memorias : em 1926
1748- Infanteria (L') dans la défensive. L'étude d'un cas concret par com.r X... — em 1933.
1749- Infanteria (L') dans la ~~mare~~ défensive sur de grands fronts, par com.r X... — em 1935.
1750- Irisia (Alberto) : Un corazon burlado : 954
1751- Ipcar (Réa) : Ecrivains Roumains. Morceaux choisis : em 1930
1752- Istrati (Panaït) : La maison Thurin-ger : em 1933
1753- —— —— : L'oncle Anghel : em 1935.
1754- Ivo (Pedro) : Contos : em 1915.

1755 - Ivo (Pedro) : O selo da roda : em 1914
1756 - Jaguaribe (J.) : Os barbeiros do Carnaval : em 1906
1757 - Jaloux (Edmond) : L'ami des jeunes filles : em 1931
1758 - " : L'amour de Cécile Fauxéres : 952
1759 - " : Laetitia : em 1939.
1760 - " : Pascal (de) a Barrés : em 1952
1761 - Jaurès (Paul) : Histoire de la Revolution Française : em 1928
1762 - Janin (Jules) : Un coeur pour deux amours : em 1944.
1763 - Jardim (José) : As Alfandegas : em 1915.
— - Jazente (Abade de) : vide Cabral (Paulino Antonio)
1764 - Jimenez (Juan Ramon) : Platero y yo. Elegia andaluza : em 1957.
1765 - Jordão (J. Linneu) : Lessões polémicas : em 1957.
1766 - Jorge (Ricardo) : Camilo e Antonio Dinis : em 1925
1767 - " : Contra um plagio do Professor Teofilo Braga : em 1919
1768 - " : O obito de D. João II : em 1923
1769 - " : Parabas de arradio : em 1924
1770 - " : Sermões num caixo : em 1925
1771 - Junqueiro (Guerra) : Finis Patriae : 1900, 955.
1772 - " : A morte de D. João : em 1898 (pela 3ª vez)
1773 - " : Musa em ferias : 1899 e 1923.
1774 - " : Oração ao povo : em 1902
1775 - " : Patria : em 1902.

1776 - Junqueiro [Guerra] : Poesias dispersas : 1921
1777 - " : Prosas dispersas : em 1921.
1778 - " : O Seculo : em 1953.
1779 - " : Os Simples : em 1904 e 1926
1780 - " : A Velhice do P.e Eterno : em 1898, 1903, 1910 e 1919.
1781 - " : Viagem á roda da Parvónia (c/ Guilh.e de Azevedo) : em 1940
1782 - Kalidaça : Xacuntalá : em 1948.
1783 - Kant : A Paz Perpetua : em 1947.
1784 - Kapitza [Peter] : A organização do trabalho cientifico na Russia : em 1946.
1785 - Karr [Alphonse] : Clotilde : em 1936
1786 - " : Clovis Gosselin : em 1946
1787 - " : Dieu et Diable : em 1948.
1788 - " : Fá sustenido : em 1906
1789 - " : Genoveva : em 1927.
1790 - Keil [Alfredo] : Tojos e rosmaninhos : 1917
1791 - Kessel [Joseph] : L'equipage : em 1953.
1792 - Keyser [Edouard] : Tornado, folhetim : 1954
1793 - Kiepling [Ruidgard] : Au hasard de la vie : em 1927
1794 - " : Lobos do mar : em 1938
1795 - " : Simples contes des collines : em 1947.
1796 - Kleist [Henrique] : La cruche cassée : 1928.
1797 - Kock [Paul de] : O barbeiro de Paris : em 941
1798 - " : O Bigode : em 1941
1799 - " : Cênas e quadros parisienses : em 1940
1800 - " : A Familia Braillard : em 1920 e 943.
1801 - " : O coitadinho : em 1941.

1802 – Kock [Paul de] : Edmundo e sua prima : 941.
1803 – " : A familia Gogó : em 1940
1804 – " : Le frère Jacques : em 1943.
1805 – " : O homem dos tres calções : em 1941.
1806 – " Os Intrujões : em 1941.
1807 – " : La jolie fille du faubourg : em 947.
1808 – " : Mulher, marido e amante : 1941
1809 – " : As mulheres, o jogo e o vinho : 1943
1810 – " : Ni jamais ni toujours : em 1944.
1811 – " : A noiva de Fontenay-aux-Roses : em 1940
1812 – " : O Prof.or Ficheclapse : em 1941
1813 – " : O Sr. Dupont : em 1941
1814 – " : A vida dum rapaz mysterioso : 940
1815 – " : A viuva Tapin : em 1941.
1816 – " : Zizina : em 1940
1817 – Korolenko [Vladimiro] : La foret murmure. Contos d'Ukrania et de Siberia : em 1931.
1818 – Kotzebue [Aug.to Frederico F. de] : La petite ville allemande : em 1929.
1819 – Kraglinger [Rich.] : L'evolution religieuse de l'Humanité : em 1926
1820 – Kropotkine [Pedro] : Em volta duma vida : em 1909.
1821 – La Bruyère : Les caracteres ou les moeurs du siècle : em 1946.
1822 – Lacerda [Augusto de] : Aurora : em 1911.
1823 – " " : Martires do Ideal : em 1931.
1824 – Lacerda [D. José Correia de] : A. B. da Costa-Cabral : Apontamentos historicos : em 1955.
1825 – ——— ——— : Um papel politico.

Marx

Hontem, Hoje e Amanhã: em 1954.

1826 – Lacombe (Roger): La crise de la Démocracie: em 1958.

1827 – Lacretelle (Jacques de la Aparté: em 1946.

1828 – Lafargue (André): Étude sur l'attaque dans le periode actuelle de la guerre: em 1917

1829 – Lafontaine: Contes et nouvelles en vers: em 1932.

1830 – Lagerlöf (Selma): L'anneau de Lowerisköld: em 1950

1831 – " : Les liens invisibles: em 931.

1832 – Lages (Barão das), Luis: Trinta e cinco anos de vida militar: em 1932

1833 – Lamartine (Alph. de): Antoniella: 1927.

1834 – " : O canteiro de St Point: em 1899.

1835 – " : Les confidences: em 1951

1836 – " : Jeanne d'Arc: em 1943.

1837 – " : Nouvelles confidences: em 953.

1838 – " : Rafael: em 1924.

1839 – Lamennais: Paroles d'un croyant: 1949.

1840 – Langhans (Franz Paul de Alm.da): Portugal na politica de Palmerston: em 1955

1841 – Lapa (M.el Rodrigues): Estilistica da Lingua Portuguesa: em 1947.

1842 – " : Froissart e Fernão Lopes: em 1934

1843 – " : A politica do idioma e as Universidades: em 1933.

1844 – Lapelletier (Edmond): M.me Sans Gêne: 945

1845 – Lapie (P. O.): A epopeia de Narvick: 1941

1846 – Laranjeira (M.el): Cartas: em 1950

1847 – " " : A "Cartilha Maternal" e a fisiologia: em 1903.

23.º

1848 – Larbaud (Valéry): Amants, heureux amants ... : em 1928

1849 – Larra (D. Luis Mariano de): A Oração da Tarde : em 1935 e 1945.

1850 – Laurence (William): Recordações da Guerra Peninsular : em 1917.

1851 – Laurent (François): La Philosophie de l'Histoire : em 1927.

1852 – Lavedan (Henri): Avant l'oubli : 1954

1853 – " " : Nocturnes : em 1951.

1854 – " " : Le nouveau jeu : 1928

1855 – Lauwe (Chombart de): Vauban : em 1935

1856 – Lawrence (D. H.): L'amant de Lady Chatterley : em 1934.

1857 – Leal (Ant.º Duarte Gomes): Claridades do Sul : em 1939

1858 – " : Fim de um mundo : em 1900

1859 – " : Hist.ª de Jesus : em 1930

1860 – " : A fome de Camões : em 1903

1861 – " : O Flagelo : em 1898, 1899 e 1955.

1862 – " : A mulher de Luto : em 1948

1863 – " : A Traição : em 1898

1864 – " : Verdades cruas : em 1909.

1865 – Leal (Francº da Cunha): Em demanda de Soluções p.ª o problema portug.º : 1953

1866 – " : Eu, os políticos e a Nação : em 1926

1867 – " : Os meus cadernos : nº. 2 : em 1933.

1868 – " : Oliv.ª Salazar, Filomeno da Câmara e o Império Colonial : em 1956

1869 – " : Portugal e Inglaterra : em 1933.

1870 – Leal (José da S.ª Mendes): O Infante Santo : em 1898

1871 – Leal [José da Sª Mendes] : Mestre Gil : em 1898

1872 – " : Primeiros amores de Bocage : 1900

1873 – Leão [Antonio da Costa] : Camilo e os miguelistas : em 1955.

1874 – Lebaud [Capᵗ J.] : Commander : em 933

1875 – " " : L'éducation de l'armée d'une Démocratie : em 1908 e 1933.

1876 – Le Bon [Gustave] : Enseignements psychologiques de la Guerre Européenne : em 1938

1877 – " : Hier et Demain : Pensées brèves : em 1951

1878 – " : Leis psycólogicas da evolução dos povos : em 1940

1879 – " : Les opinions et les croyances : em 1946

1880 – " : La Revolution Française et la Psychologie des Revolutions : 1931

1881 – " : La vie des verités : em 1958.

1882 – Lecigne [C.] : La Duchesse d'Abrantes : 1926

1883 – Leclercq [Bouché] : L'Intolerance Religieuse et la Politique : em 1927.

1884 – Leclercq [Jacques] : Introdução á Sociologia : em 1953

1885 – Le Gentil [Georges] : Camoëns : em 1957

1886 – Lehmann [Rosamond] : L'invitation à la valse : em 1951

1887 – " : Poussière : em 1939.

– – Leitão [Joaqᵐ] : vide Fonseca [Faustino 2]

1888 – Leite [Duarte] : Descobridores do Brasil : em 1935.

1889 - Lemoine {Gen.al}: Jeanne d'Arc, chef de Guerre: em 1934
1890 - Lemos {Lester de}: D. Maria II: em 1954
1891 - " {D. Franc.º de}: Relação geral do estado da Universid.e de Coimbra: em 1925.
1892 - Lemos {F. J. de Oliveira}: Tributo de saudade ... {ao Mar.al Saldanha}: em 1953.
1893 - Lemos {João de}: Cancioneiro: em 1925
1894 - " : Canções da tarde: em 1905 e 1925.
1895 - " : O monge jardineiro: em 1925 e 1948
1896 - " : Serões da aldeia: em 1902
1897 - " {João Carlos de}: Poemas antigos: 926
1898 - " {Maximiano de}: O duelo dos físicos de Gil Vicente: em 1937.
1899 - " : Damião de Gois: em 1923
1900 - " : Gomes Coelho e os médicos 1937
1901 - Lermina {Jules}: Os Lobos de Paris: em 1955.
1902 - Lessing: Cartas sobre a Literatura moderna: em 1948
1903 - " : Emilia Galloti: em 1927
1904 - " : Laocoonte: em 1948
1905 - " : Minna de Barnhelm: em 1929
1906 - " : Nathan, le sage: em 1928
1907 - " : Sara Sampson: em 1929
1908 - Lewal {Gen.al}: La veillée d'Iéna: em 1931
1909 - Lewis {Sinclair}: Babitt: em 1959
1910 - Lichnowsky {Principe}: Portugal: em 1945
1911 - Lichtenberger {André}: L'automne: em 928
1912 - " : Leila ou la blanche: em 953
1913 - " : Line: em 1954:
1914 - " : Petite Madame: em 1951
- - Lima {Antonio Augusto Peres de}: vide Joa-

guim Alberto Pires de Lima.

1915 - Lima {Archer de}: Profissão de fé, em 898.

1916 — " {Augusto Cesar Pires de}: Fogo de Sant'Eleno: em 1946.

1917 - Lima {Barros}: Historias de Portugal: 1947.

1918 — " {Henrique Ferreira}: Garrett diplomata: em 1932

1919 - " : Garrett, soldado do Corpo de Voluntarios Academicos: em 1930

1920 - " : S.to Antonio Militar: em 1940

1921 - " {Jaime de Magalhães}: Alexandre Herculano: em 1940

1922 - " : O amor das nossas coisas: em 945

1923 - " : Dificuld.s do Nacionalismo: em 946

1924 - " : A Guerra: em 1946

1925 - " : José Estevão: em 1941.

1926 - " : Na Paz do Senhor: em 1941

1927 - " : Rastos de sonhos: em 1942

1928 - " Frauviado: em 1900

1929 - " : Vozes do meu Lar: em 1954

1930 - " {João Evangelista de Campos}: O Amor e a Vida: em 1928

1931 - " : Os meus doze dias em Paris: 956

1932 - " : A questão da Universidade: em 1907 e 1956

1933 - " : O romance do amôr: em 1931.

1934 - " : A Escola libertaria ou anarquismo: em 1926

1935 - " {Manuel de Oliveira}: Aspectos da Historia e da cultura do Brasil: 1941

1936 - " : D. Miguel no Trono: em 1934

1937 - " : D. Pedro e D. Miguel: em 1953.

1938 – Lima (Joaq.m Alberto Pires de): Afonso VI (Colaboração c/ Ant.o Aug.to Soares de Lima): em 1937.
1939 – " (Sebastião de Magalhães): Episodios da minha vida: em 1927
1940 – " : Federalismo: em 1898.
1941 – " (Silvio): O Determinismo, o Acaso e a Previsão na Historia: em 1944
1942 – " : Ensaio sobre a essencia do Ensaio: em 1944
1943 – " : Notas criticas ao Livro do Sr. Cardeal Cerejeira: em 1930
1944 – " (Vera de): O unico vencido da Vida: em 1948.
1945 – Lino (Raul): A nossa casa: em 1918
1946 – Lisboa (Irene): Começa cedo a vida: em 1940
1947 – " " : O pouco e o muito: em 1959
1948 – Liszt (Franz): F. Chopin: em 1849
1949 – Littré (Emile): As evoluções da Historia: em 1909.
1950 – Livro (O) de Marco Paulo: em 1924
1951 – " " de Nicolau Tolentino: em 1924.
1952 – " Proibido: em 1922. Vide Filho de Almeida, M.el Penteado et alliis
1953 – Lobato (Gervasio): A Comedia de Lisboa: em 1924 e em 1955.
1954 – " : A Comedia do Teatro: em 1902
1955 – " : O Comissario de Policia: em 1940 e em 1953
1956 – " : Os crimes elegantes: em 1956
1957 – " : O Jardim de Baltasar: em 1956
1958 – " : O Grande Circo: em 1941.

1959 – Lobato (Gervasio): Lisboa em camisa: em 1921 e 1955

1960 – " : Os mistérios do Porto, 1956

1961 – " : O romance dum amanuense: em 1939.

1962 – " : Sua Excelencia: em 1910.

1963 – Lobo (Ant.º Augusto da Silva): A revolução de Janeiro: em 1947

1964 – Lobo (Ant.º de Sousa Silva Costa): Origens do Sebastianismo: em 1949.

– – Lobo (Eduardo de Barros): Vide Beldemonio

1965 – Lobo (D. Franc.º Alexandre): Discurso acerca do P.e Antonio Vieira: em 1900

1966 – " : Mem.ª histor.ª e critica acerca de Fr. Luis de Sousa: em 1953

1967 – " : Mem.ª histor.ª e critica acerca do P.e Antonio Vieira: em 1953

1968 – " (Francisco de Barros): O morgado de S. Cosme: em 1932.

1969 – " : O Tio João Gil: em 1906

1970 – " (Franc.º Miranda da Costa): Portugal na Guerra e na Paz: em 1918

1971 – " (Franc.º Rodrigues): Cartas dos grandes do Mundo: em 1934

1972 – " : Corte na Aldeia: em 1901

1973 – " : As Eclogas: em 1924

1974 – " : O Pastor Peregrino: em 1900

1975 – Loizeau (G.al L): La manoeuvre d'aile: 933

1976 – " : La manoeuvre defensive: 1934

1977 – Lombard (Jean): L'Agonie: em 1932.

1978 – London (Jack): L'appel de la foret: em 1953

1979 – Longus: Daphnis et Chloë: em 1930

1980 - Lopes [João Baptista da S.ª] : Istoria do cativeiro dos presos do estado ... : em 1919.
1981 - Lopes [David] : A batalha de Ourique : 1928
1982 - " " : Portugal contra os Mouros : Conferencia : em 1918.
1983 - Lopes [Fernão] : Chron.ª do D. Fernando : 1913
1984 - " : Chron.ª de D. João I : em 1898 e 1917
1985 - " ; " " D. Pedro I : em 1913
1986 - " [Franc.º Fernandes] : Henrique Pousão : em 1954
1987 - Lopes [Norberto] : O exilado de Bougie : 1942
1988 - Lopo [Alfino Pereira] : Bragança e Beauregard : em 1920
1989 - Loti [Pierre] : Les désenchantées : em 1936
1990 - " : Fantome d'Orient : em 1938
1991 - " : Japoneries d'automne : em 1899 e 1924.
1992 - " : Journal intime : em 1957.
1993 - " : Le Desert : em 1928
1994 - " : M.me Chrysanthème : em 1898
1995 - " : Le mariage de Loti : em 1954
1996 - " : Pêcheur d'Islande : em 1927
1997 - " : Ramuntcho : em 1934
1998 - " : Le roman d'un enfant : em 1949
1999 - " : Suprêmes visions de l'Orient : 938
2000 - " : Matelot : em 1898 e 1949
2001 - " : Un jeune officier pauvre : em 1955
2002 - Louÿs [Pierre] : Aphrodite : em 1926
2003 - " : Archipel : em 1930 e 1951
2004 - " : Les aventures du roi Pausole : em 1930
2005 - " : Les chansons de Bilitis : em 927
2006 - " : La femme et le pantin : em 1930

2007 – Louÿs (Pierre) : Psyché : em 1948
2008 – Loureiro (Fernando Pinto) : Almeida Garrett : em 1955.
2009 – Loureiro (José Pinto) : Enigmas de Coimbra : em 1955.
2010 – Loureiro (Urbano) : A infâmia de Fr. Luzinho : em 1939
2011 – " : O Japonês : em 1955
2012 – Lourada (Ant.º Coelho) : A rua escura : em 1914.
2013 – Lucas (Bernardo) : A questão anarquista : em 1898.
2014 – Lucena (P.e João de) : Vida do P.e Francisco Xavier : em 1924.
2015 – Luciano : A Deusa Síria : em 1949
2016 – " : Dialogues des courtisanes : 1935
2017 – " : Diálogos dos Deuses e dos Mortos : em 1924
2018 – " : Sobre o modo de escrever a História : em 1924 e 1937.
2019 – Lucius : L'âne. Trad.ção de P. L. Courier : 1931
2020 – Lucrecio : Sobre a natureza das coisas : em 1925.
2021 – Ludendorff (g.al) : A Guerra Total : em 1938
2022 – Ludwig (Emílio) : Beethoven : em 1954
2023 – " " : Napoleon : em 1938
2024 – Lugin (S. Perez) : La casa de la Troya : 1942
2025 – Lu-Sin (Japão) : Divorcio. Contos : 1958
2026 – Lytton (Lord Bulwer) : Ultimos dias de Pompeia : em 1907.
2027 : Macaulay (Tomás B.) Frederico, o Grande : em 1945

22,23

2028 – Macaulay (Tomás B.): Histoire et critique : em 1850

2029 – Macedo (Ant.º Teixeira de): A festa do Baldo : em 1924.

2030 – Macedo (Ant.º Augusto Ferreira de): A educação do Povo : em 1945.

2031 – Macedo (Ant.º de Sousa de): D. Afonso VI : 1941

2032 – " (" Teixeira de): Traços de Historia Contemporanea : em 1928.

2033 – Macedo (Diogo de): Gaia a de Nome e Renome : em 1938

2034 – Macedo (Duarte Rib.ro de): Obras ineditas : 927.

2035 – " (Joaquim Manuel de): Os amores de um medico : em 1912

2036 – " : A baroneza do Amor : em 1913.

2037 – " : O Forasteiro : em 1912

2038 – " : Memorias da rua do Ouvidôr. em 1927

2039 – " : Pamphilio : em 1916

2040 – " : Voragem : em 1914.

2041 – " (Jorge de): A situação economica no Tempo de Pombal : em 1954

2042 – " (José de): O Cooperativismo : em 1898

2043 – " : A socialisação do ensino : em 1899 e 1900

2044 – " (José Agostinho de): Os Burros : em 1899 e 1927

2045 – " : Cartas a J. J. P. L. : em 1924

2046 – " : " filosoficas a Atico : 1931

2047 – " : Clorilde : em 1913

2048 – " : A Creação : em 1900

2049 – " : O Desespero : em 1932

2050 – Macedo (José Agostinho de): Obras inéditas. Cartas e opusculos: 1928
2051 – " : O Oriente: em 1899.
2052 – " Viagem extactica ao Templo da Sabedoria: em 1939
2053 – " (Lino de): A Bandeira: em 1903
2054 – " (Newton de): A luta pela Liberdade no Pensamento Europeu: vol. I: em 1948
2055 – Máchado (Antônio): Bernardino Machado. Memorias: em 1953.
2056 – Machado (Bernardino): O Militarismo: 928
2057 – " " : A politica e o poder militar: em 1926.
2058 – Machado (Julio Cesar): Claudio: 1899 e 947.
2059 – " : Contos ao luar: em 1903
2060 – " : A vida em Lisboa: em 1930
2061 – " (Luis Saavedra): Conceito do Romantismo: em 1945
2062 – " : O desenho e as mulheres no labor de Rafael Bordalo: em 1956
2063 – " (Manuel): Canto Hondo: em 930
2064 – " (Pedro): Cenas de Africa: em 925
2065 – Madahil (Ant.º Gomes da Rocha): Cartas de Restauração
2066 – " : Illiabum. I vol.: em 1923
2067 – Madaule (Jacques): Choisir son destin: 956
2068 – Madelin (Louis): La formation de Napoleon: em 1944
2069 – Madureira (Bernardo de): O Sol d'Agosto: em 1925
2070 – Madureira (Joaq.m de): Caras amigas: em 1922
2071 – " : Na forja da Lei: em 1916.

2072 - Maeterlinck {Maurice}: Aglavaine et Selysette: em 1931
2073 - " : Le double jardin: em 1927
2074 - " : L'oiseau bleu: em 1955
2075 - " : Pelleas et Mélisande: 1929
2076 - " : Le temple enseveli: em 1928
2077 - " : O Tesoiro dos humildes: 932
2078 - " : A vida das abelhas: em 1936
2079 - Magalhães {Ant.º E. da Cruz}: Vultos de ontem, vultos de hoje: em 1953.
2080 - Magalhães {Joaq.m Ant.º de}: Breve exame do assento feito pelos Estados do Reino: em 1956.
2081 - Magalhães {J.B.}: A compreensão da nacionalidade do Brasil: em 1959
2082 - Magalhães {Luis de}: O Brasileiro Soares: em 1917.
2083 - " : Perante o tribunal e a Nação: em 1949
2084 - " : D. Sebastião: em 1898 e 1945
- - " : Vide Ego-Alter
2085 - " {Manuel Firmino Maia}: Carcelaria: em 1933.
2086 - Magro {Abilio}: A revolução de Canudos: em 1912
2087 - Maia {Franc.º de Faria e}: A minha velha gaita: em 1947
2088 - Maia {Samuel}: Dona sem dono: em 936
2089 - " " : Sexo forte: em 1932
2090 - Maistre {Xavier de}: Voyage autour de ma chambre: em 1898 e 1932
2091 - Malato {Charles}: Les classes sociales du point de vue zoologique: em 1908

2092 – Malato (Charles): De la Commune à l'Anarchie: em 1931.

2093 – Mathão (Franc.º M.el da Silveira): As odes de Anacreonte... parafraseadas...: em 1924.

2094 – ——— ——— ——— O sabio em mês e meio: em 1941.

2095 – Malot (Hector): Lua de mel: em 1954

2096 – Malpique (M.el da Cruz): Arte de escrever: em 1950

2097 – Manifesto do Reino de Portugal. Ed.ão de 1924, do Dr. Joaq.m de Carvalho: em 1924.

2098 – Mann (Tomás): La mort à Vénise: em 1953

2099 – " " : Tonio Kröger: em 1930

2100 – Mansfield (Katerine): Le Garden Party: 1939

2101 – Mantua (Bento): O Fado: em 1919.

2102 – Maquiavelo: Paz e Guerra. Regimem e Estado no pensam.to de...: em 1947

2103 – " : O Principe: em 1935.

2104 – Marabail (Paul): De l'influence de l'esprit militaire sur l'oeuvre de Alfred de Vigny: em 1947.

2105 – Marañon (Gregorio): Tiempo viejo, tiempo nuevo: em 1955

2106 – " : Vida y Historia: em 1940

2107 – Marbot (Baron de): Memoires du... Torrés Vedras: em 1928

2108 – Marco Aurelio: Pensées: em 1930

2109 – Mardel (Eugenio): A brigada do Minho na Flandres: em 1923

2110 – Margueritte (Paul): L'embusqué: em 952

2111 – " : La maison brule: em 1954

2112 – " : Nous, les mères...: em 940

2113 – " : Pascal Géfosse: em 1930

2114 – Margueritte (Victor) : Le compagnon : 1949
2115 – " : Le couple : em 1955
2116 – " : La garçonne : em 1950
2117 – " : Le talion : em 1953
2118 – " : La Terre natale : em 1955
2119 – Marillier (Leon) : La liberté de conscience : em 1951
2120 – Marques (Henrique) : Mem.as dum editor : 947
— " " Junior : Vide Alv.o Neves
2121 – " (Xavier) : Vida de Castro Alves : em 1945.
2122 – Maritain (Jacques) : Messages : em 1947
2123 – Marivaux : Les fausses confidences : 1926
2124 – Marmont (Marechal) : De l'Esprit des Institutions militaires : em 1944.
2125 – Marmontel : Belisaire : em 19.. (2.a vez)
2126 – Martel (Jean) : Le silence de Mr. Clemenceau : em 1930
2127 – Martins (Alfredo Fernandes) : Tríptico Galego : em 1953.
2128 – Martins (Franc.o de Assis de Oliv.a) : Metamorfoses politicas de Alexandre Herculano : em 1945.
2129 – Martins (Franc.o José da Rocha) : A côrte de Junot em Portugal : em 1911
2130 – " : Coração Português : em 1943
2131 – " : A paixão de Camilo : em 1925
2132 – " : Patuleia na emigração : em 923
2133 – " : A «Ribeirinha» : em 1913
2134 – " (Joaquim Pedro de Oliveira) : O Brasil e as Colonias Portuguesas : em 1906
2135 – " : Camões e os Lusiadas : em 1900

2136 – Martins (Joaq.m Pedro de Oliv.a): Cartas Peninsulares: em 1908
2137 – " : Correspondencia: em 1926
2138 – " : Os Filhos de D. João I: em 1902 e em 1905.
2139 – " : Helenismo e a Civilisação Christã: em 1946
2140 – " Hist.a da Republica Romana: 909
2141 – " " de Portugal: em 1903.
2142 – " : Literatura e Filosofia: em 1956
2143 – " : Perfis: em 1930
2144 – " : Portugal Contemporaneo: 1907
2145 – " " nos mares: em 1899.
2146 – " : O Principe Perfeito: em 1918
2147 – " : Teof.o Braga e o Cancioneiro: 910
2148 – " : A Vida de Nun'alvares: em 1898
2149 – " (José Frederico Ferreira): Fernão de ~~Magalhães~~ Albuquerque: 1948
2150 – " : O primeiro Reijo: em 1948
2151 – Marny (Julio): Um tiro de revolver: em 1953
2152 – Matos (Armando de): S.to Antonio de Lisboa: em 1940
2153 – Matos (Gastão de Melo de): Nicolau de Langres: em 1943
2154 – " : O sentido politico da crise de 1667: em 1946
2155 – " : Um soldado de fortuna no seculo XVII: em 1938.
2156 – " (Gregorio de): Lirica: em 1941
2157 – Maugham (Somerset): Contos: em 1958
2158 – " " : Vacances de Noël: 1952
2159 – Maupassant (Guy de): Bel-Ami: em 1928.

2160 - Maupassant {Guy de} : Boule de suif : 1952
2161 - " : Fort comme la mort : 1948
2162 - " : Historia auripa : em 1803
2163 - " : Notre coeur : em 1947
2164 - " : Pierre et Jean : em 1898 e 940
2165 - " : Sur l'eau : em 1931
2166 - Mauriac {François} : Le desert de l'amour : em 1941.
2167 - " : Le fleuve de feu : em 1945
2168 - " : Le noeud de viperes : em 1955
2169 - " : Thérese Desqueyroux : em 1949.
2170 - " : Trois grands hommes devant Dieu : em 1955
2171 - Maurois {André} : Ariel ou la vie de Shel ley : em 1948
2172 - " : Chateaubriand : em 1945
2173 - " : Climats : em 1941 e 1948
2174 - " : Dialogues sur le commande ment : em 1941
2175 - " : Memoires : em 1947.
2176 - " : Paul Bourget. "Le Disciple" : 947
2177 - " : O Jesadôr de almas : em 933.
2178 - " : Les silences du Cel Bramble : 943
2179 - " : Un art de vivre : em 1940
2180 - Maurras {Charles} : L'avenir de l'Intel ligence : em 1949
2181 - " : Les amants de Vénise : 1953
2182 - " : Le chemin du Paradis : em 930
2183 - " : Le voyage d'Athénes : em 1934 → Massu
2184 - Melo {Aragão e} : Tolerancia : em 1930
2185 - " {Ernesto de} : Chamarros e corcundas em 1933.

2186 - Melo {Ernesto de}: Dos tempos antigos: 933

2187 - " {D. Franc.º Manuel de}: Carta de guia de casados: em 1899 e 1930

2188 - " : Cartas de {...} escritas a António Luis de Azevedo: em 1929.

2189 - " : Cartas familiares: em 1937.

2190 - " : D. Teodosio II: em 1946

2191 - " : Esparsas de varia historia: em 1932

2192 - " : Escritorio avarento: em 1905

2193 - " : A Feira dos Anexins: em 1934

2194 - " : O Fidalgo Aprendiz: em 1898

2195 - " : Guerra da Catalunha: em 1931

2196 - " : O Hospital das Letras: em 1925 e 934

2197 - " : O Poeta Melodino: em 1929 {Edição do Dr. José Per.ª Tavares).

2198 - " : Relogios Falantes: em 1904, 932 e 941.

2199 - " {D. Tomás de): Boémia Antiga: em 1917 e em 1930

2200 - " : Teâtros de Lisboa: em 1916

2201 - " : Mem.as dum sapatinho: em 1953

2202 - " : Recordando...: em 1916 e 1941

2203 - Mendes {A. Lopes): Monografia da vila de Salvaterra do Extremo. Ms.: em 1920

2204 - Mendes {Catulle}: Le cruel berceau: 1953

2205 - " : Isoline - Isolin: em 1954

2206 - " : Pierre, le Veridique: em 1955

2207 - " {José da S.ª): Memoria biografica do Cor.el... Costa e Almeida: em 1926.

2208 - Mendes {Manuel}: Bréve perfil de Florbela: em 1951.

2209 - Mendes {Manuel da Silva}: Socialismo Liberario ou Anarquismo: em 1925 e em 1947.

22,7 I

2210 – Mendonça (Agostinho Gary de): Historia do Cerco de Mazagão: em 1898

2211 – Mendonça (Henrique de): Ao romper do sol: em 1941

2212 – Mendonça (Henriq. Lopes de): Afonso de Albuquerque: em 1904

2213 – " : Amor louco: em 1901.

2214 – " : Capa e espada: em 1923

2215 – " : O Crime de Arronches: 1924

2216 – " : Gente namorada: em 1921

2217 – " : Lanças n'Africa: em 1921

2218 – " : A Marta: em 1939

2219 – " : A Poesia Pastoral na Antiguidade: em 1856

2220 – " : Portugal contra a Alemanha: em 1917

2221 – " : Salto mortal: em 1901

2222 – " : Sangue Português: em 1920

2223 – " : Serrana: em 1901.

2224 – " (Jeronimo de): A jornada de Africa: em 1924.

2225 – Mendonça (Renato de): Fronteira em marcha: em 1959.

2226 – Menezes (Ludovico de): Camilo. Documentos e factos novos: em 1940

2227 – " : O Feito de Ourique: em 1931.

2228 – " (Sebastião Cesar de): Suma Politica: em 1946

2229 – Merêa (Paulo): De "Portucale" ao Portugal de D. Henrique: em 1944

2230 – " : Estudos de Historia do Direito: em 1926

2231 – Merêa (Paulo): Introdução ao estudo do Feudalismo em Portugal: em 1916.
2232 – Merejkowsky (Demitri): Le mystère de Alexander I: em 1945
2233 – " : La mort des dieux: 931
2234 – " : Napoleão: em 1937.
2235 – " : La resurrection des dieux: em 1953.
2236 – Merimée [Prosfére]: Les âmes du purgatoire: em 1951.
2237 – " : Arsène Guillot: em 1933
2238 – " : Carmen: em 1933.
2239 – " : Colomba: em 1951.
2240 – Mermet (Com.te Armand): La culture pratique des forces morales: 1936
2241 – " : Etude sur le commandement: em 1936
2242 – " : Pour être un chef: em 1936
2243 – Mesquita (Alfredo): João Chapas: em 958.
2244 – " : Mem.as dum fura-vidas: 1911
2245 – " : A rua do Ouro: em 1911.
2246 – " [Marcelino]: Lusitheca: 1919
2247 – " : Peraltas e Sécias: em 1900
2248 – " : A Perola: em 1929.
2249 – " : O Regente: em 1900
2250 – " : Sempre noiva: em 1900
2251 – " : O Tirano da Bela Urraca: 1904
2252 – Metalious (Grace): Peyton Place: em 1958
2253 – Metastasio (P.): Dido abandonada: em 946
2254 – Michaëlis (Karin): L'age dangereux: 1931
2255 – " " : Femmes: em 1931
2256 – Michel (Luiza): La Commune: em 1908

2257 - Michelet (Jules) : Le Peuple : em 1935
2258 - " : Ma jeuniesse : em 1945
2259 - " : Le Pêtre, la Femme et la Famille : em 1931
2260 - " : Os soldados da Revolução : 1925
2261 - Migueis (José Rodrigues) : Pascoa feliz : 1932
2262 - Mil (As) e uma noites (4 primeiros tomos) : em 1937.
2263 - Mill (John Stuart) : Memorias : em 1944
2264 - Mira (Matias Ferreira de) : Brito Camacho (Colaboração c/ Aquilino Ribeiro) : em 1942
2265 - Miranda (Franc.º de Sá de) : Comédia de Vilhalpandos : em 1931
2266 - " : Os Estrangeiros : em 1937
2267 - " : Obras primas de... : em 1899
2268 - " : Sta Maria Egipciaca : em 1927
2269 - " : Versos Portuguezes : em 1928
2270 - Mirbeau (Octave) : L'abbé Jules : em 1952
2271 - " : Le Calvaire : em 1925
2272 - " : Chez l'illustre écrivain : 949
2273 - " : Le jardin des supplices : 1931
2274 - Moita (Luis) : A Escola Profissional de Tipografia de Bruxelas : em 1952
2275 - Molière : O Avarento (Castilho) : em 1901
2276 - " : Le Bourgeois Gentilhomme : em 1901.
2277 - " : La Contesse d'Escarbagnes : em 901
2278 - " : Critique de l'Ecole de Femmes : em 1955
2279 - " : Le dépit amoreaux : em 1901
2280 - " : L'école de femmes : em 1955
2281 - " : Les femmes savantes : em 1945

2282 – Molière : George Dandin : em 1945
2283 – " : D. Juan : em
2284 – " : Le mariage forcé : em 902 e 955.
2285 – " : Le medecin malgré lui : em 926
2286 – " : O medico á força, trad.ão de Castilho : em 1901.
2287 – " : O misantropo : em 1901.
2288 – " : Les Precieuses Ridicules : 1901
2289 – " : Le Tartufe : em 1901 e 1931.
2290 – " : O Tartufo (Castilho) : em 1931.
2291 – Molina (Tirso de) : El burlador de Sevilla : 1929
2292 – " : La prudencia en la mujer : 1931
2293 – Moncada (Luis Cabral de) : O casam.to em Portugal na Idade-media : em 924
2294 – " : Luis Ant.o Verney : em 1942
2295 – " : Mistica e Racionalismo : 1952
2296 – Moniz (Egas) : Um ano de politica : em 1919.
2297 – " " : Julio Diniz e a sua obra : 1953
2298 – " (Nuno Alvares Per.ra Pato) : Agostinheida : em 1958.
2299 – Moniz (Rozendo) : Favos e travos : 1916 e 1918
2300 – Monserratte (Viscondessa de) : Estudos : 1898
2301 – Monstruosidades do tempo e da fortuna : 940
2302 – Montaigne : Essais n.os 16, 19 e 34, da edição de Villey : em 1933.
2303 – " : Textes choisis et commentés, edição de Pierre Villey : em 1932
2304 – " : Essais : vol. I : 1935 ; vol. II : 939 ; vol. III : 1944 e vol. IV : 1947.
2305 – Montalvão (Justino de) : França de Dôr e Gloria : em 1944.
2306 – Monte (José Ferreira) : Escombros : em 1958

2307 - Monte (José Ferreira): Tempo do silencio: 953
2308 - Monteiro (Adolfo Casais): Canto da nossa agonia: em 1943
2309 - " : Europa: em 1946.
2310 - " (Domingos): A crise do Idealismo na arte e na vida social: em 1932.
2311 - Monteiro (Henriq. Pires): Alves Roçadas: 935
2312 - " : Elogio hist.co do Gen.al Tamagnini de Abreu: em 1949
2313 - " : O Gen.al Pereira de Eça: em 1952
2314 - " : As instituições milit.s portuguesas através da Nacionalid.e: 1936
2315 - " : A libertação da Europa (Colaboração c/ A. Aprá): em 1944.
2316 - " : Mobilizações dos Estados: em 1932
2317 - " : Os Portugueses na Grande Guerra: em 1934.
2318 - " : Pá da Bandeira: em 1939.
2319 - " (João Franco): As donatarias de Alenquer: em 1921.
2320 - Monteiro (Luis Coelho): Mal aventurados: 933
2321 - " (Manuel): A Igreja de Santiago de Coimbra: em 1951
2322 - " : O românico português: em 939
2323 - " : O tumulo de D. Gonçalo Pereira: em 1945.
2324 - Montemór (Jorge de): Diana: em 1925.
2325 - Montenegro (Artur): A conquista do direito na sociedade romana: em 1952
2326 - Montefoin (Xavier de): O fiacre nº 13: em 958
2327 - Montesquieu: Grandeur et decadence des romans: em 1898

2328 - Montesquieu : Lettres Persanes : em 1928.
2329 - " : Le Temple de Gnide : em 1928
2330 - Montherlant (Henri de) : Les jeunes filles, em 1951
2331 - Moog (Viana) : Eça de Queiroz e o século 19º em 1943.
2332 - Morais (Alberto Faria de) : O cerco de Almeida : em 1951
2333 - " : O Mo. de Mateus Boiz : em 1952
2334 - " (João Pina de) : Ao parapeito : em 1921
2335 - " : O Soldado Saudade : em 1921
2336 - " (Wenceslau de) : O "Bon-odori" em Tokushima : em 1930
2337 - " : Retalhos da alma japonesa : 931
2338 - Morand (Paul) : L'Europe galante : em 948
2339 - " " : Fermé la nuit : em 1933
2340 - Morato (Franc.º Manuel Triposo de Aragão) Memorias : em 1934
2341 - Mordacq (Gen.al Henri) : La Stratégie : em 1935
2342 - Moréas (Jean) : Les cantilènes : em 1932
2343 - Moreira (Alberto) : Jungueiro e Camilo : 954
2344 - " (Eduardo) : Igreja em ruinas : 1930
2345 - Morgan (Charles) : Sparkenbroke : em 1941
2346 - Mornet (Daniel) : La pensée française au XVIII.e siécle : em 1927
2347 - Morote (Luis) : De la ditadura à la Republica : em 1908.
2348 - Mourinho (Manuel de Abreu) : Conquista do reino de Pegú : em 1941
2349 - Munthe (Axel) : O Livro de San Michel : em 951
2350 - Murger (Henri) : Cenas da vida boémia : em 1899 e 1931.

2351 – Murias {Manuel}: A justiça de Africa de El-Rei D. Sebastião: em 1938

2352 – Murry {P.e Paul}: Histoire de Gabriel Malagrida: em 1923.

2354 – Musset {Alfred}: Le chandelier: em 1950

2355 – " : Choix de poesies nouvelles: 1926

2356 – " : Confession d'un enfant du siècle: em 1939

2357 – " : Contes d'Espagne et d'Italie: 929.

2358 – " : Il ne faut jurer de rien: em 951

2359 – " : On ne badine pas avec l'amour: em 1932 e 1949

2360 – Nabuco {Joaquim}: Minha formação: em 1946

2361 – Namora {Fernando}: Casa de malta: em 1955

2362 – " : O homem disfarçado: em 1959

2363 – " : Retalhos da vida dum medico: 951

2364 – " : O trigo e o joio: em 1955

2365 – Napier: Historia da Guerra da Sucessão: 1916

2366 – Napoleão: Cartas ... a Maria Luisa: em 1936

2367 – " : Précis des guerres de Jules Cesar: em 1949

2368 – Natividade {Manuel Vieira}: A batalha de Aljubarrota: em 1937 e 1947.

2369 – ——— ——— : O mosteiro de Alcobaça: em 1917.

2370 – Navarra {Rainha de}: Contes de ... {só os 4 primeiros dias}: em 1933

2371 – Nogueiros {José de Almada}: Nome de guerra: em 1939.

2372 – Nemésio {Vitorino}: Carnilo: em 1925

2373 – " : A casa fechada: em 1941

2374 – " : Exilados: em 1946

2374 – Nemesio (Vitorino): Gil Vicente, floresta de enganos: em 1942
2375 – " : Isabel de Aragão: em 1936
2376 – " : Mau tempo no canal: 1948
2377 – " : A mocidade de Herculano: 1934
2378 – " : Duas rainhas: em 1945
2379 – " : Paço do Milhafre: em 1929
2380 – " : Sob os ciprestes de agora: em 932
2381 – " : A Terceira durante a Regencia: em 1929.
2382 – " : Varanda de Pilatos: em 1927.
2383 – Nemirovsky (Irène): O Dinheiro: em 1937
2384 – Nerval (Gerard de): Oeuvres choisies: 1927
2385 – Neto (Coelho): Bamzo: em 1924
2386 – " : A bico de pena: em 1911 e 1930
2387 – " : A capital federal: em 1919
2388 – " : A Conquista: em 1917
2389 – " : Numem: em 1927.
2390 – " : Sueluranto: em 1927
2391 – " : Rei negro: em 1914
2392 – " : Sertão: em 1912
2393 – Neves (Alvaro): Gomes Leal. Sua vida e sua obra (Colaboração c/ Henrique Marques Jr.): em 1948.
2394 – Neves (Henrique das): Esbocetos individuais: em 1955.
2395 – Neves (Hermano): Guerra civil: em 1911.
2396 – " (João da Sª Campos): O Divino Sr. da Serra de Saude: em 1920
2397 – Neves (José Afº Baeta): Noticia historica e topografica da vila de Gois: em 1817.
2398 – Neves (José Simões): A estrofe lirica: 1926
2399 – Nobre (António): Despedidas: em 1940

2317

2400 – Nobre (António): Só: em 1899 e 1925.
2401 – " " : Tres cartas inéditas para José de Castro: em 1957
2402 – Nogueira (José Felix Henriques): Estudos sobre a reforma em Portugal: em 1925.
2403 – Naronha (Eduardo de): A'porta da Alfandega: em 1957
2404 – " : Fontes Per.ra de Melo: em 1955
2405 – " : O Heroi de Chaimité: em 1906
2406 – " : O marquês de Niza: em 1910
2407 – " : O Remexido: em 1918
2408 – " : O ultimo marquês de Niza: 1927
2409 – " : Vinte e cinco anos nos bastidores da politica: em 1954
2410 – Naronha (D. Tomás de) (pseud: xvii): Poesias, etc. de Mendes dos Remedios: em 1899.
2411 – Naronha (D. Tomás de): De capa e batina: 948
2412 – " " : Umbrano: em 1955
2413 – Noth (Ernest Erich): Le désert: em 1940
2414 – Novais (Faustino Xavier de): Inês da Horta: em 1908
2415 – " : Poesias: em 1899.
2416 – Novalis: Heuri d'Offerdingen: em 1949
2417 – Nunes (Claudio José): Cênas contemporâneas: em 1931
— – Nunes (Fernão): vide Pais (Domingos)
2418 – Octavio (Rodrigo): Felisberto Caldeira: 922
2419 – Ogando (Alice): Misterio de Maria do Cor: em 1935.
2420 – Ognev (N. . . .): El diario de Costia Riabtzev: em 1930
2421 – Ohnet (Georges): Le droit de l'enfant: 1946

2422 - Ohnet (Georges): Lise Fleuron: em 1900
2423 - " " : Le maitre des forges: 1946
2424 - " " : A viuva:
2425 - Olavo (Carlos): Homens, fantasmas e bonecos: em 1954
2426 - " : João das Regras: em 1941
2427 - " : A vida turbulenta do P.e José Agostinho de Macedo: em 1944
2428 - Oliveira (Agostinho Barreto de): O exercito e a marinha em cooperação: 1938
2429 - " : A frente oriental: em 1942
2430 - " (Alberto d'): Coimbra Amada: em 930
2431 - " : Eça de Queiroz: em 1923
2432 - " : Mem.as da vida diplomatica: 926
2433 - " : Novos sonetos: em 1935
2434 - " : Palavras Loucas: em 1899
2435 - " : Poesias: em 1899 (2.ª ver)
2436 - " : Pombos correios: em 1913, 1923 e em 1948
2437 - " : Vida, Poesia & Morte: em 1956
— : Vide Agostinho de Campos
2438 - " (António Correia de): Auto do fim do dia: em 1900
2439 - " : A minha terra: I - Os caminhos: em 1924 e 1930
2440 - " : Parabolas: em 1930
2441 - " (Cavalheiro de): Cartas de... (Ed.ão Sá da Costa): em 1943
2442 - " : Discours pathetique...: em 915
2443 - " : Recreação Periodica: em 1922
2444 - " : Reflexões de Felix Corvina de Arcos: em 1929.

2445- Oliveira (Franc.º X.er Ataíde de): Biografia de D. Franc.º Gomes do Avelar: em 1918

2446- Oliveira (Jacinto Aug.to de Freitas): José Estevão: em 1926.

2447- Oliveira (João Braz de): A arte da guerra e a fortificação durante a Guerra Peninsular: em 1913

2448- ——— ——— Gazeta de Almada: em 1951

2449- Oliveira (José Lopes de): Eça de Queiroz: 945

2450- " : Guerra Junqueiro: I: em 1955

2451- " : Memorias. Guerra Junqueiro: em 1938

2452- " : Guerra Junqueiro: A sua vida e a sua obra: 1955

2453- " : Hist.ª da Republica Portuguesa: em 1955

2454- " : Rema sempre!...: em 1940

2455- " : ... e mesmo contra a maré!... em 1945.

2456- " (José Osorio de): Exame da vida portuguesa: em 1955

2457- " : Geografia Literaria: em 1932

2458- " (Julio de): Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz

2459- O'Roll (Max): John Bull e a sua ilha: 1940

2460- Organizadôr (O): de 1845: em 1955

2461- Organização da Democracia (A). Manifesto Politico: em 1933

2462- Ornelas (Aires de): A campanha de Moçambique: em 1901

2463- Ortigão (José Duarte Ramalho): O Conde de Ficalho: em 1957

2464- " : Contos côr de rosa: em 1926

2465 - Ortigão (J. D. Ramalho): Costumes e perfis: em 1953
2466 - " : O culto da Arte em Part.al: 191X
2467 - " : Em Paris: em 1924
2468 - " : As Farpas: vols. I; II e III em 1893,
2469 - " 1898 e 1918; — vol. IV em 1898, 1918 e 1951; — vols. V e VI em 1893 e 1919; — vol. VII em 1898 e 1921; — vol. VIII, em 1898 e 1922; — vol. IX, em 1898 e 1923; — vols. X e XI, em 1898 e 1924.
2470 - " : A Holanda: em 192X.
2471 - " : John Bull: em 1922 e 1942
2472 - " : O Mistério da Estrada de Sintra: em 1899 e 1942
2473 - " : Quatro grandes figuras literárias: em 1925
2474 - " : Teófilo Braga: Esboço biográfico: em 1955
2475 - Osberno: Conquista de Lisboa aos Mouros: 944
2476 - Osório (Ana de Castro): Ambições: em 1936
2477 - " (Augusto Carlos Cardoso Pinto): Lembranças da mocidade: em 1922
2478 - Osório (D. Jerónimo): Cartas portuguesas: 922
2479 - Ossendowski (F. A.): L'ombre du nombre Orient: em 1928
2480 - Ovídio: L'art d'aimer: em 1927
2481 - " : Cartas de... chamadas Heróides, tradução de Couto Guerreiro: em 1928
2482 - " Os Fastos: em 1956
2483 - " : Metamorfoses, trad.ção de Bocage: 926
2484 - " : Os quatro prim.os livros das Metamorfoses, trad.ção de Alveno: em 1928

2485 – Owen (Hugo): O cerco do Porto: em 1916 e 939. — Masso

2486 – Paassan (Pedro Van): Estes dias tumultuosos: em 1949

2487 – Paço d'Arcos (Joaq.m): Ana Paula: em 1941

2488 – " : O caminho da culpa: 1948

2489 – " : Diario de um emigrante: em 1948

2490 – " : Tons verdes em fundo escuro: em 1948

2491 – Paganino (Rodrigo): Os contos do Tio Joaquim: em 1946.

2492 – Pagnol (Marcel): Jazz. Comédie: em 1957

2493 – " : Les marchands de gloire: 1926

2494 – " : Topaze: em 1952

2495 – Paillé (Com.t G.): Connaissance et emploi des armes et engins d'Infanterie: em 1935.

2496 – Pais (Domingos): Cronica dos reis de Bisnaga (Colaboração de Fernão Nunes): em 1927

2497 – Paiva (Vicente Ferrer Neto de): Elogio historico de Alexandre Herculano: em 1956

2498 – Palha (Afonso da Gama): Relação dos sucessos da Guerra da Liga: em 1941

2499 – Palmeirim (Luis Aug.to): Os excentricos do meu tempo: em 1939

2500 – Pamplona (Gen.al Manuel Inacio Martins): Episodios da 3ª Invasão: em 1914

2501 – Papança (Ant.o de Macedo): Griselia: 1930

2502 – " : Poesias: em 1900

2503 – " : Telas historicas: em 1921

2504 – Papini (Giovanni): Gog: em 1933

2505 – Paris (Gaston): Legende du moyen âge: em 1932

2506 – Pascal : Les Provinciales : em 1939
2507 – " : Pensées : em 1905
2508 – Pascoaes (Joaquim Per.ª Teixeira de) : Arte de ser português : em 1932
2509 – " : O Genio Português : em 1953
2510 – " : Livro de memorias : em 1938
2511 – " : Napoleão : em 1944.
2512 – " : Regresso ao Paraiso : em 1928
2513 – Passaga (g.al) : Le Combat (ce que nous a appris la guerre) : em 1933.
2514 – Pasternak (Boris) : Ensaio de autobiografia : em 1959.
2515 – Pato (Raimundo de Bulhão) : Canções da tarde : em 1899
2516 – " : A dança judenga : em 1944
2517 – " : Memorias : vol. I em 1930 ; vols. II e III em 1940
2518 – " : Sob os ciprestes : em 1953
2519 – " : Versos : em 1926
2520 – Patricio (Antonio) : D. João e a mascara : 1942
2521 – " " : Pedro, o cru : em 1930
2522 – Paxeco (Fran) : Cartas de Teofilo : em 1938
2523 – " " : A Escola de Coimbra : em 1943
2524 – " " : Teofilo no Brasil : em 1951
2525 – Pécault (Elie) et A. Baude : L'Art : em 1898
2526 – Pedaya (g.al) : L'armée evolue : em 1908
2527 – Pedro (Condestavel Dom) : Tragedia de la cruel Reina Doña Isabel : em 1926
2528 – Pedroso (Zofimo Consiglieri) As grandes epocas da Historia Universal : em 1927
2529 – Peixoto (Afranio) : Bugrinha : em 1930
2530 – " " : Ensaios camoneanos : 1934

2531 – Peixoto (Afrânio): A Esfinge : em 1927.
2532 – " : Fruta do mato : em 1939.
2533 – " : Paginas escolhidas : em 1926
2534 – " : Parabolas : em 1930
2535 – " : Poeira da estrada : em 1949
2536 – Péladan (Josephin): Mélusine : em 1931
2537 – Pelayo (Menendez y): Cultura literaria de Miguel de Cervantes : em 1934
2538 – Pelet (Gen.al): Coup d'oeil militaire sur le Portugal : em 1937.
2539 – Pélico (Silvio): Mes Prisons : em 1898.
2540 – Pélico de Oliv.ª Neto (Silvio): A obra de Tácito «Os Anais» : em 1921
2541 – " : O Catolicismo e o progresso das sociedades : em 1921
2542 – " : Estudos classicos, vol. II : em 1921
2543 – " : " historicos : em 1921
2544 – Pelletan (Eugène): Le monde marche : em 927.
2545 – " " : Les rois philosophes : 1952
2546 – Pemán (José Mª): El divino impaciente : 1948
2547 – Peralva (Alvaro): Como nós vencêmos no Guamato : em 1908
2548 – Penha (João): O cantô do cisne : em 1859
2549 – " : Ecos do passado : em 1954
2550 – " : Por montes e vales : em 1931.
2551 – " : Rimas : em 1898
2552 – " : Viagem por terra ao país dos ponhos : em 1898
– – Penteado (Manuel): vide Livro proibido
2553 – Perdigão (Luis): Missão de guerra : em 1958
2554 – Pereda (José Mª): El buey suelto... : em 1955
2555 – Pereira (Antonio Nunes): O acompanhamento

romano de Antanhol : em 1958

2556 – Pereira (Ant.º Nunes): Panorama artístico das Beiras : em 1947.

2557 – Pereira (Franc.º Mª Esteves): Inscrição de Dario, o Grande : em 1914

2558 – Pereira (José Esteves Cacela Vilaria): Portugueses e Ingleses em Africa : em 1899

2559 – Peres (Damião): A Diplomacia portuguesa e a sucessão de Espanha : em 940

2560 – " : D. João I : em 1918

2561 – " : O governo do Prior do Crato : em 928

2562 – " : D. Pedro V nas paginas do seu diario : em 1951.

2563 – " : A Reconquista cristã : em 1929.

2564 – Pessanha (Camilo): Clepsydra : em 1932 e 956

2565 – Pessoa (Alberto): Hospitais de Coimbra : 1931

2566 – " : J. J. da Gama Machado : em 1926

2567 – " (Fernando): Poesia. Selecção de Casais Monteiro: em 1944

2568 – Pestana J.or (Manuel Gregorio): O reconhecimento do archipelago da Madeira : em 1921

2569 – Petronio : El Satiricon : em 1935

2570 – Peyré (Joseph): Coups durs : em 1943

2571 – " " : L'homme de choc : em 1953

2572 – Picq (Ardant du): Le combat antique : em 934

2573 – Pimenta (Alfredo): Factos sociais : em 1909

2574 – " : Na Torre da Ilusão : em 1913

2575 – " : Sombras de Principes : em 951

2576 – " (Eduardo): A ferro e fogo : em 1921

2577 – Pimentel (Alberto): As alegres canções do Norte : em 1954

2578 – " : Castelo de cartas : em 1917.

22,3

2579 – Pimentel (Alberto): A côrte de D. Pedro IV: em 1911 e 1934
2580 – " : A dama da cutilada: em 1915
2581 – " : Histórias de reis e príncipes: em 1921.
2582 – " : João Penha: em 1940
2583 – " : O Lobo da Madragôa: em 1916
2584 – " : Memorias do tempo de Camilo: em 1939.
2585 – " : Poemas heroi-comicos portuguezes: em 1930
2586 – " : O Poeta Chiado: em 1916
2587 – " : A Praça Nova: em 1920
2588 – " : A Princeza de Boivão: em
2589 – " : O Romance do Romancista: 917
2590 – " Sangue azul: em 1914
2591 – " : O testam.to de sangue: em 1953
2592 – " : Uma visita ao primeiro romancista português: em 1950
2593 – " : Vida de Lisboa: em 1920
2594 – " : Vinte anos de vida literaria: 1900
2595 – " : Zamperineida: em 1944.
2596 – " (Antonio de Serpa): Alexandre Herculano e o seu tempo: em 1933
2597 – " : Hist.a e Civilização: em 1900
2598 – " : Napoleão III: em 1900
2599 – " : Portugal moderno: em 1943
2600 – " : Questões de politica positiva: em 1925
2601 – Pimentel (Julio Max.mo de Oliv.ra): Memoria biografica de... o G.al Claudino Pimentel: em 1925
2602 – Pimpão (Alv.o J. da Costa): Gente grada: 1953

2603 - Pina (Luis da Camara): Jomini. Grande Senhor da Estrategia: em 1947.

2604 - Pina (D. Manuel Correia de Bastos): A extinção do Convento de S. Gonçalo em Aveiro: em 1918

2605 - Pina (Rui de): Crónica de D. Duarte: em 1912 e em 1934.

2606 - Pinheiro (Bernardino): Amores dum visionario: em 1923

2607 - Pinheiro (José Joaq.m): Epocas memoraveis da Ilha Terceira: em 1914.

2608 - Pinho (José): A necropole galaico-romana de Mozinho: em 1933

2609 - Pinto (Abilio Aug.to da Fonseca): Cartas selectas: em 1920

2610 - Pinto (Alfredo): A roda alegre dos tribunais: em 1927

2611 - Pinto (M.el de Sousa): Castelo de Amôr: 1932

2612 - " : D. João de Castro: em 1912

2613 - " : Cavaridade: em 1939

2614 - " : Gregorio de Matos: em 1944

2615 - " : Para onde vais, Maria?: em 924

2616 - " : Pero Vaz de Caminha: em 1944

2617 - " (Ant.o José da Silva): Alma humana: em 1953

2618 - " : Alta noite: em 1914

2619 - " : Camilo Cast.o Branco. Notas e documentos. Desagravos: 1957

2620 - " : Em ferias: em 1949.

2621 - " : No Coliseu: em 1916

2622 - " : Noites de ripilia: em 1925 (2.a vez)

2623 - " : Novos combates e critica: em 920

" e em 1953

2624 – Pinto (A. J. da Silva): Rompendo o fogo: 1958
2625 – " : S. Frei Gil: em 1905
2626 – " (Fernão Mendes): Peregrinação: o I vol. em 1909; o II e III em 1910 e o IV em 1914.
2627 – Pirandello (Luigi): Henri IV: em 1923
2628 – " : Le Seigneur de la Nef: 1939
2629 – " : Vêtir ceux qui sont nus: 929
2630 – Pires (Ant.º Tomás): A entrega da Praça de Elvas a Filipe II: em 1913.
2631 – Pitigrilli: Cocaína: em 1947
2632 – Placido (Ana): Luz coada por ferros: em 1951.
2633 – Platão: Apologie de Socrate: em 1932
2634 – " : O Banquete: em 1927
2635 – " : Critón, ou le devoir: em 1927 e 1931.
2636 – " : Dialogo sobre a Justiça: em 1940 e 959
2637 – " : Hipias (maior): em 1945
2638 – " : " (menor) " "
2639 – Plinio, o Moço: Lettres de — : em 1930
2640 – " " : Panégirique de Trajan: em 944
2641 – Plutarco: Alexandre: em 1927
2642 – " : César: em 1927.
2643 – " : Licurgo: em 1944
2644 – " : Péricles: em 1944
2645 – " : Pompeu: em 1927.
2646 – " : Solon: em 1944.
2647 – " : Vie de Caton le censeur: em 1926
2648 – " : " " Marius: em 1932
2649 – " : " " Sylla: em 1932
2650 – Poë (Edgard): Rei Peste: em 1898.
2651 – Poema (O) do Cid. Trad.ão de Lopes Vieira: em 927
2652 – Ponsard (François): Homère: em 1902
2653 – " " : Ulysses: em 1902

2654 - Pontéil (Félix) : 1848 : em 1941.
2655 - Pope (Alexandre) : Ensaio sobre a crítica : em 1949
2656 - Portugal (Le) avant et après 1842 : em 1948
2657 - Pouchkine : Oeuvres choisies : em 1930
2658 - Pourtalés (Guy de) : Chopin ou le Poète : 1949
2659 - Pratt (Alfredo de) : Boemia de Coimbra : 1899
2660 - Prazeres (Fr. João dos) : Abecedario real : 1943
2661 - Prestage (Edgard) : A Cavalaria de Portugal em 1951
2662 - " : Fr. Domingos do Rosario : em 948
2663 - " : D. Franc.º Manuel de Melo : em 1925
2664 - " : " " " " " (Opusculo) : em 1935.
2665 - " : As relações diplomaticas e comerciais entre a Suecia e Portugal : em 1945.
2666 - Prestes (Antonio) : Auto dos cantarinhos : 1898
2667 - Prévost (Abbé Antoine François) : Manon Lescaut : em 1803 e 1927.
2668 - Prevost (Marcel) : L'automne d'une femme : em 1949
2669 - " : Clarisse et sa fille : em 1951
2670 - " : La Confession d'un amant : 1951
2671 - " : Femmes : 1931.
2672 - " : Frédérique : em 1931
2673 - " : Le jardin secret : em 1956
2674 - " : Lettres a Françoise mariée : 1959.
2675 - " : La retraite ardente : em 1953.
2676 - " : Les vierges fortes : Léa : em 1948
2677 - Prieto (Jenaro) : El socio : em 1958.
2678 - Privat (Edmond) : Le choc des Patriotismes : em 1939.

2679 - Proença (Raul): A ditadura militar: 1926
2680 - " " : Paginas de Politica: 1ª serie em 1939; 2ª serie em 1945.
2681 - Profercio: Elegias: em 1945
2682 - Puchkin: Maria Ivanovna: em 1941
2683 - Pusich (Ant.ª Gertrudes): Constança: em 952
2684 - Proudhon (P.-J.): Les confessions d'un revolutionnaire: em 1935
2685 - " : La Guerre et la Paix: em 1937
2686 - Quadros da Historia Trajico-Maritima: 1947
2687 - Queiroz (Franc.º Teixeira de): Amor divino: em 1931
2688 - " : Antonio Fagueira: em 1930
2689 - " : A caridade em Lisboa: em 1951
2690 - " : Contos, et.ª Gonçalves: em 1949
2691 - " : Ao sol e á chuva: em 1916
2692 - " : D. Agostinho: em 1900 e 1926
2693 - " : A Cautadeira: em 1917.
2694 - " : As minhas opiniões: em 1946
2695 - " : Os noivos: em 1901
2696 - " : A nossa gente: em 1902, 1911 e 1923.
2697 - " : Novos contos: em 1920
2698 - " (Fr. João de S. José): Memorias: 1939.
2699 - " (José M.ª Eça de): Alves & C.ª: em 1941
2700 - " : A Capital: em 1941
2701 - " : Cartas de Londres: em 1941
2702 - " : Cartas: em 1945
2702 - " : Cartas de Lisboa: em 1944
2702 - " : " inéditas de Fradique Mendes: em 1929, 1941, 1955 e 1958
2705 - " : Cartas de Inglaterra: em 1906, 1932 e 1941

2706 - Queiroz (J. M. Eça de): Cartas familiares e bilhetes de Paris: em 1909, 932 e 941
2707 - " : A Cidade e as Serras: em 1904, 1906, 1923, 1940 e 1954.
2708 - " : O Conde de Abranhos: em 1941
2709 - " : Contos: em 1915 e 1940
2710 - " : Correspondencia: em 1926 e 1936
2711 - " " de Fradique Mendes: em 1903, 1936, 1940 e 1945.
2712 - " : O Crime do Padre Amaro: em 1898, 1906, 1917 e 1937.
2713 - " : Dicionario de milagres: em 1942
2714 - " : Ecos de Paris: em 1906, 1932 e 1941
2715 - " : O Egipto: em 1926 e 1942
2716 - " : A Illustre Casa de Ramires: em 1905, 1920, 1940 e 1957.
2717 - " : Os Maias: em 1898, 1908, 1922 e 1937.
2718 - " : O Mandarim: em 1900, 1924 e 1937.
2719 - " O Mistério da Estrada de Sintra: em 1899 e 1941
2720 " : Novas cartas inéditas de — para Ramalho Ortigão: em 1941
2721 - " : O Primo Basilio: em 1899, 1903, 1925 e 1940
2722 - " : Notas Contemporaneas: em 1919, 1934 e 1941
2723 - " : Prosas Barbaras: em 1922 e 1941
2724 - " : A Reliquia: em 1898, 1900, 1902, 1923, 1940 e 1957
2725 - " : Ultimas paginas: em 1922 e 1940
2726 - " : Uma campanha alegre: em 1936.

2727- Quental {Antero do}: Carta ao Lente Snr. António Feliciano de Castilho: 1916
2728- " : Cartas: em 1917.
2729- " : " a Ant.º de Azevedo Castelo-Branco: em 1942
2730- " : Cartas inéditas de — a Oliveira Martins: em 1931
2731- " : Odes modernas: em 1907 e 1926
2732- " : Primaveras romanticas: em 1924
2733- " : Prosas: vol. I em 1934; vols. II e III em 1935.
2734- " : Raios de extinta luz: em 1948.
2735- Queste {La} du Saint-Graal, traduzida por Albert Pauphilet: em 1932
2736- Quinet {Edgard}: L'esprit nouveau: 1959
2737- " : La France et la S.te Alliance en Portugal: em 1852
2738- " : Histoire de mes idées: em 1852
2739- " Introduction á la Philosophie de l'Hist.e de l'Humanité: em 1846
2740- " : Les Jesuites: em 1846
2741- Quintinha {Julião}: Imagens da actualidade: em 1932
2742- " : Terras de fogo: em 1931
2743- " : Vizinhos do mar: em 1927
2744- Quita {Domingos dos Reis}: A Castro: em 919
2745- Rabelais: Pantagruel (Extraits): em 1940
2746- Racine: Andromaque: em 1927
2747- " : Athalie: em 1927
2748- " : Phedre: em 1926
2749- Ramos {Feliciano}: A expressão da Liberd.e em Antero: em 1942

2750 - Ramos (Feliciano): Trindade Coelho. Florilegio de letras

2751 - Rebroso (Hipolito): Boa Gente: em 1930

2752 - " : Coimbra Doutora: em 1930.

2753 - " : Livro de Horas: em 1932

2754 - " : Patria morena: em 1940

2755 - Rasteiro (Joaquim): Quinta e palacio da Bacalhôa: em 1924.

2756 - Rattazzi (M.me): Portugal de relance: em 1941

2757 - Ratton (Jacome): Recordações de ... — em 1924

2758 - Rebelo (Jacinto Inácio de Brito): Gil Vicente: em 1912

2759 - Redol (Alves): Gaibéus: em 1948

2760 - Régio (José): Em torno da expressão artística: em 1948

2761 - " : Jacob e o Anjo: em 1943

2762 - " : Poemas de Deus e do Diabo: em 1943

2763 - " : O Principe com orelhas de burro: 943

2764 - Regnier (Henri de): L'escapade: em 1957

2765 - " : Le passé vivant: em 1947.

2766 - " : Le jeux de l'amour: em 1953

2767 - " : Sujets et Paysages: em 1931

2768 - Rego (José Lins do): Eurídice: em 1955

2769 - " : O menino de engenho: em 1941

2770 - Reis (Luis da Camara): Cidades antigas, Terras mortas: em 1926

2771 - Remedios (Joaquim Mendes dos): Camões e o ideal da sua obra: em 1949

2772 - " : Escritoras de outros tempos: em 1917

2773 - Renan (Ernesto): L'abbésse de Jouarre: 931

2774 - " " : O anti-cristo: em 1937.

24,5

2775- Renan (Ernest): Os apostolos: em 1934
2776- " : Os evangelhos: em 1937.
2777- " : Feuilles detachées: em 1932
2778- " : A Igreja cristã: em 1939.
2779- " : Ma soeur Henriette: em 1932
2780- " : Marco Aurelio: em 1940
2781- " : Pages françaises: em 1954
2782- " : S. Paulo: em 1934
2783- " : Souvenirs d'enfance et de jeunesse: em 1932
2784- " : A vida de Jesus: em 1925.
2785- Resende (André de): Um discurso (1551): em 1952
2786- " : Vida do Inf.te D. Duarte: em 1914
2787- " (Garcia de): Cancioneiro Geral: em 1920
2788- " (Marquês de): Pintura de um outeiro nocturno
2789- Reynaud (Paul): A França e o Tratado de Guerra: em 1938
2790- Ribeiro (Aquilino): Abóboras no Telhado: 956
2791- " : Aldeia: em 1946
2792- " : Alemanha ensanguentada: 1935.
2793- " : Anastácio da Cunha: em 1938
2794- " : Anatole France: em 1947
2795- " : Andam faunos pelos bosques: 1927
2796- " : Arcas encouradas: em 1953
2797- " : Aventuras maravilhosas de D. Sebastião: em 1937
2798- " : Batalha sem fim: em 1932
2799- " : Caminhos errados: em 1947
2800- " : Camões, Camilo, Eça e alguns

mais: em 1949.

2801 - Ribeiro (Aquilino): Camões e o frade na Ilha dos Amores: em 1946

2802 - " : A Casa Grande de Romarigães: em 1957.

2803 - " : Cinco reis de gente: em 1948.

2804 - " : D. Frei Bertolameu: em 1959.

2805 - " : E' a Guerra: em 1935

2806 - " : Estrada de Santiago: em 1922

2807 - " : Filhas de Babilonia: em 1920

2808 - " : Geografia sentimental: em 951.

2809 - " : O homem da Nave: em 1954.

2810 - " : O homem que matou o diabo: em 1930

2811 - " : Humildade gloriosa: em 1954

2812 - " : Jardim das tormentas: em 1923

2813 - " : Lapides partidas: em 1945

2814 - " : Luis de Camões: em 1950

2815 - " : Maria Benigna: em 1933.

2816 - " : Monica: em 1939.

2817 - " : Por obra e graça: em 1949

2818 - " : Portugueses das 7 partidas: 1951

2819 - " : Principes de Portugal: em 1952

2820 - " : Quando ao garrão cái a pena. em 1936

2821 - " : São Banaboião: em 1937.

2822 - " : Terras do Dêmo: em 1920 e 1949

2823 - " : As tres deôgraças teologais: 1959

2824 - " : As tres mulheres de Sansão: 1932

2825 - " : Uma luz ao longe: em 1949.

2826 - " : A Via Sinuosa: em 1920 e 1946

— " : Vide Mira (Ferreira de).

Masso

2827 - Ribeiro (Bernardim) : Menina e Moça... em 1900

2828 - Ribeiro (Emanuel) : Anatomia da Cerâmica Portuguesa : em 1928 e 1946

2829 - Ribeiro (Jerónimo) : Auto do Físico : em 920

2830 - " (Luís da Silva) : Algumas palavras sobre o vilão : em 1946

2831 - " : Notícia histórica da Advocacia em Portugal : em 1929

2832 - " (Manuel) : A Catedral : em 1922

2833 - " : A colina sagrada : em 1927

2834 - " : O deserto : em 1933.

2835 - " : A Ressurreição : em 1924

2836 - " : Vida e morte da M.ª Mariana Alcoforado : em 1942

2837 - " (Sebastião) : A confissão : em 1959

2838 - " (Tomás) : A Rocha. Paramelo : em 1953

2839 - " : Do Tejo ao Mandovi : em 1903

2840 - " : D. Jaime : em 1898 (2ª vez) e em 1905

2841 - " : Senhor, Não !... : em 1903

2842 - " : Sons que passam : em 1898

2843 - " (Vitor) : A revolução e a República espanhola : em 1912

2844 - Richepin (Jean) : La Glu : em 1920

2845 - " : Grandes amoureuses : em 1931

2846 - " : M.me André : em 1950

2847 - Richon (Albert) : Une école. Un empereur. Un château : em 1958

2848 - Richter (Jean-Paul) : Quintus Fixlein : em 1953

2849 - Rio (João do) : A mulher e os espelhos : 1924

2850 - " " : Ramo de loiro : em 1925.

2851 – Rivarol : Oeuvres (ed.ão de 1857) : em 1944
— – Rivol : vide Saraiva (João)
2852 – Robert (Clemence) : Mistérios da Bastilha : em 1958.
2853 – Rocha (André Crabbé) : Esboços dramáticos no Cancion.ro Geral : em 1951
2854 – —— —— : Teatro inédito de Garrett : 1956
2855 – Rocha (Ant.º dos Santos) : Materiais para a História da Figueira nos séc.os XVII a XVIII : em 1917
2856 – Rocha (Alfredo Barata da) : Névoa de Flandres : em 1924
2857 – Rocha (João Bernardo da) : Apologia do Terreista-mór do Reino —— : em 1953
2858 – —— —— : Revista de Portugal : em 950
2859 – Rodenbach (Georges) : Bruges-la-morte : 1952
2860 – " : Musée des Béguines : em 931.
2861 – Rodrigues (Adriano) : Apostolos ! : em 1928
2862 – " (A. Pedroso) : Auto Pastoril : em 903
2863 – " : As bôdas de Lia : em 1907.
2864 – " : A cilada : em 1923
2865 – " (David) : Tres estudos criticos de Tactica afficada : em 1933
2866 – Rodrigues (P.e Francisco) : O Padre Antonio Vieira : em 1923
2867 – Rodrigues (José Lopes) : Noticias florbelianas, vol. I : em 1956
2868 – " : O pôlo de S. Teotonio : em 1959
2869 – Rojas (Ricardo) : Blason de Plata : em 1931
2870 – Rolland (M.me) : Memoires : em 1933
2871 – " (Romain) : Antoinette : em 1951
2872 – " : Beethoven : em 1940
2873 – " : Clerambault : em 1937.

2874 - Rolland (Romain) : La Foire sur la Place : em 1951

2875 - " : Pierre et Luce : em 1930

2876 - " : Les tragédies de la foi : em 1939.

2877 - " : Valmy : em 1947.

2878 - " (Jules) : Mort de quelqu'un : em 953

2879 - Romazières (Edmond) : Os dois punhais : 945

2880 - Romeo (José E. Soares) : Armas & Letras : 1947

2881 - Roquete (Chagas) : Coisas minhas : em 1924

2882 - Rostand (Edmond) : Cirano de Bergerac : em 1912 e 1924.

2883 - Roussado (Manuel) : Coisas alegres : em 1947

2884 - " : Roberto : em 1906 e 1931

2885 - Rousseau (J. J.) : Les confessions : em 931

2886 - " : Julie ou la Nouvelle Heloise : em 1934

2887 - " : Les rêveries d'un promeneur solitaire : em 1948

2888 - Rousset (Lt. Cel) : Les maitres de la Guerre : em 1934

2889 - Roujou (André) : Philosophie militaire : 1935

2890 - Rusiñol (Santiago) : El pueblo gris : em 1931

2891 - Russboldt (Lehmann) : L'internationale sanglante des armaments : em 1936

2892 - Rustow (W.) : Introduction generale à l'etude des sciences militaires : em 1945

2893 - Sá (Octaviano) : A tricana no folklore coimbrão : em 1943.

2894 : Sá (Vitor de) : Problemas da mentalidade : 1957

2895 : " " : Sociedade e Cultura : em 1958

2896 : Sabugosa (Conde de) : Donas de tempos idos : em 1912.

2897 – Saluçosa (Conde de): Neves de antanho: 1945
2898 – " : O Paço de Sintra: em 1917
2899 – " : A rainha D. Leonor: em 1922
2900 – Sagan (Françoise): Dans un mois, dans un an: em 1957
2901 – Sagunto (Pedro de): Dois homens no infinito: em 1956
2902 – Saint-Exupery: Terre des hommes: em 1951
2903 – " " : Vol de nuit: em 1939 e 1956
2904 – Saint-Pierre (Bernardim de): Paulo e Virginia: em 1932.
2905 – Sainte-Beuve: Causeries du lundi: vol. I e III em 1933.
2906 – " " : Retratos de mulheres: 1933
2907 – " " : P.-J. Proudhon: em 1932
2908 – Salazar (Abel): A crise da Europa: em 1943
2909 – " " : Um estio na Alemanha: 948
2910 – Saldanha (Conde de): A perfidia desmascarada: em 1950
2911 – Sales (Ernesto Aug.to Pereira): O conde de Lippe em Portugal: em 1938.
2912 – Salgado J.or (Ant.o): Camões e "Sobolos rios": em 1950
2913 – ——— ——— Historia das Conferencias do Casino: em 1930
2914 – Salgado (Heliodoro): Atraver das idades: em 1948.
2915 – Salminen (Sally): A vida inteira: em 1948
2916 – Salmon (H.): E'tude sur la Cavalerie: em 933
2917 – Salustio: Guerra Catilinaria: em 1926
2918 – " : " Jugurtina: em 1926
2919 – Samodães (Conde de): Apontamentos bio

graficos de Franc.º de Paula Azevedo : em 1950

2920- Sampaio (Alberto) : Correspondencia inédita de —— : em 1941

2921- " : Correspondencia de —— para Rocha Peixoto : em 1942

2922- " : Estudos historicos e economicos : vol. II : em 1950

2923- " (Alfino Farjaz de) : Antonio Nobre : em 1946

2924- " : Poeira do caminho : em 1933

2925- " (José Pereira de) : Sampaio (Bruno). Sua vida e sua obra : em 1959

2926- Sampaio (Luis Teix.ra de) : Os Chaves : 1921

2927- " (Raugel de) : Preparativos d'uma revolta : em 1917

2928- Sanches (Ant.º Ribeiro) : Cartas sobre a educação da mocidade : em 1823

2929- —— —— : Cristãos novos e cristãos velhos : em 1957.

— - Sanches de Frias : ver Frias.

2930- Sand (Georges) : Les dames vertes : em 951

2931- " : Flavie : em 1830

2932- " : François le champi : em 1951

2933- " : La mare au diable : em 1935

2934- " : O marquês de Villemer : em 1927

2935- " : Mauprat : em 1956

2936- " : Nanon : em 1941

2937- " : La petite Fadette : em 1952

2938- Sandy (Isabelle) : Andorra ou les hommes d'airain : em 1931

2939- Santa Rita (Guilherme) : Lestrigos : 1902

2940- Santarem (Visconde de) : Memoria (...)

sobre Macáu : em 1924

2940 - Santos (Ant.º Ribeiro dos) : ver Elpino

2941 - " (Arquimedes da Silva) : Voz velada : em 1959

2942 - Santos (Carlos) : Poeira do palco : em 1956

2943 - " (Franc.º dos Reis) : O movimento republicano e a consciencia nacional : em 1932

2944 - Santos (Ant.º Maria Machado) : A ordem publica e o 14 de Maio : em 1916

2945 - ——— ——— : A revolução portuguesa : em 1911.

2946 - Santos (Henrique Mateus dos) : Monografia historica de Carnache : em 1922.

2947 - São Luis (D. Fr. Franc.º de) : ver Saraiva

2947 - São Miguel (Fr. Jacinto de) : O mosteiro de Belem : em 1918

2948 - Saraiva (Ant.º José) : Fernão Lopes : 1952

2949 - " : Herculano desconhecido : 953

2950 - " : As ideias de Eça de Queiroz : em 1948

2951 - " : Para a historia da cultura em Portugal : em 1947

2952 - " : Gil Vicente : em 1949

2953 - " : Herculano e o Liberalismo em Portugal : em 1950

2954 - " : A Inquisição em Portugal : 956

2955 - " . (Antonio Ribeiro) : Saraiva e Castilho : 1ª. Parte em 1927 ; 2ª. Parte em 1941.

2956 - Saraiva (Cardeal Franc.º Justiniano) : Apologia de Camões : em 1898

2957 - ——— ——— : Breves reflexões sobre o assento chamado das Cortes... em 1828 : em 1929

22,8

2958 - Saraiva (Cardeal): Comparação da Hist.ª de D. João de Castro [...] e da Vida de D. Paulo de Lima: em 1927

2959 - _____ _____: Memoria sobre as viagens dos Portugueses á India por terra: em 1927

2960 - _____ _____: Mem.ª em que se procurade mostrar que a Lingua Portugueza não é filha da Latina: em 1928.

2961 - _____ _____: Reflexões geraes acerca do Infante D. Henrique: em 1927

2962 - Saraiva (João): Satiras: em 1931.

2963 - " (José): Os paineis do Infante Santo: em 1937

2964 - Sarcey (Francisque): Le siége de Paris: 1949

2965 - Sardinha (Antonio): Ao ritmo da ampulheta: em 1929

2966 - " : Era uma vez um menino: 936

2967 - " : Da hera nas colunas: em 1947.

2968 - " (Ernesto): Marte instruto: em 936

2969 - Sarmento (Inacio Pizarro de Morais): Memorandum de Chaves: em 1856

2970 - Sarmento (José Estevão de Morais): A defesa das costas de Portugal e a aliança inglesa: em 1914

2971 - _____ _____: A expansão alemã: 919

2972 - _____ _____: D. Pedro I e a sua epoca: em 1925

2973 - _____ _____: O valor historico de Fernão Lopes: em 1923.

2974 - Sarmento (Olga de Morais): As minhas memorias: em 1954.

2975 - Sartre (J. P.): La nausée: em 1939

2976 - Sauliol (René): En lisant les livres de Foch: 936

2977 - Saumière (Paul): Le Père "écorcheur": 1954
2978 - Scarlatti (Eduardo): Um metodo critico e os seus resultados: em 1943.
2979 - Schiller: Les Brigands: em 1901 e 1932
2980 - " : Guilherme Tell: em 1902
2981 - " : Maria Stuart: em 1921 e 1937.
2982 - " : A noiva de Messina: em 1927.
2983 - Schopenhauer: Amor, mulher e casamento: em 1900
2984 - Schulten (Adolfo): A "Germania" de Tacito: em 1949
2985 - " : Viriato: em 1934.
2986 - Schumacher: Souvenirs du Capitain Schumacher: em 1924.
2987 - Schwalbach (Eduardo): A' tarefa do passado: em 1953
2988 - Scott (Walter): Le chateau perilleux: 1903
2989 - " : Contes fantastiques: em 1943
2990 - " : Ivanhöe: em 1955
2991 - Seabra (Manuel): Terra de ninguem: em 959
2992 - Searense (Catulo): Meu sertão: em 1931
2993 - Seguier (Jaime de): O desgraçado: em 1910
2994 - Ségur (Comtesse de): Les deux nigauds: 956
2995 - Seifulina (Lidia): Caminhantes: em 1928
2996 - Selvagem (Carlos): A Dulcinéa ou a ultima aventura de D. Quixote: 1944
2997 - " : O problema das élites: em 1944
2998 - " : Tropa de Africa: em 1921.
2999 - Semedo (Curvo): Poesias liricas: em 1899
3000 - Sêneca: Da constancia do varão sabio: 1927
3001 - " : Ideario: em 1948
- - Sério: ver Alencar (José de)

— - Sepulveda (Cristovão Aires de Magalhães): ver Aires (Cristovão)

3002 - Sequeira (Oliva): Cartas transtaganas: 1954

3003 - Serão (Matilde): La danceuse: em 1931

3004 - " : Soeur Jeanne de la Croix: em 931

3005 - " : Vive la vie!: em 1950

3006 - Serafimovitch (Alejandro): El torrente de hierro: em 1931

3007 - Sergio (Antonio): Alocução aos socialistas: em 1947.

3008 - " : Antero do Quental e Ant.º Vieira perante a civilisação cristã: em 1951

3009 - " : Antigona: em 1931

3010 - " : Antologia socialista, 3 vols.: em 1956

3011 - " : Bosquejo da Hist.ª de Portugal: em 924

3012 - " : Camões e D. Sebastião: em 1925

3013 - " : Cartas do Terceiro homem: 1ª serie em 1953; 2ª serie em 1954

3014 - " : Considerações historico-pedagogicas: em 1927

3015 - " : O Desejado: em 1924

3016 - " : Educação ~~cia~~ civica: em 1925 e 1954

3017 - " Ensaios: vol. I em 1922 e 1932; v. II, em 1929; v. III em 1932; vs IV em 1934; v. V em 936; v. VI em 948 e vol. VII em 1954

3018 - " : Em torno da designação de Monarquia agraria: em 1942

3019 - " : A função social dos estudantes: 1928

3020 - " : Historia de Portugal: em 1930

3021 - " : " " " : vol. I: em 1941

3022 - " : Perante a inexistencia de uma civilisação cristã: em 1958

3023- Sergio (Antonio): O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares: em 1925
3024- " : O Saudosismo: em 1926
3025- " : Tréplica a Malheiro Dias: em 1925
3026- Serrão (Joel): Cesario Verde: em 1957
3027- " : Em torno das condições economicas de 1641: em 1951
3028- " : Sampaio Bruno: em 1959
3029- Serrigny (Gen.al): Reflexion sur l'Art de la Guerre: em 1933 e 1938.
3030- Setta (Mario): Sombras de Garanina: em 929
3031- Severo (Ricardo): Origens da Nacionalidade Portuguesa: em 1928
3032- Sevigné (M.me de): Lettres choisies: em 1947
3033- Shakspeare: Coriolano: em 1926 e 1947.
3034- " : Hamlet: em 1899 e 1930
3035- " : Julio Cesar: em 189.. e 1932
3036- " : Macbeth: em 1899 e 1930
3037- " : Le marchand de Vénise: 1930 e 943
3038- " : Otelo: em 1900, 1930 e 1936
3039- " : O Rei Lear: em 1905
3040- " : Romeu e Julieta: em 1900 e 1930
3041- Shaw (Bernardo): O Altruista: em 1944
3042- " : Cesar et Cleopatra: em 1929 e 1947
3043- " : Sainte Joanne: em 1929
3044- Shelley: Les Cenci: em 19..
3045- Shonagon (Sei-): Les notes de l'oreiller: em 1931
3046- Sienkiewicz (Henrique): Bartek, o victorioso: em 1959
3047- " : O Diluvio: em 1902.

3048 - Sienkiewick (Henriq.): Hania: em 1904
3049 - " : Quod vadis?... em 1905 e 1913
3050 - " : Sem dogma: em 1904 e 1958
3051 - " : Vamos com ele!: em 1901.
3052 - Silbert (Albert): Chartisme et Septembrisme: em 1954.
3053 - Sillanpaä (F. E.): Silja: em 1943.
3054 - Silone (Ignacio): Le Pain et la vie: em 1940
3055 - Silva (Agostinho da): Miguel d'Eyquem, Senhor de Montaigne: em 1933
3056 - " : Stendhal: em 1933
3057 - " (Antonio Diniz da Cruz e): O Hissope: em 1918, pela 2ª vez
3058 - Silva (Ant.º José da): O Anfitreão: em 1928
3059 - " : Encantos de Medusa: em 1958.
3060 - " : Esopaida: em 1958
3061 - " : Guerra do Alecrim e da Manjerona: em 1905 e 1924.
3062 - " : O Labirinto de Creta: em 1958
3063 - " : Obras do Diabinho da mão furada: em 1959
3064 - " : Precipicios de Faetonte: em 1959
3065 - " : As variedades de Proteu: em 1959
3066 - " : Vida de D. Quijote de la Mancha: em 1904
3067 - " (Armando Antunes da): O amigo das tempestades: em 1958
3068 - Silva (Henriq. Correia da): Memorias da guerra no mar: em 1932
3069 - Silva (Inocencio Franc.º da): Memorias de José Agostinho de Macedo: em 1901.
- - Silva (Inoc.º Franc.º da): vide Braga (Teofilo)

3070 - Silva (João Augusto da): Africa. Da vida e do amor na selva: em 1948

3071 - Silva (B.e José Joaq.m da): Terra Lastimosa, 1ª. Parte: em 1926.

3072 - Silva (José M.a da Costa e): Emilia e Leonido: em 1898

3073 - " : O Espectro: em 1932

3074 - " : O Passeio: em 1928.

3075 - " (Luis A. Rebello da): Casa de Fantasmas: em 1908

3076 - " : Contos e Lendas: em 1933.

3077 - " : De noite todos os gatos são pardos, em 1919.

3078 - " : Lagrimas e Tesouros: em 1916

3079 - " : Manuel Maria Barbosa du Bocage: em 1898

3080 - " : A mocidade de D. João V: em 1946

3081 - " : Odio velho não cansa: 1898 e 905

3082 - " : Ráusso por Romisio: em 1920

3083 - " : Varões Ilustres das Tres epocas com Vitucionais: em 1939

3084 - " (Manuel): Deme a o seu primeiro Cristo: em 1920

3085 - Silva (Manuel Velho da): Gabriela: em 1812

3086 - Simões (Alberto da Veiga): Elegia da Lauda. Livro das Saudades: em 1932

3087 - " : A nova geração: em 1843

3088 - " (Augusto Filipe): A arquitectura religiosa em Coimbra durante a Idade-media: em 1920

3089 - Simões (João Gaspar): Amores infelizes: 1935

3090 - " : Antonio Nobre: em 1940

3091 - " : Eloi: em 1933

3092 - Simões (João Gaspar) : Garrett : em 1955.
3093 - " : O mistério da Poesia : em 1932
3094 - " : Novos Têmas : em 1939
3095 - " : Têmas : em 1929
3096 - Sinclair (Upton) : Petrolão : em 1948
3097 - Sincronismos do reinado de D. Maria II, por um perseguido : em 1853.
3098 - Soares (Aníbal) : Ambrósio das Mercês : em 1903 e em 1905.
3099 - Soares (Ant.º de Oliveira) : Paraíso Perdido : 1900
3100 - " (Ernesto) : Ilustração do Livro : em 956
3101 - " (Feliciano) : Uma Hora de Anto : 1956
3102 - " (Mário) : As ideias políticas e sociais de Teófilo Braga : em 1951
3103 - Soares (Raimundo) : A Ilha e a Solidão : 958
3104 - " (Rodrigo) : Para um novo humanismo : em 1949.
3105 - Soares (Forcalo de Sousa) : A servidão pessoal nos primeiros tempos da Reconquista : em 1955
3106 - Sofocles : Ajax : em 1924
3107 - " : Antígona : em 1924
3108 - " : Electra : em 1924
3109 - " : Oedipe roi : em 1926, 1939 e 1957.
3110 - " : Édipo em Colono : em 1957
3111 - Soledade (Fr. Vicente da) : Sermão em acção de graças... : em 1924.
3112 - Sombrio (Carlos) : Belzemonio : em 1942
3113 - " ! Torturadas : em 1945
3114 - Soral (Albert) : Bonaparte en Italie : em 933
3115 - Soriano (Simão José da Luz) : Revelações da minha vida : em 1950
3116 - " : Utopias desmascaradas : em 1955

3117- Soromenho {Fernando Mont.º de Castro}: Soldados de Angola : em 1946

3118- Sorofilia {Fernão Rodrigues}: Poesias e prosas inéditas : em 1937.

3119- Soto-Maior {D. Miguel}: A realeza de Dom Miguel : em 1950

3120- Soult {Mar.al}: Memorias {Recortes do Diario de Noticias} : em 1955.

3121- Sousa {Antonio de}: Caminhos : em 1933

3122- " {Eduardo de}: Após Monsanto : 951

3123- " : O Poeta do "Só" : em 1857.

3124- " {Fernando de}: Joana d'Arc e Nun'alvares : em 1957.

3125- Sousa {José de}: O Registo Civil : em 1898

3126- " {José M.ª Cardoso de}: Noticias do Passado : em 1942

3127- Sousa {Fr. Luis de}: Annaes de D. João III : em 1944

3128- " : Historia de S. Domingos : Liv.º I em 1931; o III em 1928; o IV em 929

3129- " : Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martires : em 1924

3130- " {M.el Bento de}: O Dr. Minerva : 1949

3131- " {Ant.º Teixeira de}: Para a Historia da Revolução : em 1912

3132- " : Responsabilidades Historicas. Politica contemporânea : em 1932

3133- Sousa {Tude de}: São Tude : em 1953

3134- Soeiro-Maior {Ant.º da Cunha}: Fisiologia do Saloio : em 1843

3135- Spiridovitch {Alex.e}: Les dernieres années de la cour de Tzarskoie-Selo : vol. I em 1958; o II em 1959.

22,12

3136 - Staël {Mme} : Corinne : em 1932
3137 - " " : Dix années d'exil : em 1956
3138 - Stanley {Henrique} : Terra de escravidão : 947
3139 - Stendhal : A abadessa de Castro : em 1919
3140 - " : Armance : 1949
3141 - " : La chartreuse de Parme : em 1931.
3142 - " : Le rouge et le noir : em 1937
3143 - " : La vie de Henri Brulard : em 931
3144 - Stepniak : A revolução nihilista na Rússia : em 1913
3145 - Sterne : Viagem sentimental : em 1904 e 1930
3146 - Strachey {Lytton} : Elisabeth et le comte de Essex : em 1937
3147 - " : La Reine Victoria : em 1958
3148 - Strindberg {Augusto} : Bohême suédoise : em 1937
3149 - " : La danse de la mort : em 938
3150 - " : A viagem de Pedro Affonso : em 1930

→ Mann

3151 - Sudermann {Hermann} : Le souhait : em 930
3152 - Sue {Eugenio} : Le commandeur de Malte : em 1955
3153 - " : Miss Mary ou a Perceptora : em 1947
3154 - " : Os mistérios de Paris : em 1944
3155 - " : A Salamandra : em 1951
3156 - Suetonio : Les douze Cesars : em 1930
3157 - Sun-Tzu : A arte da Guerra : em 1958
3158 - Sylvio {Francisco Maria} : A mocidade de Goethe : em 1953
3159 - Tacito : Anais : em 1951
3160 - " : Historias, ed. Garnier : em 1957
3161 - " : Moeurs des Germains : em 1932

3162 - Tagore (Rabindranath): A lua crescente em 1930

3163 - Taine (Hyppolite): Balzac. Essai: em 1932

3164 - " : Marc-Aurèle. Essai: em 1932.

3165 - " : Nouveaux essais de critique et d'histoire: em 1954

3166 - " : Les origines de la France Contemporaine, vol. IX: em 1932

3167 - " : Pages choisies: em 1932

3168 - Tasso (Torquato): Jerusalem Libertada: 1922

3169 - Taunay (Alfredo de E.): A retirada da Laguna: em 1926

3170 - Tavares (José Per.ª): «O crime do Padre Amaro» de Eça de Queiroz: em 1943

3171 - Tavares (Pedro): Margarida: em 1941.

3172 - Teixeira (Ant.º Pedro): A campanha do Mal Soult em Portugal: em 1932.

3173 - Tavora (Franklin): O Cabeleira: em 1904

3174 - " : Lourenço: em 1917.

3175 - " : O Matuto: em 1917.

3176 - Tchecoff. (Anton): O Duelo: em 1938

3177 - " : A sala n.º 6: em 1932

3178 - " : La Steppe: em 1929

3179 - Teixeira (Ant.º José): Antonio Homem e a Inquisição: em 1923

3180 - Teixeira (Fausto Guedes): Mocidade perdida: em 1930

3181 - " : Naufragos: em 1899

3182 - " : O quarto livro: em 1942

3183 - " (Franc.º Gomes): Historia das Mathematicas em Portugal: em 1938

3184 - ——— ——— : O poder e a belesa

das matemáticas : em 1940

3185 - Teles (Alberto) : Camilo Cast.º Branco na cadeia da Relação do Porto : em 1938.

3186 - Teles (Basílio) : A França e a Guerra de Setenta : em 1916.

3187 - " : Do Ultimatum ao 31 de Janeiro : em 1905 e 1956

3188 - " : A situação militar europeia : em 935.

3189 - " (Sebastião) : Introdução ao estudo dos conhecimentos militares : em 1934.

3190 - Teixeira (António) : Itinerario de — : em 1923

3191 - Teocrito : Idylles : em 1930

3192 - Terrail (Ponson du) : Os herdeiros falsos : 1953

3193 - " : O rei dos ciganos : em 1957.

3194 - Thackeray (Guilherme) : La foire aux vanités : em 1939

3195 - " : O Livro dos Snobs : em 1932

3196 - Tharaud (Jean & Jerôme) : L'an prochain à Jerusalem : em 1930

3197 - " : Dingley, l'illustre écrivain : 931

3198 - " : La Rose de Saron : em 1953

3199 - Theofrasto : Los caracteres : em 1946

3200 - Theroulde : La chanson de Roland : em 1930

3201 - Theuriet (André) : La chanoinesse : em 1951

3202 - " : Coeurs rustiques : em 1956

3203 - " : Reine des bois : em 1953

3204 - Tibulo : Elégies : em 1932

3205 - Thierry (Augustin) : Dix ans d'études historiques : em 1950

3206 - Tojal (Pedro de Azevedo) : O Foguetario : 1905

3207 - Tolstoï (Leão) : A'la Hussard ! : em 1930

3208 - " : Anna Karenine : em 1937.

3209 – Tolstói (Leão): Os cossacos: em 1935.
3210 – " : Dinheiro maldito; em 1898.
3211 – " : Guerra e Paz: em 1944
3212 – " : Maitre et serviteur: em 1902
3213 – " : Napoleon et la retraite de la Russie: em 1928
3214 – " : Pão para a boca: em 1901
3215 – " : Polikouchka: em 1931
3216 – " : Le Prince Nekliandov: em 1932
3217 – " : Prémiers pouvenirs: em 1925
3218 – " : A proxima revolução: em 1908
3219 – " : Le roman du mariage: em 1902, em 1924 e 1952
3220 – " : Sebastopol: em 1925
3221 – " : La sonate à Kreutzer: em 1923 e 756
3222 – Tomás (Pedro Fernandes): Canções populares da Beira: em 1921
3223 – " : O Conde Garani em Portugal: 1933
3224 – " : A Figueira e as Invasões Francesas: em 1936
3225 – Torga (Miguel): Bichos: em 1947
3226 – " : A creação do Mundo: em 1949
3227 – " : Diario: vols. I a III: em 1947; vs. IV em 1949; v. V em 1951; vs. VI em 953 e VII em 956
3228 – " : Lamentação, Pseuma: em 1953
3229 – " : Novos contos da montanha: em 1953
3230 – " : Odes: em 1957
3231 – " : Orfeu rebelde: em 1958
3232 – " : Pedras lavradas: em 1952
3233 – " : Portugal: em 1957
3234 – " : O Sr. Ventura: em 1944
3235 – " : A terceira voz: em 1943

3236 – Torga (Miguel): Traço de união: em 1955
3237 – " : Vindima: em 1945.
3238 – Torres (Alberto Pinheiro): Uma tragédia na Província: em 1919.
3239 – Torres (Abl.º da Costa): Camilo Cast.º Branco e as «Boticadas» do Eusébio Macário: em 1954
3240 – Torrezão (Guiomar): Diário duma cumplicada: em 1945
3241 – " : No teatro e na sala: em 1953
3242 – Tourgueneff: Devant la guillotine: em 1898
3243 – " : Les eaux printanières: em 1928
3244 – " : Roudine: em 1927
3245 – Trancoso (Gonçalo Peres): Histórias de proveito e exemplo: em 1923.
3246 – Trancoso (Miguel): Camilo e Castilho: em 933
3247 – Triolet (Elsa): Personne ne m'aime: 1950
3248 – Troyat (Henri): L'araigne: em 1939
3249 – Twain (Mark): Le Prince et le Pauvre: em 950
3250 – " : Uma viagem em roda-fronte: 1953
3251 – Unamuno (Miguel): La dignidad humana: em 1947
3252 – " : El espejo de la muerte: em 1930
3253 – " : Por tierras de Portugal y de España: em 1936
3254 – " : Recuerdos de niñez: em 1953
3255 – " : San Manuel Bueno, martir y tres historias más: em 1934
3256 – " : Soledad: em 1951
3257 – " : Visiones y comentarios: em 1955
3258 – Undset (Sigrid): Feliz idade: em 1942
3259 – Valdez (A. Palacio): Los Puritanos: em 1936
3260 – Vale (Alexandre de Lucena e): Beira Al-

ta. Terra e Gente: em 1958.

3261- Vale (João do): O meu livro do coração: 1925

3262- Vale-Inclan (D. Ramon do): Aquila de blason: em 1948

3263- " : Sonata do estio: em 1935.

3264- " : " de primavera: em 1930

3265- Valente (Manuel): A contra-revolução monarquica: em 1912

3266- Valera (Juan): Morsamor: em 1931.

3267- Valery (Paul): Discours de reception à l'Academie: em 1938

3268- " : Monsieur Teste: em 1929

3269- Vandervelle: Tres aspectos da revolução russa: em 1926

3270- Varela (Arlindo): Latino Coelho: Poeta e Amoroso: em 1952

3271- Varende (Jean de la): Les manants du Roi: 958

3272- Vasconcelos (Adriano Mendes Streecht de): Penafiel e Arrifana: em 1932

3273- Vasconcelos (Antão de): Memorias do Mata-Carochas: em 1954.

3274- Vasconcelos (Ant.º Aug.to Teixeira de): A Ermida de Castromino: em 1917

3275- " : A fundação da Monarquia: 1899

3276- " : O prato de arroz doce: em 1914

3277- Vasconcelos (Ant.º Garcia Ribeiro de): Braz Garcia de Mascarenhas: em 1926

3278- " : O Catolicismo durante o Seculo XIX: em 1914

3279- " : Estabelecim.to primitivo da Universidade de Coimbra: em 1914

3280- " : D. Jorge de Almeida: em 1917

3281 – Vasconcelos (Ant.º Garcia Rib.ro de): Inês de Castro: em 1928

3282 – " : Manuel Luis Coelho da Silva: em 1939.

3283 – " : O mistério da Imacul.da Conceição e a Universid.e: em 1926

3284 – " : Sé Velha de Coimbra: vol. I: 1932; o vol. II em 1938

3285 – Vasconcelos (Ant.º de Sena Faria de): Por terras d'Alem-mar: em 1922

3286 – Vasconcelos (D. Carolina Michaëlis de): Algumas palavras sobre os púcaros em Portugal: em 1922

3287 – ——— ——— : Notas vicentinas: em 1926

3288 – ——— ——— : A Saudade portug.a: em 1940

3289 – ——— ——— : Uriel da Costa: em 1927.

3290 – Vasconcelos (Joaq.m de): Albrecht Dürer: 1939

3291 – " (José Leite de): A Fixa: em 1926

3292 – " : Romanceiro Português: em 1927

3293 – " : Tradições Populares...: em 1923

3294 – Vaz (Angelo): Homens da Republica: em 1955

3295 – " (Fernando Henriques): A natalidade coimbrã de D. Afonso Henriques: em 1954

3296 – Vaz (João): Gaia. Romance, ed.ão de Teofilo Braga: em 19..

3297 – Vega (Garcilasso de la): Poesias: em 1928

3298 – Veiga (Adelino): A Lira do Trabalho: em 1917

3299 – " (Aug.to Alves da): Politica Nova: em 1946

3300 – " (Tomé Pinh.ro da): Fastigimia: em 1923

3301 – Veloso (José M.a de Queiroz): O Interregno dos Governadores e o reinado de Dom Antonio: em 1958

3302 – " : A politica castelhana da Rainha

Dona Catarina de Austria : em 1951

3303 - Veloso {J. M. de Queiroz} : D. Sebastião : 1937

3304 - " {Rodrigo} : Folhas ao vento : em 1953

3305 - Veneto {Nicolau} : O Livro de —— : em 19

3306 - Verde {Cesario} : O Livro de —— : em 1901 e 931.

3307 - Verhaeren {Emile} : La multiple splendeur : em 1931.

3308 - Verissimo {Erico} : Olhai os lirios do campo : em 1948.

3309 - Verissimo {José} : Homens e coisas estrangeiras : em 1929.

3310 - Verlaine {Paul} : Sagesse : em 1932

3311 - Verne {Jules} (1) : A carteira dum reporter : em 1905

3312 - " : Clovis Dardentor : em 1899

3313 - " : Em frente da Caudeira : em 1898

3314 - " : A esfinge dos gelos : em 1906

3315 - " : A Ilha da Helice : em 1899.

3316 - " : Os 500 milhões da Begum : em 1816

3317 - " : A ultima aventura extraordinaria : em 1958

3318 - Verney {Luis Ant.°} : Verdadeiro metodo de estudar : vols. I e II em 1950; o III em 1955; o IV e V em 1956

3320 - Verona {Guido de} : A vida começa amanhã : em 1929.

3321 - Vertot {L'abbé de} : Historia das revoluções de Portugal : em 1951

3322 - Vuillot {Louis} : La Guerre et l'homme de Guerre : em 1935.

---

(1) Os outros volumes de Julio Verne foram todos lidos antes de 1897.

3323 - Vaysse {Gabriel}: Au Maroc. Dans l'intimité du Sultan: em 1932

3324 - Viana {Ant.º}: Apontamentos para a História diplomática contemporanea: em 1948

3325 - Viana {B. J. da Cunha}: Meditações militares: em 1944.

3326 - Vicente {Gil}: Auto da Alma: em 1528 e 932

3327 - " : Auto da Cananeia: em 1938

3328 - " : " " Festa: em 1931

3329 - " : " " Hist.ª de Deus: em 1954

3330 - " : " " Lusitania: em 1926

3331 - " : " " Mofina Mendes: em 1909

3332 - " : " das Fadas: em 1923

3333 - " : " da Embarcação da Gloria: 1956

3334 - " : " Pastoril Castelhano: em 1909

3335 - " : " " Português: em 1909

3336 - " : " da Serra da Estrela: em 1916

3337 - " : Autos das Barcas: em 1909

3338 - " : Clerigo da Beira: em 1918 e 1942

3339 - " : Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra: em 1916

3340 - " : Cortes de Jupiter: em 1940

3341 - " : Exortação á Guerra: em 1940

3342 - " : A Farça dos Almocreves: em 1923 e 1949

3343 - " : " " do Velho da Horta: em 1929

3344 - " : " " de Inês Pereira: em 1910

3345 - " : " " dos Ciganos: em 1917

3346 - " : O Juiz da Beira: em 1942

3347 - " : Quem tem farelos?: em 1939

3348 - Vieira {Afonso Lopes}: Amadis de Gaula: 1923

3349 - " : Ar Livre: em 1906

3350 - " : Auto da Solidão: em 1899.

3351 - Vieira (Af.º Lopes): O caracter de Camões: 1940
3352 - " : O Encoberto: em 1941
3353 - " : Ilhas de Bruma: em 1946
3353 - " : Naufrago: em 1899.
3354 - " : Onde a terra se acaba e o mar começa: em 1940
3355 - " : A paixão de Pedro o Cru: em 1940
3356 - " : O Poeta Saudade: em 1803
3357 - " : Santo António: em 1943.
3358 - " (P.e António): Cartas, ed.ª de 1871: em 1923
3359 - " : Obras escolhidas, ed.ª Sá da Costa: vol. III em 1952; vol. IV em 1853.
3360 - " : Trechos selectos, ed.ão de 1899: em 1928
3361 - Vigny (Alfred de): Cinq-Mars: em 1956
3362 - " : Les destinées: em 1943
3363 - " : Poemes antiques et modernes: 1927
3364 - " : Servitude et grandeur militaires: 934
3365 - " : Stello: em 1950
3366 - Vila (Vargas): Libre estética: em 1933
3368 - " " : Ibis: em 1933
3369 - Vila-Franca (Conde de): D. João I e a Aliança Inglesa: em 1959
3370 - " : D. João II: em 1953
3368 - Vilela (Ant.º E. Lobo): A crise da Universidade: em 1933.
3369 - Vilhena (Henrique de): Do bem e do belo: 937
3372 - " : Novos ensaios: em 1944.
3374 - " (Julio de): D. Pedro V e o seu reinado: em 1952
3375 - Villada (Z. Garcia): Conceito, evolução e filosofia da História: em 1944
3376 - Virgilio: Les bucoliques: em 1926

3377 – Virgilio : As éclogas, trad.ção de Coelho de Carvalho : em 1954

3378 – " : Eneida, trad. de Felix Ber.me : em 1925

3379 – " : As Georgicas, trad. de Castilho : 1925.

3380 – Viterbo (Francº Marques de Sousa) : O mosteiro de S.ta Cruz de Coimbra : em 1922.

3381 – Vitorino (Antonio) : Gente de Vieira : em 1951

3382 – " (Pedro) : O Grito da Independencia : 1944

3383 – Voisin (Cor.el) : A Divisão no combate : em 1934.

3384 – Volney : Les ruines : em 1954.

3385 – Voltaire : Candido ou o optimismo : em 1898, em 1907 e 1928

3386 – " : Dialogues satiriques et philosophiques : em 1948

3387 – " : Les Lettres d'Amabad : em 1901

3388 – " : La Pleiriade : em 189.. e 1946

3389 – " : Hist.e de Charles XII : em 1945

3390 – " : Poéme sur le désastre de Lisbonne : em 1928.

3391 – " : La Pucelle de Orleans : em 1940

3392 – " : A Princeza de Babilonia : em 1899.

3393 – " : Le Siécle de Louis XIV : em 1935.

3394 – " : Traité sur la Tolérance : em 1927

3395 – " : Zadig : em 1903

3396 – Warthon (Edith) : Sous la neige : em 1931

3397 – Weill (George) : Histoire du mouvement social en France : em 1927

3398 – Weygand (Maxime) : Turenne : em 1940

3399 – " : Turenne, soldat chrétien : 1935

3400 – Wilde (Oscar) : De Profundis : em 1948

3401 – " " : Les origines de la Critique Historique : em 1944

3402 - Wilde (Oscar): Pensamentos e paradoxos: em 1926
3403 - " : Le portrait de Dorian Gray: em 927
3404 - " : Salomé: em 1931
3405 - Willy: Claudine em casada: em 1930
3406 - " : Claudine s'en vá: em 1930
3407 - " : Claudine à Paris: em 1930
3408 - " : Les égaremens de Minne: em 1930
3409 - " : Un petit vieux bien propre: em 1931.
3410 - Wolf (Vitoria): Jeune fille, où vas-tu?: 951
3411 - Xenofonte: Agesilau: em 1956
3412 - " : Ciropeddia: em 1935
3413 - " : Hieron: em 1956
3414 - " : Hiparco: em 1956
3415 - " : Memoraveis: em 1949
3416 - " : La retraite des dix mille: 1932
3417 - Zalera (Teja), mexicano: Vida de Morelos: 921
3418 - Zangwill (Israel): Le roi de schnorrers: em 1933.
3419 - Zimmerman (J. Gearpas): La Solitude: em 1948
3420 - Zola (Emile): A inundação: em 1899.
3421 - " : Germinal: em 1902
3422 - " : Thérèse Raquin: em 1903.
3423 - " : O regabofe: em 1905
3424 - " : La débacle: em 1907 e 1936
3425 - " : La faute de l'abbé Mouret: em 1915 e 1955
3426 - " : Le capitaine Burle: em 1917
3427 - " : A fortuna dos Rougons: em 1917
3428 - " : Jacques Damour: em 1917 e 1956
3429 - " : Naïs Micoulin: em 1917
3430 - " : L'assomoir: em 1930
3431 - " : Nanã: em 1930

3432 - Zola (Emile) : La bête humaine : en 1931
3433- " : Au Bonheur des Dames : en 1932
3434- " : L'oeuvre : en 1933
3435- " : Une page d'amour : en 1940
3436- " : La confession de Claude : en 1941
3437- " : Madelaine Ferat : en 1942
3438- " : Lourdes : en 1943
3439- " : Le rêve : en 1943 (2e édit)
3440- " : L'argent : en 1944
3441- " : La Terre : en 1944.
3442- " : Travail : en 1944
3443- " : Le Docteur Pascal : en 1946
3444- " : Rôme : en 1946
3445- " : Paris : en 1948.
3446- " : La joie de vivre : en 1949
3447- " : Fécondité : en 1950
3448- " : Pot-Bouille : en 1951
3449- " : Le ventre de Paris : en 1951
3450- " : Vérité : en 1952
3451- " : La conquête de Plassans : en 1953
3452- " : Son Excellence Eugène Rougon : en 1953
3453- " : Documents littéraires : en 1954
3454- " : La curée : en 1955
3455- " : Les romanciers naturalistes : en 1958
3456 - Zorrilla (José) : Composiciones varias : en 93[illegible]
3457 - Zweig (Estefanio) : Erasme : en 1943
3458- " : Moments décisifs de l'humanité : en 1936
3459- " : Vingt et quatre heures de la vie d'une femme : en 1936
3460- " : Amock : en 1937.

Suplemento:

3461 – Hallevy (L.): O Abade Constantino: 1927

– Costa (Ant.º Candido Ribeiro da) – Vide Candido

– Melo (Carlos de Faria e) – Vide Cadóro (Barão de)

3462 – Monteiro (Luis Coelho): Espelho do Céu: em 1933

– Pestana (Alice) – Vide Caïel

:: Aditamento ::

Suplemento

3451 – Hallerey (L.) – O Alcade Constantino – 1927

– Costa (Ant.º Cândido Pereira da) – V. de Cândido

– Melo (Carlos de Faria e) – V. de Cadéro (Barão de)

Adiamento

3452 – Monteiro (Luís Coelho) – Empalho do Caio em 1923

– Pestana (Alice) – V. de Caiel

: Apostila :

A pag.ª 234-236 deste volume refiro-me a uma rapariga de Valença do Minho chamada Adozinda do Amaral.

Nas conversas com o cor.el Alvaro Pacífico de Sousa e depois com o outro companheiro de Valença, cor.el também, José Ribeiro da Costa J.or ás 3.as feiras, no Café Paladium ao começo da Avenida da Liberd.e em Lisboa — era certo essa adorável rapariga surgir como têma obrigatório de mistura com a natural saudade desses tempos de rapaz.

Ora aconteceu que no jornal O Valenciano de que eu sou complacente assinante desde o primeiro numero, apareceu no seu n.º 164 de 16 de Fevereiro, numa secção chamada Do Pau da Bandeira (Portas do Meio) da autoria dum senhor que se esconde debaixo dum pseudonimo, uma referencia amavel á Adozinda que eu e o Costa J.or julgavámos já ter morrido. A referencia veio envolvida em censuras á Camara Municipal da vila por ter deixado a

Rua Direita em estado miseravel depois de umas obras que ou não acabaram ou deixaram imperfeitas.(1) O certo é que a notícia abrasou-nos, a mim principalmente.

Uma intensa onda de saudade apoderou-se do meu espirito durante dias; virei de recordações intensamente; escrevi ao Costa J.or e como daí a pouco fui a Lx.ª, no primeiro encontro no Paladium com os dois amigos, a tarde passou-se a fixar e repisar os felizes tempos de Valença. E disso nasceu a ideia de uma mensagem á boa Adozinda que eu redigi, que todos assináram e que seguiu d'ai a dias ao seu destino.

A mensagem, como nós lhe chamámos, dizia assim:

«Tres velhos a quem, por veres, os olhos ainda se marejam ao lembrar os bons dias passados ha mais de meio seculo em Valença do Minho e a boa convivencia com essa inolvidavel rapariga que se chamava (e ainda se chama, felizmente) Adozinda do Amaral, ficaram consternados ao terem

---

(1) Ver adeante, pag. 426.

no Valenciano a notícia das comunicações e ferimentos ocasionados pelas pedras com q. lhe nedáram a porta. — E aqui, em Lisboa, reunidos ocasionalmente em amigavel colóquio, lembraram-se de A saudar com sinceros votos por que os ferimentos fossem leves e igualmente com a afirmação, não menos sincera, de que não esqueceu a velha amizade que lhe então votávamos e q. hoje, tantos anos passados, se converteu em respeitosa e comovida consideração — Lisboa, 1 de Março de 1951 — (aa) Bebi —: Picanta — Alvaro Pacífico de Sousa — José Ribeiro da Costa J.or »

E a mensagem lá foi, pelo correio, para Valença do Minho. E eu comecei a arquitectar, romanticamente, um projecto bem romantico... Ela, com certeza, comover-se-ia com a nossa lembrança e quero crer que, se os outros dois nomes lhe tivessem escapado, o meu não o esqueceria e mandaria qualquer resposta. E essa resposta seria o começo de nova correspondencia e dessa correspondencia nasceria um encontro lá para o Norte, em Viana, em Ancora, em

Caminha, em qualquer linda terra minha lá. E então, nesse ambiente alternadamente festivo, passaríamos em memória, romanticamente platonicamente, os tempos que passaram e que, conforme a frase feita, não voltam.

Nas 3as feiras seguintes do mês de Março, no encontro com os meus amigos continuava-se a falar no episódio; o meu interesse por essa admirável rapariga que foi a Adozinda do Amaral levou o Costa Junior a duvidar das afregoadas relações platónicas havidas comigo; e como ainda possuo cópia da última carta que ela me escreveu em Outubro de 1908, mostrei-a e li-a, numa dessas tardes amenas de palestra.

E, já agora, e porque não? deixo aqui a cópia. Aqui fica e cada qual comente a seu belo prazer. A ortografia é a mesma.

«Tenho a agradecer-lhe imenso o favor que me fez de inutilizar as minhas cartas pois mais uma vez prova a amizade que tem por mim porque me fez o que eu lhe pedi. — Já quando o Snr. cá estava via que era realmente bastante meu amigo mas de dia para dia tenho visto que realmente tudo o que me dizia

era simplesmente a verdade. — Agora, visto casar-se a nossa correspondencia acaba mas desde já lhe digo que a minha amizade para com o Snr. Pimenta nunca acabará; só á eternidade eu saberei perguntar por o meu dedicado irmão d'algum dia. — Irmão? Mais ainda. Não sei mesmo o que lhe hei-de chamar. — O seu retrato está num quadro de setim bordado a seda mas está guardado para quando eu arranjar a minha casa; não fazer uma figura bonita os lindos olhos que fizeram com que as meninas de Valença ficassem loucamente apaixonadas. O que ha-de ser da nossa Antoninha? (1) agora morre com certeza, é impossivel resistir a um desgosto dessa ordem... — A mulatica da Adozinda é sempre a mesma coisa; só agora está mais seria, já me não apetece fazer tantas garotices como quando cá estava; bons tempos! Tudo acaba, assim como acaba o meu conselheiro; agora já não tenho quem me diga: Adozindinha, não faça isso porque lhe fica mal... — Bem, está terminada-se para não ser mais massadora e

---

(1) D. Antonia Zagalo, da familia dos Barões de Urgeira, provoação proxª de Valença.

e, ao mesmo tempo, desejo-lhe mil felicidades para o futuro e que sejam os mais felizes deste mundo. — Até um dia. — (a) Adozinda do Amaral.»

Com a leitura da carta o Costa Junior convenceu-se do que era verd.e o que eu dizia. E nas palestras das 3.as feiras, o assunto obrigatório, antes de descambarmos para os comentários sobre os sucessos da quadra, era a admiravel rapariga que causara [redacted] o preenchimento destas páginas comovidas.

Mas a resposta almejada não vinha. Não teria recebido a «mensagem» ou não gostaria da nossa lembrança?

O tempo passou. Eu voltei para Coimbra e há dias recebi do Costa Junior uma carta em que me diz que encontrando um valenciano conhecido e perguntando por pessoas de Valença de outros tempos, veiu a saber que a pobre Adozinda está sofrendo de doença mental e q. certamente a nossa «mensagem» seria lida por qualquer pessoa ou de família ou que lhe faça companhia.

Pobre rapariga! A vida não lhe correria bem; os trabalhos para angariar a subsistên-

cia; o abandono do homem que a seduziu; quem sabe as preocupações de consciencia...

Enfim... Mais um sonho desfeito.

Coimbra: 1 de Junho de 1861.

:2ª Apostila:

Afinal, a informação que deram ao coronel Costa J.or acerca da saude mental da boa Adozinda, era falsa. Houve, e felizm.te, qualquer confusão.

A velha Adozinda mantinha-se bem e sempre trabalhando.

Assim o verificou o Costa J.or quando, no verão de 1961 foi de passeio, com a familia ao Norte e, tencionando ir a Valença, escreveu, da sua casa de Paredes uma carta á boa companheira de outros tempos, solicitando-lhe um encontro na redacção de O Valenciano por ser terreno neutro — não fosse o Demonio inventar entrevistas amorosas.

O Costa J.or, porem, foi infeliz. Primeiramente o automovel em que ia teve, no caminho qualquer atrazo; depois, em Valença, com obras nas portas das murathas, teve de andar de umas para as outras até encontrar maneira de entrar; quando chegou á

redacção do jornal na rua de Apolinario da Fonseca, o administrador Luis Eugenio Moreira, disse-lhe que a velha modista esperára por ele até um quarto de hora antes; que tinha o compromisso dum enterro fóra da terra a que não queria faltar (o que era verdade) e quando viu que eram horas de partir pediu recomendações e desculpas ~~=~~ afirmando que lastimava m.to ter de se ir embora.

O Costa J.or ficou desolado mas, pedindo impressões acerca dela ao Moreira, este disse que não lhe notava decadencia, que mantinha ainda certa vivacid.e, que conversava bem e sempre com acerto — de modo que se concluiu que eram falsas as tais informações.

O amigo Costa J.or apressou-se a escrever-me e a contar o sucedido; eu fiquei tambem aborrecido por não saber noticias mais claras e concretas. Porem, o principal foi saber que a velha e boa Adozinda do Amaral estava boa, que mantinha certa animação na conversa e que o facto de ir para fóra da terra em caminheta, a um enterro de pessoa amiga, indicava que a saude

física era suficiente para os seus retentã
a muitos anos.

Fiquei logo projectando uma ida a Va
lença. Como?... Não sabia.

Mas cogitei muito acerca do projecto que
teria de ser um pouco clandestino, como de
quem ia ver, à escapa, a namorada. Queria
voltar a ver essa admiravel rapariga que
tanto me perturbou e que nunca esqueci
apesar das voltas do mundo.

Esperei o verão de 1962 p.ª arranjar o pre
texto para o salto ao Alto-Minho; o verão, po
rem complicou-se completamente e quando,
passado o periodo na Paz, regressei a Lisboa,
já desiludido da escapada romantica, chegou-
me um numero de O Valenciano com a no
vicia de que em 21 de Setembro morrera com
74 anos, D. Adozinda Amelia Gomes, modista,
muito respeitada e estimada na vila.

A boa Adozinda morrera!

Não sei se alguem que um dia leia es-
tas linhas acreditará que recebi um abalo
enorme. Durante bastante tempo não se
me apagou a lembrança dessa adoravel
creatura estendida num caixão. Na primeira
3ª-feira em que me encontrei no Palladium

com os dois amigos, demos largas ao desgosto comum. O Pacífico, mais sereno, não se manifestou muito; mas o Costa J.or mostrou bem que lhe fizera impressão o desenlace.

Mas dos três, quero crer que fui eu o que mais sentiu a notícia. Na verd.e acalentava a esperança de ainda ir ver essa excelente Adozinda que Vasto me perturbou o espírito e que me ficou na memória e nos olhos com o deslumbram.to dos seus olhos negros e vivos, a sua expressão garota sem maldade, o seu sorriso tão sincero que descobria um dente ligeiramente raiado de negro, a sua compleição Vura correcta que a distanciava das outras raparigas vulgares.

De onde lhe viria esse conjunto de qualidades? O pai era o guarda do cemitério local, pobre homem mais do que modesto; que antepassados teria ela que lhe transmitiram o aprumo, a gentileza, a graça e o domínio tão fidalgo dos seus gestos e das suas palavras?

Problemas da hereditariedade.

Adorável creatura que me encheu os sonhos de rapaz! Teria exercido acção forte, possivelmente decisiva, na minha vida se

eu, ao ir para Valença, estivesse meu compromisso de casamento e podesse escolher caminho.

Enfim, adiante.

Nas Terças-feiras seguintes, no Palladium, o têma da conversa, de começo, era ainda a excelente Adosinda.

Em uma dessas reuniões, o Costa J.or, mais expansivo do que o Pacífico, mostrou-me o original dum artigo que ia mandar para O Valenciano ácerca da nossa mensagem de Março do ano anterior, do projectado encontro na redacção do jornal e de algumas recordações da convivencia que tivera com ela durante a sua estada nas terras valencianas. De facto o artigo saiu no nº 206 de 1 de Dezembro.

Resolvi também fazer um artigo para dizer de minha justiça. Assim fiz. E o artigo saiu no nº 208 de 1 de Janeiro corrente do mesmo Valenciano [1]

Ainda li o original ao Costa J.or em Lisboa durante um encontro na Revista Mi-

---

[1] Junto um como o outro artigo ficaram colados na pasta dos recortes.

litar e notei que se comovera, impressão que me confirmou em carta recebida hoje ao referir-se ao ano de 1962 que findára: «...o "que lá vai (o ano) vendo-nos tocado aquela "que a sua fama sublime tão bem recordou, "que muito me sensibilizou e sensibilizou "o Pacífico. O seu desabafo deve ter sido rece "bido por Deus como oração pela polvere ado- "zinda e fundamento de perdão da sua fra- "queza...»

O Pacífico, escrevendo-me há pouco, diz-se: «li comovidamente o seu artigo [...] "e mais uma vez fiquei admirado não só- "mente o seu escrito mas também o grande "coração que através dele se revela.» E se- guem classificando-me de «grande sentí- "mental, puro romântico que se não aba- "rdou no contacto com a vida.»

O Pacífico de Sousa tem razão. Sou, na verd.e, um romântico impenitente, um sen- timental que não só me não abastardei co- mo também nunca fui capaz de me adap- tar, isto é, fui sempre um trouxa, um po- bre diabo que andou oitenta e tres anos (e continua, pelos vistos, a andar) aos encon- trões pelo mundo.

Enfim... Vamos lá fechar de ver estas
afrontas e pouca gente, muito pouca gente,
poderá compreender que as estou a fechar
com lagrimas nos olhos.

Pobre Adozinda!

Morreu, sem eu ter conseguido vê-la e
ver-lhe beijado, com ternura, a mão fina, de
certo já enrugada por meio seculo de tra-
balhos.

Coimbra

13 de Janeiro de 1963.

«Só o vôo ilimitado da Imaginação nos liberta.»

Fidelino de Figueiredo: A luta pela expressão, pag. 127.

Confiro... Vamos lá fechar de vez estão apostilas a pouca gente, muito pouca gente, poderá compreender que as estão a fechar com lagrimas nos olhos.

Pobre Adosinda!

Morreu, sem eu ter conseguido vê-la e ter-lhe beijado, com ternura a mão fina, de certo já enrugada por meio seculo de trabalho.

Cônsulera

13 de Janeiro de 1963.

Da pag. 4-5:

Transcrição

Transcrevemos do semanário monárquico-medieval que se publica em Lisboa, as seguintes palavras que servem de legenda a uma fotografia em que se vêem, ao lado do Papa, o sr. duque de Bragança e os filhos que, segundo nos conta a mesma legenda, foram recebidos pelo Pontífice, em audiência privada que durou vinte e cinco minutos:

«O Padre Santo que, como os nossos leitores (os deles, bem entendido) sabem é padrinho do Príncipe da Beira, recebeu o sr. D. Duarte com demonstrações de grande carinho e de altíssimo apreço e com o cerimonial devido à categoria do augusto visitante. No final da audiência, Sua Santidade disse que abrangia numa larga bênção todos os portugueses, particularmente o sr. Presidente do Conselho».

É claro que o mesmo semanário não explica quais foram as «demonstrações de grande carinho e de altíssimo apreço» com que Pio XII recebeu aquele seu visitante, nem tão pouco o cerimonial que no Vaticano é devido à categoria dum duque como é a pessoa em questão. Não explica nem interessa. O que não se percebe é o caso da bênção. No título que encima a tal fotografia, o citado semanário informa que foi dada ao nosso país, «uma bênção especial na pessoa» do aludido sr. duque. Compreenderíamos que esse gesto do Papa, dado na pessoa do sr. Presidente do Conselho, abrangesse os portugueses e — vá lá — particularmente o sr. D. Duarte de Bragança. A inversa é que se não compreende porque ele, que saibamos, não ocupa, na nossa terra, nenhum alto posto e muito menos qualquer lugar que fique acima do do Chefe do nosso Governo.

De República, de Lx.ª : 9-Jan.º-1956.

H – 52 .

Da Jorn.º 13-13.

DE COIMBRA

Uma data liberal

Comemorando a entrada das tropas liberais em Coimbra, num dia que foi considerado feriado concelhio — reuniram-se alguns democratas, num jantar de confraternização.

Poucos, em relação aos muitos existentes, porque o restaurante mais não podia comportar; mas os bastantes para significarem a vivência duma doutrina, que se reputa como a mais consentânea com os interesses e aspirações do Homem e da Nação e para evocar uma data que faz parte dos fastos citadinos.

Festa simples, sem espalhafatos, em que novos e velhos, em boa camaradagem, quiseram, com a sua presença, mostrar a sua fidelidade aos princípios basilares duma sociedade em Democracia, que são o respeito pela liberdade de pensar e a liberdade de poder transmitir aos outros o que cada um pensa.

Da República, de 10-Maio-1956.

Duas datas memoráveis

Comemorando o fim da segunda grande guerra mundial e a data da entrada das tropas liberais em Coimbra, reuniram-se num jantar de confraternização, no Restaurante Pinto d'Ouro, cerca de oitenta republicanos desta cidade e de outros pontos do país, que a esta celebração festiva se associaram.

Entre as figuras de maior destaque presentes, contavam-se os srs. Prof. Dr.

Joaquim de Carvalho, coronel Belizário Pimenta, prof. Viana de Lemos, drs. Raul Madeira, Egídio Namorado, Alberto Vilaça, D. João Pais e Estêvão de Oliveira; eng. Boaventura Tavares, etc.

No final, usaram da palavra os srs. Prof. Dr. Joaquim de Carvalho, que dissertou sobre o significado das lutas liberais e os seus reflexos na vida nacional; o sr. Silva Cerqueira, ao falar acerca do fecho da segunda grande guerra mundial, referiu-se à necessidade e aspiração dos povos de viver num mundo de paz; dr. João Ribeiro, que à volta dos problemas focados apontou a necessidade de todos aqueles que presam a paz do mundo e a sua liberdade de se reunirem anualmente, e apontou aquela sessão como exemplo a seguir, e, finalmente, o escritor Tomás da Fonseca, que proferiu várias considerações e associou-se aos votos de paz e liberdade ali formulados.

Por deliberação de todos os republicanos presentes, foi enviado um telegrama de apoio e saudação à comissão promotora da reunião que se vai efectuar em Aveiro no próximo dia 16 — data em que se comemora, naquela cidade, o aniversário da Revolução Liberal.

O Despertar, nº. 3943 de 16-Maio-1956.

— X —

De jorn. 14-15:

A assembleia geral da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra efectuada, anteontem, na sua nova sede na rua Eduardo Coelho, como noticiamos, constituiu uma eloquente e esperançosa afirmação da decidida vontade de lhe dar novo impulso um grupo de associados congregados

pelo sr. dr. Fernandes Martins e entre os quais se contam individualidades do maior prestigio.

Presidiu o sr. Conde de Fijô, secretariado pelos srs. José Carlos de Sá e Abílio Augusto dos Santos Junior.

Depois de aprovada a acta da assembleia anterior que marcou, como oportunamente referimos, o recomeço de actividades da Sociedade com a sua instalação em nova sede, o presidente da Direcção sr. Dr. Fernandes Martins leu o relatório da acção desenvolvida nos ultimos quatro meses, em trabalhos de reorganiação de serviços administrativos, de instalação e de preparação do plano de manifestações de actividade.

. . . . . .

CONSELHO CONSULTIVO — Coronel Belisário Pimenta; D. Miguel de Alarcão; Dr. Manuel Veiga; Dr. Octaviano Sá; Brigadeiro Dr. Luís José da Mota.

Agradecendo mais esta manifestação de confiança e de merecido apreço da assembleia, impõe-se que registemos que o sr. dr. Fernandes Martins aproveitou o ensejo para saudar, especialmente, entre os presentes, os srs. coronel Belisário Pimenta e Brigadeiro Dr. Luís José da Mota, agradecendo-lhes o valioso estimulo dado pela sua presença e colaboração activa.

O sr. Conde de Fijô associou-se em termos expressivos á saudação dirigida aos srs. coronel Belizário Pimenta e Brigadeiro Dr. Luís José da Mota.

Do Diario de Coimb.ª, n.º 8626 de 6 de Maio

(De pag. 18-19)

«UMA TIPOGRAFIA IGNORADA (EM MIRANDA DO CORVO: DE 1845 A 1867)», por Belisário Pimenta

O sr. coronel Belisário Pimenta, erudito investigador a quem não só interessam os assuntos da História militar, deu à estampa, no «Arquivo da Bibliografia Portuguesa», o seu trabalho «Uma Tipografia Ignorada (em Miranda do Corvo: de 1845 a 1867)», depois publicado em separata. Nesse trabalho, dá largas notícias da ignorada, ou esquecida, tipografia que Manuel Caetano da Silva fundou na sua terra, Miranda do Corvo, em 1845. Era uma modesta oficina tipográfica, com prelo de madeira, mandado fazer, segundo plano e direcção do fundador, ao carpinteiro local, Joaquim Rodrigues Bicho; mas para essa época era muito.

Sabido como foi lenta a penetração da arte tipográfica nas terras da província, depois de ter florescido em Leiria e Faro, graças aos judeus impressores e letrados, importa muito para a história da Tipografia em Portugal a larga notícia agora dada pelo autor, com elementos colhidos no meio familiar, sobre a fundação daquela oficina, obras que nela se imprimiram, continuidade que teve por parte do filho do fundador, etc. Tais trabalhos de investigação interessam grandemente aos historiadores, que, ao organizarem as obras de conjunto, aproveitam a lição dos investigadores, sobretudo quando estes são da probidade e competência do sr. coronel Belisário Pimenta.

Da pag. literaria de O Primeiro de Janeiro, de 11 de Julho de 1956.

— x —

(De pag. 48)

D. Ema Pires de Almeida Monteiro

Profundo golpe acaba de atingir o nosso querido amigo e ilustre democrata, sr. coronel Pires Monteiro, antigo ministro da Republica, com o falecimento de sua esposa, sr.ª D. Ema Pires de Almeida Monteiro. Sentidamente nos associamos á sua dor.

A distinta senhora era filha de um antigo oficial da Armada. Guilherme Joaquim, e deixa dois filhos.

O funeral realizou-se, esta manhã, para o cemitério dos Prazeres e constituiu uma expressiva manifestação de pesar, prova do apreço em que era tida a virtuosa senhora.

«Republica» apresenta sentidos pêsames á família enlutada e, em especial, ao sr. coronel Pires Monteiro, nosso amigo de sempre e ilustre colaborador da «Republica».

Ema Sofia de Almeida Pires Monteiro

Faleceu

Henrique Pires Monteiro e sua Família cumprem o doloroso dever de participar às pessoas de amizade o falecimento da sua muito estimada e querida Mulher, Mãe, Sogra, Avó, Irmã, Cunhada, Tia e Prima; no passado Domingo, 9 do corrente, na sua residência Avenida Almirante Reis, 129, 4. -D., tendo-se realizado o funeral no dia imediato para jazigo de família no Cemitério Ocidental.

Por vontade formal da saudosa Senhora, só agora se faz esta comunicação, agradecendo-se enternecidamente àqueles que conhecendo o infausto acontecimento logo exprimiram as suas sentidas condolências.

(De pag. 53-54)

CURIOSIDADES

que os números revelam

Segundo iemos nos «Anais» do Município de Lisboa, referentes ao ano de 1955 existiam na capital, naquele ano, 9.148 barracas de construção clandestina, sendo 7.323 destinadas a habitação e 1.825 a arrecadação e outros fins. Destas barracas clandestinas, 7.954 delas eram de construção anterior a 1943 e 1.194 posterior a esta data.

Outros elementos interessantes neste capítulo de construções clandestinas destinadas a habitação: existem na capital 48 locais com mais de 12 barracas cada; só 2.119 chefes de família que habitam essas barracas é que são naturais de Lisboa, enquanto os restantes 5.024 são naturais das províncias; nos últimos 5 anos foram demolidas 7.367 barracas, além de algumas centenas que, por serem de alvenaria, a sua demolição foi adiada.

Uma pergunta que a ninguém pode ofender: quando será que todos estes chefes de família e muitos outros que vivem na mais completa promiscuidade em quartos de aluguer, como sardinha em canastra, alcançarão a suprema ventura de disporem de uma casa pequenina e higiénica? Parece-nos que, salvo opinião em contrário, deveria ser um assunto a resolver ràpidamente. Termos largas, amplas e vistosas ruas e avenidas e sabermos que a dois passos delas vivem seres humanos em condições deploráveis em cerca de 10.000 barracas e que em outros prédios se acumulam outros milhares de seres em quartos, na maior parte das vezes infectos, tudo parece aconselhar que a habitação deveria anteceder as ruas e as avenidas.

Convite

A Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra tem a honra de convidar V. Ex.ª e sua Ex.ma Família a assistir a uma conferência que, sob o título O MUSEU MACHADO DE CASTRO E O PATRIMÓNIO ARTÍSTICO DA NAÇÃO, o Ex.mo Senhor Professor Luís Reis Santos proferirá numa dependência deste Museu, de que é ilustre Director, no próximo dia 3 de Fevereiro, Domingo, pelas 15 horas, o que penhoradamente agradece.

Coimbra, 30 de Janeiro de 1957.

A DIRECÇÃO

416

(De pag. 58)

417.

(De pag.ª 80)

, na travessa das Acácias, há uns dez
s, na ocasião em que a polícia foi lá
ar o seu varejo»... Recordo-me de que
ivemos ali juntos a beber...
) recém-chegado — os nossos leitores
certo o reconheceram já — era o nosso
tigo conhecido «João-Quinta-feira», que
abava de cumprir a pena de oito dias
prisão isolada, que lhe fora imposta
r causa do espancamento feito na res-
itável pessoa do «Trinca-fios».
— Sou efectivamente eu, e também o re-
nheci logo que entrou... — respondeu
né.
— Ora pois, toque! — tornou o bandido
endendo a mão a René. Creia que esti-
muito vê-lo...
— Também eu sinto prazer por o ver,
s antes quereria que fosse em qualquer
tra parte...
— Que havemos de nós fazer?... Preci-
mos olhar para as coisas da vida com
osofia... Eu cá sou um pouco filósofo...
— Isso é bom, é... — replicou o constru-
r de máquinas. Mas recordo-me de que

— Agora me lembro: o senhor, antes de ser preso, andava também procurando uma mulher... Encontrou-a por fim?

— Encontrei, sim, mas de nada me serviu isso... Foi justamente no momento, em que acabava de me aproximar dela, que fui preso...

— Ora! Ora! Que triste acaso!

— Mal havia tido tempo para lhe confiar o que tinha para dizer-lhe... A verdade porém é que ela nada pode fazer sem mim, tratando-se aliás de um negócio de grandíssimo interesse para ela.

— Que importa? Poderá ir encontrá-la de novo, quando o soltarem...

— Quem sabe? — murmurou René Moulin com voz surda. Quem sabe se nessa ocasião já ela terá morrido?... Receio que ela morra de aflição... De desalento... E mesmo pelo facto de me achar eu ausente, e não poder por isso entregar-lhe um objecto, que para ela constitui a maior e a mais apreciável de todas as fortunas...

(Continua)

CAUSA MONÁRQUICA
LISBOA • PRAÇA LUIZ DE CAMÕES, 46-2.º • TEL. 22746

Uma deselegância

Da República, de Lisboa, de 8 de Julho de 1957.

H-53

412

(de pag. 80)

CORREIO de ONTEM

Justiça

Dois trechos notáveis do discurso pronunciado ontem no Congresso do Brasil pelo sr. Presidente da Republica, general Craveiro Lopes:

... Conheço a responsabilidade que, neste momento, pesa sobre mim. Há trinta e cinco anos outro Chefe de Estado Português soube encontrar, aqui mesmo, as expressões próprias para vos comunicar, fiel e irresistivelmente,, a vibração do sentir português. Se as minhas palavras não podem subir até á majestosa eloquência de António José de Almeida, e a minha mensagem traduza imperfeitamente o sentimento do meu coração atentai, em que é por vezes a própria intensidade delas que tolhe e paralisa a sua transmutação em corpo.,

... ...

... Em 1922, um Chefe do Estado Português abriu-vos a sua alma boa e agradecida. Ele vos mostrou, nesta mesma sala, o seu coração português, latejante de gratidão, fremente de amizade. Como elas frutificaram, essas palavras inspiradas e ardentes do dr. António José de Almeida!

Vale a pena olhar para trás, só para ver o caminho que os dois países desde então andaram, não apenas por estradas paralelas, mas por largas avenidas convergentes, que acabaram por juntar-se nessa confluência incomparável e unica que é o Tratado de Amizade e Consulta.

Deste lugar prestamos homenagem ao espirito de justiça manifestado pelo Chefe do Estado.

Da Republica, de Lx.ª, de 9 de Junho de 1957.

S. R.

N.º 2.929

Secção

MINISTÉRIO DO INTERIOR

COMANDO DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE COIMBRA

COIMBRA, 18 de Dezembro de 1957.

Ex.mo Senhor Coronel Belizario Pimenta

COIMBRA

Tenciona o Comando da P.S.P. de Coimbra, organizar uma galeria com as fotografias dos antigos Comandantes e Comissarios desta Policia.

E como V.Exª ocupou o cargo de Comissario, muito grato ficava a V.Exª se se dignava emprestar-me uma fotografia sua, que, depois de reprodusida e devidamente ampliada devolveria a V.Exª.

Conviria que a fotografia fosse da epoca em que V.Exª dão distintamente desempenhou as funções em causa e, sendo possivel, indicar-me a data, visto neste Comando não existirem elementos para isso.

Com os meus melhores cumprimentos e antecipados agradecimentos.

A Bem da Nação

O Comandante,

Américo Osório e Cruz
Major

Pede-se o favor de indicar na resposta além do número a secção.

Min.: FB

Dact.:

Data: .....

Mil.: 87

Pede-se o favor de indicar na resposta o ofício a cuja ordem ou pedido se responde.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

S. R.

Secção .....

N.º 5.ª/856

COMANDO DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE COIMBRA

COIMBRA, 18 de Dezembro de 1957

Ex.mo Senhor Coronel Director Primeiro

COIMBRA

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que, por ordem superior, foi hoje nomeado Comandante e Comissário desta Polícia o Capitão de Infantaria, do Quadro Auxiliar de Oficiais de Polícia, Manuel Rodrigues Coelho.

Como V. Ex.ª sabe, o referido Capitão vai substituir o Comandante e Comissário desta Polícia, Major de Infantaria, do Quadro Auxiliar de Oficiais de Polícia, Manuel Rodrigues Coelho, que se encontra doente e vai ser submetido a uma intervenção cirúrgica.

Aproveito a ocasião para apresentar a V. Ex.ª os meus cumprimentos e consideração.

O Comandante,

Semana dos Seminários

«Nada há mais agradável a Deus, mais honroso para a IGREJA e de mais proveito para as almas que um

Sacerdote Santo»

PIO XI

24 de Novembro a 1 de Dezembro

Gráfica de Coimbra — 7-11-1957 — 2.500 — 1905

419

(De pag. 98)

(de pag. 98)

A NOVA IGREJA DE S. JOSÉ DE COIMBRA

Acorda, se estás dormindo,
Vem à janela e verás:
Olha que templo tão lindo
Pedra a pedra vai subindo
Pelas mãos de quem o faz.

Benditos quantos vieram
Tão bela obra ajudar.
Ei-la subindo no ar!
Aqueles que ainda não deram,
Desta vez é que vão dar.

N. P.

(De pag.ª 129.)

PALAVRAS PROFERIDAS pelo POETA MIGUEL TORGA JUNTO DA SEPULTURA do POETA AFONSO DUARTE

AFONSO DUARTE:

Aqui tens à beira da sepultura alguns dos teus amigos e admiradores a dizerem-te o último adeus. Não podes ver nem ouvir uns e outros, porque a morte, embora purifique os sentimentos e as devoções dos que ficam, não consente que a sua humana expressão perturbe a serenidade dos que partem. Por isso, não são verdadeiramente para ti as lágrimas dos que choram, nem os louvores dos que te louvam. O pranto é o extravasamento piedoso que a dor concede aos penitentes da saudade dum afecto a menos na vida; os aplausos, a terrena e precária maneira de se preencher o vazio de uma voz a menos no mundo. Sim, restam-nos a recordação do que foste e o respeito pelos versos que escreveste. E dela e dele tiraremos o lenitivo possível. Mas tinhamo-nos acostumado à eternidade da tua presença.

«Eu posso lá morrer, terra florida!»

Desde esse grito de luz, ninguém mais acreditou nesta hora de negrura. E, afinal, ei-la diante de nós, apesar do poema e da primavera que rodeia de esperança temporã a tua filha entristecida. Pagaste, e nós devemos ainda. É com esta amarga consciência de mortais que teremos de amparar a desilusão e continuar a caminhada.

Até qualquer dia, Poeta.

422

(De pag. 175)

OS MORTOS

Tenente António Agostinho

Lá se encontra na sua terra natal, o tenente António Agostinho, cuja simplicidade de viver não podia encontrar, na morte, melhor ambiente de modéstia quo o do humíiimo cemitério da sua Amobra, do concelho de Conde xa-a--Nova.

Democrata da mais séria e constante emoção pela sua doutrina, livre-pensador que sabia quanto respeito devia a si mesmo e à mentaltdade alheia tais virtudes não podiam deixar de nos oferecer um cidadão cheio de nobilitan-

ambiente de modéstia que o do humílimo cemitério da sua Anobra, do concelho de Condeixa-a--Nova.

Democrata da mais séria e constante emoção pela sua doutrina, livre-pensador que sabia quanto respeito devia a si mesmo e á mentalidade alheia, tais virtudes não podiam deixar de nos oferecer um cidadão cheio de nobilitantes qualidades únicas e um homem de coração que parecia ter o pudor da sensibilidade. O ser austero, nele, era uma maneira de esconder, embora em vão, uma alma condoída como bem o demonstra-

ram o pranto e as lágrimas silenciosas da gente de Anobra — de saudade e de homenagem por tão apreciável homem de bem.

Sofreu muito nos últimos meses da sua existência; muito. Mas, carácter firme e convicções alicerçadas em seriedade, a morte tornou-o tal qual ele tinha sido na plenitude da sua vida — um tenente Agostinho cheio de dignidade e aprumo.

Se o homem foi um carácter, se o cidadão foi exemplar, por que não havia de ser brioso o oficial do exército? E foi-o, na verdade, por imposição do seu civismo e da sua formação moral e política.

Bateu-se pela República em diversas emergências, foi algumas vezes louvado (e não quis dar a tão enaltecedoras manifestações de apreço qualquer publicidade mesmo junto dos amigos mais chegados), serviu durante alguns anos no então chamado Ministério da Guerra e aos deveres da sua profissão aliou sempre a preocupação de bem servi-la.

*

Pessoa justamente considerada, o seu funeral atravessou a Anobra em constantes manifestações de pesar. Muita gente; representações de Coimbra, Aveiro, Condeixa-a--Nova e outras povoações circunvizinhas. Todos quiseram prestar á memória do tenente António Agostinho as homenagens de que era merecedor tão estimado e respeitável cidadão.

«República» que tinha no tenente António Agostinho um grande amigo, apresenta a sua família as suas centidas condolências.

Da República, de Lx.ª = de 16 de Agosto de 1958.

1.ª Zona

Rua de S. Bento

Travessa de Santa Quitéria

Rua de Santo Amaro

Travessa de S. Plácido

Travessa de Santo Ildefonso

Rua de S. Bernardo

Rua Anastácio Rosa

Avenida Álvares Cabral

COMUNHÃO PASCAL

DOMINGO, 2 DE MARÇO DE 1958

às 12 horas

PREPARAÇÃO

Dias 28 e 1 às 19 horas

CONFISSÕES

Dias 28 e 1 às 16 horas

3.000 ex. - Tip. Ibérica - 15-2-58

PARÓQUIA DE SANTA ISABEL

É OBRIGAÇÃO DE TODO O FIEL CONFESSAR-SE AO MENOS UMA VEZ NO ANO E COMUNGAR PELO MENOS NA PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO.

Concilios — IV Latrão — Trento

Realizando o desejo de Jesus — Pai, que todos sejam UM — **iremos, cumprindo a Sua Vontade e Vontade da Igreja Nossa Mãe, fazer a NOSSA COMUNHÃO PASCAL de 1956.**

E lá estaremos todos presentes, por Famílias, a receber CRISTO, para que com Ele por Ele e n'Ele, fortalecidos por Deus, Deus seja mais perfeitamente louvado.

E todas e cada uma das nossas Famílias, base da Sociedade humana e cristã, unidas no grande elo do Amor Cristão, na sua totalidade ou pelo menos em alguns membros na impossibilidade de comparência dos restantes, testemunharão a Deus a vontade decidida de O seguir e inteiramente com Ele.

EU SOU O PÃO DA VIDA

SE NÃO COMERDES A CARNE DO FILHO DO HOMEM E NÃO BEBERDES O SEU SANGUE NÃO TEREIS A VIDA EM VÓS.

S. João

422

OS

Ten

Lá s
tal, o
cuja si
dia en
ambien
déstia
humíiin
rio da
bra, do
de Co
-Nova.

Demo
mais sé
tante e
la sua
livre-
que sal
respeito
si me
menta
alheia
des nã
deixar
recer u
ambier
humíli
bra, d
-Nova.

Dem
tante
vre-pe
respeit
menta
não p
cer un
tes qu
de co
dor da
ro, ne
conder
condoí

Da República, de 2x. = de 10 de agosto de 1934.

De pag. 182:

Foi distribuida á Imprensa a seguinte nota oficiosa:

O Governo foi informado da diligência feita junto do sr. Aneurin Bevan para que viesse a Portugal, com o fim de fazer conferências nas cidades de Lisboa e Porto. Entendeu-se que se devia levar ao conhecimento do referido membro do partido da oposição parlamentar britânica o modo de ver do Governo português acerca do real significado do convite. Na verdade, a posição dos promotores do convite, a expressão política da pessoa convidada, o programa que se anuncia, a flagrante desproporção entre a lotação das casas de espectáculos escolhidas e o diminuto número de pessoas capazes de entender o orador na sua própria língua(apenas podem revelar o prossegrimento do processo de agitação em que se tem pretendido manter o País para além das eleições presidenciais.

Por maior que seja a consideração que mereça a pessoa do sr. Bevan, a intromissão de estrangeiros nos assuntos e na marcha da política interna portuguesa é por nós considerada inadmissível, pelo que a visita e conferências do sr. Bevan não foram autorizadas.

424

Ad pag. 225.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

Tenho a honra de convidar V. Ex.ª e sua Ex.ma Família a assistir à inauguração da Sala Ferreira Lima, *que se realizará no próximo sábado, dia 9 de Maio, pelas 12 horas, na Faculdade de Letras, sob a presidência de S. Ex.ª o Senhor Reitor da Universidade. Ao acto inaugural digna-se assistir S. Ex.ª o Ministro da Educação Nacional.*

Coimbra, 4 de Maio de 1959

O Director do Instituto de Estudos Portugueses,
Dr. Álvaro J. da Costa Pimpão

O Director da Faculdade de Letras,
Dr. João da Providência Sousa Costa

Do frag. 236-37.

O Senhor Presidente Américo Tomás visitou o Santuário de Fátima

O Presidente Américo Tomás e sua esposa visitaram o Santuário de Fátima, onde o Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, apresentou cumprimentos ao Chefe de Estado.

O Presidente da República e esposa acompanhados do pessoal da sua Casa Civil e Militar, estiveram na capela das Aparições, onde oraram diante da imagem de Nossa Senhora. Depois, visitaram a basílica, e acompanhados do prelado e das outras entidades, dirigiram-se em seguida para o hospital de Nossa Senhora das Dores. (ANI)

De O Povo de Louzã, nº 1259 de 8 de Agosto de 1959.

De Páginas 408-B.

O que sei é que certa maldosa crítica já inventou que alguns logistas da rua Direita, com tanta terra arável em frente das portas e pedras a circundá-la, já se sentiram no direito de mandar vir sementes de couve, cebolo e *prantão* de vinha para lá pôrem seus alfobres, (*vulgo alcouves*), a levar depois para as hortas do intra e extra-muros.

Perdão! Ainda sei mais. A Adozinda, rapariga do meu tempo, (e bem bonita que era), — tem-se consumido e ferido em andanças e equilibrios sobre as lages que lhe vedam a porta, sendo certo que a vida trabalhosa, que honestamente vive, lhe impõe impiedosamente a necessidade de entrar e sair por essa porta.

Porta... porta.. porta; mas quem se importa?!

×

O Valenciano, de Valença do Minho, nº 164 de 16 de Fevereiro de 1961.

Indices:

I – Anos

II – Nomes proprios

III – Varia

O Valeriano, de Valença do Minho, nº 169 de 15 de Fevereiro de 1961.

I

Anos:

1956:	- - - - -	1 — 56
1957:	- - - - -	57 - 102
1958:	- - - - -	103 - 189
1959:	- - - - -	191 - 250

II

Nomes proprios:

Agostinho {Tente Antonio}: 175-178 e 422.
Almeára {Joaquim de}: 121, 135-139.
Almeida {Dr. Ant.º José de}: 224
" {Dr. José Maria de}: 153
" {Dr. Manuel Lopes de}: 53, 107-108, 130-131
" {Major Pedro de}: 156
" {Prof.or Raul Agostinho de}: 81
" {Dr. Vieira de Almeida}: 51-52 e 69-70
Almoster {2º Conde de}: 94
Alves {P.e Franc.º Manuel}: 101-102
Amaral {Adozinda do}: 234-236, 408-A.
Amorim {Dr. Pacheco do}: 184.
Araujo {Dr. Rodrigo de Sousa}: 152
Arnaut {Dr. João Maria}: 152
Azevedo {D. João de}: 142
Bacal {Alvade do}: ver Alves {Franc.º M.el}
Bacalhau {Dr. José}: 127
Bach {João Sebastião}: 39
Baptista {Daniel}: 152
" {Cor.el de Lanceiros F. ...}: 84-86
Barata {Prof.or Francisco Aug.to Correia}: 67
Barreiros {Artur Vaz}: 104-107
Barros {Dr. João de}: 121
Batalhão {Dr. Carlos}: 231-232

Bairão {Mario} : Poeta : 121.
Bernardino {Guilherme} : 100
Bevan {Aneurin} : 181-182
Bleck {Carlos Eduardo} : 94
Braga {Artur Leite} : 203.
" {Manuel} : 92.
" {Dr. Luis de Almeida} : 51, 52
" {Dr. Mario} : 207-208
Braudão {D. Ligia} : 99-100
" {Dr. Mario} : 99-100
Brasil {Jaime} : 6-7 e 18-19.
Cabanas {Mel dos Santos} : 35-37.
Cabeçadas {José Mendes} : 159
Caetano {Marcelo} : 14.
Camilo : 5 e 91
Camões {D. Dionisia} : 150
" {Luis de} : 93.
Cardoso {Dr. José Mª} : 209-212.
Carvalho {Alves de), Pintor : 81-82
" {Dr. Joaquim de} : 8-12, 49-53, 69-71, 74, 108-111, 178-179, 185 e 192-205
" {Joaq.m José Coelho de} : 67
" {Dr. Joaq.m Martins Beixª de} : 195
" {" " Montezuma de} : 203.
" {D. Mª Amalia Vaz de} : 67
" {Tavares de} : 35
Carmona {Augusto} : 51, 69-70, 120 e 192
Castro {Ferreira de} : 51, 69-70
" {Mario de} : 17-18
Cerejeira {Cardeal} : 19-20, 146, 148, 149, 193 e 223
Cerqueira {Dr. Manuel} : 22, 69-70
" {Silas} : 21-23, 49-52 e 68-74

Cidade (Hermani): 173.
Clausewitz: 248
Coelho (José Mª Latino): 67
" (Posidonio Laranjo): 184-185
Correia (Ant.º Maria): 41-42
" (Estevão): 121-122
" (Dr. Maximino): 219-220 e 221-222
" (Dr. Virgilio): 120, 122.
Contesão (Dr. Jaime): 121 e 224.
Costa (Fernando dos Santos): 32-33.
" (Gomes da), Gen.al: 160-161
" (Dr. Ferreira da), medico: 12
" (Dr. João Sá da): 92
" (D. Prudencia Tavares da): ver Silva.
" (Tavares da), negociante: 145
Coty (René), Presid.te: 164.
Couceiro (Henrique de Paiva): 143.
Cruz (Americo Osorio), major: 96
" (Cristiano): 121
" (Dr. Teo): 39.
" (Pedro de Azevedo), major: 156
Dáeun (D. José Saldanha de Oliv.ª): V. Saldanha
De Gaulle (Gen.al): 164.
Delgado (Humberto): 134 e 166-171.
Dias (Correia), caricaturista: 121.
" (Dr. Jaime Lopes): 223-224.
" (Dr. João Pereira): 101-102
Duarte (Afonso): 16-18, 77-79, 116-130, 137-138 e 185.
" (D.) Nuno: 4-5 e 80
Espirito-Santo (Banqueiro): 53
Etiopia (Imperador da), Hailé: 232-233
Falcão (Dr. Franc.º Fernandes da Rosa): 161

Ferreira {Dr. Ant.º Aurelio da Costa}: 152
" {Henrique da Costa}: 73
Figueiredo {Dr. Rui de}: 72
Filipe {Guilherme}: Pintor: 18
" {Luis}: ver Rodrigues
Fijó {Conde de}: José Falcão de Castro Corte-Real: 14-15.
Foch {Marechal Ferdinando}: 247 e 248
Fonseca {Dr. Angelo da}: 146-147.
" {Julio Vieira de Figueiredo}: 11, 103-104, 117.
" {Nicolau da}: 91
" {Tomás da}: 11-13, 198-199.
Formigão {Padre}, Prof.or de Latim em Santarem: 30-32
França {Salvador Pinto da}: 229-230
Freire {Paulo}: 43-44.
Galvão {Duarte}: 198-199.
Garrett {Almeida}: 221-222
Garrido {Pompeu de Mairelles}: 157.
Godinho {Vitorino Henriques}: 162
Gonçalves {Ant.º Augusto}: 57-59, 91-92 e 147-148
" {P.e Ant.º Nogueira}: 15-16, 52-53 e 81.
" {Dr. Franc.º Pelido}: 26-32 e 38
" {Horacio de Assis}: 157-158
Gordo {Severino Joaq.m}: 156-157
Grauço {Dr. Antonio}: 150 e 212
Guimarães {Vitorino M. de Carvalho}: 90
Henriques {Flaro}: 215
Herculano {Alex.}: 249.
Jungueiro {Guerra}: 67
La Prade, escultor, sec. XVII-XVIII: 81-82
Laranjeira {Manuel}: 121.

Leal {Franc.º da Cunha}: 133-135.
Leitão {Dr. Herminio}: 153
Lemos {Alvaro Viana de}: 65-66, 123, 124 e 127.
Lima {Ana Mª de Sousa}: 1-4, 20 e 242
" {Luis Vaz de Sousa}: 3, 60-61 e 243
" {Henrique Ferreira}: 7-8, 104-107 e 220-222
" {João Evangelista de Campos}: 25
" { " de Sabre e Lima}: 121.
" {Mª Helena S. de Sousa}: 3, 7-8.
" {Maria Lina Ferreira de}: 104-107.
" {Silvio}: 217-218.
Lobo {Dr. Alberto Nogueira}: 205.
" {Dr. Franc.º Miranda da Costa}: 182
Loiola {Inácio de}: 20-21.
Lopes {Dr. Fernando}: 89.
" {Franc.º M. Teixeira}: 33, 36-37, 80, 229-30
" {Dr. Frederico}: 42
" {Cap.ão João), Mafra: 38-39.
" {Joviano}: 60-61.
" {Oscar}: 69.
Loureiro {Dr. Fernando Pinto}: 13-14.
Losa {Elisa}: 69
Lucena {Valentina de}: ver: Carvalho {D. Maria Amalia Vaz de)
Macedo {José Agostinho de}: 91
Machado {Gen.al José de Simas}: 212.
Magalhães {José Maria de}: 44-46
" {Luis de}: 5
Maia {Carlos da}: 150
Mauso {Joaquim}: 121
Marques {Antero Leal}: 155 e 156
Martins {Dr. Alfredo Fig.}, Bai: 35, 59, 79, 223-224

Martins (F. ...) Pastor baptista : 69
Mascarenhas (José Esteves da Conceição) : 159
Massa (Manuel Eugenio) : 121.
Matos (Gastão de Melo de) : 81-82
Medeiros (Afonso) : 38-39.
Melo (Balha e), estud.te : 121
Mendonça (Dr. Abel) : 150
Mexia (Dr. Abilio Magalhães) : 152-153
Miguel (Sousa), Prof.or : 208-209
Miranda (Raul Verdades de Oliv.a) : 156
Moniz (Gen.al Botelho) : 134
Monte (José Ferreira) : 25.
Montebelo (Visconde de), Pseudonimo do P.e Formigão : ver Formigão
Monteiro (Henrique Pires) : 35, 48, 74-75, 139-141, 174 e 185.
" (Dr. Hernani), Prof.or : 51-52
Morais (Alberto Faria de), cor.el : 64-65.
Mota (Jaime Artur da) : 153-156.
" (Luis José da) : 35.
Moura (F.... de), farmaceutico : 155.
Namora (Fernando) : 115
Nazaré (Dr. José Araujo de Sousa) : 153
Negreiros (José de Almada) : 121.
" (Dr. Trigo de) : 150
Nemésio (Vitorino) : 28 e 29.
Nogueira (José Felix Henriques) : 196
Oliveira (Alcide de) ten. cor.el : 34.
" (Arnaldo Henriques de) : 43-44
" (Joaq.m Manuel de) : 182
" (Luis Soares de), major : 174.
" (P.e Miguel de) jesuita : 7-8

Páis (Dr. Sidonio): 149.
Paiva (Franc.º Carlos de): 178 e 217-218
Papa Pio XII: 4-5, 12 e 20-21.
Passos (Alvaro Ferreira) gen.al: 248-249, nota.
Pedro (Inf.te D.), Duque de Coimbra: 130-132
Pereira (Angelo) escritor: 171-173.
Pimenta (Alfredo): 43-44, 184-185, 196 e 198
Pimpão (Dr. Alvaro Julio da Costa): 104-107 e 221.
Pinto (Leite), ministro da Educação: 221-222
" (Manuel de Sousa), escritor: 121 e 122
" (Ant.º J. da Silva), escritor: 67
Pires (Henrico Sampaio Saturio): 111-114 e 227.
" Paulo (D. Laura Saturio): 111-114, 227-230
Pombal (Marquês de): 60-61.
Prestes João: ver Salasié
Queiroz (D. Maria de Eça de): 61-63
Quental (Antero do): 196
Rainha Santa: ver Coimbra
Ramos (João de Deus): 121.
Rego (Ant.º José de Campos) caricatas: 209 e 215-217.
Reis (Luis da Camara): 42-43.
Remedios (Dr. Joaquim Mendes dos): 146, 147 e 161
Ribeiro (Dr. Luis da Silva): 117.
Rica (Dr. Ant.º Nunes da): 28-32
Roçadas (Cor.el Alves): 159
Rocha (Dout.º Andrée Crabbé): 5
" (Carlos Sup.to das Neves): 136
Rodrigues (Amalia): 173
" (Luis Filipe): 121.
" (Dr. Manuel): 155, 156 e 161.
Sá (Dr. Arthur Moreira de): 130-132.
" (Fernandes de), escultor: 91-92

Sá [Pedro de Moura e] : 209, 211-214
Salassié [Flaile] : 232-233
Salazar [Ant.º de Oliv.ª] : 33-34, 53, 134, 146, 148, 149, 157, 161, 205, 219-220 e 230
Saldanha [Marquês de] : D. José : 93
Salgado [Dey.to Pinar de Arruda] : 149.
Salomão : 233
Santo António : 225-226
Santos [Dr. Augusto Joaq.m Alves dos] : 193.
" [Dr. José Domingues dos] : 71-74.
" [Luís dos Reis] : 52-53 e 57-59.
Saraiva [Cardeal] : 172
Sartre [Jean-Paul] : 242
Sérgio [António] : 40, 69-71 e 74.
Serpa [Alberto de], Poeta : 17-18.
Serra [Dr. Dey.to Vaz] : 219.
" [Dr. José Antunes Vaz] : 152-154.
Serrão [Joel] : 66-68
Silva [Albino Caetano da] : 116 e 154.
" [Alfredo da], fundador da C.U.F. : 151
" [Armando Carneiro da] : 68
" [D. Augusta Duarte] : 61-62
" [Frederico Lopes da] : 75-76.
" [Dr. João de Alarcão e] : 205.
" [" " Serras e] : 145 e 147.
" [D. Mª Isabel Nogueira Lobo de Alarcão e] : 205-206
" [D. Prudencia Serras e] : 145, 148-149 e 162
Silveira [José Xavier Maurinho da] : 184-185.
Simões [Alberto da Veiga] : 121.
" [João Gaspar] : 51, 69-70
" [Nuno] : 120

Soares {Ernesto} : 35.
" {Dr. F. Pires} Juiz : 153
Sousa {Dr. Abel Lopes de Alm.da e} : 99-101.
" {Alvaro Pacifico de Oliv.a e} : 235-236
" {Cor.el Ant.o Gomes de} : 155, 156 e 162
" {Dr. João Franco de} : 152
Souto-Maior {Candido} : 151
Teles {Basilio} : 161
Tomás {Americo} : 166, 222, 237 e 238.
Torga {Miguel} : 5-6 e 129.
Trincão {Dr. Mario} : 218-220
TschaiKowsky, musico : 39
Vasconcelos {Dr. Ant.o Garcia Ribeiro de} : 146-148, 193.
Verde {Cesario} : 66-68
Vicente {Belchior}, juiz dos orfãos : 128
" {Gil} : 128
Vieira {João Rodrigues}, Prof.or e jesuita : 116
Vilaça {Dr. Alberto} : 11-13 e 133-135.
Vitheira {Dr. Vasco M.el de Magalhães} : 199.

III

Varia:

Academia de Ciencias de Lx.a : 74-75
" Portuguesa de Hist.a : 7-8 e 74-5
Acção Catolica : 205-206 e 209.
Anais do Municipio de Lx.a : 53-54
Aniversarios: os nossos : 32, 89, 177 e 241-251
" : da Proclamação da Republica : 32-34, 34-39, 89 e 178.

Arquivo do Distrito de Aveiro : 16
Aumento dos nascimentos em 1959 : 187-189
Banco (O) do Sr. Dr. José da Bandeira : 155-162
Barreiro : 36
Berelga (O vale do) : 46-47
Boletim da Bibliot.ª da Universid.e : 107-108
Braga : 158.
Brasileiro (O) Soares : ver Magalhães (Luís de)
Canhões & as Artes Belicas : 201 e 202
Campo entrincheirado de Lx.ª : 123
Caprichos : 180 e 181.
Cartas do Prof.r D. Pedro á Camara de Coimbra : 107-111, 131, 179, 195 e 202.
Castro (Ditadura de Pimenta de) : 149.
Caxias (Duque de) : 246-248
Caveira (politica) : 25-26
Centro Academico Democracia Crista : 148 e 158
Coimbra : Arquivo da Universid.e : 99-105
" : Faculd.e de Letras : 53, 147, 148, 192-193
" : Festa da S.ª da Nazaré da Rib.ra : 83-6, 234.
" : " " Rainha Santa : 19-20
" : Galeria dos Comissarios de Policia : 96
" : Imprensa da Universid.e : 195-196
" : Museu Machado de Castro : 57-59.
" : Quinta das Lágrimas : 141
" : Sociedade de Defesa e Propaganda : 223-224.
" : Universidade : 158, 162, 192-193
Comemoração do 28 de Maio : 11-13 e 21.
Companhia de Jesus : 91, 142-162 e 167.
Comunismo em Portugal : 11-13, 21-23, 35, 40, 49-52
Congresso da Hist.ª da Actividade Cientifica dos Portugueses, em 1940 : 202

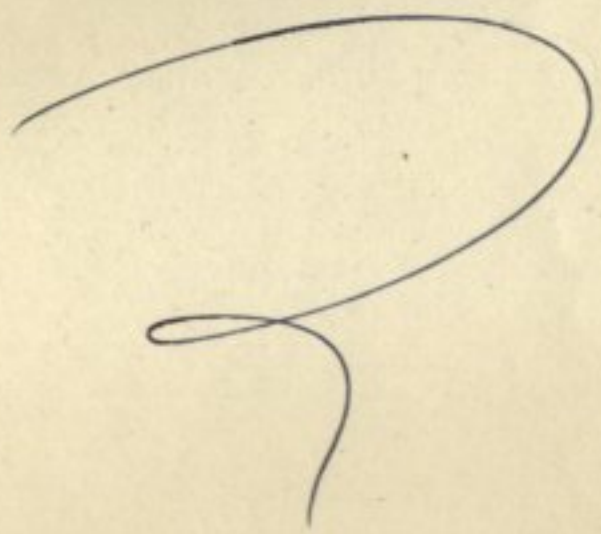
Conversões políticas : 13-14
Côrtes de 1438 : 130
Costa (Livraria Sá da) : ver: Livraria
Criptografia : 44-46
Cristo-rei (A estátua a) : 222-223
Crítica bibliográfica na Rev.ª Militar : 174-175.
Crónica de D. Afº Henriques, de Duarte Galvão :
198-199.
Despertar (O), jornal : 91
Dezanove de Outubro (O), de 1921 : 211.
Diário (Este meu) : 1, 241-251.
Diário de Notícias : 171
Eça de Queiroz. Alguns aspectos militares na sua
obra : 61-63
Eleição presidencial em 1958 : 133-135 e 166-167.
Esboço da evolução das ideias militares... : 202
Escritor português (O) na actualid.ª : 115.
Exame (O meu) fº o Generalato : 225-226
Exército (Intervenção do) na Política : 164.
Fátima (Senhora de) : ver Senhora
Filosofia : 198
Final do ano: balanço : 55-56 e 97-98.
Funda Barreira : 88-89.
Garrettiana de Ferreira Lima : 105-107 e 220-222
Generalato (Curso para o) : 246-248
Grupo de Leão : 116
Hino da Restauração : 183-184.
Humanitas, revista : 27.
Hungria : revolta contra os Russos : 40
Igreja Baptista, do Porto : 69-70
" Católica : 40
Instituto (O) de Coimbra : 105, 184 e 196.

Integralismo Lusitano : 95-96
Intervenção do exercito : ver Exercito
Juntas militares em 1919 : 176
Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão : 112-114, 227-229 e 230
Letras Classicas, revista : 27.
Linhas de Torres Vedras : 84-86.
Lisboa : a miseria em : 53-55
" : Teatro de S. Carlos : 39
" : Torre do Tombo : 108-110
Livraria Sá da Costa : 92, 132 e 174.
Lotarias : 225-226
Mafra : 237-240
" : aniversario da Proclamação da Republica : 37-39
Manoleras de Outono : 32-34.
Marnel (Ponte do) : 15-16
Memorias (As minhas) : 57.
Miranda do Corvo : 79-80 e 231-232
Miscelânea de Mir.da do Corvo : 80
Monarquia (Restauração da) : 32-34.
Murgeira, Mafra : 23-25.
Museologia : 58
Musica : sua influencia : 39.
Odes modernas, de Antero do Q.al : 196
Oitenta anos (Os meus) : 241-251
Paz (Quinta da) : 20, 59, 80, 171 seg.tes e 232
Poesia moderna : 186-187.
Policia politica : 12-13.
Porto (O cerco do) : 172
" (Tribunal da Relação) : 49-52
Povo (O) da Lourã, jornal : 236-237.

4-56

Praia de Sta Cruz : 242-244
Primeiro de Dezembro de 1958 : 183.
" de Janeiro, jornal : 6 e 18
Rajada (A), revista : 119-123, 128 e 137.
Reacção ultramontana : 19-21, 23-25, 40, 98, 99, 142-162, 164, 222-223.
República, jornal : 4, 13, 28, 53, 115, 116 e 173.
Revista da Universidade : 6, 27, 76, 201 e 202.
" de Coimbra, de 1879 : 67.
" Militar : 7, 174-175.
Revolta (A), Loj. maçonica : 193.
" de 18 de Abril de 1925 : 155 e 158.
Rússia, comunismo : 40
Sala Ferreira Lima : 220-222
Saldanha (O meu ensaio sobre) : 6-11, 27, 61, 65-66, 75, 92-93, 93, 111, 132-133, 171-172, 174, 179, 201-202 e 207-209.
Santiago (Ordem de) : 101 e 173
Sardoal : 149.
Seara Nova : 25, 42 e 128.
Senhora do Nazaré, de Mafra : 237-240
" " " da Ribeira : 83-86 e 234.
" de Fátima : 12, 24-25, 30-32 e 237.
" do Faro : ver Valença do Minho
Sindicalismo : 144.
Situação política desde 1926 : 53-55, 142-162, 166-168, 181-182 e 205-206
Socied. de Defesa e Propaganda de Coimbra : 14-15, 57-59 e 79-80
" Nacional das Belas Artes : 36-37.
Televisão : 182-183
Testamento (O meu) : 231-232

Tipografia {Uma} ~~———~~ ignorada : 18-19
Tribunal plenario na Relação do Porto (1956-1957) : 71-74.
Uruguai {O ensino no} : 65-66
Valença do Minho : festas á Sr.ª do Faro : 234-236
Vaticano na Estrada da Beira : 145-162
Vencimentos {Aumento dos} : V. Aumento
Vertice, revista : 25-26 e 207-209.
Voz (A), jornal de Lx.ª : 230
Wagram {Batalha de} : 227.



UNIVERSIDADE ✿ LIVRARIA DA

Penna de [illegible]
Pereira
" de Janeiro
Pinheiro
Pinto
Portella
Porto
Prado
Prudente
Publicações
Publicidade
Publicista
Publicistas
Publicistas
Publicistas